

a semântica e a estilística
dos tropos

josé cé
msc - tese

Universidade Federal de Santa Catarina

Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

A SEMÂNTICA E A ESTILÍSTICA DOS TROPOS

Tese submetida à Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do grau de Mestre em Letras .

José Cé

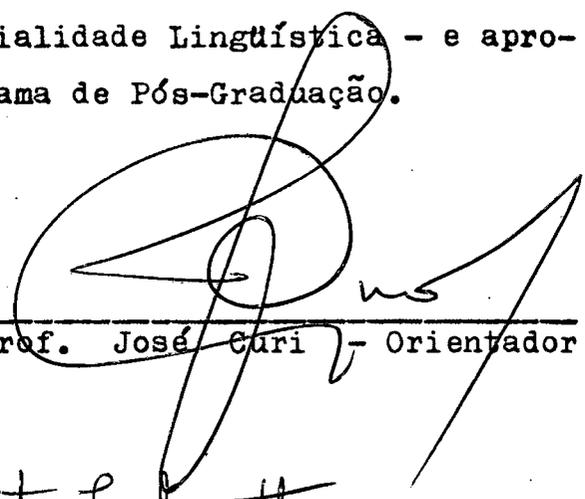


0.264.528-3

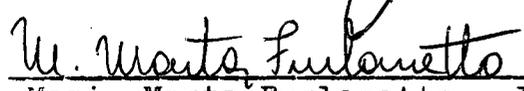
UFSC-BU

Abril - 1980.

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Letras - Especialidade Linguística - e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação.

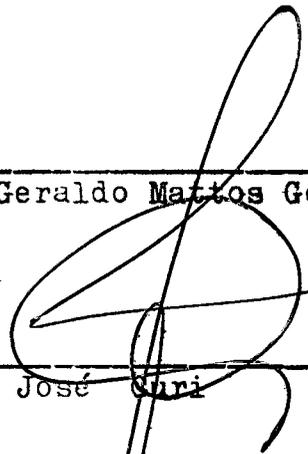


Prof. José Curi - Orientador



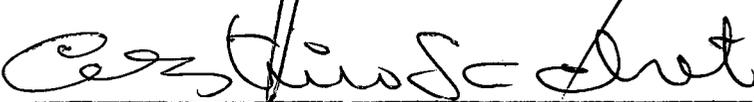
Maria Marta Furlanetto - Integradora do
Curso

Apresentada perante a banca examinadora composta seguintes professores:



Prof. Geraldo Mattos Gomes dos Santos

Prof. José Curi



Prof. Celestino Sacht

A meus pais, que sempre me incentivaram em meus estudos e à minha primeira professora, que tornou possível a realização desta pesquisa.

Aos professores OSVALDO ARNS, EURICO BACK e GER -
RALDO MATTOS os meus mais sinceros e devidos
agradecimentos, pelo incentivo e ajuda, presta -
dos no decorrer de meus estudos.

A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, na
pessoa de todos os mestres que me orientaram,
acompanhando-me nos estudos de Pós-Graduação,
a justa gratidão.

S U M Á R I O

0. Noções Propedêuticas.....	01
0.1. Desenvolvimento da Semântica.....	04
1. A Semântica Estrutural.....	11
1.1. A Semântica de Saussure e Hjelmslev.....	12
1.1.1. A Semântica de Saussure.....	12
1.1.2. A Semântica de Hjelmslev.....	15
1.1.3. A Semântica de Pottier e Greimas.....	19
2. A Semântica Gerativo-Transformacional.....	40
2.1. Componente Semântico da Teoria-Padrão.....	40
2.2. A Teoria-Padrão Expandida.....	42
2.3. A Semântica Gerativa.....	44
2.4. Inadequações da Semântica Gerativa.....	47
2.5. Limitações da Semântica Transformacional.....	50
3. A Semântica Construtural.....	59
3.1. Introdução.....	59
3.2. Paralinguagem: Postulados, Axiomas e Teoremas.....	60
3.3. Construtura do Sinal.....	63
3.4. Construtura do Significado.....	64
3.4.1. Mensagem.....	65
3.5. Estrutura do Significado.....	66
3.6. Construtura do Período.....	67
3.7. Conceito de Trajeto Semântico.....	69
3.8. Conseqüências do Trajeto Semântico.....	71
4. Conceituação de Figura (Tropo).....	86
4.1. Introdução.....	86
4.2. Conceito Clássico (Diacrônico).....	92
4.3. Conceito Moderno.....	115
4.3.1. Roman Jakobson.....	115
4.3.2. Michel Le Guern.....	118

S U M Á R I O (cont.)

4.3.3. O "Grupo Mi".....	122
Introdução.....	125
Conceitos Operatórios.....	126
a. Grau Zero.....	126
b. Autocorreção e Redundância.....	127
c. Operações Retóricas.....	131
Os Metassememas.....	131
a. Conceito.....	131
c. A Sinédoque.....	136
d. A Metáfora.....	139
e. A Metonímia.....	143
f. A Alegoria.....	147
4.4. Conceito Construtural.....	164
4.4.1. Introdução.....	164
4.4.2. A Alegoria.....	166
4.4.3. Metonímia e Sinédoque.....	171
4.4.4. A Metáfora.....	188
4.4.5. Conclusão.....	196
5. Ambito de Emprego.....	202
5.1. Introdução.....	202
5.2. Conceito de Discurso.....	202
5.2.1. O Discurso Literário.....	208
5.2.2. O Discurso Cotidiano.....	224
5.2.3. O Discurso Publicitário.....	237
6. Conclusão Geral.....	255
7. ANEXOS.....	259
ANEXO I.....	259
ANEXO II.....	260
ANEXO III.....	261
8. BIBLIOGRAFIA.....	262

SIMBOLOGIA

1. (/) = Dependência: o primeiro elemento prevê o 2º.
2. (|) = dependência: o segundo elemento prevê o 1º.
3. (//) = codependência: cada um dos elementos prevê o outro, reciprocamente.
4. (||) - independência: nenhum dos elementos prevê o outro.
5. (~) = em contraste com: sinal geralmente empregado em Fonologia ou em Morfologia.
6. () = diferente de; oposto a.
7. Sdo. = significado.
8. Ste. = significante.
9. CLG = Curso de Linguística Geral (Saussure).
10. GGT = Gramática Gerativo-Transformacional.
11. (*) = nota; ou forma não-aceitável (Léxica ou Semântica).
12. \longrightarrow = segmento de reta (vetor), indicando o produto de alguma operação.
13. GCLP = Gramática Construtural da Língua Portuguesa.
14. (!!) = sinal de pontuação empregado no final de período jussivo (período que indica ordem, comando, desejo, etc.).
15. (??) = sinal de pontuação empregado no final de período optativo (período que exige uma escolha do receptor entre "sim" e "não").
16. ES = Estrutura de Superfície
EP = Estrutura Profunda.

R E S U M O

A presente pesquisa é uma tentativa de explicitação dos mecanismos que envolvem os principais tropos: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a alegoria, no discurso, sob o ponto de vista semântico e estilístico.

Para tal, foi realizado um estudo inicial de algumas das principais correntes semânticas: as de Saussure e Hjelmslev; as de Pottier e Greimas; a Gerativo-Transformacional e a Construtural, nos capítulos 1, 2 e 3.

No capítulo 4, foi realizada uma pesquisa diacrônica dos tropos, desde os conceitos aristotélicos até as mais modernas teorias, elaboradas pelo "Grupo Mi" da França e pela Semântica Construtural.

O capítulo 5 constitui a parte prática do trabalho, apresentando a ocorrência e as implicações dos tropos em três tipos de discurso: no discurso literário, no discurso cotidiano e no discurso publicitário, sob o ponto de vista estilístico-semântico.

A conclusão (capítulo 6) confirma a hipótese de onde partimos: os tropos constituem espécies de "mecanismos lógicos" e são potencialidades da linguagem, sendo dela depreendidos por relações existentes na própria linguagem e permitidos por um raciocínio comprovado pelos fatos. Portanto, não são e nunca foram privilégio do discurso literário.

A B S T R A C T

This work represents an effort for an explanation of the devices that involve the main tropes in speech: the metaphor, the metonymy, the synecdoche and the allegory, according to a semantic and stylistic point of view.

So, it was carried out an initial study concerning

A B S T R A C T (continued)

some of the main semantic tendencies, such as: Saussure's and Hjelmslev's; Pottier's and Greimas'; of Generative-Transformational and of Constructural Semantics in the chapters 1 to 3.

In chapter 4, it was fulfilled a tropological diachronic investigation, from the aristotelic concepts to the most modern theories, elaborated by the "Group Me" in France and by the Constructural Semantics.

Chapter 5 is the practice part of the research, showing the occurrence and the implications of the tropes in three sorts of speech: in the literary speech, in the familiar speech and in the advertising speech, concerning a stylistic-semantic point of view.

The conclusion (chapter 6) corroborates the hypothesis from which we began: tropes are some types of "logic devices" and they are potencialities of language, coming from language by some analogies we can detect in language itself, and allowed by a reasoning proved true with facts. Therefore, they aren't and they were never privilege of the literary speech.

José Cé.

0. Noções Propedêuticas

Sabemos que o estudo da linguagem ⁽¹⁾ pertence à Linguística; este, por sua vez, está incluído numa ciência mais ampla ainda, denominada Semiologia ou Semiótica ⁽²⁾.

O estudo de uma língua, segundo alguns autores ⁽³⁾, compreenderia três grandes ramos: o estudo dos sons (Fonologia), o estudo das palavras (Lexicologia) e o estudo das construções (Sintaxe).

Segundo outros ⁽⁴⁾, este mesmo estudo se subdividiria em Fonologia (estudo dos sons), Morfologia (estudo das formas), Sintaxe (estudo dos arranjos na cadeia sintagmática), e, para uns poucos, Semântica (estudo do significado-relações entre formas e arranjos). Para os transformacionalistas, se resume numa gramática com vários componentes e uma série de regras: o Sintático, o Semântico ⁽⁵⁾ e o Fonológico.

A divisão gramatical que adotaremos é a proposta por Back & Mattos ⁽⁶⁾, que é a seguinte:

1. LÉXICA (estudo do significante):
 - Fonologia (estudo dos sons);
 - Morfologia (estudo das formas);
 - Sintaxe (estudo das estruturas).
2. SEMÂNTICA (estudo do significado). ⁽⁷⁾
3. ESTILÍSTICA (estudo do estilo):
 - Lexical.
 - Semântica.

A nossa pesquisa dirá respeito à Semântica (pois, é o estudo do significado) e, mais especificamente, à Estilística

Semântica (8).

Em alguns manuais se discutem (9) tipos possíveis de Semântica, de acordo com o objeto de seu campo de estudo. Descartamos, de início, a Semântica Lógica (10) e a Psicológica, por exemplo, e ficamos apenas com a Semântica Lingüística- semântica propriamente dita, "tendo o seu ponto de partida no estudo das mutações de sentido, ela se assemelha mais ou menos à análise das figuras da antiga retórica (...)" - Guiraud, 1972, p. 9.

Portanto, o tipo de semântica relevante, no caso, é a Semântica Lingüística (11). Sendo assim, ela fará parte da gramática da língua e deverá estar inserida em uma "teoria semântica geral" preenchendo os seguintes requisitos: (12)

- (a) deve relacionar-se com uma teoria semântica geral, podendo aplicar-se, portanto, a todos os problemas de descrição semântica;
- (b) se a teoria se referir a um determinado campo (ou parte) da língua, deverá possuir uma relação também com outros campos semânticos da língua, constituindo um todo coerente;
- (c) deve relacionar-se, sistematicamente, às estruturas léxico-gramaticais relevantes, constituindo parte de uma descrição global, integrada, da linguagem. Pois, como afirma Ruwet (1975, p. 28), "não é possível empreender estudos particulares sobre esta ou aquela língua, sem refererência a uma semântica geral (...)"

É fato consente ser o signo lingüístico (13) constituído de dois elementos: o significante (ste.) e o significado (sdo.). Ao significante, pertence um elemento permanente, sensível (que pode ser percebido por um dos cinco sentidos), com referente lingüístico; ao significado, pertence um elemento imanente (nô-sensível).

A situação passa a ser o referente extralinguístico. Por isso, na realidade, o significado (relação entre significante e situação) não é jamais uma evidência, pois o plano do significante é a única realidade (manifestação) linguística. O significado é sempre resultado de uma interpretação, e a interpretação de um signo ⁽¹⁴⁾, segundo Peirce, se baseia em duas referências- "uma ao código e outra ao contexto, seja ele codificado ou livre." Poderíamos estabelecer (formalizando esta relação) as seguintes fórmulas ⁽¹⁵⁾:

Signo = Ste. R. Sdo. (1)

Sdo. = Ste. R. Situação Cultural (2)

Signo = Ste. R. (Ste. R. Situação Cultural)(3)

Se transportarmos esta relação para o campo da análise semântica propriamente dita, teremos:

Signo = Ste. R. (Tema R. Assunto) (4)

(ou mensagem)

O Tema é conotativo e o Assunto é denotativo; portanto, teríamos uma relação diática, entre tema e assunto, do tipo:

Tema ————— Assunto
(A) ————— (B)

Um signo possui sempre duas possibilidades:

- a) conotativa; e
- b) denotativa.

Todos os signos dependem dos mesmos axiomas fundamentais da linguagem: possibilidade de um elemento revelar ou ser revelado por outro.

Sabemos que os estudos semânticos (e como tal da teoria do signo linguístico) foi relegada a um segundo plano até

a primeira metade do século XX. Depois, o estudo da semântica adquiriu novos impulsos com Saussure e Hjelmslev, atingindo um interesse máximo na década de 60.

Apresentaremos a seguir alguns dos esforços de pesquisadores no campo da semântica, embora constituindo-se de materiais semânticos de valor muito desigual, não passando, às vezes, de meras incursões num campo que poderá vir a ser um dia a semântica verdadeiramente científica.

Segundo Lopes (1976, p. 234) poderíamos reunir essas contribuições em quatro grandes linhas distintas:

- a) a Semântica de Saussure e Hjelmslev;
- b) a Semântica Lógica (ou da palavra isolada);
- c) a Semântica Contextual ⁽¹⁶⁾;
- d) a Semântica Gerativo-Transformacional.

0.1. Desenvolvimento da Semântica.

O significado, por ser parte da estrutura linguística, não é apenas uma questão filosófica: é também objeto de investigação científica.

Foi o francês Michel Bréal, em 1883, quem criou o termo "semântica". São suas palavras ⁽¹⁷⁾:

O estudo para o qual convidamos o leitor a seguir-nos é de espécie tão nova que sequer recebeu nome ainda. Com efeito, é sobre o corpo e a forma das palavras que a maioria dos linguistas tem exercido sua sagacidade: as leis que presidem à transformação dos sentidos, à escolha de novas expressões, ao nascimento e morte das locuções, ficaram na obscuridade ou só foram indicadas de passagem. Com este estudo, tanto quanto a Fonética e a Morfologia, merece ter seu nome; denominá-lo-emos Semântica, isto é, a ciência das significações."

Porém, Bréal criou o termo (mais propriamente que a disciplina), pois, os antigos já haviam dedicado numerosas observações sobre o assunto. Entre eles, poderíamos citar Platão com o seu diálogo CRÁTILLO, Aristóteles com seu tratado SOBRE A INTERPRETAÇÃO e Santo Agostinho com DE MAGISTRO (18). Os autores clássicos, convém ressaltar, estudaram a relação existente entre as palavras e seu significado, sob os pontos de vista lógico e lingüístico ao mesmo tempo (19).

Bréal, que havia proposto o termo "semântica" em lugar de "semasiologia" em 1883, divide a nova disciplina nas seguintes partes:

- (a) as leis da linguagem;
- (b) a formação do sentido das palavras; e
- (c) a formação da sintaxe.

Porém, uma semântica verdadeiramente descritiva ou sincrônica só vai aparecer meio século depois, com Ferdinand de Saussure mediante a obra que revolucionou os meios lingüísticos atuais:

Curso de Lingüística Geral, editada por Charles Bally e mais alguns alunos que haviam anotado, cuidadosamente, as suas palestras.

Depois, seguindo as pegadas de Saussure, apareceram: Louis Trolle Hjelmslev, Jost Trier, St. Ullmann, A.J. Greimas, Pierre Guiraud, Bernard Pottier e outros.

Atualmente, com o advento da Gramática Gerativo-Transformacional, novas tendências semânticas estão em voga. O significado, desvirtuado das suas linhas iniciais propostas por Bréal, Saussure e Hjelmslev, é tido mais como "possibilidades" do que como "realizações". Isto quer dizer que não importa a impressão causada no ouvinte por um enunciado (ou por um texto): importa, efetivamente, o princípio gerador que proporcionou ao falante a possibilidade de execução do enunciado e, como tal, o

seu mecanismo deve ser descrito e explicitado.

Duas linhas, nesse sentido, poderiam ser apontadas - como veremos adiante:

- (a) a linha da Semântica Interpretativa, defendida por Chomsky, Katz e Fodor;
- (b) a linha da Semântica Gerativa, defendida por Postal, Ross, Emmon Bach, Mc Cawley, Lakoff e Fillmore (20).

NOTAS

(1) Por linguagem entendemos, aqui, o processo comunicativo que se serve do signo lingüístico para "explicar o mundo" (função referencial, de certa forma) ou para "interpretar o mundo" (função artística ou poética, segundo Jakobson).

(2) Semiologia (do grego "semêion + logos = estudo do signo) é empregada neste trabalho com o significado que lhe atribuiu o velho lingüista Ferdinand de Saussure (cf. Saussure , 1974, p. 24).

Neste aspecto, Semiótica seria um termo equivalente, já que as distinções entre Semiologia e Semiótica são mais uma questão de terminologia do que de princípios diferentes.

(3) Cf. Guiraud, Pierre in A Semântica. Tradução e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas, p. 132. Difusão Européia do Livro. São Paulo. 1972.

(4) É a divisão adotada pela quase totalidade dos lingüistas estruturalistas.

(5) Como veremos no decorrer do estudo sobre a Semântica Gerativo-Transformacional, para os semanticistas interpretativistas, o Componente Gerador das Estruturas (básico) é o sintático.

Já, para os semanticistas gerativistas o Componente Semântico é o gerador, reservando-se ao Sintático o mero papel interpretativo - inverso do que ocorre com os interpretativistas.

(6) Back, Eurico & Mattos, Geraldo. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. 1ª edição. Editora FTD. São Paulo.

1972.

Omitimos a parte (1), intitulada COMUNICAÇÃO.

(7) Talvez o tratamento dado ao TRAJETO SEMÂNTICO pela "Gramática Construtural" esteja mais próximo das propostas dos semanticistas gerativistas, quer-nos parecer.

(8) Guiraud, Pierre in A Semântica (p. 137) retoma os conceitos de ESTILÍSTICA, desenvolvidos em La Stylistique - Que sais je?, nº 646 - estabelecendo, a grosso modo, duas estilísticas:

- ESTILÍSTICA 1: relacionada com a semântica - "estudo da função expressiva da linguagem" e
- ESTILÍSTICA 2: estilística do indivíduo - "que considera a linguagem como expressão específica do locutor, trazendo a marca original de seu caráter, de seu temperamento, de sua visão do mundo e de sua arte."

O nosso conceito de ESTILO) ESTILÍSTICA está desenvolvido na parte de introdução à pesquisa propriamente dita.

(9) Cf. Guiraud, Pierre in op. cit. pp. 7 e 8 e Lopes, Edward in Fundamentos da Linguística Contemporânea, São Paulo. 1976.

(10) Guiraud, Pierre in op. cit. p. 139 nos diz:
 "A língua (...) não é uma construção teórica da lógica, nem um código abstrato de sinais, nem uma forma patológica da palavra, mas um organismo vivo de origem empírica; seu problema- aqui Guiraud se refere à tarefa do semantista - não é o de estabelecer o que ela poderia ser ou o que ela deveria ser, mas o que ela é."

(11) Uma Semântica Linguística deveria abranger, de acordo com Alan Rey (1969. 7):

- (a) o estudo do léxico;
- (b) o estudo das estruturas gramaticais (morfologia e sintaxe) - apud Lopes, Edward, 1976, p. 233.

(12) Leech, Geoffrey. Towards a Semantic Description of English. 1971 - Prefácio.

(13) Doença de que padece (por falta) a Gramática Gerativo - Transformacional.

(14) Apud Jakobson, 1973, p. 41.

(15) Cf. Mattos in Visão Linguística do Conhecimento (pp. 19, 20 e 21). Editora Hors Commerce. São Paulo. 1975; e Mattos in Curso de Linguística Matemática (pp. 239, 254 e 271). Editora Difel. São Paulo. 1977.

(16) Ver Lopes in op. cit. (p. 234) cujo esquema inclui no item (d) a "Linha da Semântica Contexto-Situacional". Para nós, CONTEXTO é sempre o TEXTO associado a sua respectiva mensagem; e MENSAGEM é o resultado de um TEXTO com sua determinada SITUAÇÃO.

Portanto, não vemos razão para utilizarmos o termo "Contexto-Situacional", embora se fale da Semântica de Ducrot como pertencendo a essa linha!

(17) Apud Leroy, Maurice. Grandes Correntes da Linguística Moderna. Trad. de Izidoro Blin stein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1974, 3ª edição, p. 50.

(18) Todos esses autores com as respectivas obras são citados por Paviani, Jayme. Fundamentos da Semântica. Coleção Chronos. Porto Alegre, Universidade de Caxias do Sul (UCS), 1976, cap. V, p. 49.

(19) Maser, S. Fundamentos da Teoria Geral da Comunicação. Trad. de L. Hegemberg. São Paulo, USP, 1975, pp. 103, 130, apud Paviani, Jayme. op. cit. p.50.

(20) Este último autor, Charles J. Fillmore, é autor da obra The case for case (Em favor do caso)- que se acha traduzida para o português no livro A Semântica na Linguística Moderna: o Léxico de Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977, pp. 277-365. Obra de capital importância dentro da Semântica Gerativa.

1. A Semântica Estrutural.

Os processos da investigação estrutural, aplicados inicialmente ao estudo dos sons e depois à Morfologia e à Sintaxe, serviram de base a Saussure para desenvolver a sua teoria semântica (Cf. p. 12 - A Semântica de Saussure).

Reinterpretando e desenvolvendo os princípios propostos por Saussure no CLG (Curso de Linguística Geral), Hjelmslev nos forneceu as primeiras noções de "sema" e "semema" - efetuando a descrição do sentido dentro de bases rigorosamente científicas, sempre norteado pelos seus três princípios metodológicos ⁽¹⁾:

- (a) não-contradição;
- (b) exaustividade; e
- (c) simplicidade.

Estando já, praticamente, a Semântica plenamente as sentada em bases científicas, surgem Pottier e Greimas - os dois monstros sagrados da Semântica Estrutural. Pottier, aproveitando a noção de "campo semântico" anteriormente desenvolvida por Jost Trier, chega aos conceitos de arquissemema e arquilexia, além de solidificar as noções de sema e semema, esboçadas parcialmente por Saussure e Hjelmslev.

Greimas, imbuído de uma visão de conjunto, mais abrangente que a de Pottier, chegou, recentemente, a desenvolver pesquisas no campo semiológico- Ensaio Semiótico- como ele mesmo os denomina.

Não poderíamos deixar de citar, aqui, St. Ullmann com sua obra Principles of Semantics (1951) que, embora no dizer de Paviani ⁽²⁾ "não consegue conduzir sua investigação dentro da coerência de um sistema, invertendo os planos de análise entre for ma e substância, sincronia e diacronia, exterior e interior (...)", teve o grande mérito de aplicar à Semântica os processos da inves-

tigação estrutural, com muita clareza, destinada aos "não-iniciados" na arte.

Geogfrey Leech desenvolveu uma análise componencial (correspondente à estrutural dos franceses), aplicando as noções dos traços distintivos (semas, em última análise) aos vocábulos e proposições em seus dois livros Semantics (1974) e Towards a Semantic Description of English (1969) ⁽³⁾.

Finalmente, cumpre-nos destacar um lingüista da atualidade, conhecido como o criador da linha da Semântica Contexto-Situacional, Oswald Ducrot, que, segundo Edward Lopes ⁽⁴⁾, "se encontra (...) entre as correntes mais venerandas da descrição do sentido." Ducrot, baseado nas teorias de Malinowsky, fundamenta seus princípios na idéia de que "o sentido é algo que releva do enunciado hic et nunc". ⁽⁵⁾

Como dissemos alhures, as pesquisas semânticas existentes representam, antes de mais nada, tentativas de formalizar uma disciplina "que poderá vir a ser, um dia, a Semântica verdadeiramente científica."

Apresentaremos, a seguir, algumas dessas tentativas que vieram, de certo modo, afirmar alguns princípios, sedimentando bases para possíveis avanços posteriores.

1.1. A Semântica de Saussure e Hjelmslev.

1.1.1. A Semântica de Saussure.

Concebendo (baseado numa crítica simplista de certas pessoas que reduziam a língua a uma lista de termos correspondentes a outras tantas coisas) a unidade lingüística sob um ponto-de-vista dúplice, constituída de significante mais significado, Saussure reintroduzia a semântica na Lingüística, despertando um interesse até então latente nos estudos da época.

O signo, para Saussure, seria a combinação de um

conceito e de uma imagem acústica (Saussure, 1974, p. 81) ⁽⁶⁾. Para evitar certas ambigüidades ou limitações de termos, o velho lingüista propê-se conservar o termo signo para designar o total e substituir conceito por significado e imagem acústica por significante.

Do signo lingüístico assim definido, depreendem-se duas características fundamentais:

a) arbitrariedade do signo: as relações entre ste. e sdo. são arbitrárias, i. é, não-motivadas lingüisticamente. Assim é que temos para o mesmo significado "gato" - animal da família dos felinos... - os significantes "gato" em Português, "cat" em Inglês, ... ;

b) linearidade do ste.: devido à natureza do ste, ser auditiva, este desenvolve-se no tempo e dentro de uma sequência dimensional: representa uma extensão e podemos medi-la.

Saussure distingue no Curso de Lingüística Geral (CLG), pp. 133 e 142-3, "relações intra-sígnicas" - relações "verticais" dentro do mesmo signo entre ste. e sdo. - das relações "intersígnicas" - as mantidas pelos signos entre si, presentes num mesmo enunciado (código comum ao Emissor e Receptor e que trans - porta sempre a mensagem).

A "parole" (uma das divisões estabelecidas por Saussure) progride linearmente, i. é, sintagmaticamente, ao longo de um eixo potencial de sucessões, onde cada elemento discreto (vocalábulo ou palavra) desempenha um papel significativo. Portanto, o significado desse elemento provém, não de sua natureza, mas de sua posição em relação aos outros elementos presentes ou ausentes num mesmo contexto. A "langue" (é para nós a linguagem menos a fala, CLG, 1974, p. 92) compreende o conjunto (sistema) de hábitos lingüísticos que propiciam ao falante entender e fazer-se entender. Desta forma, um elemento lingüístico é um "puro valor" (CLG, 1974, p. 95) e o seu sdo. será determinado por uma dupla relação: "a sintagmática" - contraste entre elementos discretos in praesentia na

conceito e de uma imagem acústica (Saussure, 1974, p. 81) (6). Para evitar certas ambigüidades ou limitações de termos, o velho linguísta propõe-se conservar o termo signo para designar o total e substituir conceito por significado e imagem acústica por significante.

Do signo linguístico assim definido, depreendem-se duas características fundamentais:

a) arbitrariedade do signo: as relações entre ste. e sdo. são arbitrárias, i. é, não-motivadas linguisticamente. Assim é que temos para o mesmo significado "gato" - animal da família dos felinos... - os significantes "gato" em Português, "cat" em Inglês, ... ;

b) linearidade do ste.: devido à natureza do ste, ser auditiva, este desenvolve-se no tempo e dentro de uma sequência dimensional: representa uma extensão e podemos medi-la.

Saussure distingue no Curso de Linguística Geral (CLG), pp. 133 e 142-3, "relações intra-sígnicas" - relações "verticais" dentro do mesmo signo entre ste. e sdo. - das relações "intersígnicas" - as mantidas pelos signos entre si, presentes num mesmo enunciado (código comum ao Emissor e Receptor e que transporta sempre a mensagem).

A "parole" (uma das divisões estabelecidas por Saussure) progride linearmente, i. é, sintagmaticamente, ao longo de um eixo potencial de sucessões, onde cada elemento discreto (vocalábulo ou palavra) desempenha um papel significativo. Portanto, o significado desse elemento provém, não de sua natureza, mas de sua posição em relação aos outros elementos presentes ou ausentes num mesmo contexto. A "langue" (é para nós a linguagem menos a fala, CLG, 1974, p. 92) compreende o conjunto (sistema) de hábitos linguísticos que propiciam ao falante entender e fazer-se entender. Desta forma, um elemento linguístico é um "puro valor" (CLG, 1974, p. 95) e o seu sdo. será determinado por uma dupla relação: "a sintagmática" - contraste entre elementos discretos in praesentia na

"parole", e "a paradigmática" - oposições criadas entre os membros da mesma classe de palavras e armazenados na "langue". Como ex. de relação paradigmática (ou associativa) o autor do CLG (p. 143-5) nos mostra que todo e qualquer elemento da "langue" pode ser inserido em uma classe, onde mantém relações de associação com outros elementos, formando um sistema: "escola", "aprendizagem", "ensino" etc. são armazenáveis como membros de uma mesma classe de sentidos (classe da "educação", por exemplo), porque possuem uma mesma marca semântica, comum em sua base: o sema "educação". Apesar do sema comum, cada membro possuirá o (s) seu (s) sema (s) específico (s), o que os distinguirá. Saussure não utilizou o termo "sema" literalmente, mas encontramos aí a sua primeira explicitação e, porque não admitir, o primeiro esboço para uma análise sêmica (ou composicional, como é chamada pelos americanos). Por isso mesmo, podemos afirmar ter sido Saussure o pioneiro de uma "semântica estrutural", e quando postulava que uma palavra deveria ser descrita a partir do conjunto de relações que a situam, como "palavra-tipo", nas classes da língua (paradigmática), situando-a, ao mesmo tempo, como "palavra-evento", nos enunciados da "parole" (sintagmática).

Por outro lado, diz-nos Saussure (CLG, 1974, p. 146) que "uma palavra qualquer pode evocar tudo quanto seja susceptível de ser-lhe associado, de uma maneira ou de outra. "Vemos, aí, que a análise semântica de uma palavra como "boi" deverá incluir uma abertura semântica (ou valência), capaz de prever a possibilidade combinatória em diferentes contextos de ocorrência, com sintagmas do tipo "pastar", "comer", "grama", "ser feito", "ser assado", etc. Tais sintagmas ou predicados deverão incluir um traço semântico pertinente (sema), a ser preenchido sintagmaticamente através da combinação possível com o nome "boi". Esta noção de "interdependência sintagmática" (ou de pressuposição, segundo outros autores) - como assinala Lopes (1976, p. 237) - "é de considerável importância para a análise do vocabulário de qualquer língua. É bastante vasta a sua aplicação. Há interdependência entre tais classes

de verbos e tais classes de nomes, nas quais o nome é o sujeito do verbo, por exemplo, ave-voar; peixe-nadar; entre adjetivo e substantivo, por exemplo, cabelos: loiros; entre verbos e "objetos normais", por exemplo, guiar: carro; entre verbos e substantivos ligados por uma relação instrumental, por exemplo, morder: dentes; chutar: pé, etc. "- o que não deixa de ser um axioma fundamental da linguagem, relação esta que vai ser explorada a fundo por Hjelmslev em suas relações, como veremos a seguir.

1.1.2. A Semântica de Hjelmslev.

Hjelmslev nos forneceu a primeira noção de "sema" e de "semema" (noções estas desenvolvidas posteriormente pelos estruturalistas, como Pottier e Greimas). O êxito de um tratamento estrutural da fonologia das línguas naturais empolgaria Hjelmslev, na reinterpretação de Saussure, a afirmar que esse procedimento, já provado e aprovado em fonologia, fosse um princípio universalmente válido dentro da Linguística que, transposto para a semântica, haveria de fornecer os dados necessários para efetuar a descrição do sentido com bases realmente científicas.

"Já em 1948 ⁽⁷⁾, no artigo L'analyse Structurale du Langage (in 1971a. 34), Hjelmslev escrevia: "... Saussure afirmava que os sons de uma língua falada (...) deveriam ser descritos (...), inicialmente, não em termos de fonética (...), mas somente em termos de relações mútuas, e que, do mesmo modo, as unidades de conteúdo lingüístico (as unidades de significação) deveriam ser descritas, inicialmente, não em termos de semântica, mas somente em termos de relações mútuas. (...) as verdadeiras unidades da língua são os "relata" que esses sons, esses caracteres e essas significações representam."

Isto leva Hjelmslev ao abandono de uma tentativa de análise em signos. Deve-se analisar conteúdo e expressão separadamente, cada uma das análises isolando, ao final, um núme-

ro limitado de grandezas, não necessariamente idênticas às grandezas do plano oposto. A estas grandezas, o autor chamará de "figuras" (não-signos, hoje denominados "semas"). As figuras ⁽⁸⁾ seriam mais propriamente "não-signos" que constituem mais simplesmente as partes dos signos num sistema sígnico (cf. Hjelmslev, 1975, p. 51) - definição esta que o autor faz questão de salientar como puramente operacional. Estas seriam, portanto, as unidades componentes do signo, podendo sempre formar novos arranjos para a construção de um número ilimitado de signos. Por isso, as línguas não são sistemas de signos (conforme sua estrutura interna), mas sistemas de figuras, que podem intervir na formação de signos. (Cf. Hjelmslev, 1975, p. 52).

Analisando-se conteúdo e expressão separadamente e chegando-se ao final (como propôs Hjelmslev) a um número reduzido de grandezas ("figuras", "não-signos" ou "semas" - para empregar a terminologia atual), chegamos ao problema do isomorfismo ⁽⁹⁾ entre o plano do conteúdo e o plano da expressão, mal interpretado pela maioria dos linguistas. Acontece que Hjelmslev jamais afirmou tal "isomorfismo" - pelo menos tal como foi entendido e interpretado pela maioria de seus leitores. Vejamos na página 51 dos PROLEGOMENOS ⁽¹⁰⁾ onde encontramos o seguinte: "(...) cada uma destas análises" - o autor refere-se aos dois planos - "isolando finalmente um número limitado de grandezas que não são necessariamente suscetíveis de serem comparadas com as grandezas do plano oposto."

A maneira de operar, os princípios: isso sim poderia ser igualmente válido para os dois planos, pois temos uma forma e uma substância para ambos:

matéria da	FORMA
EXPRESSÃO:	SUBSTÂNCIA

matéria do	FORMA
CONTEÚDO :	SUBSTÂNCIA

Temos a "matéria da expressão" e a "matéria do conteúdo", cada uma independente da forma específica (com a qual mantém uma relação arbitrária). A "forma da expressão" constitui a "matéria da expressão", tornando-se a "substância da expressão"; a "forma do conteúdo" constitui a "matéria do conteúdo", tornando-se a "substância do conteúdo". a SUBSTÂNCIA aparece quando a forma é projetada sobre a matéria, como uma rede aberta lança sua sombra sobre uma superfície indivisa subjacente. A estruturação dos dois planos é, de certo modo, análoga; por isso, podemos proceder a uma análise análoga em ambos. Isto quer dizer que os princípios de análise poderão ser os mesmos, pois, só poderemos ter algum resultado se chegarmos (na análise final), em ambos os planos, às "figuras" - "não-signos" - aos elementos indivisíveis, que, combinados, formarão os signos. Ora, "as figuras" no PLANO DA EXPRESSÃO são os "fonemas" (ou "femas") e no PLANO DO CONTEÚDO, os "semas" (ou "pleremas"). Hjelmslev ainda simplificou mais: reuniu os "femas" e os "pleremas" e lhes deu a denominação de "glossemas" - unidades mínimas muito mais abrangentes e gerais que os "femas" e "pleremas".

Comprova-se com isto a estruturação análoga dos dois planos. Estrutura e forma são coisas bem diferentes, a não ser que morfologia, sintaxe e semântica sejam a mesma coisa.

A análise do conteúdo dos signos em "figuras do conteúdo" ("semas") jamais havia sido feita antes de Hjelmslev, por isso o conteúdo havia-se apresentado como um problema insolúvel, um obstáculo insuperável. O célebre dinamarquês chegou à solução do problema por meio da prova da permuta, separando as variantes e invariantes. Se, ao permutarmos um elemento com outro, verifica-se uma mudança também no outro PLANO, temos então duas invariantes (em Português, por exemplo: Pato X Bato); se, ao contrário, a permuta não produz mudança no outro PLANO, temos então duas variantes da mesma variante. (Por exemplo, as duas ou três pronúncias do fonema /r/ em "rio". O mesmo vale para as per

mutas no PLANO DO CONTEÚDO: se permutamos "o artista" com "a artista", obtemos uma mudança de "ele" (masculino) para "ela" (feminino).

Como se efetuará, então, a análise componencial do sentido, preconizada por Saussure e desenvolvida por Hjelmslev?

Tomemos o seguinte exemplo (adaptado de Lopes, 1976, p.239):

(1) homem	:	mulher	::	jovem
(2) touro	:	vaca	::	novilho
(3) galo	:	galinha	::	frango

Pelo que conhecemos intuitivamente desses vocábulos, podemos estabelecer as seguintes conclusões:

homem : mulher : jovem :: touro : vaca : novilho

Homem, mulher e jovem possuem algo em comum, da mesma forma que touro, vaca e novilho; touro e homem possuem algo em comum: a marca (ou sema) + macho, que não é compartilhado por vaca e mulher. Por outro lado, vaca e mulher possuem algo em comum, não compartilhado pelos dois outros pares; e assim por diante. Essa marca comum será denominada de componente semântico (plerema, semema, marcador semântico, categoria semântica ou sema). Estas fórmulas se baseiam em noções matemáticas elementares, que os antigos gregos denominavam analogia. Essa marca comum (sema, plerema, etc.) corresponde, em uma relação numérica, à razão proporcional.

Exemplifiquemos!!

15 : 30 : 60 :: 20 : 40 : 80

O que há de comum entre os elementos do primeiro

termo com os do segundo é a razão proporcional 2 (pois, o segundo e o terceiro elementos de cada termo resultam da multiplicação do elemento anterior por 2). O número 2 seria, portanto, a marca sêmica (um classema) comum às três oposições.

Hjelmslev já preconizava que uma semântica estrutural só seria possível na medida em que o número ilimitado de conteúdos sígnicos fosse reduzido a um número limitado de "figuras" (semas) do plano do conteúdo. Essas unidades mínimas significativas no plano do conteúdo se ordenariam em feixes hierarquizados e unificados num mesmo efeito do sentido- os sememas.

Tivemos, portanto, com Saussure e depois com Hjelmslev os princípios básicos gerais para a estruturação de uma semântica em bases científicas (11).

Após isolar as "figuras", descrevendo o mecanismo da combinatória semêmica, essa disciplina deveria propor-se dois outros objetivos (12):

- (a) descrição da organização interna dos diferentes campos semânticos das línguas naturais, num todo coerente;
- (b) descrição do mecanismo através do qual os diferentes campos semânticos se integram, constituindo a estrutura semântica própria de cada língua natural.

1.1.3. A Semântica de Pottier e Greimas.

Logo no início de seu livro Semântica Estrutural (13) A.J. Greimas estabelece a distinção entre "ciências físicas" (da natureza) e "ciências humanas" (do homem): "... as ciências da natureza se indagam para saber como são o homem e o mundo, as ciências do homem, de maneira mais ou menos explícita,

se interrogam sobre o que significam um e outro."

Em meio a essa ânsia de decifrar o problema da significação, apareceu a Linguística. Mais adiante ⁽¹⁴⁾, Greimas reconhece que a Linguística teve sempre uma parente pobre: a Semântica, esquecida ou relegada a um segundo plano pela maioria das correntes existentes até meados do século XX, podemos afirmar! O autor de Semântica Estrutural aponta três causas de retardamento sobre a fundamentação de pesquisas sobre a significação ⁽¹⁵⁾:

"... as dificuldades próprias à definição do seu objeto, o retardamento histórico dos estudos semânticos e a onda de formalismo..."

O princípio básico de toda a semântica dita estrutural é "que os significados constituem estruturas dentro das línguas naturais." ⁽¹⁶⁾ Essa mesma idéia podemos encontrá-la em Greimas:

"Em outros termos, se a semântica tem por objeto de estudo as línguas naturais, a descrição destas faz parte dessa ciência mais ampla da significação que é a semiologia, no sentido saussuriano do termo."

E mais adiante, diz-nos o mesmo autor ⁽¹⁷⁾:

"A língua não é um sistema de signos, mas uma reunião cuja economia deve ser precisada de estruturas de significação."

A mesma idéia é tomada e desenvolvida por Pottier ⁽¹⁸⁾ quando toma a "lexia" cadeira e empreende uma descrição exaustiva de cada um dos objetos que compõem essa mesma lexia, resul-

tando nos conceitos de sema, semema, ... arquilexia.

1.3.1. Primeiros conceitos operacionais.

Significante: elemento exterior, que possibilita a aparição do significado (ao nível da percepção).

Significado: a significação ou as significações produzidas pelo significante e manifestadas graças à sua existência (cf. Greimas, op. cit. p. 17).

Significado e significante estão incluídos numa relação recíproca, da seguinte forma: o significado só é significado porque existe um significante que lhe atribui uma significação; por outro lado, se tenho um significante é porque existe algo (não confundir com o referente real: coisa) a que posso atribuir tal significante. Formalizando esta relação, teríamos em outra nomenclatura:

Significante // Significado (19).

Pottier e Greimas preocupam-se em estabelecer o seu corpo de definições rigorosamente dentro de uma metalinguagem científica, de acordo com o princípio da "não-contradição" de Hjelmslev. Isto equivale a dizer que todos os termos empregados na metalinguagem semântica (que é a que nos interessa, no caso) deverão ser previamente definidos e confrontados. Este raciocínio nos leva a pressupor a existência de uma "meta-metalinguagem" (20).

Temos, então, as condições de uma semântica científica pela união (numa relação codependente) de duas metalinguagens:

uma descritiva ou translativa (metalinguagem propriamente dita), onde as significações contidas na língua-objeto serão formuladas, e uma linguagem metodológica (paralinguagem ou epistemologia, para outros) que defina os conceitos apresentados e garanta a sua coesão interna.

O exame do valor metodológico (dedução ou indução) é colocado num quarto nível lingüístico (por Greimas), com duas concepções de verdade: a verdade concebida como uma adequação à realidade (método indutivo) e a verdade considerada como coerência interna (método dedutivo) ⁽²¹⁾. Portanto, segundo Greimas ainda, este nível quaternário nos propicia as condições de uma semântica geral, "capaz de descrever qualquer conjunto significante, não importando a forma pela qual se apresente, e independente da língua natural que possa servir, por razões de comodidade, à descrição." ⁽²²⁾.

Greimas se permite discordar sob determinado ângulo da afirmação de Saussure de que "a língua é feita de oposições" e diz, textualmente, na página 27 de seu livro Semântica Estrutural:

"A única forma de focalizar, atualmente, o problema da significação, consiste em afirmar a existência de descontinuidades, no plano da percepção, dos espaços diferenciais, criadores de significação, sem se preocupar com a natureza das diferenças percebidas."

A partir daí, nos é fornecida a concepção de estrutura: a presença (de no mínimo) dois termos e da relação entre eles. O mundo só toma forma, diante de nós, ao percebermos diferenças; e perceber diferenças significa (no plano lingüístico) "captar ao menos dois termos-objetos como simultaneamente presentes." (Greimas, op. cit. p. 28). Perceber diferenças significa, ainda, ser capaz de captar a relação existente entre os termos, associando-os de alguma forma.

Para que possamos captar simultaneamente dois termos-objetos será preciso que lhes separemos as constâncias (o que possuem em comum) e as oponências (as suas diferenças específicas). No primeiro caso, estaremos identificando e, no segundo distin-

guindo.

Greimas insiste (ver nota nº 14) em que "a língua não é um sistema de signos, mas uma reunião de estruturas de significação". E a estrutura da significação repousaria sobre um denominador comum entre os termos, denominado "eixo semântico". Vejamos o seguinte exemplo de Greimas (23):

BLANC	(branco)	vs	NOIR	(preto);	ou
GRAND	(grande)	vs	PETIT	(pequeno)	
A	s^1	r	B	s^2	

em que teríamos a "ausência de cor" num caso e a "medida do contínuo" no outro. No primeiro exemplo, "a cor" constituirá um "eixo semântico", e no segundo exemplo, "a grandeza" constituirá outro "eixo".

Aplicando-se esta fórmula a qualquer relação entre dois termos-objetos de uma estrutura elementar, teremos (por exemplo):

A	(s^1)	r	B	(s^2)
Homem	(masculinidade)	r	Mulher	(feminilidade)

Os elementos s^1 (masculinidade) e s^2 (feminilidade) os traços distintivos de Jakobson ou os elementos diferenciais para Saussure- Greimas propõe sejam chamados semas. Aos termos-objetos (no caso A e B) Greimas dá o nome de lexema (lexia, na terminologia de Pottier).

1.3.2. Segunda definição da estrutura. (24)

"Estrutura é o modo de existência da significação, caracterizada pela presença da relação articulada entre dois semas" (Greimas, op. cit. p. 39).

Partindo-se do sema, a relação se denominará hi-ponímica; e partindo-se da categoria sêmica a relação se denominará hiperonímica. Entretanto, Greimas (cf. op. cit., pp. 40 e 41) conserva o termo hiponímia para a relação de uma estrutura elementar; se os elementos forem de categorias diferentes, emprega o termo hipotática. E, assim, procede com o termo hiperonímia que, eventualmente, poderá tomar o nome de hiperotática.

Após isolar as duas unidades mínimas do discurso, o fonema (no plano da expressão) e o lexema (no plano do conteúdo), Greimas constata que "é preciso igualmente constatar a ausência de isomorfia entre os dois planos (...). A análise dos dois planos deve, pois, ser conduzida, embora pelos mesmos métodos, separadamente, e deve visar ao estabelecimento (...) de femas para o significante, e de semas para o significado..." (cf. pp. 42 e 43).

Ainda na p. 43 de Semântica Estrutural Greimas faz uma afirmação com a qual não concordamos:

"O que é preciso reter é a possibilidade e a necessidade de se servir do significado para o estudo do significante e do significante para o estudo do significado."

Ora, sabemos (pela convencionalidade do sinal) (25) que, além de outras conseqüências importantes, se deve estudar os significantes sem apelo ao significado, e vice-versa; pois, "sendo convencionais tanto o significante quanto o significado, redundaria cairmos num círculo vicioso examinarmos um pelo outro." (Back & Mattos, 1972, p. 22). E continuam os mesmos autores: "o estudo do significante deve basear-se nas relações que estabelece com outros significantes. O estudo do significado fundamenta-se em associações do significante com a situação" (idem, ibidem).

1.3.3. Semas e lexemas...

Após estabelecer um quadro de lexemas

com os seus respectivos semas ⁽²⁶⁾, Greimas faz as seguintes observações:

1. Cada lexema da lista é caracterizado pela presença de alguns semas e pela ausência de outros.
2. Os seis primeiros lexemas ("haut", "bas", "long", "court", "large" e "etroit") são caracterizados pela presença de um sema comum - o sema "dimensionalidade".
3. Se percorrermos a linha horizontal da esquerda para a direita (do todo para as partes) interpretamos o lexema como uma série de relações hiperonímicas; se formos, na mesma linha horizontal, da direita para a esquerda (das partes para o todo), interpretamos o lexema como uma série de relações hiponímicas.

Disto, conclui-se que lexema não é apenas uma simples coleção de semas, mas "um conjunto de semas ligados entre si por relações hierárquicas. "O mesmo tipo de relações se aplica entre os lexemas no interior do discurso.

Pottier ⁽²⁷⁾ faz, praticamente, a mesma análise (tomando a lexia "cadeira"), chegando aos mesmos conceitos de sema, semema, etc.

O conjunto "com encosto", "com pés", "para sentar-se" e "para 1 pessoa" constitui o semema de /cadeira/, por exemplo. Por serem todos semas constantes, formam o semema absoluto de /cadeira/.

Se tomássemos, por exemplo /poltrona/, veríamos que além dos semas de /cadeira/, teríamos mais outro: "com braços". Agora, se reuníssemos /cadeira/ e /poltrona/, dentro do conjunto dos móveis ⁽²⁸⁾, perceberíamos que /cadeira/, além dos quatro se-

mas absolutos, possui mais 1 sema relativo "(-com braços)", marcado negativamente quando definida em relação a /poltrona/. Por isso, "com encosto", "com pés", "para sentar-se", "para 1 pessoa" e "(-com braços)" constituirão o semema relativo de /cadeira/, em relação a /poltrona/, por exemplo.

Pottier toma o campo semântico dos assentos, confrontando as seguintes lexias: "cadeira", "poltrona", "tamborete", "canapé" e "pouf" cujos semas serão os seguintes:

"com encosto", "com pés", "para 1 pessoa", "para sentar-se" e "de material rígido".

Se tomarmos os semas "com pés" e "para sentar-se", temos o semema de uma unidade léxica da língua portuguesa: /assento/.

O "assento", base comum de um campo semântico que domina (o dos "assentos"), é um arquilexema (como "móveis", "animais", etc). Os semas que o compõem, formando também uma base comum para qualquer outro semema do campo dos assentos; diz-se que o semema /assento/ é também um arquissemema.

Como observa Kurt Baldinger (1970, 83) ⁽²⁹⁾ "a relação entre arquissemema e semema, entre semema e sema, é de implicação do tipo englobante/englobado."

Interessante, para a compreensão do assunto, o quadro apresentado por Lopes (1976, p. 270) que o transcrevemos abaixo:

	2 caniches
+	<u>4 perdigueiros</u>
	6 cães (arquilexema 1)
	6 cães
+	<u>3 gatos</u>
	9 animais (arquilexema 2, mais geral que 1)
	9 animais
+	<u>2 homens</u>
	11 seres vivos (arquilexema 3, mais geral que 2)

11 seres vivos

+ | 2 móveis

13 "coisas" (arquilexema universal, o mais geral).

As distinções observadas nas relações entre os termos-objetos dos conjuntos (para Greimas) ou entre os conjuntos finitos (para Pottier) são binárias- na maioria dos casos- ou ternárias do tipo $/+x/$, $/-x/$, $/x/$ (isto é: nem $/+x/$, nem $/-x/$).

Assim como o fonema (um feixe de traços distintivos mínimos no plano da expressão), o semema é considerado "um feixe de traços distintivos mínimos no plano do conteúdo" (30), cada traço constituindo um sema que, por sua vez, vai constituir o conteúdo do lexema. O semema, para Pottier, é formado de três tipos de semas:

- o semantema, constituído por semas específicos;
- o classema, constituído por semas genéricos; e
- o virtuema (31), formado por semas virtuais (possibilidades abertas, ao nível da Langue, a serem preenchidas em contextos, ao nível da Parole).

Toda lexia, por sua vez, compreenderá:

- (a) semas;
- (b) semema;
- (c) semantema;
- (d) classema;
- (e) virtuema;
- (f) arquissemema; e
- (g) arquilexema. (32)

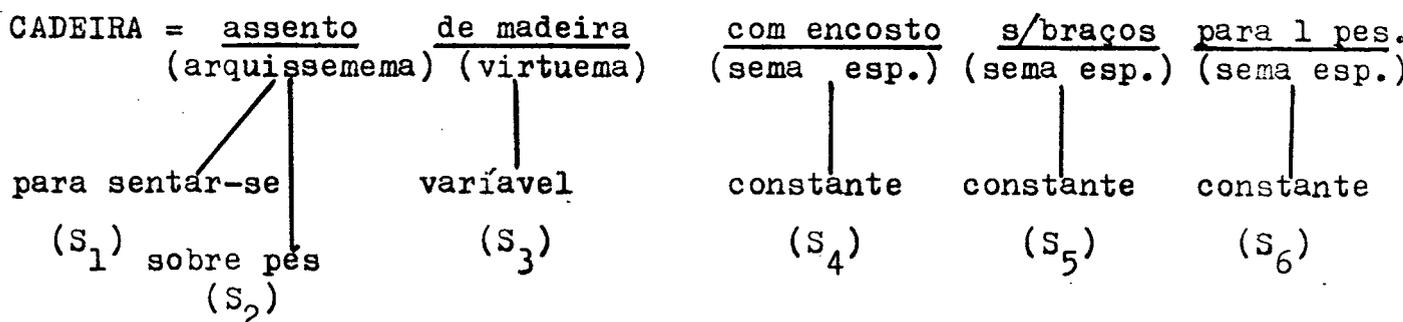
A composição de um semema (segundo Pottier) poderia ser ilustrada pelo processo de definição:

- (a) gênero próximo; e
 (b) diferença específica.

Trata-se, numa definição, de uma operação dupla:

- (a) conjuntiva: inclusão do termo a ser definido num conjunto mais amplo de discurso, mediante um arquissemema; e
 (b) disjuntiva: individualização específica do mesmo termo, dentro do universo em que foi incluído, de tal forma que não possa ser confundido com nenhum outro pertencente à mesma classe-mediante um semantema (conjunto de sema(s) específico(s)).

Formalizando o esquema da definição de "cadeira", teríamos (33):



S₁, S₂, S₃, S₄, S₅, S₆ - compõem o semema-ocorrencial de "cadeira".

Greimas (op. cit. p. 52) faz uma constatação importante:

"(...) no curso da história, os lexemas se enriquecem de novos semas (...). O lexema aparece, a partir daí, como uma unidade de comunicação relativamente estável, mas não imutável".

As unidades de comunicação mais amplas, tais como o paralexema e o sintagma (34), devem receber um tratamento des-

critivo idêntico ao das unidades menores.

Tomando o lexema tête Greimas estabelece uma rede de relações hierárquicas, chegando às definições de semema, núcleo sêmico, sema contextual e classema, generalizações correspondentes às de Pottier, com esquemas ressalvas terminológicas.

1.3.4. Conclusão.

Não pretendemos, aqui, realizar uma re-
senha crítica (minuciosa) sobre a Semântica de Pottier e de Greimas, mas, antes de tudo, esboçar alguns princípios básicos de suas doutrinas linguísticas tanto quanto pudessem dizer respeito ao assunto que será desenvolvido nos capítulos subsequentes.

Greimas, como pessoalmente chegou a confessar ⁽³⁵⁾, pretendia fundar uma espécie de lexicologia (baseada em unidades-palavras). Admitindo que o seu estudo, por negligência ou por fracasso, foi dar em outro campo: na Semântica. Atualmente, ultrapassando os limites da Semântica, Greimas acha-se empenhado em uma Semiótica Estrutural. Os primeiros resultados dessas suas pesquisas acham-se catalogadas no livro "Du Sens, Essais Sémiotiques" de 1970 (a tradução portuguesa é posterior e data de 1975).

Interessantes, também, são as considerações, em que Greimas se demora minuciosamente, sobre o DISCURSO- assunto a que faremos referência no desenvolvimento da dissertação.

Quanto a Pottier, quase não existem trabalhos seus traduzidos para o português, com exceção de pequenos excertos, às vezes escolhidos aleatoriamente. Dois títulos, porém, merecem destaque na obra de Pottier:

- (a) La définition sémantique dans les dictionnaires ⁽³⁶⁾
- (b) Hacia una semántica moderna.

Os aspectos mais positivos da Semântica de Pottier poderiam ser assim resumidos ⁽³⁷⁾:

- (a) ter definido (operacionalmente) a unidade mínima do plano do conteúdo (sema para Pottier, Greimas, Buyssens e outros; semième para Guiraud; traços pertinentes para Prieto; figuras do conteúdo para Hjelmslev; traços distintivos para Jakobson);
- (b) ter possibilitado a descrição congruente dos campos semânticos-mostrando que os significados não se apresentam isoladamente (de forma eletória) nas línguas naturais, mas se distribuem em redes estruturais que formam a malha dos campos semânticos diversos, como o do vestuário, o do mobiliário, o das cores, etc.
- (c) ter sistematizado a descrição dos componentes do semema.

Ao lado desses aspectos positivos existem outros, "menos seguros" (segundo Lopes, 1976, p. 280), tais como:

- (a) os enunciados não são conjuntos que correspondem à soma dos seus constituintes (as palavras), isto é: não basta somarmos os significados, pois, caso contrário estas três sentenças "My wife has a new dog" "My new wife has a dog" e "My new dog has a wife" teriam os mesmos significados (38). Somente o contexto nos dará o significado total, ou seja a mensagem.
- (b) As palavras podem designar vários conceitos diferentes ao mesmo tempo; assim temos "copa(s)" para:
- extremidade das árvores;
 - parte da cozinha;
 - campeonato mundial;

- naipes do baralho (39).

- (c) Quanto aos campos semânticos (sem desmerecer o valor da teoria de Trier), na verdade, eles são escolhidos aprioristicamente, com objetivos pre determinados (por isso, se prestam a uma descrição unitária), sem se levar em conta as relações intersígnicas dos sistemas lingüísticos, como preconizava Saussure.
- (d) A solução proposta por Pottier através de semas variáveis (os virtuememas) para explicar possíveis realizações do arquissemema "assento" (por exemplo) é muito fraca para dar conta de manipulações sememáticas que criam efeitos de sentido essencialmente originais (míticos)- é o que acontece principalmente, mas não unicamente, na literatura.
- (e) A linha da Semântica de Pottier não deixa de ser, em última análise, uma semântica da palavra isolada.

A Semântica de Greimas, embora baseada nos princípios de Pottier, aqui expostos, procura libertar-se dessas limitações.

Tanto é verdade que Greimas, inicialmente disposto a criar uma lexicologia (baseada nas unidades-palavras) vai cair na Semântica; sentindo necessidade de ultrapassar certas barreiras (sempre impostas por limitações) adentra o campo da Semiologia. Nesse aspecto, podemos afirmar, Greimas "superou" Pottier, embora, como mostramos, em sua Semântica Estrutural, os princípios e postulados sejam, praticamente, os mesmos de Pottier.

NOTAS

(1) Hjelmslev, Louis Trolle. Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem. Coleção Estudos nº 43. São Paulo, Perspectiva, 1975, cap. 3. p. 11 - denominados pelo autor de "princípio do empirismo".

(2) Paviani, Jayme. Op. cit., p. 52.

(3) Não trataremos nesta dissertação, minuciosamente, de suas obras por razões óbvias de espaço e identidade com os princípios tratados por Hjelmslev e pelos outros estruturalistas a respeito da análise semântica. Com isto, não queremos patentear que não haveremos de nos referir aos seus trabalhos, como tem ocorrido no decorrer desta pesquisa.

(4) Lopes, Edward. Fundamentos da Linguística Contemporânea. São Paulo, Cultrix, 1976, p. 283.

(5) Não trataremos também, aqui, detalhadamente, da Semântica de Ducrot por duas razões:

(a) o termo "Contexto-Situcional" ou foi mal empregado, ou simplesmente não passa de uma redundância (totalmente desnecessária), dispensável a nosso ver (cf. nota nº 16 - Noções Propedêuticas).

(b) O ponto de partida de Ducrot é a obra Corral Gard ens and Their Magic de B. Malinowsky cujo princípio "que as palavras isoladas são apenas uma ficção linguística e que nem mesmo uma frase pode ser considerada - a rigor - uma dado linguístico completo" se acha detalhadamente aplicado na Teo-

ria Construtural de Eurico Back & Geraldo Mattos, em que nos basearemos para desenvolver nossas idéias.

(6) "A categoria geral dos símbolos (sinais) abrange sentenças, idéias e conceitos. (...) O significado ganha uma dimensão social: o significado não é uma idéia que o símbolo evoca na mente, mas a consequência da conduta que gera nos homens (racionalis)" - Pierce, Charles Sanders in Textos Escolhidos, p.18.

(7) Apud Lopes, op. cit., p. 237.

(8) "(66)... (238)".

(9) "Pela hipótese do isomorfismo entre os dois planos, pode-se conceber a estrutura semântica como uma articulação do universo semântico em unidades mínimas de significação (ou semas), correspondendo aos traços distintivos do plano da expressão (ou femas); estas unidades semânticas são organizadas, da mesma forma que os traços da expressão, em categorias sêmicas binárias (sendo a binariedade considerada como regra de construção e não necessariamente como um princípio que institua o modo de existência das unidades semânticas)... Dir-se-ia que existe um isomorfismo entre os semas e os femas, e que assim como a combinação dos femas produz fonemas a combinação dos semas produz sememas; mas pode-se verificar que as dimensões sintagmáticas de um fonema não.

(10) correspondem às dimensões de um semema (equivalentes grosso modo às de um lexema)". - Greimas, A.J. in Sobre o Sentido (Ensaio Semiótico), p. 37. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar e outros. Editora Vozes. Petrópolis. 1975.

(11) Tradução do original inglês Prolegomena to a

Theory of Language. Coleção Estudos nº 43. Editora Perspectiva. São Paulo. 1975.

(12) Tradução do original inglês Prolegomena to a Theory of Language. Coleção Estudos, nº 43. Editora Perspectiva. São Paulo. 1975. pp. 01-05 e pp. 47-53.

(13) Tradução em língua portuguesa por Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1973, p. 11.

(14) Greimas, A.J. Semântica Estrutural. Trad. de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1973, p. 12.

(15) Greimas, A.J. op. cit. p. 13

(16) Greimas, A.J. op. cit. p. 14

(17) "A língua não é um sistema de signos, mas uma reunião- cuja economia deve ser precisada- de estruturas de significação" (Greimas, A.J. op. cit. p. 30).

(18) Apud Lopes, Edward. op. cit. p. 265. e ss.

(19) O significante codepende com o significado; em outras palavras: significante prevê significado, e vice-versa. Segundo a nomenclatura de Hjelmslev teríamos uma interdependência.

(20) "A tendência formalista da ciência moderna nos levaria a considerar a lógica a primeira ciência, mas os seus postulados devem representar teoremas de outra ciência ainda precedente, porque é preciso explicarmos a maneira como chegamos a eles. (...)

...via, exigindo a existência de uma ciência primeira, praticada intuitivamente e que dê com resultados inteiramente verdadeiros dentro de um critério cultural e dotada de todos os elementos que constituem uma ciência: é uma ciência da realidade, (...).

Por ser a primeira e independe dos conhecimentos de todas as outras, o processo doxológico deve pautar-se pelos mesmos recursos que permitiram ao homem a primeira descoberta: os postulados de uma ciência ficam constituídos pelo conjunto dos instintos associativo, representativo e integrativo. (...) Desse modo, toda ciência repousa sobre uma base indutiva, representada pelo, postulado e pelo instrumento e sobre uma base dedutiva, constituída pelo exercício do instrumento sobre o postulado a ser demonstrado (...). pertence à doxologia a análise que pratica o conhecimento racional, (...) a linguagem, nunca a língua." (Mattos, Geraldo. Visão Lingüística do Conhecimento. São Paulo, Hors Commerce, 1975, pp. 107 e ss.)

(21) O autor Geraldo Mattos de (do ponto de vista do conhecimento lingüístico) "a relação de dependência entre o assunto e o produto da ciência", alcançada pelas duas fases do desempenho do receptor. (Cf. Mattos, Geraldo. Visão Lingüística do Conhecimento. São Paulo, Hors Commerce, 1975, pp. 106-7)

(22) Greimas, A.J. op. cit. p. 25.

(23) "(...) partimos do vocábulo para o estudo do significado, procurando as oponências entre um e outro, sem a necessária comprovação dessas oponências (...) baseadas em dados extralingüísticos, sem a necessária comprovação. Nessa relação, vê-se ora uma constância de atividade, ora uma alteração substancial do

significado, ora duas oponências (presença x ausência), que consideram a forma do significado. E param aqui." (Back & Mattos em Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, Vol. II, P. 474).

(24) Greimas, A.J. op. cit. pp. 39 e ss.

(25) Back, Eurico. & Mattos, Geraldo. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, Vol I, p. 15: "sinais: signos convencionais, impostos pelo grupo ao indivíduo (palavras, letras e notas). A música e a linguagem operam com sinais."

(26) Greimas, A.J. op. cit. p.

(27) Apud Lopes, Edward. Fundamentos da Linguística Contemporânea. São Paulo, Cultrix, 1976, pp. 265-268.

(28) O conjunto dos móveis, que se constitui no campo semântico, se prestará para a definição de arquitema (uma arquissemema (sema que domina um campo semântico)).

(29) Lopes, Edward. op. cit. p. 270.

(30) Poderíamos estabelecer também a seguinte distinção:

fonemas: elementos distintivos mínimos; e
semas : elementos significativos mínimos (certa semelhança com o que alguns denominam de morfemas.)

(31) Esta noção de virtuemema (embora um pouco fraca para dar conta de certas construções literárias) é de capital impor-

tância no estudo da chamada linguagem figurada (ou conotativa). Quando dizemos que "João tomou sopa" não estamos excluindo a possibilidade de dizermos que "O GALAXIE é um carro que come gasolina". A dificuldade para estabelecer coerentemente as subdivisões classemáticas repousa, unicamente, pensa Pottier, no fato, de que elas pertencem ao domínio das virtualidades lingüísticas.

Uma cadeia, além dos semas constantes enumerados anteriormente- "com encosto", "com pés", "para sentar-se", "para uma pessoa"- é dotada de um número infinito de virtualidades: ela pode ser de palha, de vime, de acrílico e até de ferro; pode ser vermelha, branca, marron... ou multicolor; pode ser comprada, vendida, quebrada e até consertada. Essas possibilidades todas e outras mais (não citadas) serão preenchidas pelo virtúema. (Cf, Lopes, Edward. op. cit. p. 276).

(32) Daí, a divisão do conteúdo em zonas de significação. (Cf. Lopes, Edward. op. cit. p. 277).

(33) Apud Lopes, Edward. op. cit. p. 279).

(34) Na p. 53 de Semântica Estrutural Greimas nos fornece os seguintes exemplos:

<u>LEXEMA</u>	→	<u>PARALEXEMA</u>	→	<u>SINTAGMA</u>
(Abricot-da-masco)		(pomme de terre) batata		(pain de seigle) pão de centeio

(35) Num "Simpósio sobre Semântica Estrutural", realizado na Universidade Católica do Paraná (Curitiba) em 1975.

(36) Esta obra acha-se traduzida (parcialmente) para o português com o título "A definição semântica nos dicionários" no livro A Semântica na Lingüística Moderna: O Léxico de

Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977, pp. 23-31).

(37) Lopes, Edward. op. cit. p. 280.

(38) Esta mesma idéia se encontra em Leech, Geoffrey.

Semantics. England, Penguin Books, 1974, chapter 7, p. 126 de onde extraímos os exemplos citados:

My wife has a new dog (Minha esposa tem um novo cachorro.)

My new wife has a dog (Minha nova esposa tem um...)

My new dog has a wife (Meu novo cachorro tem uma cadela).

(39) "As coincidências de significantes são ambigüidades:

um significante para vários significados; as coincidências de significados são equiva₁ências: um significado para vários significantes." (Back & Mattos op. cit. pp.21 e 22)

(*) acrescentada à nota (17):

O ponto de partida do estudo de Pottier é a lexia /cadeira/, não o, objeto cadeira; na instância de manifestação das línguas não temos "sememas", temos lexias (lexia=lexicalização memorizável de um semema; arquilexia = lexicalização memorizável de um arquissemema). Apud Lopes, Edward. op. cit. p. 271.

(*) acrescentada à nota (19) do cap. 0.

Esse mesmo autor cita três tipos de semântica:

(a) lógica: a semântica desenvolvida por Platão, Aristóteles, E. Husserl, C.S. Pierce, G. Frege.,

R. Carnap, A. Tarski, W. Quine e outros;

- (b) física: a semântica desenvolvida por R. Schleichert, H. Von Helmholtz, N.R. Campbell...; e
- (c) linguística: a semântica desenvolvida por Platão, Aristóteles, Bréal, A.J. Greimas, L.T. Hjelmslev, Ferdinand de Saussure, Noan Chomsky e outros.

2. A Semântica Gerativo-Transformacional.

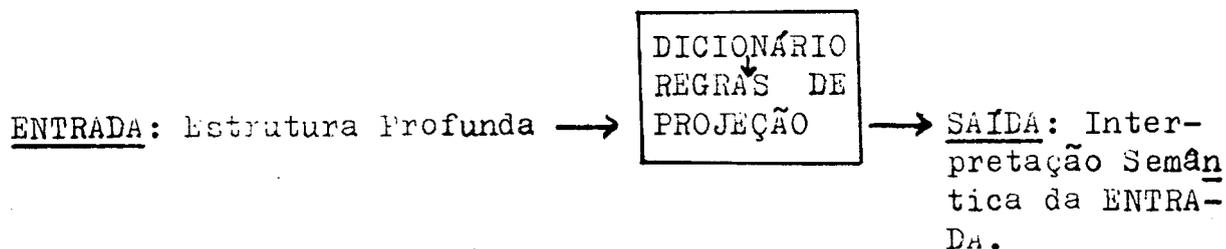
2.1. Componente Semântico da TEORIA-PADRÃO.

Como o 5º mecanismo a que se propõe a TEORIA-PADRÃO de um conjunto de 6, estão as regras de interpretação semântica, que aqui se aplicam sobre as estruturas profundas para elucidar-lhes o sentido. Em resumo, a gramática estaria formada de três componentes: o sintático, o semântico e o fonológico.

O semântico e o fonológico são unicamente interpretativos. O componente sintático seria o gerador das estruturas sobre as quais os dois componentes anteriores se aplicariam, indicando a maneira pela qual se relacionam (Nique, 1974, p. 142).

Sendo assim, o papel da semântica consistiria em relacionar o sentido das palavras com as representações semânticas das estruturas subjacentes. O sentido das palavras acha-se definido no que se chama "dicionário", e as regras que os relacionam com a estrutura profunda foram denominadas "regras de projeção" por Katz & Fodor em 1963, sendo os primeiros a discutir o assunto. O termo "projeção" (empregado por Katz & Fodor) sugere uma explicação para o fato de que o problema semântico deva ser um problema projetivo.

O seguinte esquema visualiza o funcionamento do Componente Semântico:



Como seriam estruturados os dois subcomponentes

do Componente Semântico?

O dicionário viria estruturado pela análise componencial (ou estrutural, para os europeus) elaborada por Katz & Fodor em 1963 in "The Structure of a Semantic Theory", que define o significado dos elementos lexicais mediante um feixe de traços (semânticos, no caso). Foi o refinamento da análise componencial que permitiu a "teoria dos traços", latente na segunda formulação da Gramática Gerativa de Chomsky, onde o subcomponente lexical é concebido como um conjunto de entradas, cada uma (por sua vez), representada por uma matriz de traços fonológicos, sintáticos e semânticos.

O Componente Semântico (INPUT ou ENTRADA) é constituído por uma sequência de elementos lexicais (Estrutura Profunda). Deve ser capaz, porém, de dar conta da ambigüidade de alguns desses elementos, pelo menos. Para resolver o problema, Katz & Fodor propõem que se represente a matriz dos seus traços mediante uma árvore formada pelo Símbolo Categórico do elemento lexical em questão, dos seus marcadores semânticos, e de seus diferenciadores, que permitam especificar a definição do elemento em questão.⁽¹⁾

Mediante condições estabelecidas pela análise componencial podem-se explicar casos de sinonímia, antonímia e hiponímia. Quanto à ambigüidade semântica, diz-nos Katz ⁽²⁾:

"A ambigüidade semântica, diferente da sintática e da fonológica, tem sua origem na homonímia das palavras. A ambigüidade sintática ocorre quando uma sentença tem mais de uma estrutura subjacente, e a ambigüidade fonológica quando às estruturas superficiais de diferentes sentenças é dada a mesma interpretação fonológica. A ambigüidade semântica (...) ocorre quando uma estrutura subjacente contém uma ou mais palavras ambíguas que contribua(m) em seus múltiplos sentidos para o significado da sentença inteira, tornando, assim, possível o uso dessa sentença para a formulação de mais de uma afirmação, solicitação, interroga-

ção, etc. (...)."

Contudo, admite Katz, não ser a presença de um termo ambíguo a única condição para que uma construção linguística seja tida como semanticamente ambígua.

As REGRAS DE PROJEÇÃO têm por objetivo a explicitação da(s) leitura(s) que possamos atribuir a uma estrutura profunda dada e a uma determinada análise componencial dos diferentes componentes dessa sequência. As regras devem ser relacionadas com os elementos lexicais das estruturas sintáticas. Informam-nos Katz & Fodor (3): "O processo geral de atuação do Componente Regra de Projeção se faz de baixo para cima na árvore de estrutura em constituintes, com a realização de uma série de amálgamas; (...)"

O Componente Semântico apresenta sérias dificuldades aos linguístas, da forma como é apresentado por Katz, Katz & Fodor e outros de mesma linha de pensamento. Veja-se que Bierwisch propôs em 1969 um sistema sensivelmente diferente em seu artigo "On Certain Problems of Semantic Representations". Isto, para não citarmos Weinreich com seu artigo "Explorations in Semantic Theory" de 1972. Sabemos existirem fenômenos que se mostram vagos, intuitivos, dependentes do contexto (linguístico e/ou situacional), e que somente assim poderão receber uma solução. Por outro lado, poderíamos perguntar se os traços semânticos se justificam realmente. E os diferenciadores? E os marcadores, pertencem, de fato, a uma teoria semântica universal? - objetivo que se propõem Katz & Fodor em seu artigo "The Structure of a Semantic Theory", datado de 1963. Vejamos o "artigo", logo no princípio:

"Este artigo não é uma tentativa de apresentar uma teoria semântica de uma língua natural, e sim de caracterizar a forma abstrata dessa teoria" (apud Lobato, 1977, p. 79).

2.2. A Teoria-Padrão Expandida

O que levou Chomsky a revisar a sua concepção

de "gramática gerativa" foram as noções de "foco" e "pressuposição" (4), necessárias a quem se propõe explorar o domínio semântico.

Numa sentença do tipo "Foi você quem fez isto??" (5) (o vocábulo com acento enfático está transcrito sublinhado), temos:

- a - FOCO (ênfase): você
- b - PRESSUPOSIÇÃO: alguém fez isto.

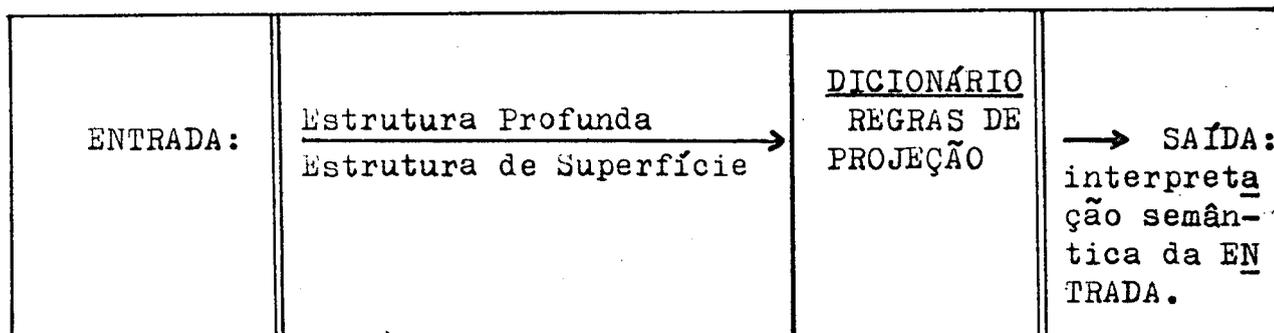
Por isso, é possível respondermos com:

- (i) Não, foi João quem fez isto; e não com:
- (ii) Não, foi João quem fez isto.

O mecanismo poderá ser repetido com uma assertiva, da mesma forma. Torna-se evidente que uma interpretação semântica deva explicar as noções de "foco" e de "pressuposição" (6). De início, surge um problema: se o "foco" é o termo sobre o qual recai a ênfase, ele só poderá ser evidenciado através da observação das estruturas superficiais que já tenham sido interpretadas fonologicamente. Se o acento enfático for encarado como uma marca fonológica (introduzida pelo Componente Fonológico), o "foco" não poderá ser determinado pela verificação da estrutura profunda, visto ainda não ter recebido nenhuma interpretação fonológica. Por isso, se o Componente Semântico quiser explicar os conceitos de "foco" e de "pressuposição", deverá servir-se de certos elementos (no caso, os acentos enfáticos) contidos na estrutura de superfície; ora, o princípio básico do Componente Interpretativo (na teoria-PADRÃO, como vimos) era o de considerar como ENTRADA unicamente as estruturas profundas. Diante deste problema (e de outros, tais como o do vocábulo "même"-realmente) Chomsky decidiu por uma revisão da TEORIA-PADRÃO- percebendo o papel desempenhado pelas estruturas de superfície (embora que o da estrutura profunda) na

interpretação semântica (7) - denominando a nova teoria de TEORIA-PADRÃO EXPANDIDA, cujo mecanismo pode ser, mais ou menos, assim sintetizado:

Modificação na ENTRADA DO Componente Semântico, constituído, agora, também pela estrutura de superfície. Tendo em vista esta mudança, e tendo-se por base o gráfico apresentado na p. 01, poderíamos visualizar o esqueleto da TEORIA-PADRÃO EXPANDIDA assim:



2.3. A Semântica Gerativa (8)

Não nos devemos esquecer de que não obstante ter havido uma volta dos linguistas ao mentalismo no estudo das línguas com o aparecimento da Gramática Gerativa Chomskyana, continua preponderando o estudo da forma da língua, pois, na TEORIA-PADRÃO EXPANDIDA é ainda o Componente Sintático que é o "gerativo" e o Componente Semântico, como já foi dito, é somente "interpretativo," sendo as frases interpretadas a partir de sua sintaxe, mediante mecanismos já apresentados na TEORIA-PADRÃO e na TEORIA-PADRÃO EXPANDIDA.

Os próprios autores que estão na origem da Semântica Gerativa (Postal, Fillmore, Ross, Emmon Bach e, principalmente, Mc Cawley e Lakoff) são discípulos de Chomsky, de alguma forma, compartilham seus objetivos e métodos. A Semântica Interpretativa e a Semântica Gerativa são as duas grandes faces da SEMÂNTICA TRANSFORMACIONAL. Como dizia Peirce (9):

"Por que fazer tantas dessas conjeturas de caráter

remoto, especialmente quando você tem por princípio que só as distinções práticas se revestem de sentido? Bem, devo conceder que pouca diferença faz dizermos que uma pedra, jazendo no fundo do oceano, em plena escuridão, é brilhante ou não é brilhante - equivalendo isso a dizer que, "provavelmente" não há diferença, lembrando sempre que tal pedra poderá ser colhida amanhã. (...)"

É o que pode aplicar-se às constantes querelas entre os semanticistas interpretativistas e os gerativistas, visto ambas as partes estarem a perseguir um mesmo objetivo por métodos semelhantes, diferindo apenas por nuances. Portanto, limitar-nos-emos ao exame rápido de algumas críticas de Mc Cawley ou Lakoff à TEORIA-PADRÃO, com suas proposições, de uma lado, e, de outro às respostas de Chomsky às críticas à sua teoria.

Ao analisar os advérbios instrumentais, Lakoff opta pelo enquadramento das regras de seleção e restrições de coocorrência na EP. O mesmo autor comunga a idéia de que as estruturas subjacentes devem ser mais abstratas (como de certo modo já previra Hjelmslev). Sendo assim, as categorias gramaticais da EP seriam menos numerosas do que se tem afirmado.

Lakoff raciocina da seguinte forma: se existe um nível de análise lingüística, onde são enunciadas as generalizações sobre as restrições de seleção, as construções em questão ⁽¹⁰⁾ de vem ter representações fundamentalmente semelhantes neste nível; se este nível é o da EP, estas construções devem ter essencialmente a mesma EP.

Por sua vez, Mc Cawley defende o ponto de vista de que as restrições de seleção são de natureza semântica e não sintática; elas devem dizer respeito a constituintes inteiros, a representações semânticas, não apenas a propriedades lexicais dos itens. Cita-se como exemplo a anomalia semântica ⁽¹¹⁾, que seria a transgressão de estruturas semânticas e não de lexicais.

Não há concordância, também, quanto à natureza de

traços, como [+comum], [+plural], [+animado], [+visível], etc., tidos como sendo essencialmente semânticos por Mc Caeley, inexistindo, portanto, traços de seleção sintática (pois, como vimos, os gerativistas incluem os traços seletivos no Componente Semântico).

Outro ponto de destaque, assunto de constantes e recentes críticas pelos gerativistas, é a incapacidade da TEORIA-PADRÃO em tratar certos fenômenos que são de ordem puramente lexical. Como as línguas operam com um número reduzido de fonemas e com milhares de formas, têm de haver necessariamente coincidências. Isto acontece em quase todos os idiomas quando temos uma forma para mais de um significado (12). Em francês, temos o vocábulo "chaud" significando "temperatura superior à habitual" e "que proporciona uma sensação de calor"; em Inglês, temos "temperature" para "febre" e "temperatura"; em Português, temos (para citar um exemplo que me ocorre) o vocábulo "absolutamente" significando "sim" ou "não", conforme o contexto. E não podemos trabalhar com as definições científicas dos verbetes, pois estas sofrem influência da cultura, e nem sempre as duas coisas coincidem. Para nós, falantes de Português, "baleia" é peixe, muito embora a classificação biológica nos assegure ser um mamífero. Segue-se daí que nem todos os vocábulos e muito menos todos os significados de um verbeito estão registrados no léxico (ou no DICIONÁRIO—segundo Katz & Fodor). O léxico (ou DICIONÁRIO) procura, na medida do possível, representar o significado do vocábulo dentro de um contexto, porém, sabemos que isto não acontece para uma grande parte das entradas, caso contrário poderíamos aprender uma língua unicamente por dicionário, o que sabemos ser impossível. Mc Cawley propõe, para o caso, uma representação semântica completa, antes da inserção lexical. Por outro lado, afirma que essa inserção nem sempre se produz antes das transformações. Sendo assim, a inserção da ENTRADA do Componente Transformacional deve ocorrer antes das transformações semânticas, aplicações

formadas e representações semânticas e/ou de elementos lexicais.

Tendo em vista estas observações e outras análogas, Mc Cawley assinala ⁽¹³⁾ a inadequação de EP, como a concebe Noam Chomsky:

- As restrições selecionadas na base são, na verdade, exprimíveis em termos semânticos.
- As restrições, sozinhas, dão conta das regras de seleção.
- A ENTRADA do Componente Transformacional deve ser constituída de representações e/ou de elementos lexicais, dependendo do caso.
- As regras de inserção lexical da TEORIA-PADRÃO são incapazes de descrever certos aspectos da estrutura do léxico das línguas.

Por outro lado, se examinarmos o tratamento da Semântica nas Gramáticas Transformacionais e o modo pelo qual a Sintaxe foi tratada pela Gramática Fonológica de Trager & Smith, haveremos de encontrar uma similaridade embaraçosa ⁽¹⁴⁾. Na Gramática Fonológica, são geradas primeiro as seqüências fonológicas (o Componente Fonológico é o gerativo) que, a seguir, serão interpretadas pela Sintaxe (Componente Interpretativo). Na Gramática Transformacional o sintagma é gerado pela Sintaxe (Componente Gerativo) e interpretado pela Semântica (Componente apenas Interpretativo). Mc Cawley propõe gerar diretamente (sem passagem pelo Componente Sintático) as estruturas semânticas - pois, ao que parece, há uma forte semelhança entre as EPs de Chomsky e as suas representações semânticas. Estas representações semânticas não se constituiriam de seqüências lineares, mas seriam estruturadas sob a visualização de árvores etiquetadas.

2.4. Inadequações da Semântica Gerativa - Crítica de Chomsky ⁽¹⁵⁾.

Em seu artigo de 1970, "Some Empirical Issues in Linguistic Theory", Chomsky responde às críticas dos semanticistas gerativistas, aperfeiçoando o seu modelo da TEORIA-PADRÃO EXPANDIDA.

Sobre a questão da EP, em que os gerativistas deram ênfase à negação de uma EP real, equiparando-a com a representação semântica, Chomsky afirma ser preciso a Semântica Gerativa poder distribuir as funções do papel da EP na TEORIA-PADRÃO (ponto de apoio para as transformações, determinação da ordem no sintagma, explicação de alguns universais formais, definição das funções gramaticais, etc). dentro do novo modelo preconizado, caso contrário a teoria se revelaria falha.

Muitas críticas e/ou restrições feitas pela Semântica Gerativa se referem, na maior parte dos casos, às ENTRADAS das transformações (EP), já modificadas na TEORIA-PADRÃO expandida (16).

Chomsky assegura que podemos explicar porque as NOMINALIZAÇÕES GERUNDIVAS mantêm sempre a mesma relação com a frase-originária, enquanto que as NOMINALIZAÇÕES DERIVADAS podem manter quaisquer relações com suas frases de que provêm, dando-se um tratamento sintático às NOMINALIZAÇÕES, semelhante ao que postulou em 1968. "Parece, portanto, tendo em vista as razões assinaladas, que a Semântica Gerativa padece de um defeito quanto à concepção que faz do Componente de Base e da forma das EPs." (apud Nique, 1974, p. 182).

O problema da discussão Semântica Gerativa versus Semântica Interpretativa resume-se, praticamente, em saber se as representações semânticas podem ser geradas diretamente, ou se é preciso gerá-las a partir do Componente Sintático.

Se ficarmos com a primeira tese (a Semântica Gerativa), não podemos dar conta do papel de certos elementos superficiais, como o ACENTO ENFÁTICO ("foco") e as PRESSUPOSIÇÕES, admitidos por Chomsky na TEORIA-PADRÃO EXPANDIDA. Nique (17) ci-

ta o exemplo do vocábulo "órfão", corroborando a tese da Semântica Interpretativa:

"A semântica gerativa introduz na base não o próprio elemento "órfão", mas unicamente a sua representação semântica, isto é [pessoa que perdeu seus pais]. Semelhante tratamento, na medida em que as transformações não são ordenadas em relação à inserção lexical, não pode explicar o fato de que a frase a seguir seja, senão agramatical, incompreensível:

[* - Max é órfão, e ele os amava muito.]"

Segundo Chomsky, este problema seria uma simples questão de ordenação e não de procedimentos tão complexos como os apontados pela Semântica Gerativa, pecando por falta de elegância e/ou economia.

Aponta-se, geralmente, como uma das grandes falhas da Semântica Gerativa o fato de pretender ser radicalmente oposta à TEORIA-PADRÃO EXPANDIDA, quando na verdade não é mais do que uma variante desta, e uma "variante imperfeita" - observa Chomsky.

Se raciocinarmos friamente, sem nos envolvermos em nenhuma das correntes, veremos que todas essas discussões não passam de meras futilidades. Vejamos:

Qual é o papel da Gramática (segundo Chomsky)?

- Propor um modelo da Competência da Língua, e não da Performance!
- Se o papel da gramática é propor um modelo da Competência, que importância terá para a Gramática que as estruturas sintáticas sejam geradas a partir das representações semânticas ou a partir das sintáticas, ocorrendo o inverso?
- Nenhuma!
- Por que, então, discutir um assunto sem consequências importantes?

(A resposta a esta última pergunta deveria ser dada pelos semanticistas interpretativistas e gerativistas, antes de se digladiarem com tais esterilidades.).

Já que as duas correntes pertencem à mesma teoria, isto é, possuem o mesmo objetivo e pretendem alcançá-lo por caminhos semelhantes, o que poderia decidir entre as duas soluções seria a que explicasse o maior número de fatos de uma maneira mais simples.

Um ponto positivo, a favor da Gramática Gerativo-Transformacional ⁽¹⁸⁾ foi o haver demonstrado que não é suficiente descrever fatos, é preciso explicá-los! De certo modo é o que afirma Poincaré ⁽¹⁹⁾, muito antes do nascimento da Gramática Gerativa: "A ciência se faz com fatos, assim como uma casa se faz com pedras; uma acumulação de fatos, contudo, não é uma ciência, assim como um monte de pedras não é uma casa."

Um outro ponto, a favor da Semântica Gerativo-Transformacional consistiu na proposição do estudo do sentido sob um aspecto dinâmico, emã sob o ponto de vista estático do vocabulário, conseguida (de certo modo) pela tentativa em descrever os processos combinatórios das relações sintáticas, mediante o mecanismo das regras de seleção (Todorov, 1966, 33 apud Lopes, 1976, p. 305).

2.5. Limitações da Semântica Transformacional ⁽²⁰⁾.

A Semântica Transformacional, como observam Mounin (1972, 168) e Ilari (1972, 19) ⁽²¹⁾, "retorna à mais tradicional das descrições lexicográficas, a da definição aristotélica (já examinada e melhor formulada por Pottier), segundo a qual um termo a ser definido (definiendum) se deixa analisar num definiens que contém um genum proximum mais uma differentiam specificam."

Outras considerações, como a combinatória proposta para "bachelor" (solteirão, bacharel, foca, etc.) não vão além

da proposta por Hjelmslev, para a construção de uma semântica de-
veras científica! Segundo Edward Lopes (1976, p. 306), "Se algu-
ma diferença há, ela representa na versão KF, um empobrecimento
da teoria hjelmsleviana, pois, apesar de a versão KF solicitar
(...) o abandono de qualquer consideração sobre a situação, os
únicos semas realmente importantes para definir "solteirão", a sa
ber, /nunca casado/, provêm da área extralingüística (...): ora,
isso já se viu em Hjelmslev (e antes em Saussure) e disso se dá
a melhor demonstração em Pottier, a propósito da noção de Clas-
sema."

Uma outra sugestão, ainda segundo Lopes (ibidem),
seria - para o caso de verbetes com mais de um sentido- que se re-
gistrasse "uma entrada para cada sentido", e não uma única entra-
da para várias leituras associadas à mesma forma fonológica. "Se
se considera ⁽²²⁾ que as diferentes leituras associadas com a
mesma forma fonológica são de itens léxicos diferentes, o proble-
ma se resolve imediatamente" - para ratificar esta afirmação, Lo-
pes cita o exemplo (Chomsky, 1965, p. 183):

"*John is as sad as the book he read yesterday,

" João está tão triste quanto o livro que leu on-
tem", onde haveria:

sad₁ = sentir-se triste (ser vivo) e

sad₂ = que evoca tristeza (objeto)."

Um outro ponto defeituoso na teoria transformacio-
nal refere-se ao endossamento de definições mal formuladas sobre
termos gramaticais, que vêm atravessando séculos, sem o menor es-
crúpulo! É óbvio que a Gramática de Chomsky não visa à definição
do que seja Sujeito, Verbo ou Predicado; mas tão somente (como
ele mesmo diz em "Aspects") à descrição e à explicação de tais
relações. Em sua teoria, aparecem classificações de termos, por
exemplo, em "Abstrato" ~ "Concreto", que sempre nos suscitaram

problemas. Diz-nos Dubois (1975, pp. 144 e ss.):

"O vocabulário concreto é simplesmente descritivo, coloca uma etiqueta sobre os objetos de nossa percepção: Sol, Mediterrâneo, Paul Valéry, lontra... O vocabulário abstrato, ao contrário, reúne os conceitos pelos quais pretendemos analisar os objetos: branco, tépido, transcendente, estímulo... Sem pretender realizar aqui uma análise rigorosa, acreditamos que essa distinção possui uma característica fundamental. De modo particular, parece que a espécie lingüística primeira do vocabulário concreto seja o nome substantivo, enquanto o vocabulário abstrato, que exprime modalidades do ser, usa adjetivos (o nome "paciência" deriva do adjetivo "paciente" e não o inverso)."

Quanto às classificações "Animado" ~ "Inanimado" (+Animado ~ -Animado para Chomsky), incorrem em falhas idênticas. Chomsky diz que devemos fazer abstrações, visando a possíveis generalizações, superando com isto a ilusão que poderíamos ter, advinda da observação pura de nossos sentidos. Pois bem. As classificações "Animado" ~ "Inanimado" são aquelas adotadas por Aristóteles há dois mil anos, quando o célebre estagirita estabeleceu que (a partir da observação direta dos seus sentidos e auxiliado pelos poucos conhecimentos científicos da época) se um corpo se move "ab extrinseco", seria "Inanimado" (ou -Animado, segundo Chomsky e seus seguidores) e que se um ser (ou um corpo) se move "ab intrinseco", seria "Animado" (ou +Animado). Ora, sabemos atualmente pela Mecânica Quântica ⁽²³⁾ "que o mineral classificado como "inanimado" tem, pelo menos, um mínimo de reação (ou ação) imanente e espontânea: além da radioatividade natural, provável em todos os elementos, as partículas mínimas de massa-energia individuais são sistemas dinâmicos."

Voltando às observações de Mounin e de Ilari ⁽²⁴⁾, aqui se verifica mais uma tentativa de retorno às mais tradicio-

nais descrições lexicográficas...

Para arrematar estas limitações, citaremos algumas observações de Weinreich (25):

"Em realidade, KF tratam de uma parte extremamente limitada da Competência semântica: a detecção de anomalias semânticas e a determinação do número de leituras de uma sentença (26).

"KF são também confortavelmente tradicionais, no que diz respeito ao papel do contexto: a idéia da resolução contextual de ambigüidades tem sido, no fim das contas, um lugar-comum tanto para os semanticistas e neogramáticos, quanto para os descritivos. Mas, dando a esse conceito uma posição tão destacada, KF foram culpados de dois erros. Em primeiro lugar, não tomam conhecimento do perigo óbvio de que a diferenciação de subsignificados num dicionário possa continuar sem limite (27). Em segundo lugar, (...) uma abordagem científica que distingue entre competência (conhecimento de uma língua) e desempenho (uso de uma língua), devia tomar em consideração a "desambigüização" automática de ambigüidades em potencial, como problema do desempenho do ouvinte." (28).

"A teoria KF (...) não tenta explicar e não poderia explicar, sentenças destinadas pelo falante a serem ambíguas (...) Assim a teoria é muito fraca para explicar o uso figurativo (exceto as figuras mais corriqueiras) e muitas piadas." (29)

Não poderíamos deixar de registrar (ainda como uma falha) a falta de honestidade (30) da parte de Katz & Fodor ao ignorarem a crítica de Weinreich, quando receberam uma cópia de pré-publicação e um pedido de comentários do autor. Porém, com a publicação de "Explorations" Katz reagiu com "Foundations of Language (1967), negando quaisquer observações feitas por Weinreich e, ao mesmo tempo, afirmando que eventuais falhas na teoria

já haviam sido corrigidas sem o auxílio de Weinreid. O que se havia verificado era simplesmente um furto literário: Katz apossara-se, acintosamente, das sugestões de Weinreich e as apresentava agora como sendo suas próprias inovações!

NOTAS

(1): Katz & Fodor, The Structure of a Semantic Theory 1963 apud Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. A Semântica na Linguística Moderna - O Léxico (pp. 98, 99 e 104). Livraria Francisco Alves Editora S/A Rio de Janeiro. 1977.

(2) Katz, Jerrold J. Semantic Theory. 1966, apud Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. A Semântica na Linguística Moderna - O Léxico (p. 65). Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro. 1977.

(3) Katz & Fodor, op. cit., apud Lobato, Lúcia Maria Pinheiro in op. cit. p. 111 e figs. 8 e 9 - idem, ibidem.

(4) Nique, Christian. Iniciação Metódica à Gramática Gerativa. Tradução de Edward Lopes. Editora Cultrix. São Paulo. 1977, pp. 169 e 170.

(5) Nique, Christian. cf. in. op. cit. p. 169.

(6) Para o problema de PRESSUPOSIÇÃO consultar Ducrot, Oswald. Princípios de Semântica Linguística - cap. 3, pp. 79-111- Tradução de Carlos Vogt & outros. Editora Cultrix. São Paulo. 1977.

(7) Chomsky, Noam. 1968a. e 1970 apud Nique, Christian in op. cit. p. 170.

(8) Por Semântica Gerativa entendemos o conjunto de procedimentos encabeçados por Postal, Emom Bach, Fillmore e principalmente por Lakoff e Mc Cawley que atribuem ao Componente Semântico o papel de "gerador" das estruturas, reservando ao Sin-

tático apenas um papel "interpretativo"-inverso do que ocorre com a Semântica Interpretativa de Chomsky, Katz e Fodor.

(9) Peirce, Charles Sanders. Semiótica e Filosofia. Textos Escolhidos. Tradução de Octanny Silveira da Mota & Leonidas Hegenberg- p. 69. Editora Cultrix. São Paulo, 1975.

- (10) a- João abriu a porta com a chave e
b- João utilizou a chave para abrir a porta.

(11): Citam-se como exemplos "O braço da cadeira sangra", "Cavalos humanos se alimentam de aveia" (exemplo citado por Leech, Geoffrey in Semantics (p. 155). Penguin Books Ltd. Harmondsworth, Middlesex. First Publishing, 1974. England.). Note-se a diferença entre sentenças do tipo "O braço da cadeira sangra", "O braço da estátua sangra" e "Cavalos humanos se alimentam de aveia".

Enquanto que locuções do tipo "O braço da cadeira", "O braço da estátua" são perfeitamente normais e possíveis (com referência a uma realidade), "Cavalos humanos" ou "amante da música que detesta música" (outro exemplo citado por Leech in op. cit. ibidem) não possuem qualquer referência à realidade, isto é, simplesmente não existem "cavalos humanos" ou "amantes da música que detestam música"! Por isso, segundo Leech (idem, ibidem), não faz sentido inquirirmos sobre a verdade ou falsidade de tais sentenças. A anomalia é um tipo de "desvio semântico" que se verifica (em resumo) quando existe um "choque de traços" entre os elementos dispostos em cadeia.

(12): Poderíamos denominá-las de "formas divergentes" em oposição a "formas convergentes" (fenômeno mais raro).

(13): Nique, Christian in op. cit. p. 180.

(14): Nique, Christian in op. cit. p. 180.

(15): O termo "Semântica Gerativa" está em oposição aqui a "Semântica Interpretativa" - são as respostas de Chomsky às proposições de Mc Cawley, Lakoff e outros gerativistas.

(16): ver gráfico em Nique, Christian. in op. cit. p. 174.

(17): Nique in op. cit. p. 183

(18): Por Gramática Gerativa deve-se entender aqui a "gramática" proposta por Chomsky em 1957 em "Syntactic Structures" e aperfeiçoada em 1965 com "Aspects of the Theory of Syntax" e mais as publicações posteriores de 1966, 1968, 1970, 1971 e 1972, além das contribuições dos semanticistas gerativistas.

(19) Poincaré in La Science et L'hypothèse, apud Nique, Christian in op. cit. p. 185.

(20): Por "Semântica Transformacional" deve-se entender o conjunto das duas correntes: a Interpretativa e a Gerativa. Portanto, "transformacional" se opõe aqui, principalmente, a "estrutural" de uma forma geral.

(21): Lopes, Edward. Fundamentos da Linguística Contemporânea (p. 305). Editora Cultrix. São Paulo. 1976.

(22): Lopes, Edward. in op. cit. p. 307.

(23): Teles, Expedito e outros. Fundamentos Científicos da Comunicação, pp. 20 e 21. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, Rio de Janeiro. 1973.

(24): Sobre este assunto ver a nota (21) e ainda as pp. 277, 278 e 279 in Lopes, Edward. op. cit., onde está desenvolvida a idéia de definição, com base no gênero próximo e na diferença específica, elaborada por Pottier.

(25): Weinreich, Uriel. Explorations in semantic theory, Mouton & Co., Haia, 1972. Tradução de Alzira Soares da Rocha e Helena Camacho in Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. op. cit.

(26): apud Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. op. cit. p. 178.

(27): apud Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. op. cit. § 2.2.5. p. 190.

(28): apud Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. op. cit. p. 178.

(29): Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. op. cit. p. 179.

(30): apud Lobato, Lúcia Maria Pinheiro. op. cit. Prefácio de William Labov, p. 170: esta foi a razão por que fizemos alusão a este fato, já que o mesmo foi apontado por outros eminentes lingüistas, como no caso de Labov; Weinreich jamais contestou publicamente a "legitimidade" das emendas na teoria de KF.

3. A Semântica Construtural

3.1. Introdução.

São palavras dos autores Bakz & Mattos (1), a respeito do objetivo de suas pesquisas:

"Nosso objetivo é apresentar os fundamentos científicos de uma nova escola linguística- a Linguística Construtural."

E continuam os mesmos autores:

"Sem qualquer compromisso com as correntes atuais ou com as nomenclaturas existentes apresentamos os fatos fundamentais da linguagem humana, extraíndolhes as conseqüências inevitáveis para a descrição científica das línguas (...) Podem mudar a nossa terminologia (2) (...) contanto que os leitores se convençam de nossa mensagem ou nos demonstrem em que ponto o nosso raciocínio é falso. (...) Nem pretendemos ter a última palavra na ciência;..."

A Semântica Construtural (de que trataremos a seguir) faz parte de uma descrição global e coerente dos fatos de uma língua (3) (a Língua Portuguesa), onde se "acham sistematizados todos os fatos da linguagem." (Idem, ibidem à nota nº 1).

A guisa de fecho introdutório, citamos os mesmos autores (Idem p. 2):

"Alguma das outras correntes conseguiu fazer a descrição semântica de uma língua, como a fizemos no 2º volume da "Gramática Construtural da Língua Portuguesa ??"

3.2. Paralinguagem: Postulados, Axiomas e Teoremas.

Os postulados não podem ser comprovados pela própria ciência, porém devem ser aceitáveis a todos, porque são evidentes.

Os postulados devem ser, simultaneamente:

- a) arbitrários - caso contrário transformam-se em teoremas; e
- b) adequados - de outra forma, tornam-se ineficientes e estéreis.

Os postulados provêm, sempre, de duas fontes: do conhecimento empírico (intuitivo) do objeto e das relações adotadas. Segundo a sua origem, chamaremos os primeiros de postulados (porque são motivados); e os segundos de axiomas ⁽⁴⁾ (porque são imotivados).

Enquanto os postulados e axiomas não podem ser comprovados (sendo, portanto, indemonstráveis), os teoremas ⁽⁵⁾ devem ser demonstráveis (caso contrário devem passar para o campo dos postulados e axiomas).

Os postulados (ou os axiomas) pertencem ao campo da para linguagem ⁽⁶⁾, portanto.

Assim, os autores ⁽⁷⁾ adotam os seguintes postulados:

1. A linguagem constitui um conjunto de conjuntos e gera um produto de produtos.
2. Dentro do conjunto, cada elemento revela o outro, ou é revelado por ele.
3. No signo transtotal, que é a cláusula, o período receptivo deve corresponder ao emissivo.

Como decorrência desses postulados aparecem os seguintes teoremas ⁽⁸⁾:

- 1) Teorema da dependência:

Numa estrutura, o conjunto tem a característica essencial do elemento independente. (Se é independente, é porque pode, eventualmente, representar sozinho a estrutura, por isso condiciona essa mesma estrutura).

2) Teorema da codependência:

Numa construtura (dependência recíproca), os elementos codependentes ocupam posições diversas e desempenham funções também diversas. Os elementos codependentes são diferentes (como é o caso da codependência entre Texto e Mensagem).

3) Teorema da independência:

Numa construção, a ordem dos elementos altera o conjunto.

4) Teorema da construtura:

Sempre que um conjunto puder ser demonstrado como uma construção, sob um ponto de vista, e como uma estrutura, sob outro ponto de vista, também poderá ser demonstrado como uma construtura. Portanto, sempre que houver relação de codependência (dependência recíproca), deve haver também uma construção e uma estrutura.

5) Teorema da igualdade:

Se um conjunto de elementos independentes puder ser substituído por um desses elementos, esses elementos do conjunto devem ser iguais.

6) Teorema da soma:

Se um conjunto de elementos independentes puder ser substituído por um elemento alheio ao conjunto, esse elemento alheio representa a soma dos elementos do conjunto.

7) Teorema da aderência:

Se um elemento de um conjunto independer de todos os outros elementos desse mesmo conjunto, cada um destes mesmos elementos depende individualmente do único elemento independente do conjunto, que passa a ser constituído pela soma de todas essas dependências, sem haver a soma dos elementos independentes, que estabelecem entre si uma relação de aderência entre elementos essencialmente independentes.

Numa estrutura, o conjunto tem a característica essencial do elemento independente. (Se é independente, é porque pode, eventualmente, representar sozinho a estrutura, por isso condiciona essa mesma estrutura).

2) Teorema da codependência:

Numa construtura (dependência recíproca), os elementos codependentes ocupam posições diversas e desempenham funções também diversas. Os elementos codependentes são diferentes (como é o caso da codependência entre Texto e Mensagem).

3) Teorema da independência:

Numa construção, a ordem dos elementos altera o conjunto.

4) Teorema da construtura:

Sempre que um conjunto puder ser demonstrado como uma construção, sob um ponto de vista, e como uma estrutura, sob outro ponto de vista, também poderá ser demonstrado como uma construtura. Portanto, sempre que houver relação de codependência (dependência recíproca), deve haver também uma construção e uma estrutura.

5) Teorema da igualdade:

Se um conjunto de elementos independentes puder ser substituído por um desses elementos, esses elementos do conjunto devem ser iguais.

6) Teorema da soma:

Se um conjunto de elementos independentes puder ser substituído por um elemento alheio ao conjunto, esse elemento alheio representa a soma dos elementos do conjunto.

7) Teorema da aderência:

Se um elemento de um conjunto independer de todos os outros elementos desse mesmo conjunto, cada um destes mesmos elementos depende individualmente do único elemento independente do conjunto, que passa a ser constituído pela soma de todas essas dependências, sem haver a soma dos elementos independentes, que estabelecem entre si uma relação de aderência entre elementos essencialmente independentes.

8) Teorema da inerência:

Dependem do puro acaso dos elementos independentes de um conjunto em que não se apliquem as relações de igualdade, soma ou aderência; (...) Se nenhum elemento revela outro elemento do mesmo conjunto é preciso que todo o conjunto se revele a si mesmo; neste caso, os elementos do conjunto são impostos pelo puro acaso e para eles vale a lei associativa.

9) Teorema do projeto:

Dependem da escolha mediante um critério comparativo os elementos abrangidos de uma ou outra forma pela relação de dependência (...) O teorema do projeto assegura que toda língua deva possuir o nível seletivo, em que os elementos, ainda os materiais do texto, sejam processivos, e, portanto, motivados pela função que hão de desempenhar (...) Numa língua não existem fatos isolados (...) Demonstrando que a língua é um projeto e provoca uma escolha, segue-se que a memória humana é chamada a cada passo para montar o projeto de cada um dos níveis seletivos. (Esta última explicação representa, já, um corolário (9)).

10) Teorema da economia:

Num conjunto de elementos, (...) cabe aos elementos independentes o gradativo aumento de carga informativa, enquanto os elementos dependentes impedem o desenvolvimento informativo (...) como o elemento dependente sempre garante a existência de outro, encontrá-lo deixa de surpreender, e toda carga informativa é sempre uma surpresa! O elemento independente, preservando a surpresa, sem a revelação de detalhes de outro elemento, carrega sempre uma carga informativa-gerando a progressão da estrutura.

Esses dez teoremas (com seus respectivos corolários) representam (ao nível de produção) a complexa rede de relações dos elementos (ao nível de produção) a complexa rede de relações dos elementos da língua, pois, como afirmava Hjelmslev, "descrever uma língua não é senão descrever o seu sistema de relações" (ou seja: de dependências internas, para empregar a terminologia do autor).

Assim, o que será apresentado a seguir, em termos de Semântica Construtural, será sempre deduzido dos respectivos postulados, enquadrando-se, conseqüentemente, em algum dos teoremas citados e, tendo-se em conta os seus corolários.

3.3. Construtura do Sinal

É fato aceito e indiscutível que temos signos dentro da linguagem. Como acontece, quase sempre, em uma pesquisa, o problema não está em denominarmos o objeto (ou o fato); o problema reside em descobrir-lhe as características, os seus elementos (Mattos, 1977, p. 19).

O signo ⁽¹⁰⁾ possui dois elementos conjuntamente ligados: o texto (ou significante total) e a mensagem (ou significado total) Tudo o que dissermos em uma língua será sempre (no mínimo) um Período. Por isso, o Período deve ser o signo total mínimo, composto de um texto e uma mensagem. Ao Significante parcial, chamaremos "termo" que, por sua vez, estará unido a um significado (também parcial) que denominaremos "teor" ⁽¹¹⁾.

Enquanto nenhuma dúvida nos oferece o significante, porque é algo material (sensável, permanente ⁽¹²⁾), o significado tem sempre se constituído em um percalço aos olhos dos pesquisadores, chegando alguns até a eliminar o seu estudo— como foi o caso de Bloomfield, Zellig Harris e, mais recentemente, André Martinet.

Sob um aspecto estático, esses pesquisadores tinham razão, pois, de acordo com este ponto de vista o significado será, sempre, "uma representação mental, baseada na memória" (Back & Mattos, 1972, p. 472). Mas, atuando o signo sempre no interior de uma cadeia fática, em que há um impulso e um objetivo a ser perseguido, ele se torna o veículo do diálogo e, por isso, deve prestar-se para distinguir os dados correspondentes constantes do ato de comunicação— estes dados representarão sempre a SITUAÇÃO. Portanto, "sob um aspecto dinâmico, o significado é a

associação entre o significante e uma situação cultural." (Back & Mattos, 1972, p. 472). Temos, então, agora dois elementos (ste. e situação) concretos (sensíveis é o termo), e não precisamos mais "adivinhar" o que está na mente dos comunicantes, pois, o receptor nunca adivinha, mas descobre o objetivo e o assunto, propostos pelo emissor mediante o signo." (Mattos, 1975, p. 18) ⁽¹³⁾

Resumindo as idéias apresentadas, temos no sinal:

- a) um elemento permanente, sensível-representado por uma cadeia fônica- SIGNIFICANTE; e
- b) um elemento imanente ⁽¹³⁾, insensível-representado pela dependência entre significante e situação - SIGNIFICADO ⁽¹⁴⁾.

O sinal lingüístico é, portanto, uma CONSTRUTURA ⁽¹⁵⁾, em que o significante (parte permanente) é a construção e o significado (parte imanente) é a estrutura-relação entre ste. e situação cultural.

3.4. Construtura do Significado.

A Lingüística Construtural admite três construturas ⁽¹⁶⁾:

- a) a do SINAL - o ste. determina o significado e o sdo. determina o ste. (relação de codependência);
- b) a do STE. - a melodia determina a tática e a tática determina a melodia (relação de codependência); e
- c) a do SDO. - porque o tema determina o assunto e o assunto determina o tema (relação de codependência).

O tema representa a construção do significado e o assunto a estrutura do significado. O tema e o assunto constituem a mensagem do texto.

O objetivo da comunicação é sempre determinado por um impulso. Já que nos comunicamos para viver, o objetivo primordial da comunicação humana deve ser a sobrevivência. O impulso se-

rá fornecido sempre pelo meio: necessidade de alimento, de carinho, de condições sociais melhores, etc. Distinguimos no impulso duas fases:

- a) Incentivo: impulso externo que leva o comunicante a transformar as suas necessidades em código; e
- b) Motivo : impulso interno que leva o comunicante à ação- motivado pelo estímulo do meio (incentivo).

O assunto é representado pelo próprio mundo, e a mensagem será representada pelo produto final. Assim, sob um aspecto de adequação entre assunto e produto, a mensagem será sempre verdadeira, independentemente das possíveis variedades de interpretação do mundo.

3.4.1. Mensagem.

Um impulso (um incentivo que é transformado em motivo), portanto, leva o EMISSOR A dirigir-se ao RECEPTOR. Examinemos o seguinte texto (17):

A- Quero um caixão para a minha sogra que morreu.

B- Pois, não. De quê?

A- De trombose.

B- Infelizmente, só temos de cedro e de pinho!

Um impulso levou o comunicante (A) a dirigir-se ao comunicante (B): necessidade de enterrar a sogra. De sua parte, o comunicante (B) ouve o comunicante (A) e pode atendê-lo, porque também possui um objetivo: prosperar (com a venda de caixões) Se esses dois objetivos (o do comunicante A e o do comunicante B) forem satisfeitos, a comunicação será frutífera. Caso contrário, ficará frustada.

Além do objetivo do EMISSOR (ponto de partida) e do objetivo do RECEPTOR (ponto de chegada), há uma carga, que se movimenta entre esses dois pontos: é o ASSUNTO. No caso deste pequeno diálogo de cunho humorístico, o ASSUNTO transmitido pelo comunicante (A) ao comunicante (B) foi "a compra". Ao conjunto do dois objetivos- o do comunicante (A) e o do comunicante (B)- denominamos TEMA. ASSUNTO e TEMA constituem a MENSAGEM.

Portanto, temos:

- (A) : enterro
 (a) um tema : (B) : lucro
 (b) um assunto: um negócio (em uma funerária)
 (c) uma mensagem (a+b): uma transação comercial de um caixão de defunto para que alguém enterresse a sogra. (18).

3.5. Estrutura do Significado.

A estrutura do significado é o assunto; o tema representa a sua construção (o alicerce sobre o qual é desenvolvido o assunto). Se o assunto é uma estrutura, deve ter elementos, em que um desses elementos seja o elemento independente (que eventualmente poderá representar sozinho toda a estrutura) e outros possíveis elementos- ligados a esse elemento por uma relação de dependência.

Pois bem: o assunto possui um elemento independente a que chamaremos TRAMA e dois outros possíveis LOGOS, sendo: PRÓLOGO- UMA introdução e EPÍLOGO- uma conclusão. A existência da trama não nos faz prever nem a existência do prólogo, nem a do epílogo. Portanto:

ASSUNTO= Trama || Epílogo (Prólogo)

(A trama independe do prólogo ou do epílogo)

Porém

ASSUNTO= Prólogo / Trama | Epílogo

(Assunto é uma estrutura em que o prólogo ou o epílogo revelam a trama).

O assunto possui duas classes: descritivo e narrativo.

O assunto é descritivo (ou uma descrição) quando nos apresenta apenas um momento: o de ser (ou de estar agindo). Esta classe de assunto permite dois tipos:

- a) objetivo: se guia pelo ente (a relevância fora do autor); e - O
- b) subjetivo: segue pela visão psíquica do autor (a relevância se encontra no próprio autor). - S

O assunto é narrativo (ou uma narração) quando nos apresenta dois momentos: o de estar agindo e o de ter agido; daí a dinamicidade da narrativa.

Como exemplos citamos (19):

- "Pensão Familiar" (Manuel Bandeira): Assunto descritivo (O)
- "O Enterro do Sol" (Cassiano Ricardo): Assunto descritivo subjetivo (S).
- "Serra do Rola-Moça" (Mário de Andrade): Assunto narrativo.

É claro que muito raramente um texto vai apresentar somente uma dessas classes de assunto: é o que acontece com os exemplos citados. Contudo, a predominância da classe nos dará o tipo de assunto.

3.6. Construtura do Período.

Já dissemos alhures que a Linguística Construtural admite três construturas: a do sinal, a do significant e a do significado. Por sua vez, a Semântica, que estuda somente o significado, admite as seguintes estruturas:

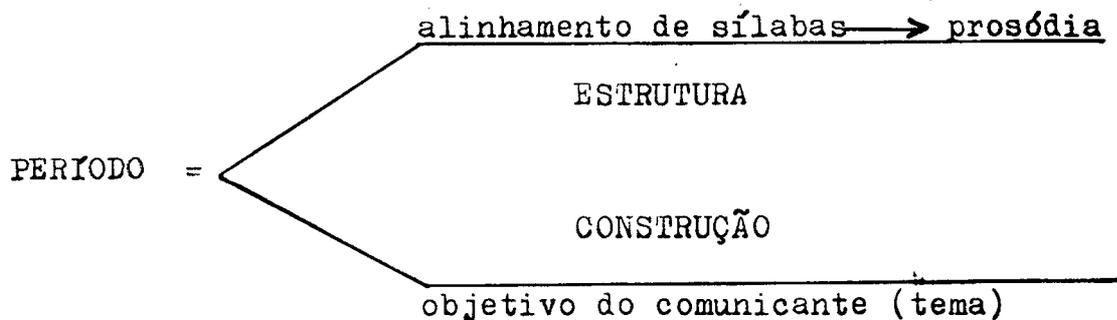
- (a) a do drama;

- (b) a da cláusula; e
(c) a do período.

O drama, conjunto de cláusulas, possui uma construção (tema) e uma estrutura (assunto), de que já tratamos.

Como o período é o elemento da cláusula e o mínimo significativo (i. é, carregado de mensagem) que alguém pode proferir em uma língua, importa-nos estudá-lo mais detalhadamente. Não queremos dizer que abaixo do período inexista o significado. Existe e já foi denominado de "teor". Acontece que o teor é sempre um significado parcial, porque lhe falta o tema: o teor só possui assunto. ⁽²⁰⁾ E se pensarmos que o significado conotativo provém do acréscimo de um objetivo, importando em repercussão no significado total (mensagem), basta-nos estudar o processo conotativo da mensagem para explicarmos o signo conotativo, mesmo tendo-se em conta que este valor possa, acidentalmente, provir de um teor conotativo.

O Período é, portanto, a última construtura semântica:



O alinhamento de sílabas nos fornece a vivência (21) --- seqüência fônica; e a prosódia nos fornece o propósito seqüência supra-segmental. É fácil de entendermos que podemos ter "seqüências fônicas" idênticas (vivências) e "seqüências supra-segmentais" (propósitos) diferentes. Examinemos os seguintes períodos:

- 3-----4
 - Depressa?? (período optativo)
 3-----1
 - Depressa. (período assertivo)
 (iiii)
 - Depressa!! (período jussivo)

Sob o aspecto fônico (da vivência) desaparecem as quatro classes de período ⁽²²⁾, porque desaparece a prosódia que as distingue: a qualquer classe corresponderá apenas uma vivência.

Despojado da prosódia, resta ao Período o conjunto de sentenças que o constituem (eventualmente, podemos ter somente uma sentença que será sempre a base). O significado de cada uma destas sentenças constituirá a vivência, portanto, a que chamaremos episódio.

A vivência se realiza sob a forma de trajeto, constituído pelos episódios.

3.7. Conceito de Trajeto Semântico.

Para haver trajeto deve haver necessariamente uma carga (primeiro elemento), uma origem (segundo elemento), um destino (terceiro elemento) e um percurso (quarto elemento) que se iguala à soma dos dois limites (origem e destino) entre os quais transita a carga. A cada episódio há de corresponder semanticamente um desses elementos.

Sabemos que a comunicação lingüística se realiza dentro da cláusula, conjunto de períodos. O emissor é sempre a origem e o receptor o destino: respectivamente os pontos de partida e de chegada da carga, os limites do trajeto. A mensagem de um período, portanto, é o seu trajeto semântico.

Assim, o trajeto é uma mensagem constituída por uma carga e dois limites e pode deslocar-se num tempo (T) ou num espaço (E) ⁽²³⁾.

Pela análise lexical do Período sabemos que cada um dos suplementos ⁽²⁴⁾ corresponde a um período subordinado. O

tes em todas as línguas) o português possui dois outros níveis intermediários: o da Sentença (elemento do Período) e o da Locução (elemento da Sentença), cujos significados se manifestam, também, através da forma de trajeto:

A empregada saiu de casa para a mercearia. (Sentença)
 Carga Fato Origem Destino

A saída da empregada de casa para a mercearia. (Locução)
 Fato Carga Origem Destino

Por isso, se explicam sentenças, lexicalmente distintas, como equivalentes:

O menino deu um doce para a menina.
 Origem Fato Carga Destino

A menina recebeu um doce do menino.
 Destino Fato Carga Origem

A carga é a mesma: um doce; a origem é a mesma: o menino; o destino é o mesmo: a menina. Conseqüentemente o trajeto é o mesmo e o significado é igual.

A doação dos livros pela proprietária à biblioteca. (locução)
 Fato Carga Origem Destino

Se compararmos este trajeto locucional com o da sentença correspondente, veremos que a identidade se mantém, mesmo através de formas diferentes:

A proprietária doou os livros à biblioteca. (Sentença)
 Origem Fato Carga Destino

Esta identidade nos traz a idéia de valor, necessário para o cálculo lógico, ou matemático.

Como o XXV UNIVERSAL LINGÜÍSTICO admitido pela Lingüística Construtural, é citada a "Presença da Lógica Simbóli-

ca"- consequência do trajeto semântico depreendido dos recursos clausulares:

"(...) cumpre-nos provar que a linguagem permite o raciocínio, produto puro da comunicação, e conquistado esse raciocínio, leva-nos à descoberta da lógica, igual e possível em todas as culturas à vista do primeiro propósito deste trabalho (de que a linguagem se constrói e se estrutura dentro dos mesmos critérios... tornando ilusórias as diferenças, como se as línguas se assemelhassem às raças humanas). De modo nenhum afirmamos que os mandamentos da lógica dependem da linguagem; concluimos apenas que a sua descoberta se deve à linguagem. É como a criança que descobre a relação entre a luz da sala e o interruptor da parede porque existe a luz e o interruptor. A linguagem é essa luz e esse interruptor, com que alcançamos a lógica, (...) E, por isso, a chamamos de lógica linguística." (30)

Como o assunto aqui é a linguagem (e não a língua) é certo que existe lógica-humana, é claro! - porque existe linguagem: é uma lógica que parte da linguagem e se fundamenta nela. O filósofo que alerta os seus leitores contra os erros da linguagem, está simplesmente cometendo um equívoco: a linguagem é lógica, os falantes é que nem sempre são lógicos! A linguagem, portanto, não pode responder pelos erros exclusivos do falante que não a maneja logicamente.

Vejamos, a seguir, alguns axiomas da Lógica que se aplicam na linguagem, repousando num raciocínio permitido pela linguagem e comprovado pelos fatos.

Além da sinonímia, que se apóia na Lei da Identidade de Leibniz e da teoria dos conjuntos e classes, temos o próprio conceito de verdade- fundamental para a lógica- que se retira mediante relações contidas na própria linguagem.

Vejamos!! Cada fato possui duas alternativas, reveladas pela cláusula:

- A empregada saiu??
- ↳ Sim. (=A empregada saiu)
- Não. (=A empregada ficou)

Um fato, portanto, é verdadeiro ou falso, na dependência de ter acontecido, ou não. Dois fatos são verdadeiros ou falsos, se puderem encaixar-se num trajeto. Vejamos os dois fatos seguintes:

<u>Choveu.</u>	<u>Alguém se molhou.</u>
Fato A	Fato B

encaixados num trajeto:

<u>Se choveu,</u>	<u>alguém se molhou.</u>
Origem	Carga

Como o fato A é necessariamente anterior ao Fato B, o fato A representa a origem do fato B: trata-se de uma verdade em todas as culturas- verdade transcultural (base das ciências).

Agora consideremos estes dois outros fatos:

<u>Está de saia.</u>	<u>É mulher.</u>
Fato A	Fato B

com o seguinte trajeto:

<u>Se está de saia,</u>	<u>é mulher.</u>
Origem	Carga

O fato A é anterior ao fato B: é a sua origem. Precisemos: não estamos insinuando que "saia" seja anterior a "mulher". Dissemos que o fato A depende do fato B: trata-se de uma verdade cultural- em alguma cultura esta relação não é verdadeira. (pense na cultura escocesa, por exemplo!)

Duas conseqüências importantíssimas nos advêm des-

te conceito de trajeto: a origem é uma condição e o destino é uma consequência. Consideremos as duas possibilidades: |

Alagando a planície, a chuva desabrigou os moradores.

Origem
(Condição)

A chuva alagou a planície, desabrigando os moradores.

Destino
(Consequência)

Ainda, segundo o princípio de identidade, conseguimos explicar o fenômeno da metáfora ⁽³¹⁾, mediante uma igualdade linguística gerada na cláusula:

A = C

B = C, então

A = B

Exemplificando:

Se é mar de rosas, é bom (tranquilo).

Com vida de Fulano de Tal, tranquilidade. Portanto

A vida de Fulano de Tal é um mar de rosas.

E podemos dizer:

"A vida de Jó Joaquim era um mar de rosas."

Mediante a correspondência negativa, gerada pela desigualdade (ainda no interior da cláusula) chegamos à metonímia e à sinédoque. Esta relação aparece também no trajeto semântico: a origem é anterior à carga (como vimos) e, portanto, diferente da carga. Como veremos adiante, a metonímia emprega o fato anterior pelo posterior e a sinédoque, o fato posterior pelo anterior.

Se está de saia, é mulher.
fato anterior fato posterior
 (origem) (consequência)

"Gosta um bocado de saia." (metonímia)

Se há alimento, há energia.
fato anterior fato posterior
 (origem) (consequência)

"NESCAU: energia que dá gosto." (sinédoque)

A alegoria, o quarto tropo que focalizaremos em nossa pesquisa, também é uma decorrência do trajeto semântico, em que ocorre uma superposição de trajetos, aparecendo-nos um acúmulo de situações.

Conclusões.

1. O CONSTRUTURALISMO se afasta do ESTRUTURALISMO nos seguintes pontos:

- emprega o método dedutivo (vai das formas maiores aos menores elementos);
- valoriza a semântica- desprezada pela maioria dos estruturalistas, ou estudada com base na léxica por outros;
- conceituada, ou seja conceitua sistema como um conjunto de elementos constantes- discordando de Saussure de que "na língua não existem senão oposições";
- a língua não representa somente um amontoado de dados, mas possibilidades abertas ao falante de "criar, sempre, novos vocábulos e dar sopro aos já exaustos" (Carlos Drummond de Andrade). O estilo (e, por sua vez a Estilística) se encarrega desta última parte;

2. CONSTRUTURALISMO se opõe ao TRANSFORMACIONALISMO nos seguintes aspectos:

- o ponto de partida é arbitrário- nem tudo na

língua pode ser obtido a partir de "sentenças básicas", através de transformações- nem tudo na língua é transformação e nem toda transformação é língua;

- desenvolve (dedutivamente) as formas maiores até chegar aos elementos menores com base na Comunicação- enquanto que p TRANSFORMACIONALISMO produz um desenvolvimento dedutivo das "sentenças básicas" para chegar às "derivadas" (por meio de transformações daquelas);
- As "estruturas profundas" representam a construção do trajeto semântico; as "estruturas de superfície" são estruturas articulatórias, compostas por signos imediatos (elementos significantes em si) e que devem ser explicadas a) como significantes e b) como portadores possíveis de "estruturas profundas" diversas, pois o sinal é convencional (i. é tanto o significante, como o significado são convencionais);
- insistência na teoria do signo, com base na Comunicação vocal- o TRANSFORMACIONALISMO abandonou essa teoria;
- como consequência importante da convencionalidade do sinal- o código deve ser aprendido e a língua se torna, então, um conjunto de hábitos e não uma espécie de padrão genético (inato).

3. O conceito construtural de linguagem aplica-se a qualquer linguagem vocal (linguagem humana), por conseguinte permite o estabelecimento dos chamados UNIVERSAIS LINGÜÍSTICOS - fatos comuns a todas as línguas (32).

Finalizando, deixamos a palavra com os professores Back & Mattos, os criadores do CONSTRUTURALISMO (33):

"Não admitimos como cientificamente legítima uma técnica adequada para a descrição das línguas, quando os postulados não são adequados. Que adianta o procedimento ser científico, se as bases não o são! Descrições de língua sem postulados adequados jamais espelham os fatos reais da linguagem. Por que fazer uma descrição em bases binaristas, se a língua não funciona sobre bases binaristas? Por que fazer uma descrição transformacionalista, se as estruturas

da língua não são o resultado de transformações?"

|

NOTAS

(1) Back, Eurico & Mattos, Geraldo.
Revista Construtura - Revista de Linguística, Língua e Literatura.
 São Paulo, FTD, ano 1, nº 1, p. 1.

(2) Quanto à terminologia empregada na Linguística Construtural, já que os autores não se filiaram a nenhuma das correntes existentes (embora admitam certa afinidade com Saussure, Hjelmslev e Pike), propondo, por conseguinte, rumos totalmente novos, essa mesma terminologia está ao abrigo de quaisquer críticas epistemológicas e/ou onomasiológicas. Aliás, é o que acontece com Chomsky (e com todos os inovadores) que faz questão de frisar o seu descompromisso com termos como "sujeito", "predicado", "objeto", etc.

Ou os antigos termos permanecem e são redefinidos, ou desaparecem (dando lugar a outros totalmente novos). Sobre esse problema, os autores Back & Mattos já responderam a críticas feitas a respeito, bastando para tal consultar a revista CONSTRUTURA.

- Ano 2, nº 1, pp. 74 e 75

- Ano 2, nº 2, pp. 136-139

- Ano 2, nº 4, "Nossa Resposta" (Eurico Back), pp. 318-322.

(3) Aliás, é um objetivo que se deve propor uma teoria semântica: objetivo este que também é compartilhado por autores, como Leech, Ruwet, Chomsky e outros linguistas da atualidade.

(4) Alguns autores, como Hjelmslev, acham desnecessário falar-se em AXIOMAS, já que os mesmos, sendo imotivados, deverão constituir um corolário natural da linguagem, dependendo das relações adotadas.

(5) "Se construimos uma pesquisa formal e observamos que determinado postulado ou axioma nunca se emprega para fins de comprovação de teoremas, devemos abandoná-lo, (...) porque deixou de ser pertinente (ou adequado) ao assunto da mesma pesquisa. Por outro lado, se pudermos demonstrar algum postulado ou axioma mediante o confronto de teoremas já conquistados, devemos mudá-lo para o campo dos teoremas; ao contrário, teoremas indemonstráveis devem transformar-se em postulados ou axiomas. A ciência constrói-se às apalpadelas, por ensaio e erro." (Mattos, Geraldo. Curso de Linguística Matemática - monografias de semiótica e linguística. São Paulo, DIFEL, Sociedade Brasileira de Professores de Linguística, 1977, p. 42)

(6) "... a Linguística já pressupõe a existência da metalinguagem. Assim, a linguagem é um primeiro nível, a metalinguagem é um segundo nível e, conseqüentemente, a paralinguagem constituirá um terceiro nível (...). A paralinguagem e a linguagem são linguagens finais, enquanto a metalinguagem é uma linguagem medial; a metalinguagem da lógica equivale à paralinguagem das outras ciências (ou teorias). Comparada com a paralinguagem das outras ciências, a paralinguagem da lógica seria uma linguagem de quarto nível, porque a lógica é a ciência precedente de todas. Chamamos ortolinguagem (linguagem verdadeira) à paralinguagem da lógica (...):

- a) a linguagem é o instrumento primário do conhecimento;
- b) a metalinguagem é a linguagem executiva do conhecimento;
- c) a paralinguagem é a linguagem lógica do conhecimento;
- d) a ortolinguagem é a linguagem precedente do conhecimento."

(Mattos, Geraldo. Curso de Linguística Matemática- monografias de semiótica e linguística. São Paulo, DIFEL, Sociedade Brasileira de Professores de Linguísticas, 1977, pp. 16 e 17.).

(7) Mattos, Geraldo. Visão Linguística do Conhecimento São Paulo, Edição Hors Commerce, Sociedade Brasileira de Professores de Linguística, 1975, p. 117.

(8) Mattos, Geraldo. Curso de Linguística Matemática, 1977, pp. 44-54.

(9) Cf. Mattos, Geraldo. Curso de Linguística Matemática, 1977, p. 42 para a conceituação de corolário |:

"Chamaremos corolário a cada uma das afirmações, que decorrem de algum teorema. O corolário pode ser comprovado com um único teorema ou com um complexo de teoremas. (...) esclarece muitas minúcias da existência dos elementos abrangidos pela relação que gerou o teorema, distinguindo-os e caracterizando-os."

(10) O termo "signo" se refere aqui, mais especificamente, a "sinal"-signo convencional, imposto pelo grupo ao indivíduo, pertencente a um código discreto, articulado com sinais exclusivamente vocais (linguagem), portanto linguístico. Isto não quer dizer que não possamos aplicar a teoria a qualquer outro tipo de signo, como aos indícios ou às figuras.

(11) TEXTO e MENSAGEM constituirão o CONTEXTO (mediante uma relação de codependência); sendo que texto é o signi-

ficante total e mensagem, o significado total.

(Texto = a cadeia fônica proferida pelo emissor ou pelo receptor num diálogo).

Mensagem (sdo, total) é sempre a associação entre um texto e uma situação.

Termo é o ste. parcial e teor, o sdo. parcial. A reunião de termo + teor nos dará o CONTERMO (mediante uma relação de codependência).

(Termo = recorte do texto; e o teor é a associação entre o recorte do texto e o recorte da situação).

(Back & Mattos. Revista CONSTRUTURA, Ano 1, nº 1, p. 46)

(12) O termo "permanente" significa " que pode ser percebido por aqueles que não conhecem as regras do jogo (o código)"

- Back & Mattos, Revista CONSTRUTURA Ano 1, nº 1, p. 40.

"Com esse conceito de significado, não só o surpreendemos objetivamente, mas ainda podemos analisá-lo cientificamente, embora outros pesquisadores não tenham encontrado uma técnica adequada para aproveitar-se deste conceito, conforme nos afirma Adam Schaff, para quem o nosso conceito se limita à criança que aprende a língua nativa e ao adulto que aprende a língua estrangeira (1968, 292):

"mas aqui termina a aplicação da teoria associacionista aos signos verbais. Todas as tentativas de interpretar o significado de palavras em termos dessa teoria resultaram em completo fracasso."

Acontece apenas que não se trata do fracasso da teoria, mas do fracasso dos teorizadores, que não descobriram as necessárias técnicas para o aproveitamento de uma idéia já velha, e por isso mesmo desprezível a olhos modernos." (Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo. FTD. 1972, p. 472).

(13) "Imanente é o que se refere à organização do código, e é o que está por dentro e não é percebido pelos estranhos.

(...) Poderíamos comparar o sinal (signo lingüístico) com o ser humano: imanente é a alma (para quem não acreditar na existência da alma o "espírito", a "mente" ou a "vida") e permanente é o corpo;

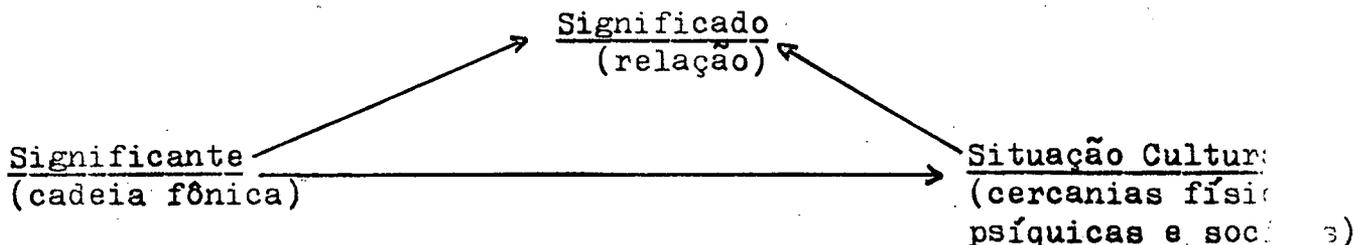
(...) o corpo pode ser visto, percebido por todos e até estudado em sua anatomia", mas a alma não. (Back & Mattos. Revista CONSTRUTURA Ano 1, nº 1, p. 40).

(14) Os conceitos de Saussure (em que pese seu grande valor no campo da Lingüística), Ogden e Richards são lingüisticamente falhos, por conseguinte sem valor. Vejamos!!

Significante ————— Significado ————— Referente
 (cadeia fônica) (representação mental) (ente)

(Ogden & Richards)

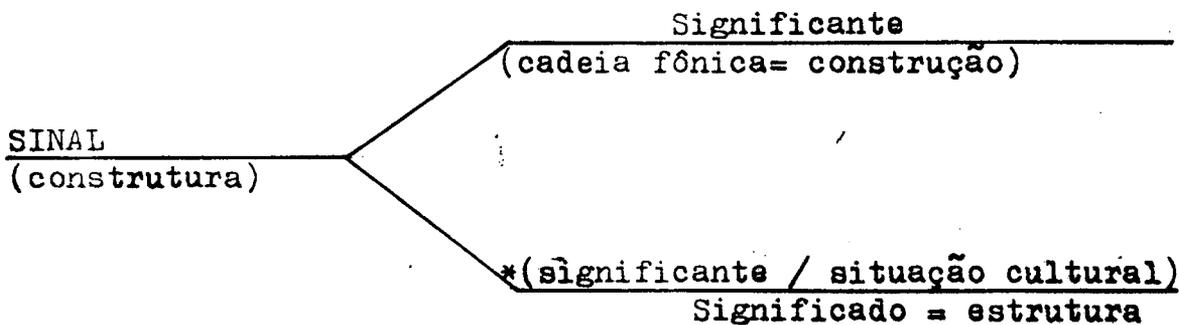
- Obs.: 1) Embora os autores tenham atacado violentamente a teoria do "velho lingüista" (Saussure), essencialmente continua a mesma idéia: o sinal une um conceito mental e uma imagem acústica.
- 2) O sinal e o ente vem separados por meio de uma atividade psíquica (pensamento, conceito), invadindo assim o campo psicológico.
- 3) Esta representação poderia ser melhorada assim:



Vejamos agora o conceito de Saussure:

SINAL = significante (imagem acústica) +
 significado (conceito- representação mental)

- Obs.: 1) Esta representação é falha pelas mesmas razões da de Ogden & Richards: como podemos atingir o que se passa dentro do nosso cérebro?? E caímos novamente no Mentalismo
- 2) Melhorando o conceito do "velho lingüista", temos:



(*) o significante prevê, determina, uma situação cultural (/); o contrário pode não ser verdadeiro: é uma dependência unilateral em que o

primeiro elemento (o significante) determina o segundo (situação cultural). Cf. Back & Mattos. Revista CONSTRUTURA Ano 1, nº 1, p. 53.

(15) "A construtura é uma forma em que os elementos estão em codependência (//) e um deles é a construção e o outro é a sua estrutura, daí CONSTRUTURA = construção + estrutura. A construção é a parte permanente; a estrutura é a parte imanente", porque brota sempre de uma relação. (Back & Mattos. Revista CONSTRUTURA Ano 1, nº 1, p. 53).

(16) Cf. Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, p. 490.

(17) Texto retirado do "Almanaque Iza", Porto Alegre, 1979, p. 13.

(18) Não podemos afirmar que a comunicação, aqui, ficou frustada, pois, provavelmente o comunicante (A) retornou à carga, explicando que de trombose havia morrido a sogra e não representava o tipo de caixão, mas sim uma doença. De qualquer forma, houve uma quebra de isotopia no plano do discurso- daí o cunho humorístico e o desfecho totalmente inusitado do diálogo!

(19) Cf. Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, pp. 500-502.

(20) "Existe o teor, que é um sdo. parcial, sem objetivo, obtido com um recorte textual associado ao situacional." (Mattos, 1975, p. 36)

(21) "Vivência é o período despojado da prosódia..." Em outras palavras: vivência é o significado fônico do período. (Cf. Back & Mattos, 1972, p. 532).

(22) Os números indicam os tons (prosódia) dos períodos, numa escala convencional de 0 a 5 - do tom cavo (0) ao agudíssimo (5). De acordo com a prosódia, distinguimos os seguintes tipos de período:

- Venha cá !! (período Jussivo com intensidade (,,,,))
- Você não fez a lição?? (3---4 : período Optativo)
- Quem não fez a lição? (4----3 : período Interrogativo)
- Ninguém fez a lição. (3-----1 : período Assertivo)

(*) Os tons 0, 2 e 5 ficam reservados para variantes prosódicas.

(23) Daí as designações:

Origem Temporal (OT) e Origem Espacial (OE);
Destino Temporal (DT) e Destino Espacial (DE);
Percurso Temporal (PT) e Percurso Espacial (PE);
Limite Temporal (LT) e Limite Espacial (LE).

(24) Sobre Suplemento e Base ver Back & Mattos, Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, pp. 135-165.

Resumindo, poderíamos dizer que:

- a) Base: é o elemento independente do Período- o Sol, da estrutura e possui prosódia específica da classe de Período a que pertence (ver nota nº 22).
- b) Suplemento: é o elemento dependente do Período- o Planeta da estrutura e possui sempre uma prosódia com variantes; representa sempre um Período Subordinado.

(25) Back & Mattos, 1972, p. 536.

(26) "São circunstâncias os elementos que necessitam de comparação. Os termos lentamente e rapidamente estão dentro da situação, mas não se deixam recortar porque dependem de comparação com outra situação (...) as instâncias" cobrem um recorte da situação, enquanto as circunstâncias "percorrem" um recorte da situação, porque assinalam determinado teor, mas exigem a vista de outro teor (...)

O trajeto da Sentença (elemento de que é constituído o Período) é constituído pelo fato, pelas instâncias e pelas circunstâncias." (Back & Mattos, 1972, 554). →

Exemplos:

A fada transformou a moça de borralheira em princesa.
A F C O D

(Temos aí quatro instâncias, um fato e nenhuma circunstância).

O jogador avançou lentamente o peão da segunda para a 3ª fila.
(rapidamente)
A F Circ. C O D

(Temos, neste exemplo, quatro instâncias, um fato e uma circunstância).

(*) A = agente (não confundir com "algo que realiza a ação")
(assistente)

(27) "Aparece-nos um trajeto espacial completo, acrescido de um percurso da escolha do comunicante. Nesse caso, se ficam esgotadas as instâncias e as circunstâncias espaciais e

temporais, a escolha recai sobre uma circunstância nocional (nem espaço, nem tempo), implicando na idéia de agente, que tem perturbado constantemente o conceito de sujeito." (Mattos, 1975, p. 152).

(28) Mattos, 1975, p. 153.

(29) As conseqüências aqui expostas acham-se catalogadas em CONSTRUTURA Ano 1, nº 1, pp. 104 e ss. como o XXI UNIVERSAL LINGÜÍSTICO: Recurso Clausulares, dentro os XXV arrolados pela Lingüística Construtural.

(30) " (...) cumpre-nos provar que a linguagem permite o raciocínio, produto puro da comunicação, e conquistado esse raciocínio, leva-nos a descoberta da lógica, igual e possível em todas as culturas à vista..." (Mattos, Geraldo. Revista CONSTRUTURA Introdução à Lógica Lingüística, Ano 1, nº 4, p. 319).

(31) Assunto que será desenvolvido no decorrer da pesquisa, porém, sempre com base nesses princípios!

(32) Back & Mattos, Revista CONSTRUTURA Ano 1, nº 1, São Paulo, 1973, pp. 104-113: a Lingüística Construtural admite XXV UNIVERSAIS LINGÜÍSTICOS.

4. Conceituação de Figura (Tropo)

4.1. Introdução.

"Infeliz daquele que não possui a coragem de juntar dois vocábulos que jamais foram reunidos."

(Vale Inclan)

Esta assertiva de Inclan nos chama atenção para o aspecto criativo da língua, o entranhamento de elementos "origina_{is}", pois os elementos "constant_{es}" provêm da própria organização da linguagem. E como a língua não se limita a traduzir pensamentos, ela os cria, através da aplicação reiterada de regras (Lopes, 1976) é preciso que descubramos essas regras ou mecanismos que se encontram na base da criatividade humana, descrevendo-os coerente e exaustivamente.

Os princípios em que nos basearemos para fundamentar a nossa pesquisa são os seguintes, defendidos por Hjelmslev e ratificados pela Linguística Construtural;

- (a) não-contradição;
- (b) exaustividade; e
- (c) simplicidade (ou elegância, se empregarmos a terminologia de Chomsky) (1)

Esses princípios devem ser ordenados segundo a ordem de citação, i. é, a não-contradição deve prevalecer sobre a exaustividade e a simplicidade; e a exaustividade, sobre a simplicidade (ou elegância). Isto quer dizer que a exaustividade e a simplicidade poderão ser sacrificados em favor da não-contradição; ou, a simplicidade em favor da exaustividade.

Como decorrência do princípio (a), o método utilizado deve ser dedutivo (2), que concebe a verdade como adequação

interna: a dedução depende da evidência do primeiro fato e é impe-
cável em suas conclusões (Back & Mattos, 1972, 475).

A metalinguagem que adotamos para o nosso estudo repousa no molde da CONSTRUTURA e se completa com um corpo de definições deduzidas dos postulados que assentam na função primordial da linguagem, ⁽³⁾ a comunicação.

Como axioma central de nossa pesquisa comungamos a idéia de que existe um processo subjacente a toda comunicação, inevitável e decorrente do próprio instinto agregatório da espécie humana, determinando certos impulsos universais, como a sede, o amor, a fome e a sobrevivência, que condicionam objetivos também universais. Esses objetivos (em sua quase totalidade) nos levam a atividades interpessoais- resultando daí a necessidade de comunicação.

Em nossa pesquisa semântica trataremos de certas possibilidades (potencialidades) de que dispõe o falante (o emissor) para se comunicar com o seu interlocutor (o receptor)- por isso dirá respeito ao ESTILO também, enquadrando-se, portanto, na ESTILÍSTICA ⁽⁴⁾. E, na Estilística, ficará restrita à ESTILÍSTICA SEMÂNTICA, que trata daqueles recursos empregados pelo emissor (desde a palavra até o drama) para influenciar o receptor (ou a si mesmo), mediante a análise da situação e sintetizando o período correspondente; (sob o ponto de vista semântico, a cena corresponde).

Portanto quando um falante (emissor) se manifesta lingüisticamente poderá trazer novidades, "algo jamais visto ou ouvido": surge então o campo do estilo. Pode-se dizer que o estilo é um processamento de dados e que a Estilística- que examina o estilo- é que determina os melhores dados (ou os mais adequados) da língua, justificando a razão de determinada escolha entre tantas possibilidades oferecidas ao falante.

A língua é anterior ao estilo: é preciso haver dados para podermos pensar numa seleção de dados. O estilo depende

da língua, então. Carlos Drummond de Andrade disse, referindo-se ao estilo:

"É o poder da voz inventando vocábulos novos e dando sopro aos exaustos."

Para os antigos (5), estilo era a maneira própria de escrever, e constituiu o objeto da Retórica—arte de expressão literária e instrumento crítico.

Para Novalis, um dos criadores de termo estilística, Estilística e Retórica se confundem.

Após examinar as diversas acepções de estilo e apontar as dificuldades metodológicas para se realizar uma estilística, conclui Guiraud (6):

"A multiplicidade desses pontos de vista que se entrelaçam, se recortam e se contaminam, acabou abrangendo todo o campo da expressão, e não existe fenómeno lingüístico ou literário que não possa invocar a estilística para justificar alguma das suas definições."

E finaliza o mesmo autor (7):

"É indispensável, em primeiro lugar, colocar novamente a noção de estilo em sua perspectiva histórica, para poder examinar de que maneira a estilística se vai destacando lentamente de uma hereditariedade que ainda a mantém, em parte, prisioneira."

Desde as pesquisas estilísticas de Guiraud até a presente data já se passaram vinte e cinco anos e, no estágio atual do desenvolvimento lingüístico, a ESTILÍSTICA já se firmou como uma disciplina necessária, adotando um objeto de estudo e emprestando ou servindo-se, sempre, das técnicas e dos avanços da Lingüística; portanto ela já se "destacou de uma certa hereditariedade" clássica. Contudo, será sempre útil e ilustrativo nos reportarmos à antiguidade clássica, principalmente tratando-se dos tropos (figuras), senão por outra razão, somente por uma questão histórica, de seqüência expositiva.

"Pertence à DOXOLOGIA (8) a análise do significado, concluindo pela diversidade da mensagem, do teor e do conceito."

Portanto, em última análise, somos de opinião que as figuras, tais como a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a alegoria, pertencem, antes de tudo, à linguagem. Por isso, esses mecanismos lógicos são potencialidades da língua e podem manifestar-se nos vários tipos de DISCURSO e mais frequentemente (??), mas não exclusivamente, no DISCURSO LITERÁRIO. O que acontece, e devemos levar em conta, é que uma "metáfora" no DISCURSO PUBLICITÁRIO, por exemplo, não tem e nem poderia ter o intuito e/ou o valor estético de uma metáfora que ocorre no DISCURSO LITERÁRIO!

Destarte, como demonstraremos no decorrer da dissertação, esses mecanismos não são privilégios literários e, portanto, a orientação do presente trabalho não deixará de permanecer linguística para adentrar os domínios da Literatura, que toma emprestados esses artifícios à língua, sem jamais pretender monopolizá-los como exclusivamente seus, como pensam alguns.

Segundo Jean Cohen (9), "a retórica deve ser acusada de não ter sabido explicar a estrutura, ou melhor, a organização interna daquilo que chamamos figura." Isto se deve segundo Cohen (idem, ibidem), "ao desconhecimento pela retórica, dos dois eixos da linguagem: o sintagmático e o paradigmático."

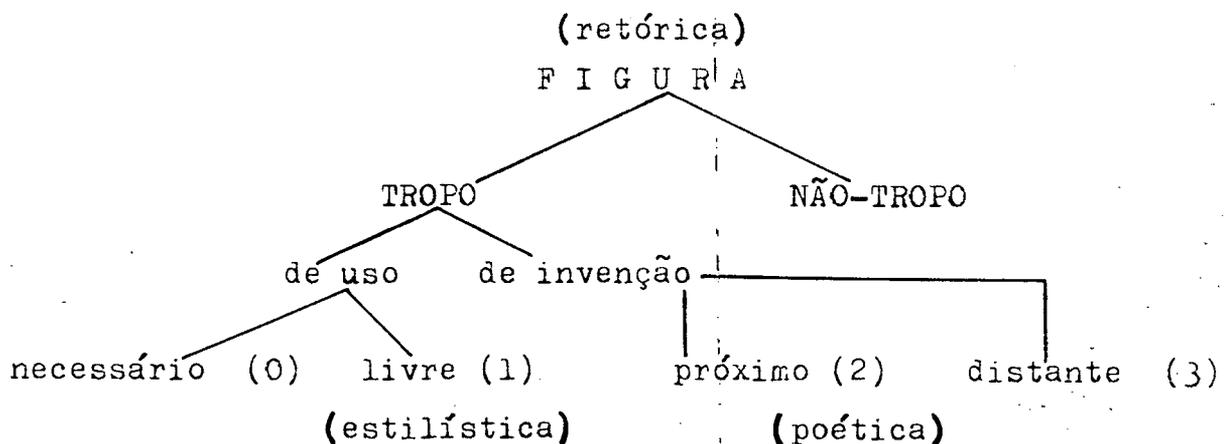
"A figura foi tradicionalmente definida pela retórica como um distanciamento em relação ao uso" (idem, ibidem). Daí, cairmos na ilusão generalizada de que não existem figuras na linguagem cotidiana, ou seja nas expressões muito empregadas. Aí, entram vários equívocos:

1. Figura, há! O que não há, no caso, é criação ou seja valor estilístico.
2. O uso não deve ser, e nunca foi, critério para a conceituação de figura.
3. A oposição "usual ~ não usual" deve ser substituída por outra, segundo Gérard Genette (10), que seria "necessidade ~ liberdade". Explicamos: não é porque uma expressão tornou-se familiar, ou muito frequente, que se lhe deva

destituir a noção de figura. Devemos atentar para o seguinte ponto: "a expressão representa uma imposição da língua" (11), como no caso da catacrese (12) ou, embora possuamos outra expressão correspondente, preferimos empregar essa mesma. Por isso, embora seja inegável e patente um "sentido figurado" numa expressão como "pés da mesa", (ou "braço de cadeira") temos de concordar que são as únicas possíveis para expressarmos tais teores, não havendo a liberdade de escolha.

Como decorrência lógica de nosso conceito de ESTILO, não serão tidas como relevantes as expressões catacréticas, ou as que não permitirem uma escolha por parte do falante, pois o estilo é justamente marcado pela escolha pessoal (liberdade). Enquanto que as expressões como "Você é uma tartaruga", "Ela é uma anjo", "Aquele menino é um doce" representam sempre uma escolha (malgrado sejam citações rotineiras dentro do DISCURSO) por parte de quem as emprega, pois existem outras que poderiam substituí-las nos referidos contextos, dependendo da vontade do falante.

Com respeito ao que foi dito (concernente às figuras) será de importância transcrevermos o gráfico elaborado por Fontanier (13), que visualiza os diversos "graus de distanciamento". No caso citado de "catacreses" ("imagens mortas" de que fala Bally) estaríamos no "grau zero" do distanciamento; as "figuras de uso" (14) livre, pelo contrário, constituem o "distanciamento de grau um". Vejamos, então, o referido gráfico:



Portanto, continua Cohen ⁽¹⁵⁾, "ao estudo do sub-código constituído pelas "figuras de uso" proporemos a denominação de Estilística ⁽¹⁶⁾, reservando o nome de Poética para as "figuras de invenção", que têm o grau máximo de distanciamento, já que, por definição, elas são utilizadas apenas uma vez, abrangendo a Retórica o conjunto de figuras."

O desenvolvimento que daremos às figuras (tropos) se baseia no trajeto semântico, desenvolvido pela Linguística Construtural e depreendido dos recursos clausulares. Para isto, cumpre-nos também, estudar o trajeto cultural da palavra, "que é a forma semântica de maior vitalidade e maiores recursos estilísticos". (Back & Mattos, 1972, 825). Isto quer dizer teremos de apelar novamente para a estrutura liminar ⁽¹⁷⁾ (estrutura em que há a possibilidade de uma forma prever a outra), para determinarmos o trajeto cultural em que a forma se encontra.

Portanto, a estrutura liminar nos revelará o aproveitamento estilístico dos recursos plurívocos da palavra. E, pela estrutura liminar, chegamos aos conceitos de metáfora, metonímia e sinédoque.

A estrutura liminar baseia-se em "axiomas da Lógica que se aplicam na linguagem, repousando num raciocínio permitido pela linguagem e comprovado pelos fatos." (Cf. p. 74- Semântica Construtural).

A alegoria, que também será estudada pela ESTILÍSTICA SEMÂNTICA (que toma um elemento semântico e altera-lhe o significado), também se realiza no trajeto semântico, mediante uma superposição de trajetos, onde nos aparecem um acúmulo de situações.

Aqui foram esboçados, portanto, alguns dos problemas que pretendemos desenvolver sobre o assunto nas páginas que se seguem.

Segundo as observações feitas, tomamos a parte das figuras designadas por tropos (segundo alguns e conforme o gráfico

co de Fontanier); e dos tropos, só trataremos da "metáfora", da "metonímia", da /sinédoque" e da "alegoria" porque acreditamos que os chamados TROPOS se resumem praticamente nestes, sem que com isto icorramos, no pensar de Hênio Tavares (18), "na trilha de muitos tratadistas que perfilham uma solução cômoda e simples."

A nossa dissertação dirá, enfaticamente, respeito ao discurso publicitário, tema importante da pesquisa. Faremos aluções, porém, aos outros campos de emprego dos referidos tropos, como sejam o discurso literário e o discurso vital (ou cotidiano; ou, familiar- segundo o Inglês).

Façamos, a seguir, uma viagem através dos tempos, focalizando o tratamento dado a esses mecanismos pelos antigos (ainda no tempo da Retórica Clássica), culminando no amontoado de conceitos e opiniões hodiernas que se espalham em livros e mais livros, chegando alguns até a anunciar o renascimento da Retórica!

4.2. Conceito Clássico.

Segundo um levantamento cronológico feito pela revista francesa COMMUNICATIONS (1970, nº 16) (19) a retórica já era ensinada na Sicília no século V a.C. (480- 460). Depois, ainda em 427 a.C., tivemos uma retorificação da prosa por Górgias. Mas foi no século IV a.C. com Aristóteles (principalmente) e também com Platão (em seus "diálogos" CRÁTILLO, PEDRO e GÓRGIAS) que tivemos os conceitos da Retórica Antiga, inspiradores de toda a retórica posterior, pois todos os elementos didáticos que alimentam os manuais clássicos vêm de Aristóteles.

Aristóteles escreveu dois tratados sobre os fatos do discurso, mas ambos são distintos: a "Techne Rhetorike", que trata da comunicação cotidiana, do discurso em público; e a "Techne Poietike", que é uma arte de evocação imaginária. No primeiro caso, nos aparecem normas que determinam a seqüência progressiva do discurso, mediante o encadeamento lógico das idéias; no segundo caso, nos aparecem as normas que devem ser seguidas para o

desenvolvimento da obra, mediante o encadeamento lógico de imagens.

Ambas representam para Aristóteles, duas "technai" autônomas, dois caminhos específicos: um retórico, outro poético. É justamente a oposição desses dois sistemas que define a retórica aristotélica. Quando a Retórica e a Poética se fundirem, neutralizando-se a oposição, deixará de existir a retórica aristotélica para dar lugar a uma "Techne POÉTICA" (de criação) - sendo o caso da retórica praticada por Horácio, Ovídio e depois por Plutarco e Tácito, com exceção de Quintiliano, que ainda praticou uma retórica verdadeiramente aristotélica.

A fusão da retórica com a poética foi efetivada na Idade Média, onde as artes poéticas eram artes retóricas e os grandes retóricos foram poetas. "Esta fusão", como ressalva Roland Barthes ⁽²⁰⁾, "é da maior importância, pois está na origem do conceito de Literatura."

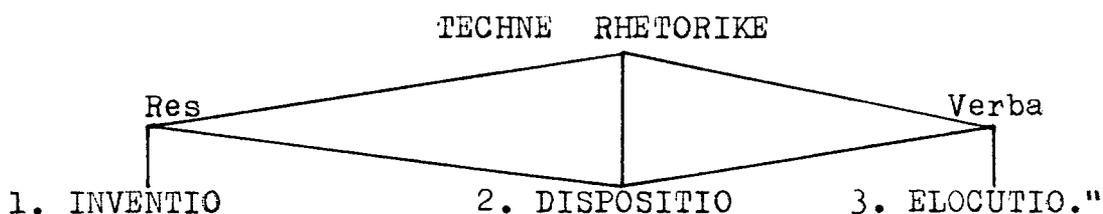
A elocutio (que era o ramo destinado às figuras) recebeu pouca atenção da parte de Aristóteles, constituindo apenas uma pequena parte das operações da "techne" ⁽²¹⁾, que poderiam ser agrupadas assim:

1. INVENTIO (Euresis)	in venire quid dicas	achar o que dizer
2. DISPOSITIO (Taxis)	inventa disponere	pôr em ordem o que se encontrou
3. ELOCUTIO (Lexis)	ornare verbis	acrescentar o ornamento das palavras, das figuras
4. ACTIO (Hypocrisis)	agere et pronunciare	tratar o discurso como um ator (teatralizar)
5. MEMORIA (Mneme)	memoriae mandare	recorrer à memória

As três principais operações, as que apresentam maior relevância para o nosso estudo, são as três primeiras (INVENTIO, DISPOSITIVO e ELOCUTIO) e, em resumo, foram as três operações que alimentaram a Retórica através dos tempos (sobretudo a ELOCUTIO)- aliás, é o que nos revela Roland Barthes (22):

"Não contestamos a importância destas duas últimas partes: o que queremos afirmar é que elas estão ausentes da obra (oposta à oratio) e que, mesmo entre os antigos, não levaram nenhuma classificação (apenas breves comentários). Por isso as eliminaremos, a seguir, no esquema apresentado. A "árvore" compreenderá, portanto, três partes (truncos):

1) INVENTIO 2) DISPOSITIO 3) ELOCUTIO. Vejamos!!



A seguir, falaremos mais detalhadamente da nº 3: a ELOCUTIO, que é a que nos interessa mais proximamente, pois era "a repartição destinada às figuras."

A "inventio" é um caminho de descoberta (via argumentorum), implicando em dois caminhos: um lógico e outro psicológico: convencer (lógico) e comover (psicológico)-aspecto importante sob o ponto de vista da "comunicação conativa" (ou injuntiva).

A "dispositio" (taxis), ao nível do discurso, era a ordenação das partes; ao nível da frase (Período) leva o nome de "compositio".

Ao buscarmos uma constante na Retórica, através dos tempos, encontraremos que foi sempre concebida como "a arte de persuasão"- entendida sob uma variante de formas, tais como: mover outros à ação, efetuar provas que visassem a levar alguém

à ação, admitir opiniões do agente de uma ação, etc.

Diz-nos I.A. Richards ⁽²³⁾, crítico literário e filósofo inglês:

"a comunicação ocorre quando uma mente age de tal modo em seu ambiente que uma outra mente é influenciada, e nessa outra mente ocorre uma experiência que é semelhante à experiência da primeira mente, e é causada em parte por essa experiência."

Vemos aí, portanto, a persuasão como uma das metas primordiais da comunicação ⁽²⁴⁾. René Wellek e Austin Warren ⁽²⁵⁾

"rotulam como mera retórica tudo o que nos persuade a uma ação externa definida."

Uma vez encontrados e dispostos os argumentos uniformemente na partes do discurso, eles precisam ser traduzidos em palavras: é a função da terceira parte da "Techne Rhetorike", que é denominada de "elocutio" (lexis)- à qual costumamos, inadvertidamente, reduzir a Retórica, em razão de um certo interesse pelas figuras de retórica, parte menor da "elocutio" (Cf. Anexo II: A Árvore Retórica).

Diz-nos Roland Barthes ⁽²⁶⁾:

"O que chamamos genericamente de figuras de retórica, mas que, com rigor histórico e para evitar ambigüidades entre tropos e figuras, deveríamos antes denominar "ornamentos", foi durante séculos e é, ainda hoje, o objeto de uma verdadeira fúria classificatória, indiferente às zombarias que muito depressa surgiram. Com essas figuras de retórica, só há uma coisa a fazer, denominá-las e classificá-las: (...) epíteto, reticência, anantapodoton, epanadiplose, tapinose, etc. (...). Por que tanta fúria em seccionar, em denominar? Por que essa atividade frenética da linguagem, sobre a linguagem?"

Mais adiante, Barthes nos dá a resposta ⁽²⁷⁾:

"Sem dúvida (é pelo menos uma explicação estrutural), porque a retórica tenta codificar a palavra (e não mais a língua) ..."

Todos esses ornamentos (28) - mais de uma centena-receberam, quase sempre, uma distribuição de acordo com algumas oposições binárias:

- Tropos ~ figuras
- tropos gramaticais ~ tropos retóricos.
- figuras de gramática ~ figuras de retórica.
- figuras de palavras ~ figuras de pensamento.
- tropos ~ figuras de dicção.

Como vemos, não existe uma uniformidade de classificação: de autor para outro, as classificações divergem, ora opondo "tropos" a "figuras", ora reunindo os dois. Por exemplo, a hipérbole (para nós, uma metáfora ou uma símile- dependendo do caso) é para Lamy um tropo, para Cícero uma figura de pensamento... etc.

Algumas das oposições que ocorrem mais frequentemente são as seguintes:

- I. Tropos ~ Figuras.
- II. Gramática ~ Retórica.
- III. Palavras ~ Pensamento (29).

Vejamos, a seguir, como foram tratadas algumas figuras (30) pelos clássicos.

É fato sabido que Platão, por exemplo, nem nomeia as figuras. Em seu diálogo FEDRO (31), no final, por intermédio de Sócrates, discute com a personagem que determina o nome do diálogo sobre a oratória (32), a dialética (33), as condições da obra de arte, etc. Uma das poucas referências (indiretas, por sinal) a respeito da metáfora nos aparece aqui:

"... quem quiser iludir alguém, sem se deixar iludir, deve conhecer com exatidão e detalhadamente a semelhança e dessemelhança dos objetos." (FEDRO, 262).

Para Platão, a retórica deveria ser o instrumento que levasse o homem ao conhecimento da verdade, às vezes por meio da persuasão. Quanto ao tipo de arte oratória que se utilizava dos artifícios da palavra para levar alguém a crer numa inverdade, Platão não se interessou por ela e a combatia, constantemente, sempre que o assunto era evocado:

"... quem não conhece a verdade mas só alimenta opiniões transformará naturalmente a arte retórica numa coisa ridícula que não merece o nome de arte."
(FEDRO, 262)

E em outra passagem:

"... não existe arte retórica propriamente dita sem o conhecimento da verdade, nem haverá jamais tal coisa." (FEDRO, 260)

E aqui:

"Quando um orador, ignorando a natureza do bem e do mal, encontra os seus concidadãos na mesma ignorância e os persuade, não a tomar a sombra de um burro por um cavalo, mas o mal pelo bem; quando, conhecedor dos preconceitos da multidão, ele a impede para o mau caminho, - nestes casos (...) que frutos a retórica poderá recolher daquilo que semeou?"
(FEDRO, 260).

Portanto, para Platão, a retórica não era um fim, mas um meio para se chegar à verdade: fora da verdade não existiria qualquer retórica. Por isso, primando sempre pela verdade, deveria valer-se quase que exclusivamente da "dispositio" e da "elocutio".

Aristóteles, discípulo que foi de Platão, foi quem procedeu à primeira catalogação da arte retórica e da arte poética e, conseqüentemente, foi um dos primeiros que denominou certos

tropos.

Em sua "Arte Poética", cap. XXI (34), Aristóteles nos fornece uma referência à metáfora:

"Todo nome é ou termo próprio ou termo dialetal, ou uma metáfora, ou um vocábulo ornamental..."

E aqui Aristóteles nos fala especificamente da metáfora (35):

"A metáfora é a transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por via de analogia."

Como vemos, pelas próprias palavras de Aristóteles, não há distinção, nesse conceito, entre metáfora e metonímia, nem entre metáfora e sinédoque: o autor reúne tudo sob o nome de metáfora.

Vejamos alguns exemplos citados na Arte Poética (36):

- "1. Minha nau aqui se deteve. (do gênero para a espécie).
2. Certamente Ulisses levou a feito milhares e milhares de belas ações. (da espécie para o gênero).
3. Tendo-lhe esgotado a vida com o bronze. (da espécie para a espécie)."

Observemos o que entende Aristóteles (37) por

Analogia:

"Digo haver analogia quando o segundo termo está para o primeiro, na proporção em que o quarto está para o terceiro, pois, neste caso, empregar-se-á o quarto em vez do segundo e o segundo em lugar do quarto."

Como exemplo (Arte Poética, 305) o autor cita:

"A taça é para Dionísio o que o escudo é para Ares" e, portanto,

poderíamos (segundo o princípio da analogia) determinarmos que

"A taça de Ares fez as pazes com o escudo de Dionísio."

Um outro exemplo (idem, ibidem) talvez deixará mais clara a formulação aristotélica:

"O que a velhice é para a vida a tarde o é para o dia."

e então diríamos que

"A tarde é a velhice do dia, e a velhice é a tarde da vida." (ou o "ocaso da vida", segundo Empédocles).

Mais adiante (Arte Poética, 305) Aristóteles constata que, às vezes, numa analogia, não existe o termo correspondente ao primeiro (por falta de termo próprio) nada impedindo, diz o autor, que se construa uma metáfora mesmo assim (38).

Na Arte Retórica (39), Aristóteles trata da imagem como uma metáfora. Mas a verdadeira metáfora não seria "Aquiles atirou-se como um leão", mas "Este leão atirou-se", segundo o autor. Vejamos a sua explicação (40):

"Como o leão e o herói são ambos corajosos, por uma transposição, Homero qualificou Aquiles de Leão."

Aí, como vimos, Aristóteles tratou da metáfora por transposição, contratando-a com a símile; lá, na Arte Poética, tratou da metáfora globalizante (se é que podemos dizer), em que se misturam a metonímia, a sinédoque e até mesmo a alegoria.

Porém, uma primeira classificação detalhada dos tropos (41), classificando a metáfora como um deles apenas, foi elaborada posteriormente a Aristóteles.

A) METÁFORA

Este tropo, desde Aristóteles (embora ligado a outros), tem sempre sido considerado como uma transposição (translatio), uma forma breve (brevistas) de comparação—Quint. 8, 6, 4 e 8, 6, 9:

"Metaphora brevior est similitudo, eoque distat, quod illa comparatur rei quam columus exprimere, haec pro ipsa re dicitur; comparatio est, cum dico fecisse hominem "utleonem"; translatio, cum dico de homine "leo est".

E Cícero, De Oratore 3, 39, 157:

"Translatio similitudinis est ad verbum unum contracta brevitatis, quod verbum in alieno loco tamquam in suo positum, si agnoscitur, delectat; si simile nihil habet, repudiatur ..." (42)

Portanto, entre a designação metafórica e o termo correspondente deve existir sempre uma semelhança: Em Aristóteles, corresponde às relações citadas "da espécie para a espécie", ou por analogia (quando esta analogia não produzir a alegoria).

Havia também uma subdivisão da metáfora, segundo o binômio animado ~ não-animado, distinguindo-se quatro subespécies— Quint. 8, 6, 9:

"(translationis) vis omnis quadruplex maxime videtur"— e Isid. 1. 37, 3: "fiunt sitem metaphoras modis quattuor." (43).

Sobre a catacrese não falaremos, mas, apenas a título de ilustra-

ção citemos que os antigos a classificavam também como uma espécie de metáfora.

B) METONÍMIA

Cícero, em De Oratore 27, 92-93 ⁽⁴⁴⁾, distingue a metáfora (verba translata) da metonímia, que qualifica de "verba immutata":

"illustrant (orationem) ... quasi stellae quaedam translata verba atque immutata, translata dico..., quae per similitudinem ab alia re aut suavitatis aut inopiae causa transferuntur; immutata, in quibus pro verbo proprio subicitur aliud quod idem significet sumptum ex re aliqua consequenti,...

hanc rhetores quia quasi summutantur verba pro verbis, gramatici vocant, quod nomina transferuntur; Aristoteles autem translationi et haec ipsa subiungit."

Já Quintiliano 8, 6, 23 ⁽⁴⁵⁾ nos diz:

"metonymia quae est nominis pro nomine positio"

As relações efetivas entre o vocábulo empregado metonimicamente e a sua significação evocada eram, sempre, de espécie qualitativa: causa-efeito, pessoa-coisa, continente-conteúdo, abstrato-concreto, etc.

Alguns exemplos:

"Disparar mil mortes" (efeito pela causa).

"Ler muito Camões" (obra pelo autor).

"Sócrates sorveu a taça mortal" (continente pelo conteúdo).

"Espalhar sabedoria" (abstrato pelo concreto).

Os antigos citavam também uma espécie de "metonímia mitológica". Vejamos em Cícero, De Oratore 3, 42, 167 ⁽⁴⁶⁾:

"ex quo genere haec sunt: Martem belli esse communem, Cererem pro fugibus, Liberum appellare pro vino, Neptunum promari."

A relação metonímica de "causa-efeito" Quintiliano denomina "metalepse" (47), que consiste em meter um sinônimo, semanticamente deslocado, num contexto correspondente; por exemplo, empregando-se "agudo" por "escarpado": "Essas montanhas são muito agudas."

Du Marsais, em seu Traité de Tropes, dava o nome de metalepse à metonímia cuja relação implicava o antecedente pelo conseqüente.

C) SINÉDOQUE

Se a relação entre o vocábulo empregado metonimicamente e a sua significação evocada fossem de espécie quantitativa, a metonímia era denominada sinédoque! Vejamos Quint. 8, 6, 19: (48)

"Synecdoche... variare sermonem potest, ut ex uno plures intellegamus, parte totum, specie genus, praecedentibus sequentia, vel omnia haec contra; liberior poetis quam oratoribus."

A relação (quantitativa) que citamos, poderia realizar-se nos seguintes sentidos:

- a) relação parte/todo (em ambas as direções): vejamos em Cic., de Or. 3, 42, 168: "intellegi volumus aliquid aut ex parte totum, ut pro aedificiis cum "parietes" aut "tecta" dicimus, aut ex toto partem, ut cum unam turman "equitatum populi Romani" dicimus (48).
- b) relação gênero/espécie (em ambas as direções). Vejamos em Quint. 8, 6, 19-20: "ut... intellegamus... specie genus,... vel... contra; liberior poetis quam oratoribus; nam prosa... nam pro equo "quadrupedem" (recipiet)," (49).
- c) relação singular/plural: observemos em Quint. 8, 6, 20 (50):

"maxime autem in orando volebit numerorum illa lebertas; nam et Livius saepe sic dicit "Romanus proelio victor", cum Romanus vicisse significat; et contra Cicero ad Brutum "Populo inquit" imposuimus et oratores visi sumus, cum de se tantum loqueretur; quod genus nova orationis modo ornatus, sed etiam cotidiani sermonis usus recipit."

Esta relação sinédóquica é considerada por alguns tratadistas como uma espécie de silepse (Cf. silepse de número).

Classificam-se também como sinédoques:

1. os epítetos;
2. o acusativo grego (que denota uma clara relação parte/todo);
3. a antonomásia e- incluída por alguns-até mesmo a elipse. (51)

Sobre a sinédoque e a metonímia, assim se pronuncia Du Marsais (52)

"A sinédoque é pois uma espécie de metonímia, pela qual se atribui uma significação particular a uma palavra, que, no sentido próprio, tem uma significação mais geral; ou pelo contrário se atribui uma significação geral a uma palavra que, no sentido próprio, tem apenas uma significação particular. Numa palavra, na metonímia, tomo uma palavra por outra, enquanto na sinédoque tomo o mais pelo menos ou o menos pelo mais."

Vemos, nesse conceito de Du Marsais uma certa ligação da sinédoque à metonímia- o que não nos faz crer que não possamos estabelecer diferenças (como será feito, aliás) entre os dois tropos. Esta estreita relação entre metonímia e sinédoque se deve ao facto (como explicaremos adiante) de que estas duas figuras operam dentro de um mesmo campo semântico, enquanto que a metáfora (por exemplo) opera com dois campos semânticos (53).

D) ALEGORIA

Os antigos (os clássicos) consideravam a alegoria uma espécie de metáfora, mais extensa. Vejamos em "Quint. 8, 6, 44:

allegoria... fit plerumque continuatis translationibus, ut: "o navis, referent in mare te novi/fluctus; o quid agis? fortiter occupa/portum", totusque ille Horatii (Carm. 1, 14) locus, quo navem pro re publica, fluctus et tempestates pro bellis civilibus, portum pro pace atque concordia dicit." (54)

Comentando a alegoria, diz-nos o próprio Lausberg (55):

"A alegoria é para o pensamento o que é a metáfora para a palavra isolada: a alegoria mantém, pois, com o pensamento mentalizado uma estreita relação de comparação (...), uma relação quantitativa."

Os clássicos distinguem dois tipos de alegoria: a alegoria perfeita- forma preferencialmente empregada na poesia e a alegoria imperfeita- forma preferida na prosa (56):

"habet usum talis allegoriae frequenter oratio, sed raro totius; plerumque apertis permixta est; tota apud Ciceronem talis est: "hoc mirror, hoc queror, quemquam hominem ita pessundare alterum velle, ut etiam navem perforet, in qua ipse naviget"; illud commixtum frequentissimum: "equidem ceteras tempestates et procellas in illis dumtaxat fluctibus contionum semper Miloni putavisses subeundas": nisi adiecisset "dumtaxat fluctibus contionum", esset allegoria scil. total nunc eam miscuit; quo in genere et species ex arcessitis verbis venit et intellectus ex proprilis." (Quint. 8, 6, 47).

Ainda sob o nome de alegoria, frequentemente se incluía também a ironia. Diz-nos Quint. 8, 6, 44 (57):

"allegoria, quam inversionem interpretantur, aut aliud verbis aliud sensu ostendit (alegoria propriamente di-

ta) aut etiam interim contrarium (ironia)..."

Para Aristóteles (como já citamos alhures) a metáfora compreendia a alegoria, pois, as relações metafóricas eram sempre do tipo analógicas e, seguindo esta linha, é que muitos tratadistas modernos denominam a alegoria de "uma grande metáfora." (Cf. Lausberg, op. cit., p. 283), onde, mediante uma analogia, está presente somente o termo comparante; já, na metáfora, temos, mediante uma analogia também, a presença do dois termos: o comparante e o comparado.

CONCLUSÃO.

Aqui, só tratamos de alguns dos "tropos" da antiga Retórica, mas o seu número é bem superior. Basta abrirmos uma manual, que seja anterior ao séc. XIX, e teremos uma idéia da complexidade e extensão da nomenclatura classificatória; Isto se deveu principalmente ao fato de os antigos clássicos tentarem codificar a "parole" e não a "langue", no dizer de Gérard Genette.

Os responsáveis por essa "fúria classificatória" foram Aristóteles, com sua Arte Retórica e sua Arte Poética (embora, como já dissemos, esse autor não tenha dado muita importância a tais ornamentos, pois, para ele as outras partes do DISCURSO eram mais importantes), Cícero, com o sue "De Oratore" (principalmente) e Quintiliano com a obra Institutio Oratoria—chegando, este, a determinar o sistema classificatório então tradicional e fixo que percorre os manuais de Teoria Literária, que abundam nas escolas e Universidades de quase todo o Mundo Ocidental, pelo menos.

Há que se citar, ainda, dois franceses— de expressão singular no campo tropológico— são eles Du Marsais, com

a obra Traité des Tropes (1730) e Pierre Fontanier, com Les Figures du Discours (1968 ⁽⁵⁸⁾). Embora esses autores tenham tentado uma reclassificação dos "tropes et figures", procurando agrupar as denominações em grupos que visassem (às vezes) simplificar a terminologia, os seus trabalhos poderiam enquadrar-se no que denominamos de ESTILÍSTICA SELETIVA, ou seja, a antiga Retórica- em que a ênfase está nas expressões consagradas pelo uso mais que na criação de figuras originais.

Vejamos, a seguir, como são encaradas a Metáfora, a Metonímia, a Sinédoque e a Alegoria na atualidade, quando parece ter ocorrido um novo interesse pela Retórica, provocando uma espécie de "renascimento" retórico- tal é o caso, por exemplo, do Grupo Mi (u) na França, que veio lançar novas sobre o assunto.

NOTAS

(1) Por "simplicidade" entendemos a maneira mais simples (confrontadas diversas teorias) de explicarmos um fato dado. Devemos ter em mente, porém, que, antes de tudo, uma ciência não é nem simples, nem complexa: é como é! - e um cientista (como o linguista) deve ter isto sempre em mente, para não sacrificar (principalmente) a "coerência" de suas pesquisas em favor de uma simplicidade (ou elegância) ilusória!

(2) Hjelmslev fala em método "empírico-dedutivo": "Assumimos o risco de denominar esse princípio de princípio do empirismo (...). Trata-se apenas de uma questão de terminologia que não afeta em nada a manutenção do princípio" (o princípio de que fala o autor se refere aos três passos que catalogamos com as letras (a), (b) e (c) na página 79)- Prolegômenos, p. 11.

E, mais adiante, diz-nos o mesmo autor:

"A asserção de nosso princípio do empirismo não nos torna, de modo algum, escravos do método indutivo, se se entender por isso a exigência de uma passagem gradual do particular para o geral...
" - Prolegômenos, p. 13.

E na p. 15 dos Prolegômenos:

"Com a terminologia que escolhemos pudemos caracterizar o método da teoria da linguagem como sendo necessariamente empírico e dedutivo, e desse modo pudemos lançar luz sobre a questão fundamental das relações entre a teoria da linguagem e aquilo a que se denomina os dados da experiência."

Karl Popper e outros filósofos da linguagem discutem a existência ou não de um método científico e, conseqüentemente da ciência:

"Infelizmente não existe. Então, por que analisar o chamado método científico?" (Köeche, José Carlos. Fundamentos de Metodologia Científica. Caxias do Sul, UCS, 1978, p. 33).

O que se admite, atualmente, como método científico é o chamado dedutivo-falseável: "É o método da tentativa e do erro" (Köeche, José Carlos. op. cit., p. 32). "Ele não imuniza a hipótese contra a rejeição, mas, ao contrário, oferece todas as condições para, se não for correta, que seja refutada. É esse critério, o da falseabilidade, que devemos demarcar a ciência da não-ciência." (Köeche, José Carlos. op. cit., p. 32).

(3) Sob o nosso ponto de vista, a linguagem possui três funções, tendo-se em conta o objetivo a que é destinada:
(a) função interpretativa: compreendemos os fatos apenas na medida em podemos representá-los pela linguagem. A maneira de reproduzirmos o fato nunca o muda, mas o julga diferentemente: com acerto ou com falsidade!

- (b) função comunicativa: interpretado o fato, a linguagem nos permite reconstituí-lo para outra pessoa;
- (c) função artística: quando a linguagem nos serve como material para a arte; neste caso, o objetivo está contido e dirigido para a própria linguagem, que é meio e fim.

JAKOBSON cita seis funções da linguagem:

- (a) função referencial: define as relações entre a mensagem e o objeto a que se refere;
- (b) função emotiva: define as relações entre a mensagem e o emissor;
- (c) função conativa (ou injuntiva): define as relações entre a mensagem e o receptor;
- (d) função poética (ou estética): define as relações da mensagem consigo mesma;
- (e) função fática: define o relacionamento social- e o seu referente é a própria comunicação;
- (f) função metalinguística: define o sentido dos signos, com referência a um código, de onde retira a sua significação.

(Jakobson, Roman. Essais de Linguistique Générale, pp. 215 e ss. apud Guiraud, Pierre. A Semiologia. Tradução de Filipe C. M. da Silva. Lisboa, Editorial Presença, 1973, pp. 14-18).

(4) Parte da gramática de uma língua que estuda, sistematicamente, os recursos (possibilidades) oferecidas aos falantes por determinada língua da qual se servem. A ESTILÍSTICA se encarrega de estudar o DISCURSO e a NORMA, enquanto que a GRAMÁTICA (no seu sentido ortodoxo) se encarrega do SISTEMA e da NORMA da língua.

(*) Para os conceitos de DISCURSO, NORMA e SISTEMA consultar Back & Mattos, Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, pp. 23 e 24.

(5) Guiraud, Pierre. A Estilística. Tradução de Miguel Maillet. São Paulo, Mestre Jou, 1970, p. 09.

(6) Guiraud, Pierre. op. cit., p. 13.

(7) Guiraud, Pierre. op. cit., p. 14.

(8) "Por ser a primeira (ciência) e indenpender dos conhecimentos de todas as outras, o processo doxológico deve pautar-se pelos mesmos recursos que permitiram ao homem a primeira descoberta: os postulados dessa ciência ficam constituídos pelo conjunto dos instintos associativo, representativo e integrativo.

Entretanto, para executar-se o processo é necessário um instrumento que nos permita caminhar para o produto: o instrumento des

se processo é a linguagem.

(...) Esse raciocínio implica também que a linguagem deva ser considerada o instrumento de toda a ciência cujo produto seja o conhecimento racional." (Mattos, Geraldo. Visão Lingüística do Conhecimento. São Paulo, Edição Hors Commerce, Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística, 1975, p. 109)

(9) Cohen, Jean & outros. Novas Perspectivas em Comunicação nº 10: Pesquisas de Retórica. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzum Petrópolis, Vozes, 1975, p. 28

(10) Genette, Gérard. Prefácio às Figures du Discours, pp. 10-11, apud Cohen, Jean. op. cit., p. 30.

(11) Segundo Gérard Genette, apud Cohen op. cit., p. 30.

(12) O termo "catacrese" está empregado aqui com o seu teor ortodoxo: "termo de sentido figurado que é o único disponível para determinado contexto." Exemplos:

"pés da mesa"

"folha de papel"

"boca do forno"

"asas do moinho"

"camisa do lampião", etc.

(13) apud Cohen, Jean. op. cit., p. 32.

(14) São expressões comuns, do tipo: "Você é um anjo"- mas que não deixam de representar uma escolha da parte de quem as emprega.

(15) Cohen, Jean. op. cit., p. 31.

(16) A nossa denominação é um pouco diversa. Como dissemos, a Estilística (que estuda o estilo: possibilidades oferecidas pela língua ao falante) faz parte do estudo sistemático de uma língua. Por isso, a Estilística, em nossa acepção, abarca o que Cohen denominou de Retórica e muito mais. Dividimos a Estilística em:

(a) Estilística Lexical: que toma um elemento lexical e fornece-lhe um significado.

(b) Estilística Semântica: que toma um elemento semântico e altera-lhe o significado.

(O estilo de uma língua só pode ser levantado após o exame exaustivo da Léxica e da Semântica.)

A Estilística Lexical e a Semântica constituem a

Estilística Criativa, em oposição à Estilística Seletiva. A grosso modo, poderíamos confirmar a Estilística Seletiva às "figuras de uso", a Estilística Criativa às "de invenção", segundo o gráfico de Fontanier, apresentado por Cohen na p. 83.

(17) Exemplo de uma estrutura liminar (Back & Matos, 1972, pp. 826-828):

Se há neve, há frio.
 Se há frio, há sofrimento.
 Se há sofrimento, há tristeza.

Vejamos a vivência do Período:

Se há neve, há frio.
 OT C

E poderíamos simplificar:

Neve , frio.
 OT C

(A palavra neve é a origem temporal: é uma matriz semântica. A palavra frio é determinada pela palavra neve: a palavra frio é um domínio semântico da palavra neve).

Por isso, poderíamos dizer, após uma pesada nevasca caída em nosso território (e tendo em vista o trajeto cultural a que nos referimos):

"... E veio a tristeza (branca) assolar o nosso país tropical."

Agora, se pensarmos na Europa (por exemplo), onde a estação de neve coincide com os esportes de inverno, campos gelados e, portanto, determina alegria, teríamos o seguinte trajeto cultural:

Se há neve, há frio.
 Se há frio, há campos gelados.
 Se há campos gelados, há esportes de inverno.
 Se há esportes de inverno, há alegria.

O trajeto semântico é o mesmo:

Se há neve, há frio.
 OT C

Mas poderíamos dizer (na cultura européia, por exemplo):

"... E surgiu a alegria (branca), povoando os campos de um indescritível azul pálido."

Portanto, dentro desses duas culturas teríamos:

<u>BRASIL</u>	<u>EUROPA</u>
Com neve, tristeza.	Com neve, alegria.

(18) Tavares, Hênio. Teoria Literária. Belo Horizonte, Bernardo Álvares S.A., 4ª edição, 1969, p. 379.

(19) Barthes, Roland. Novas Perspectivas em Comunicação nº 10. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzum. "A Retórica Antiga". Petrópolis, Vozes, 1975, p. 222. Ver também Anexo I.

(20) Barthes, Roland. op. cit., p. 156.

(21) Segundo Aristóteles, deve-se entender por "Techne":

"o meio de produzir uma das coisas que podem indiferentemente existir ou não, e cuja origem está no agente criador e não no objeto criado." (Barthes, Roland. Novas Perspectivas em Comunicação nº 10, pp. 156 e 182)

(22) Barthes, Roland. op. cit., pp. 182 e 183.

(23) Richards, Principles of Literary Criticism, p. 137.
Tradução de Daghlian, Carlos. "A Concepção da Retórica". Revista Construtura nº 12, p. 20.

(24) O nosso conceito de comunicação, aliás, segue esta linha: "um processo de influenciar os outros" (Cf. Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, p. 03). E é dentro dessa linha de concepção que vamos tratar a PUBLICIDADE: como um dos modos de expressão retórica-opinião, aliás, compartilhada por Georges Friedmann e Roland Barthes.

(25) Wellek & Warren. "The Function of Literature", Theory of Literature, pp. 29-37 apud Daghlian, Carlos. "A Concepção da Retórica". Revista Construtura nº 12, p. 20.

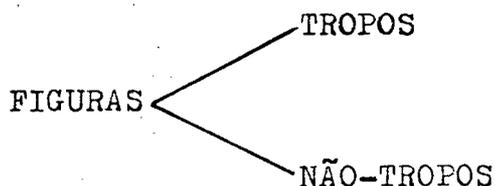
(26) Barthes, Roland. "A Retórica Antiga". Novas Perspectivas em Comunicação nº 10. Trad. de Leda Pinto Mafra Iruzum. Petrópolis, Vozes, 1975, pp. 213-214.

(27) Barthes, Roland. op. cit., p. 214.

(28) Por "ornamentos" (segundo entende Barthes) estamos nos referindo àquela parte de "Techne Rhetorike" destinada às figuras, em oposição aos tropos (cf. Anexo II: A Árvore Retórica).

Neste trabalho, o termo "figura" é mais abrangente, englobando inclusive os "tropos". Isto quer dizer que compar

tilhamos a opinião introdutória, onde certos autores estabelecem a seguinte divisão:



Portanto, numa relação do tipo diádica, teremos:

Com TROPOS, FIGURAS; ou

Se não houvesse FIGURAS, não haveria TROPOS.

(29) A distinção FIGURAS DE PALAVRAS/ FIGURAS DE PENSAMENTO é a oposição que percorre os nossos manuais didáticos que tratam do assunto, e não deixa de ser uma oposição mentalista: coloca em cena significantes e significados, podendo uns subsistir sem os outros (??)!

(30) No caso, a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a alegoria, que dizem respeito ao assunto de nossa pesquisa; aos outros tropos, não faremos alusão, pois, não dizem respeito ao assunto supra-citado e será apenas mera curiosidade o conhecimento da enorme lista de figuras (ou tropos) elaborada pela Retórica Clássica que, na sua fúria classificatória, codificou a "parole" e não a "langue".

(31) Os mesmos conceitos vão ser retomados em CRÁTILLO e GÓRGIAS (outros diálogos de Platão que tratam da arte retórica).

(32) "... a retórica é a arte de governar as almas por meio das palavras, ..." (Platão, FEDRO, 261).

(33) "... maneira de compor e decompor as idéias." (Platão, FEDRO, 266).

(34) Aristóteles, Arte Retórica e Arte Poética. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo, DIFEL, 1964, p. 304.

(*) Sempre que citamos ou citarmos ARISTÓTELES em sua Arte Retórica ou Poética é a esta obra que nos estaremos reportando, caso contrário transcreveremos a fonte bibliográfica de forma completa.

(35) Aristóteles, Arte Poética, p. 304.

(36) pp. 305 e 304.

(37) Arte Poética. p. 305

(38) Numa relação como:

Lançar semente

Lançar a luz (sol)

SEMEAR

temos os três termos e, mediante a Lei de Identidade poderemos, então, estabelecer (alegoricamente, mediante uma superposição de trajetos):

"Semeando uma luz divina."

(39) Cap. IV, Livro Terceiro, pp. 197-8.

O exemplo citado aí pelo autor "Aquiles atirou-se como um leão" (como imagem) - é uma símile, no nosso entender.

(40) Arte Retórica, p. 197.

O conceito de metáfora, desde Aristóteles, pelo menos no que se refere a uma "transposição" não sofreu qualquer alteração na atualidade. O nosso conceito de metáfora está perfeitamente enquadrado nesse conceito, com uma ressalva por ser um conceito operacional.

(41) Por TROPOS, entenda-se, aqui, uma espécie de "linguagem enigmática" (figurada) que se serve do "verbum translatum" em oposição às figuras NÃO-TROPOS que se servem do "verbum proprium" - LAUSBERG, Heinrich. Manual de Retórica Literária (Tom II). Trad. espanhola de José Pérez Riesco. Madrid, Gredos S.A., 1967, pp. 58-61.

(42) As citações, em Latim, de autores como Cícero e Quintiliano e de suas obras são citações de Lausberg, op. cit. . Por isso, apenas serão indicadas na página em que vêm citadas no Manual de Retórica Literária. Apenas, se efetuada a tradução das referidas citações, é minha responsabilidade.

(43) Lausberg, op. cit., p. 63.

A passagem (ou o emprego) do inanimado pelo animado, ou do animado pelo inanimado- representando sempre um acúmulo de trajetos- denominados "prosopopéia" (cf. Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, p. 814).

A "prosopopéia" determina o surgimento da mítica na obra literária.

Os antigos distinguiam (cf. Lausberg, op. cit., pp. 63-65):

- (a) emprego do inanimado pelo animado;
- (b) emprego do inanimado pelo inanimado;
- (c) emprego do animado pelo inanimado;
- (d) emprego do animado pelo animado, daí as quatro subespécies de ALEGORIA.

(44) Lausberg, op. cit., p. 71.

(45) Lausberg, op. cit., p. 71.

(46) Lausberg, op. cit., p. 71.

Esta espécie de metonímia, responsável pela mítica da obra literária, é sempre construída mediante um jogo de trajetões semânticas, representando assim uma ALEGORIA, mais que uma METONÍMIA - pois, as relações são quase sempre metafóricas.

(47) Lausberg, op. cit., p. 75.

(48) Lausberg, op. cit., p. 76.

(49) Lausberg, op. cit., p. 77.

(50) Lausberg, op. cit., p. 77.

(51) Cf. Lausberg, op. cit., p. 78.

(52) Apud Le Guern, Michel. Semântica da Metáfora e da Metonímia. Porto, Telos Editora, 1973, p. 31.

(53) Há outros fatores que intervêm nesta semelhança, os quais serão trabalhados na parte em que desenvolveremos o nosso conceito dessas "figuras".

(54) Lausberg, op. cit., p. 284.

(55) Lausberg, op. cit., p. 283.

(56) Lausberg, op. cit., p. 285.

(57) Lausberg, op. cit., p. 284.

(58) Esta edição de 1968 compreende a reedição, sob o título citado, de duas obras principais do autor, entre as quais está o "Manual Classique pour l'étude des Tropes (1821)", que é o que diz respeito ao assunto.

4.3. Conceito Moderno.

Por "conceito moderno" entendemos as pesquisas realizadas pelo "Grupo Mi" da França, encabeçado pelos pesquisadores Jaques Dubois, Francis Edeline, Jean-Marie Klinkenberg, Philippe Minguet, François Pire e Hadelin Trinon; as pesquisas levadas a cabo por Gérard Genette, Jean Cohen, Pierre Kuentz e Roland Barthes - publicadas na revista francesa "Communications"; e o trabalho realizado por Michal Le Guern em "A Semântica da Metáfora e da Metonímia"... além de outros cujos nomes e trabalhos serão citados no decorrer desta pesquisa (como seja o de Roman Jakobson) e que se fundamentam numa "Estilística da Expressão" (proposta por Bally) em oposição à "Estilística Genética" (proposta por Karl Vosler e Leo Spitzer), visando, antes de tudo, não apenas a uma catalogação dos referidos tropos, mas a uma descrição-explicativa do seu mecanismo gerador.

4.3.1. Roman Jakobson.

"Na origem do renascimento da retórica na França, encontra-se, sem dúvida nenhuma, a influência do linguista Roman Jakobson e Nicolas Ruwet, que em 1963 realizou um estudo especificamente sobre a metáfora e a metonímia." (1)

É conhecida e sobretudo pioneira a preocupação do linguista Roman Jakobson a respeito de uma explicação, que remonta à fase de aquisição da linguagem, sobre a metáfora e a metonímia. A esse respeito, o autor russo chegou a enfocar praticamente o mesmo problema em dois artigos distintos: "A afasia como um problema linguístico" (2) e "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia" (3).

Nesses dois estudos, o linguista procurou aplicar os seus conceitos de "metáfora" e de "metonímia" a distúrbios que ocorriam em perturbações da linguagem (afasia).

Mediante exemplos retirados de experiências levadas a cabo em indivíduos portadores de "afasias", Jakobson chegou a estabelecer dois tipos comuns de distúrbios:

- (a) o distúrbio da similaridade- distúrbio na capacidade de seleção e substituição, tendo como características:
- o contexto, constituindo-se num dado imprescindível; (4)
 - dificuldades em propor um diálogo;
 - dificuldade em compreender (ou elaborar) um texto tipo monólogo;
 - incapacidade de abstrair (o Período "Chove" só poderia ser proferido se quem o dissesse percebesse que realmente estivesse acontecendo.);
 - o contexto é concebido como constituído por um texto engendrado por sequências elípticas (lacunas) a serem preenchidas a partir de dados anteriores;
 - a polissemia é evitada, pois os pacientes que sofrem desse tipo de distúrbio tornam os sinónimos redundantes- colocando os signos em distribuição complementar. (5)

Ao distúrbio por similaridade (domínio da metáfora), Jakobson liga estreitamente a incapacidade de estabelecer uma relação externa por similaridade, base para a substituição- Jakobson, 1973, p. 48. (6)

- (b) o distúrbio da contigüidade- distúrbio na capacidade de combinação, tendo como características principais:
- perturbação na capacidade de construir enunciados, combinando entidades lingüísticas;
 - perda das regras sintáticas do código (agramatismo);
 - desaparecimento imediato das conjunções, pronomes, conetivos prepositivos e adjuntos nominativos;

- enunciados curtos (de um só vocábulo, até!);
- abandono de vocábulos obtidos por derivação.

Jakobson chega mesmo a concluir que estes dois tipos de distúrbio ocorrem exatamente como ocorre na criança o mecanismo inverso, o da aquisição dessamestrutura bipolar.

Mais adianta ⁽⁷⁾, o autor nos revela que a "sinédoque" seria apenas uma pormenorização das relações de contigüidade (portanto, da metonímia):

"Seguindo a linha das relações de contigüidade, o autor realista realiza digressões metonímicas, indo da intriga à atmosfera e das personagens ao quadro espaço-temporal. Mostra-se ávido em pormenores sinedóquicos."

E reafirma em seguida: ⁽⁸⁾

"... orientação manifestamente metonímica do Cubismo, que transforma o objeto numa série de sinédoques; os pintores surrealistas reagiram com uma concepção visivelmente metafórica."

Seguindo esta linha de raciocínio, Roman Jakobson adentra os domínios da Semântica, afirmando que ⁽⁹⁾:

"A similaridade das significações relaciona os símbolos de uma metalinguagem com os símbolos da linguagem a que ela se refere. A similitude relaciona um termo metafórico com o termo a que substitui. Por conseguinte, quando o pesquisador constrói uma metalinguagem para interpretar os tropos, possui ele meios mais homogêneos para manejar a metáfora, ao passo que a metonímia, baseada num princípio diferente, desafia facilmente a interpretação."

Como podemos notar, o lingüista russo não nos fornece um critério seguro para a separação entre metonímia e sinédoque, embora nos tenha fornecido declarações muito precisas sobre a oposição metonímia/metáfora, colocando a similaridade (a metáfora) ao longo do eixo sintagmático da linguagem e a con-

tigüidade (a metonímia e a sinèdoque) no eixo paradigmático. O autor chega mesmo a afirmar, referindo-se à poética ⁽¹⁰⁾:

"A função poética projeta o princípio da equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação."

4.3.2. Michel Le Guern.

Este autor moderno, possui um estudo sobre os dois tropos que se opõem fundamentalmente: a metáfora e a metonímia ⁽¹¹⁾.

A sua linha de pensamento, embora cite de passagem algumas afirmações do "Grupo Mi", fundamenta-se na distinção de Jakobson, revelando a oposição de carácter fundamental entre metáfora e metonímia.

Le Guern compartilha a opinião de que uma aproximação da metáfora e da sinèdoque criaria uma oposição frontal entre esta última e a metonímia- tida como uma mudança de sentido que não considerada nem sinedóquica nem metafórica (cf. pp. 31-2).

Bem, como procura mostrar o autor na sequência de seu trabalho, não se trata, propriamente, de aproximar a sinèdoque da metonímia ou da metáfora; trata-se, outrossim, de estabelecer as distinções entre estes três tropos, nem sempre fáceis e possíveis (segundo ele), mas mesmo assim devem ser perseguidas.

Quanto à metáfora, definições não faltam- diz- nos Le Guern ⁽¹²⁾:

"A metáfora é uma figura pela qual se transfere, por assim dizer, a significação própria duma palavra para uma outra significação que apenas lhe convém, devido a uma comparação que existe no espírito." (Du Marsais, Traité de tropes, I, 4)

A constatação do autor é de que "enquanto o mecanismo da metonímia se explica por um deslize de referência, o da metáfora explica-se ao nível da comunicação lógica, pela supres-

E continua Le Guern:

"A metonímia que me faz empregar o nome do autor para designar uma obra atua sobre um deslize de referência; a organização semântica não é modificada, mas a referência é deslocada do autor para a obra." (Le Guern, 1973, p. 33)

Mais adiante, na p. 35:

"Enquanto o mecanismo da metonímia se explica por um deslize de referência, o da metáfora, explica-se ao nível da comunicação lógica, pela supressão, ou mais exatamente pela colocação entre parênteses de uma parte dos semas constitutivos do lexema empregado (...) Para a sinédoque da parte pelo todo ou do todo pela parte, o processo é igual." (Cf. p. 05).

Aliás, segundo constata o autor, a relação referencial no mecanismo da metonímia e da sinédoque já havia sido anteriormente expressa (antes mesmo que Jakobson consagrasse o termo "referencial") por Fontanier, em 1821 ⁽¹³⁾.

Tentando comprovar seu raciocínio, o autor procura corroborar suas hipóteses levantadas fundamentando o deslize de referência (no caso da metonímia e da sinédoque propriamente ditas ⁽¹⁴⁾) por intermédio de uma formulação explícita, acrescentada ao enunciado, que corresponderia à elipse dum termo particular-comum porém a todos os casos que se apresentarem: (Cf. Le Guern, 1973, pp. 50-1).

(a) causa pelo efeito (elipse de "o efeito de"): "a pobreza", por exemplo, seria o equivalente metonímico de "os efeitos da pobreza";

(b) efeito pela causa (elipse de "a causa de"): "Disparou mil mortes", em que teríamos "mil mortes" como equivalente metonímico de "a causa das mortes";

(c) continente pelo conteúdo (elipse de o "conteúdo de"): "beber uma garrafa" é o equivalente metonímico de beber

"o conteúdo de uma garrafa";

(d) o lugar de procedência pela própria coisa (elipse de "um produto fabricado em"): "conseguir um Porto legítimo" é o equivalente metonímico de "um produto (no caso, vinho) fabricado" no Porto, cidade conhecida em Portugal;

(e) o símbolo pela coisa simbolizada (elipse de "a realidade simbolizada por"): "Nenhuma bandeira o abrigou." é o equivalente metonímico de "Nenhuma pátria (país) o abrigou" - realidade simbolizada pela bandeira;

(f) o substantivo abstrato pelo concreto (com a elipse de "o referente de"): "A polícia desbaratou os criminosos" é o equivalente metonímico de "Os policiais (referentes de) desbarataram os criminosos";

(g) o antecedente pelo conseqüente (com elipse de "o conseqüente de"): "Gostou muito de saias" em que "saias" é o equivalente metonímico de "mulheres" (15).

É claro, conclui o autor, "visto que a metonímia explica-se por uma elipse, torna-se evidente que o seu mecanismo atua na construção do discurso no sentido do eixo sintagmático."

(Le Guern, 1973, p. 51)

No caso da sinédoque (aquela da parte pelo todo) também haveria a possibilidade de uma interpretação através de uma elipse, como no caso da metonímia, mas esta "elipse seria mais complexa", como nota a própria Le Guern (cf. p. 51), mais ou menos parecida com "o todo de que... é uma parte." (16)

Mesmo que muitos, e o autor está entre eles, não dêem muita importância à diferença entre a sinédoque e a metonímia, classificando-as entre "uma diferença de grau mais que entre uma diferença de natureza", não existindo uma fronteira delimitada entre essas duas categorias, achamos tão fundamental essa distinção como a entre a metáfora e a metonímia (17).

Na página 62 de "A Semântica da Metáfora e da Metonímia", Le Guern se aproxima, talvez, da nossa distinção entre

sinédoque e metonímia:

"Com efeito ainda que quer num caso quer noutro estejamos perante um processo metonímico, deve reconhecer-se que se trata de metonímias especiais. (...) É evidente que o tipo especial desta relação referencial produz uma certa diferença no mecanismo linguístico que ainda não determinamos com precisão, mas que numa primeira aproximação se pode analisar como uma predominância da relação referencial sobre o processo de elipse que a traduz no discurso quando se faz a interpretação da mensagem."

O autor conclui, determinando como verdadeiras sinédoques a "da parte pelo todo" e a "do todo pela parte", já que estes dois tipos "se baseiam no fato da elipse que se deve supor para tornar visível o processo linguístico da referência ser mais complexa do que na metonímia" (Le Guern, 1973, p. 55).

As outras categorias de sinédoque (as falsas sinédoques), como a "sinédoque da matéria", sinédoque da espécie", "sinédoque do gênero", "sinédoque de abstração" e "sinédoque do indivíduo" (autonomásia) são distribuídas dentro da metonímia, às vezes, e em outros casos apresentam-se como metáforas disfarçadas (cf. pp. 55-62: A Semântica da Metáfora e da Metonímia).

A alegoria, tratada pelo autor como "uma utilização prolongada da personificação" (cf. p. 76), é um símbolo" se for necessário que a representação seja intelectualizada para que o conteúdo lógico da mensagem possa ser decifrado", caso contrário representará apenas uma personificação. E conclui o autor:

"Parece-me que se deveria reservar o nome de alegoria para as personificações que fazem intervir o mecanismo do símbolo; nos outros casos, bastaria falar de personificação." (18)

4.3.3. O Grupo Mi (μ). (19)

"Quem afirmasse, dez anos atrás, que a Retórica iria tornar-se de novo uma disciplina maior, teria causado riso." (Retórica Geral, 15).

O "Grupo Mi" é um conjunto de pesquisadores franceses que se dedicam atualmente a pesquisas /neo-retóricas (segundo denominação do grupo), frutos de reflexões conjuntas a respeito dos problemas da expressão, alertados por Roman Jakobson, que foi um dos pioneiros a chamar a atenção da Linguística Estrutural para o valor dos conceitos já elaborados por Aristóteles no campo das figuras. Falam-nos os próprios pesquisadores:

"Em homenagem a esses dois testemunhos, foi muito natural escolhermos por sigla a inicial do nome que designa, em Grego, a mais prestigiosa das metáboles." (Retórica Geral, NOTA PRELIMINAR)

Este grupo (que inclusive editou suas reflexões no volume intitulado Retórica Geral, (a que nos referiremos futuramente a seguir) é constituído dos seguintes elementos:

Jacques Dubois
Jean-Marie Klinkenberg
Philippe Minguet
François Pire
Hadelin Trinon

A guisa de introdução, os autores discutem o problema demarcatório entre a POÉTICA e a RETÓRICA e não temem afirmar:

"(...) a retórica aparece hoje não só como uma ciência do futuro, mas como uma ciência da moda, nos limites do estruturalismo, da nova crítica e da semiologia." (Retórica Geral, p. 16)

Autores como Roland Barthes (que tivemos oportunidade de citá-lo, mostrando suas mais recentes pesquisas no campo retórico), Gérard Genette, Tzvetan Todorov; A. Kibédi Varga, Nicolas Ruwet e, não poderíamos omitir, Roman Jakobson, preocuparam-se sobremaneira em dar um novo rumo às pesquisas retóricas, enfatizando essa preocupação com a publicação de pesquisas, (20) re-

formulando os antigos conceitos e estabelecendo outros.

Não se trata, como afirma o "Grupo Mi", "de jogar fora o bebê com a água do banho", isto é, de queimar todos aqueles velhos e empoeirados manuais de retórica, ou de "expulsar os tropos amendrontados", como pretendeu Vítor Hugo. Trata-se, outrossim, de aproveitarmos os avanços atuais da Linguística, tentando uma codificação tropológica dentro da langue e não no domínio da parole, provocando (como aconteceu com os antigos) nomenclaturas intermináveis- resultado dessa "fúria classificatória" de que padeceram os nossos ancestrais. E assim, os autores fixam o objetivo da retórica:

"Entre os antigos, assim como entre os modernos, a finalidade de clarada da retórica é a de ensinar técnicas de persuasão."

(Retórica Geral, p. 20)

Contudo, salienta-se como não-sem-importância a bipartição das tendências que historicamente a retórica tradicional admitiu: a tendência lógica- baseada na função conativa da linguagem; e a tendência estética, aliada à função poética. Por isso,

"Uma vez liquidada a idéia segundo a qual a arte é uma diversão supérflua, tornar-se-á possível encarar a retórica não mais como uma arma dialética, mas como o instrumento da poética."

(Retórica Geral, p. 21)

E, finalmente, os autores nos fixam os limites da poética:

"Reduziremos a literatura à poesia, no sentido moderno da palavra; mas o que dissermos da poesia valerá também para todas as formas da arte literária. (...) A poesia é a literatura reduzida ao essencial de seu princípio ativo." (Retórica Geral, p. 23)

Introdução

Como ponto de partida para a fundamentação dos conceitos das várias "metáboles" (21) que serão apresentadas, os autores procuram determinar a noção de "desvio".

Já que "ater-se à variação da norma é puerilidade" (Retórica Geral, p. 27), os autores procuram destituir a polissêmia que evoca o termo "norma"- gerando a fonte principal de mal-entendidos, estabelecendo um princípio (22), já que

"tudo o que é determinado é um desvio em relação a alguma coisa, mesmo o conceito de ser em relação ao nada." (Retórica Geral, 32)

Ao termo "desvio", preferem os autores uma substituição (mediante uma reformulação de noções) por "grau zero" (23), já que a teoria do desvio se justificaria de qualquer forma de um ponto de vista pragmático (Retórica Geral, p. 35). Porém, na prática a reconstituição desse "grau zero", ou do termo a quo - na linguagem dos retóricos- nem sempre é fácil. "Definir o tropo como mudança de sentido é uma coisa; precisar o sentido próprio de um termo metafórico determinado, é outra. Nada impede sustentar, aliás, que há casos em que essa determinação é impossível, sobretudo quando a mensagem remete não a dois sentidos, mas a vários, que dão a sensação ou a ilusão de uma infinidade." (Retórica Geral, p. 36). É esse justamente o objetivo de uma retórica geral (segundo a entende o Grupo Mi): "analisar essas técnicas de transformação, distinguindo-lhes cuidadosamente as espécies e os objetos". (Retórica Geral, p.p. 36-7).

Como veremos adiante (e os autores não escondem a fonte) o ponto de partida para a classificação das metáboles é a teoria da quadripartita ratio, baseada na obra Institutione Oratoria de Quintiliano, cujas categorias de transformação são as seguintes: adiectio (adjunção), detractio (supressão), immutatio (permutação) e transmutatio (transmutação) (24).

Conceitos Operatórios.

a. grau zero.

Poderíamos pensar, intuitivamente, em uma espécie de "discurso ingênuo" (ou seja, sem qualquer artifício), sem subentendidos, para o qual "uma manga seria uma manga" (fruta). Mas como "toda ocorrência, toda palavra é o efeito de um destinatador, não se poderia, sem precaução, considerá-lo inocente." (Retórica Geral, p. 53).

Adotando-se o critério da univocidade, o "grau zero seria concebido como esse limite para o qual tende, voluntariamente, a linguagem científica ⁽²⁵⁾. (Retórica Geral, p. 53).

Em outras palavras, os autores determinam o que entendem por "grau zero absoluto":

"..., um discurso reduzido a seus semas essenciais..., isto é, a semas que poderiam ser suprimidos sem que, por causa disso, o discurso ficasse destituído de significado." (Retórica Geral, p. 54).

Segundo um procedimento empírico (subjetivo) poder-se-ia estabelecer o "grau zero" de uma posição determinada, confrontando-o com o que o leitor espera nessa posição (tornando-se patente, então, a relação com as oposições previsível/imprevisível e banal/original) abrindo-se um campo de pesquisa para a poética experimental. Com a introdução do leitor, os autores compartilham a idéia segundo a qual "o efeito não está contido na figura, mas é produzido no leitor como resposta a um estímulo ⁽²⁶⁾. (Cf. Retórica Geral, p. 56).

Neste aspecto, o procedimento de produção desse estímulo fundamenta-se em possibilidades subjetivas- ou seja nos conhecimentos do leitor (no caso da publicidade, do consumidor em potencial) acerca dos mecanismos estruturais da língua- ou seja das possibilidades virtuais do discurso- o que é perfeitamente compreensível, já que a quase totalidade dos linguistas comunga

a idéia de que o falante de determinada língua possui uma espécie de "gramática intuitiva", ou seja um conhecimento implícito das possíveis combinações operadas em seu sistema lingüístico (em outras palavras, uma espécie de "competência lingüística, no sentido chomskyano do termo). Entendem daí os autores do "Grupo Mi" que o "grau zero", assim entendido, consistirá mais precisamente numa série de possibilidades quanto aos elementos que podem saturar uma posição determinada (27).

Se fundamentarmos o discurso sobre uma isotopia semântica (no sentido de Greimas), está evidente que a comunicação, para ser eficaz, deve evitar ambigüidades e duplos sentidos, sendo que a mensagem literária (ou função retórica, segundo os autores do Grupo Mi), possuindo um grau zero e um grau manifesto, fundamenta-se obviamente na não-isotopia (28).

b. Autocorreção e Redundância.

Sabemos ser a linguagem redundante, aliás propriedade esta admitida como decorrente da convencionalidade do sinal (signo lingüístico). Para segurar a aprendizagem ou a captação da mensagem, desviadas ou dificultadas por erros de transmissão e/ou por ruídos, a linguagem possui uma taxa de repetição que visa a assegurar tal imunidade (29).

Sabemos, também, que essa taxa de redundância (peso morto, para o usuário da língua) é variável de acordo com o tipo de mensagem: a mensagem literária, por exemplo, tenta diminuir sensivelmente o seu índice; enquanto a mensagem jornalística se aproxima do ponto máximo de redundância, pois, o importante aí é a transmissão das informações.

Se o leitor é o criador do efeito do desvio (o autor é o criador da sua causa- daí certos tipos de desvio não produzirem efeito, porque não são interpretados como tais pelo leitor) num primeiro momento, é também o seu corretor, num segundo momento. Essa redução do desvio, realizada pelo receptor

num segundo momento é possível se a alteração não tiver ultrapassado a taxa de redundância permitida pela língua (ver nota 29). Por isso, o "poema de vanguarda" (em que pese todo o seu Hermetismo) nem ele chega a ultrapassar esse índice permitido, caso contrário cairíamos num hermetismo absoluto.

Podemos notar, por outro lado, que a redundância se verifica nos vários níveis:

- (a) redundância fonética ou gráfica;
- (b) redundância sintática ou gramatical;
- (c) redundância semântica.

Uma palavra mal pronunciada (ou difícil de ler) poderá ser reconstituída, sem que intervenham regras gramaticais ou sintáticas, com a ajuda do sintagma em que está inserida—gracias a uma taxa de "redundância fonética ou gráfica" existente na língua: é o que acontece com certos desvios (metaplasmos), que diminuem a redundância fonética.

A "redundância sintática ou gramatical" é observada principalmente na modalidade escrita. Verifica-se pelas marcas repetidas que assinalam o gênero, o número, as pessoas, desinências dos verbos, etc. . Neste sintagma "Os meus dois caríssimos amigos paranaenses", encontramos seis vezes as marcas (redundantes) de gênero e de número.

As "metataxes" operam dentro dessa faixa de redundância, destruindo-a parcialmente. Exemplo:

"Na rua, nenhuma pessoa."

A autocorreção (ou reconstituição) é feita a partir da negativa e da pontuação: "Na rua, (não havia) nenhuma pessoa."

A "redundância semântica" escapa ao domínio das regras estritas como as precedentes (regras ortográficas ou gramaticais, por exemplo). Ela opera essencialmente no domínio das "regras lógicas"—resultando da necessidade pragmática da comuni

cação, que visa à coerência da mensagem. Chega-se mesmo a descobrir (ao nível do sintagma), com certa certeza, o significado dos elementos (ao menos, parcialmente) pelo contexto em que estão inseridos. Essa propriedade se torna possível graças ao estabelecimento de "semas iterativos" (os classemas) ⁽³⁰⁾. "LadRAR", por exemplo, exigirá, dentro das possibilidades neutras (constantes), um sujeito |+ Animado| e |+ Canino|. Por isso, quando dizemos "O chefe ladrou furioso" estaremos atribuindo esses semas a "chefe", o que constituirá um desvio, violando uma regra de coerência semântica. Com isso, atribuiu-se a "chefe" um novo sema |+ Canino| - probabilidade esta avaliada com precisão por todo o falante nativo de uma língua- que modificará a expectativa em função da espécie de mensagem em questão: literária, publicitária, coloquial, jornalística, etc.

Dos três níveis de redundância que acabamos de tratar, o primeiro é normal- faz parte do grau zero; o segundo, diminuído; e o terceiro, aumentado ⁽³¹⁾ - ambos marcados em relação ao primeiro nível. Teríamos, então, a possibilidade de três ocorrências diferentes para uma mensagem: -, 0, +, fornecendo 1,6 "bits" de informações, e que nos remeterá a significados gerais, tais como literatura, gíria, publicidade, etc. .

A concepção de grau zero, assim como foi explicitada, nos leva a decompor o desvio em duas partes:

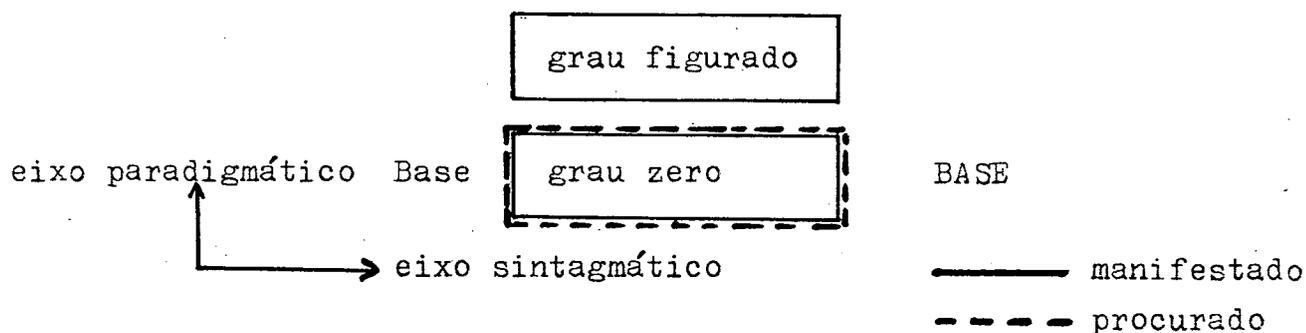
(a) distância que separa os semas essenciais (constantes) das disponibilidades lexicais;

(b) distância suplementar percorrida em campo lingüístico, existente entre essas disponibilidades e os lexemas finalmente realizados.

Como podemos notar, somente a segunda parte do desvio é propriamente retórica ⁽³²⁾, embora se torne difícil precisar o limite entre as duas, principalmente quando operamos com os metassememas- objeto de nosso estudo.

Num discurso que comporta figuras, aparecem-nos

duas partes distintas: a que não sofreu alterações (base), e a que sofreu algum desvio retórico. De outra forma, todo enunciado figurado possui um grau zero sistemático, cujas relações estabelecidas podem ser de ordem substancial ou relacional- que designar-se-ão "invariantes". A redução do desvio é operada, então, apoiando-se sobre a parte não-figurada do discurso, levando-se em conta o invariante oposto (33). No plano linguístico, isto vai corresponder exatamente às atividades de "seleção" e de "combinação"- respectivamente os paradigmas e os sintagmas. Vejamos o gráfico abaixo!! (34)



As vezes (caso observado com a elipse) uma unidade de significação é inteiramente suprimida, desaparecendo da mensagem. Nesse caso (não permanecendo o invariante), a base permitirá, por sua redundância, a reconstituição do grau zero.

A título de "Resumo", dizem-nos os participantes do Grupo Mi:

"... a retórica é um conjunto de desvios suscetíveis de autocorreção, isto é, que modificam o nível normal de redundância da língua, transgredindo regras, ou inventando outras novas. O desvio criado por um autor é percebido pelo leitor graças a uma "marca", e em seguida reduzido graças à presença de um "invariante". O conjunto dessas operações, tanto as que se desenvolvem no produtor quanto as que têm lugar no consumidor, produz um efeito estético específico, que pode ser chamado de "ethos" e que é o verdadeiro objeto da comunicação linguística.

A descrição completa de uma figura de retórica deve, então, obrigatoriamente comportar a de seu desvio (operações constitutivas do desvio), a de sua marca, a de seu invariante e a de seu "ethos". (Retórica Geral, pp. 66 e 67).

c. operações retóricas.

As operações retóricas vem englobadas sob o termo geral de "alterações" que, de uma forma bastante geral, pertencem a dois grandes grupos: as operações substanciais (que alteram a própria substância ⁽³⁴⁾ das unidades que atingem), e as operações relacionais (que modificam as relações posicionais existentes entre essas unidades).

As operações substanciais podem ser de dois tipos:

(a) de supressão; -S

(b) de adjunção ; -A

(poderíamos igualmente considerar uma operação mista, resultante de uma supressão e de uma adjunção).

Quanto mais se suprimem (ou acrescentam) elementos, mais diminui a quantidade de informações da mensagem (ou aumenta). No domínio dos metassememas, é o nível de generalidade da mensagem que aumenta (ou diminui) na razão inversa das adjunções ou das supressões efetuadas. Esses tipos de operações (ainda gerais) admitem muitas outras, de caráter particular: por exemplo, a supressão poderá ser parcial ou total; a adjunção poderá ser simples ou repetitiva (quando se limita a repetir as unidades de significação do grau zero). E mesmo a operação mista poderá ser parcial ou total, ou até mesmo negativa (quando, na supressão de uma unidade, insere-se em seu lugar a sua negação).

As operações relacionais são bem mais simples, limitando-se a alterar a ordem linear das unidades - sem modificar a sua natureza, contudo. Essas operações dizem respeito a "permutações", de ordem geral ou por inversão: ⁽³⁵⁾.

Os Metassememas ⁽³⁶⁾.

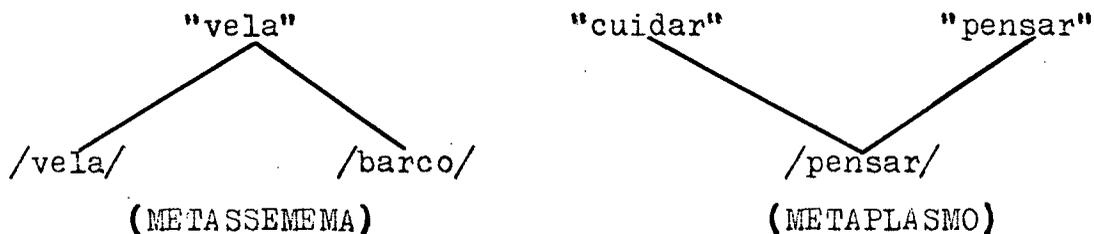
a. conceito.

A definição de metassemema como "a figura que substitui um semema por outro" (cf. Retórica Geral, p. 52), supondo a palavra como uma coleção de semas nucleares - sem ordem interna

e não admitindo repetição dos semas no seu interior- vai ser pre cisada nas linhas que se seguem.

Se tomássemos essa formulação literalmente, poderíamos constatar que qualquer figura (ou seja: metábole) "substitui uma palavra por outra", manifestando-se, acima de tudo, por substituição de elementos neutros de um dado discurso de elementos anormais- este é o ponto de partida do ângulo do decodificador (receptor) da mensagem (37).

Como ponto de partida inicial supõe-se que o produtor parta de um significante- tomando signos já constituídos. Por isso, ao passo que em certos tipos de metaplasmos (os de substituição completa, por exemplo) o produtor não chega a modificar o sentido denotado do termo final, ocorrendo tão somente uma comutação da forma; no caso do metassemema, essa comutação da forma é seguida também de uma comutação do sentido (essencial no procedimento). Vejamos!! Tomemos como exemplo o caso dessa ilustre sinédoque, vulgarizada ao extremo (38)!!



Como pudemos observar, num caso, a figura reside em remetermos a dois significados (METASSEMEMA); no outro, numa operação em que nos aparece a possibilidade de dois significantes nos remeterem a um único significado (METAPLASMO). Agora, poderemos retificar o conceito de METASSEMEMA, como sendo O QUE SUBSTITUI O CONTEÚDO DE UMA PALAVRA POR OUTRO, MEDIANTE OPERAÇÕES REGRADAS QUE INDICAM NÃO SOMENTE UM DISTANCIAMENTO, MAS QUE SEJAM, ACIMA DE TUDO, JUSTAS- i. é, permitidas pela língua.

b. considerações gerais.

Numa operação metassemêmica, se existe a "possibilidade de modificarmos o conteúdo de uma palavra", é porque restará sempre ainda uma parcela do sentido inicial, que repousa no índice de redundância existente na articulação do discurso- isto explica podermos alterar o sentido de uma palavra sem incorreremos no hermetismo absoluto.

Dito na terminologia de Pottier e Greimas (cf. A Semântica de Pottier e Greimas), o lexema- unidade mínima do discurso- é o resultado de uma coleção de semas, unidades mínimas do sentido, dos quais alguns são nucleares e outros, contextuais, sendo que o conjunto produzirá um efeito de sentido (semema). Portanto, em última instância, é a manipulação dos arranjos semêmicos que produzirá as figuras, mediante operações de acréscimo ou de supressão.

Os dicionários (léxicos) relacionam as classes contextuais possíveis para cada lexema (bem ou mal), comprovando que o sentido de uma palavra resulta do conjunto de suas ocorrências possíveis. Tomando-se o lexema "tête" (cabeça...)- analisado por Greimas- poderíamos encontrar inúmeras variantes no plano paradigmático, todas equivalentes na medida em que fossem lexicalizadas. Segundo as considerações de Jakobson, cada emprego constituiria um metassemema, já que toda seleção paradigmática seria, em último caso, metafórica. Porém, esta conclusão não seria de grande rigor retórico, visto que não se procedeu a uma distinção entre "o retórico" propriamente dito e "o semântico". Neste caso (como veremos adiante), confunde-se a metonímia propriamente dita (a metonímia pura) com a sinédoque, que possui formas simetricamente inversas- aliás, foi o que aconteceu com o próprio Jakobson, quando reuniu essas duas figuras.

Para que haja desvio, é preciso que haja uma certa marca (distância) entre dois sememas, de tal forma que o primeiro continue presente, ainda que implicitamente (39).

Se, como afirmamos na p. 132, "o metassemema modifica o conteúdo de uma palavra", deve-se acrescentar que esta modificação só será percebida como possuindo uma marca, numa sequência sintagmática (ou seja: num contexto). Isto nos proporciona o exame de seqüências com função puramente poética (artística) e de seqüências onde a função poética esteja subordinada a outra função, a conativa (em nossa terminologia, apelativa)- como acontece no discurso publicitário.

Os retóricos do Grupo Mi apresentam, a seguir, alguns modelos segundo os quais ocorrem as duas operações fundamentais: a "percepção" e a conseqüente "redução" do desvio é efetuado (40).

Os dois primeiros modelos são essencialmente "cognitivos"- dizem respeito ao conhecimento extralinguístico, acerca das coisas e do mundo: o primeiro relaciona os seres mediante um "encadeamento de classes", efetuado sob o ponto de vista do classificador, obtendo-se um número indefinido de "pirâmides", que comportam classes estreitamente relacionadas em estruturas. As ciências biológicas, para a classificação dos seres vivos, utilizam-se deste modelo. O segundo, opera sob a forma de uma "árvore dicotômica": uma árvore ramificada onde cada galho, cada ramo e cada folha representa objetos de forma cada vez mais precisa. Existem várias maneiras de se construir uma "árvore dicotômica", (uma delas pertence ao modelo Gerativo-Transformacional) mas o que é realmente relevante é a operação pela qual é construída. Esses vários modelos de "árvores" e "pirâmides" concebíveis serão considerados mais verdadeiros que outros, simplesmente pelo critério de adequação entre assunto (mundo, universo que representa os fatos) e produto (modelo explicativo dos fatos). Por isso, um determinado modelo que explique, mediante operações regradas, o universo representado pelos fatos, i. é, o que realmente existe e não o que se supõe existir ao conjunto de fatos apresentados, será considerado adequado e, conseqüentemente, verdadeiro.

Os dois modelos descritos são produtos factuais da cultura, obtidos por idêntico procedimento racional. O modelo de "encadeamento de classes" enfatiza o agrupamento de objetos análogos (semelhantes), enquanto o segundo modelo, o da "árvore dicotômica", se baseia nas diferenciações sucessivas que permitem representar o objeto com uma precisão sempre mais apurada (destacando as suas oponências). Os dois modelos se opõem frontalmente sob o ponto de vista da extensão e da compreensão.

Os conjuntos dos fatos que compõem o universo semântico poderiam ser englobados, também, em séries de palavras (com traçados lineares nas pirâmides de classes encadeadas ou na árvore disjuntiva), cada uma constituindo uma "série endocêntrica"- derivando das possibilidades de escolha entre as equivalências de um determinado nível. Poderíamos, então, obter uma certa estruturação do universo semântico- base da estruturação do léxico. Exemplos (41):

primavera	→	verão	→	outono	→	inverno	(sucessão temporal cíclica)
um	→	dois	→	três	→	quatro	(sucessão lógica não-cíclica)
nuvem	→	chuva	→	inundação	→	enchente	(sucessão causal)
gelado	→	frio	→	tépido	→	quente	→ abrasador (sucessão intensiva)

(Os termos dessas séries vêm unidos por nexos de "contigüidade")

Um outro tipo de "encadeamento seriado", que poderia ser denominado de "material"- em confronto com as séries sêmicas, que são "conceptuais"- é conseguido tomando-se um lexe-
ma e incluindo-o em outro (que o engloba), e assim sucessivamente. Vejamos um exemplo!!

rádio → braço → homem → família → sociedade → país

Convém notar que os três tipos de séries citados (por contigüidade, material e conceptual) intervêm na formação

dos METASSEMEMAS. A aplicação desses modelos descritos conduzirá a dois tipos de decomposição semântica essencialmente diversos:

(a) decomposição II: as partes guardam entre si uma relação do produto lógico II (conjunção e);

(b) decomposição E: as partes estabelecem entre si um vínculo de adição lógica E (conjunção ou).

Um mesmo lexema poderá ser decomposto (segundo a necessidade) de acordo com o modo II ou de acordo com o modo E. No primeiro caso, a decomposição nos remeteria para uma série referencial exocêntrica do tipo "árvore ---> ramos ---> folhas ..."; no segundo caso, o encadeamento seriado nos levaria a uma série sêmica endocêntrica do tipo "árvore ---> ipê ---> salgueiro ---> ma cieira..." . Esta observação é particularmente importante já que todas as figuras que vão ser descritas (pertencentes aos metassememas) operam com deslocamentos sêmicos ao longo de tais séries, controlados por certas regras determinadas (42).

c. A Sinédoque.

Segundo o tipo de operação envolvido (adjunção ou supressão de forma parcial ou total, verificam-se várias categorias sinédóquicas. Se a operação em questão se restringir a uma "supressão parcial" de semas do tipo que vai do particular para o geral, da parte para o todo, do menos (singular) para o mais (plural) e da espécie para o gênero (43), teremos uma primeira categoria que corresponde à "sinédoque e à antonomásia generalizantes". Alguns exemplos:

Os mortais jamais conheceram tempos mais difíceis (espécie pelo gênero, i. é, os homens, mulheres...)

O homem é um ser social. (menos pelo mais, i. é, os homens)

A traça danifica os livros. (singular pelo plural - as traças)

A mulher tem obrigação de ser bela. (singular pelo plural - as mulheres)

O homem e a mulher vestem FAINER. (singular pelo plural)

O bronze já não soa. (parte pelo todo - o sino)

O Sherlock Holmes não conseguirá desvendar o mistério do crime
(espécie pelo gênero- o detetive) (44)

A sinédoque generalizante (Sg) confere ao discurso um andamento abstrato, filosófico. Se, por, outro lado, ocorrer uma operação adjuntiva do tipo simples, teremos "sinédoques particularizantes (Sp) e as antonomásias correspondentes (metáboles bem mais frequentes que a espécie anterior, principalmente na prosa.)

Precisemos alguns pontos:

(a) o que é realmente relevante é a estrutura lógica do processo sinedóquico (i. é: as operações envolvidas em sua produção- supressões, adjunções ...), o modo de operar: modo E ou modo II;

(b) tendo em vista o item (a), teremos teoricamente possíveis as seguintes decomposições sinedóquicas:

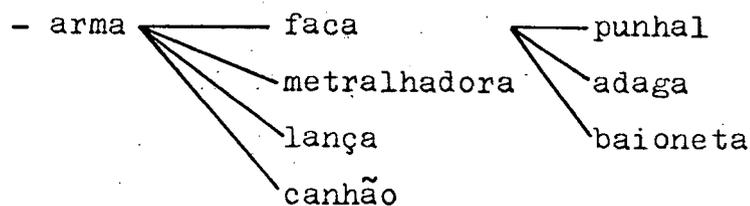
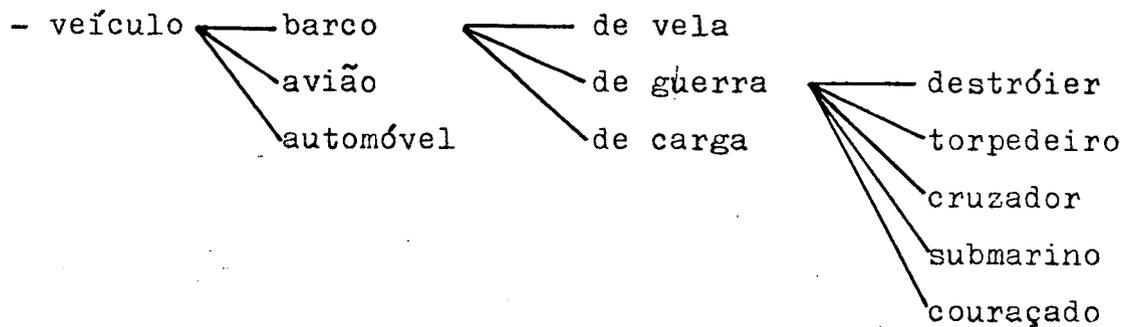
1. Sinédoque generalizante (Sg) do modo E;
2. Sinédoque generalizante (Sg) do modo II;
3. Sinédoque particularizante (Sp) do modo E
4. Sinédoque particularizante (Sp) do modo II

(As sinédoques obtidas em 2. e 3. são pouco comuns)

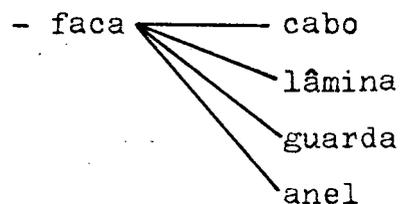
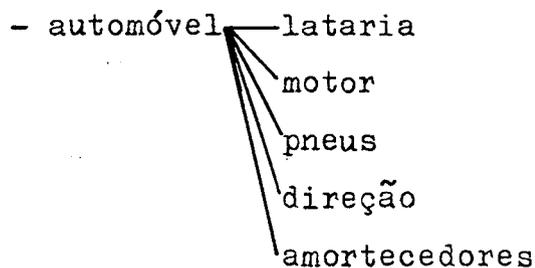
(c) para que não haja equívoco em sua recomposição, o desvio (no caso sinedóquico) deve conservar certos semas (ditos essenciais). Isto explica, por exemplo, por que podemos dizer "cem velas" (Sp do modo II) e não podemos dizer "Cem mastros" ou "cem remos".

(d) a estruturação em classes, fornecendo-nos os semas essenciais, é feita de forma bastante heterogênea- com critérios diferenciadores variáveis. Existem, portanto, dois tipos de classes:

1. as que agrupam seres distintos, semelhantes sob o ponto de vista em questão:



2. as que reúnem partes distintas que pertencem a um mesmo conjunto (todo):



(e) no caso da "soma lógica (modo E) existe uma conservação de semas do termo original até o final; no caso do "produto lógico" (modo II) existe uma distribuição de semas entre as partes:

(f) há dois tipos de Sg E:

1. o que preserva os semas essenciais ("ar-

ma" por "faca", por exemplo); e

2. aquele que suprime os semas essenciais (somente possível se o sema essencial se achar já presente no contexto sob a forma de redundância semântica): é o que ocorreria se empregássemos "ferro" por "faca".

d. A Metáfora.

De certo modo, a descrição do mecanismo sinedóquico introduz a descrição do mecanismo metafórico:

"A metáfora não é propriamente uma substituição de sentido, mas uma modificação do conteúdo semântico de um termo." (Retórica Geral, p. 151)

A operação metafórica resulta da conjunção das duas operações básicas da sinédoque: adição e supressão de semas. Em outras palavras: a metáfora é o produto de duas sinédoques.

"Formalmente, a metáfora se liga a um sintagma onde aparecem contraditoriamente a identidade de dois significantes e a não-identidade de dois significados correspondentes." (Retórica Geral, p. 151) (45)

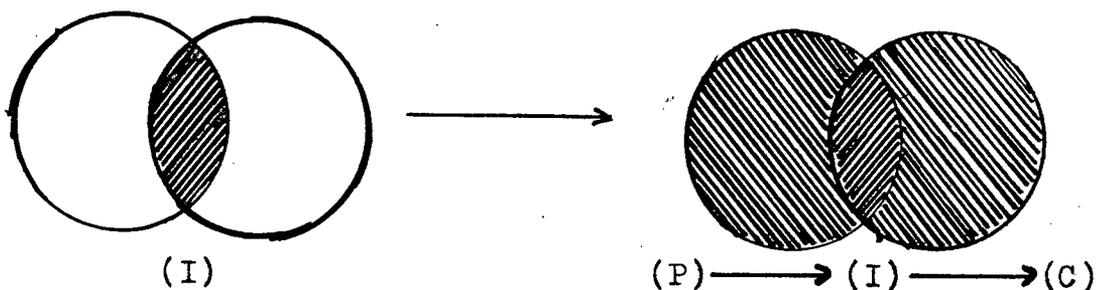
Admitindo-se que o código (sistema, em nossa acepção) seja o código usual, o leitor elaborará representações de acordo com o "modelo da árvore" (modo E) ou "da pirâmide" (modo II), estabelecendo o nível mais prático (curto) em que se deve (ou se pode) aceitar a equivalência de significados.

Comparando-se dois objetos (ou seres), por mais diferentes ou distantes que sejam, será sempre possível inseri-los na pirâmide de classes encadeadas, encontrando uma classe-limite, de tal forma que os dois objetos aí figurem agrupados-separados, porém, nos demais estágios inferiores. Os termos empregados "idêntico", "equivalente" e "análogo" servem justamente para designar o nível da classe-limite em relação às classes em que os seres fi

gurariam como elementos. Aqui está a chave da redução ⁽⁴⁶⁾ do mecanismo metafórico, efetivado quando o leitor (ou o decodificador) descobriu esse terceiro termo-virtual, que serve de aproximação entre os dois outros.

Essa classe-limite pode também ocorrer do resultado de uma intersecção entre os dois termos, resguardando-se aquela porção comum a certos semas ou às suas partes. Se aquela parte em comum é necessária (de qualquer forma) para que possa verificar se uma certa "identidade" (ou analogia), a outra porção (diferente, não-comum) não deixa de ser menos necessária para que se possa operar a redução do desvio, estabelecendo-se a sua originalidade (caso contrário, todas as metáforas seriam do mesmo tipo, i. é, iguais).

O resultado final é a identidade completa dos termos. Isto pode mais facilmente ser representado visualmente pelas figuras que se seguem ⁽⁴⁷⁾:



Onde (P) é o termo de partida e (C) é o termo de chegada, procedendo-se a passagem de um a outro através de um termo intermediário (I), ponto-comum- sempre ausente no discurso, e que é uma classe-limite ou uma intersecção sêmica.

Agora, podemos retomar a nossa afirmação de que "a metáfora é o produto de duas sinédoques", resultando de duas operações sinedóquicas básicas: adição e supressão de semas. Vejamos!!

- (I) é uma sinédoque de (P); e
- (C) é uma sinédoque de (I).

Exemplifiquemos!!

"O homem é um caniço", em que teríamos:

(P) (I) (C)
 Caniço → frágil → homem

- (I) sinédoque generalizante (Sg E) de (P); e
- (C) sinédoque particularizante (Sp E) de (I),
 então:

a) $\frac{(Sg + Sp) E}{\text{metáfora possível}}$

b) $\frac{(Sp + Sg) E}{\text{metáfora impossível}}$, pois:

(P) (I) (C)
 verde → caniço → frágil

"A viúva era um barco", em que teríamos:

(P) (I) (C)
 barco → velas → viúva

(I)

- sinédoque particularizante (Sp II) de (P);

e

(C)

- sinédoque generalizante (Sg II) de (I), en
 tão:

a) $\frac{(Sp + Sg) II}{\text{metáfora possível}}$

b) $\frac{(Sg + Sp) II}{\text{metáfora impossível}}$, pois

(P) (I) (C)
 remos —————> barco —————> velas

Como observamos, não podemos combinar livremente duas sinédoques quaisquer para formar uma metáfora, se quisermos que (P) e (C) tenham algo em comum— uma vez que a sinédoque modifica o nível de dois termos. Restam-nos, então, as seguintes possibilidades combinatórias para a formação de uma metáfora:

1. (Sg + Sp) E
2. (Sp + Sg) II

Portanto, para construir uma metáfora, devemos reunir duas sinédoques complementares, que funcionem de maneira o-posta, ocasionando uma intersecção entre os termos (P) e (C). Quanto ao modo E, a metáfora compartilhará semas comuns a (P) e (C); sendo do modo II, compartilhará as suas partes comuns.

A distinção entre os modos de decomposição II e E nos permite distinguir dois tipos de metáforas: a metáfora conceptual (a do modo II) e a metáfora referencial (a do modo E). A primeira atua numa supressão-adjunção de semas; a segunda, atua sobre uma supressão-adjunção de partes.

Sobre a metáfora "in absentia", diremos (de acordo com os antigos) ser a verdadeira metáfora, aquela que exige quer uma elevada taxa de redundância no contexto, quer uma larga intersecção sêmica entre o grau zero e o termo figurado.

Os poetas, os escritores e os usuários modernos da língua vêm preferindo com mais insistência a metáfora "in praesentia", tornando possíveis relacionamentos mais originais (in-sólitos até), que não exigem forçosamente a presença de um contexto mais amplo, deixando a descoberto seu caráter amplamente pa-radoxal.

Aliás, é a metáfora "in praesentia" responsável pela introdução das relações de comparação, de equivalência, de similaridade, de identidade ou relações derivadas. Vejamos esses dois exemplos ci

tados à p. 161 de Retórica Geral!!

a) as rosas de suas faces ("in praesentia")

b) sobre seu rosto, duas rosas ("in absentia")

E a distinção entre as comparações metafóricas e a metáfora propriamente dita (48):

"... uma diferença importante se faz clara entre a metáfora completa e a comparação metafórica, do ponto de vista daquilo que chamamos marca. As metáforas "in praesentia" se ligam a sintagmas em que dois sememas são indevidamente assimilados, enquanto a metáfora propriamente dita não manifesta a assimilação. Em "Ponha um tigre no seu carro!!" o termo metafórico é percebido como tal porque é incompatível com o resto da mensagem. Essa incompatibilidade suscita então a comparação entre o termo provável e o termo referido: essência de supermáquina = tigre."

Exemplifiquemos melhor com outro anúncio publicitário!!

"DODGE POLARA, coração de leão", em que teríamos:

a) o motor do DODGE POLARA é forte como um coração de leão
(comparação metalógica)

b) o motor do DODGE POLARA é como um coração de leão
(comparação metalógica anômala- falta o atributo comum)

c) o coração de leão do DODGE POLARA
(metáfora "in praesentia")

d) (No) DODGE POLARA, coração de leão
(metáfora "in absentia")

e. A Metonímia.

A metonímia, figura radicalmente oposta à metáfora- segundo o tratamento recebido por Jakobson- é tratada pelo Grupo Mi como estreitamente ligada à metáfora (ou seja: como "um

compartimento da metáfora"). Portanto, a figura base de onde surgem todos os conceitos operatórios (e montagens) fica sendo a sinédoque, embora fique com a metáfora o epíteto de "rainha das figuras", tendo em vista:

- a metáfora ser o produto de duas sinédoques; e
- a metonímia, um "compartimento da metáfora".

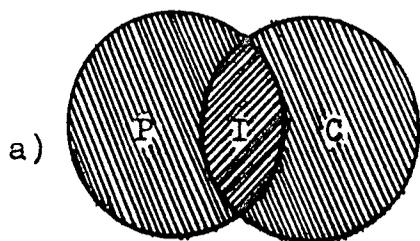
"Não negamos que possa haver na noção de contigüidade real o vislumbre de uma teoria satisfatória da metonímia, mas vê-se que o problema está mal colocado por essa referência à coisa."

(Retórica Geral, p. 166)

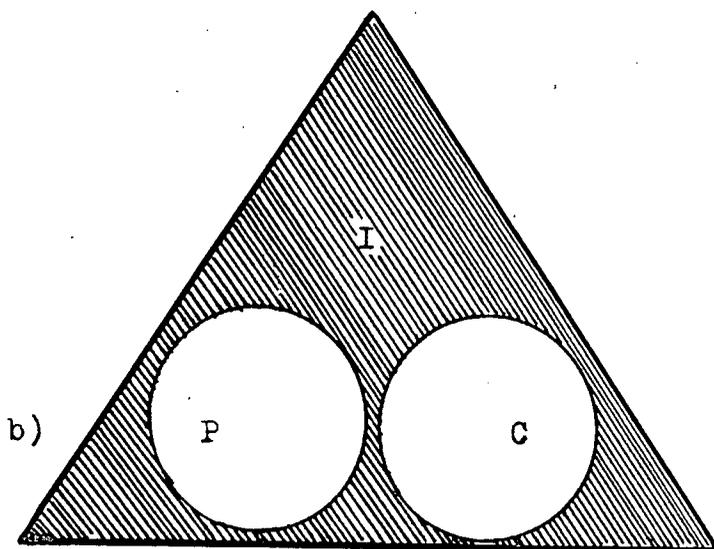
Retomando-se a distinção estabelecida por Du Marsais entre a metonímia e a sinédoque (49):

"a relação que existe entre os objetos (na metonímia) é de tal ordem que o objeto do qual se toma o nome subsiste independentemente daquele do qual extrai a idéia, e com ele não forma absolutamente um conjunto (...) ao passo que a ligação que se verifica entre esses objetos, na sinédoque, supõe que os objetos formem um conjunto como o todo e a parte." (Des Tropes, ed. de 1830, p. 87)

chega-se à conclusão de que a metonímia é uma metábole de nível constante, verificando-se uma relação de produto lógico (modo II) entre o teor do termo substituído e o termo substituinte. Enquanto a metonímia se baseia numa intersecção sêmica de duas classes, a metonímia repousa no vazio. Comparemos as seguintes figuras!!



METÁFORA



METONÍMIA

Assim como na metáfora, há no processo metonímico a passagem do termo de partida (P) para o termo de chegada (C), efetuada através de um termo intermediário (I) que compreende (P) e (C), de acordo com os modos E ou II; e assim, excluídas as duas possibilidades metafóricas "Sg II" e Sp E", obtemos a diferenciação entre a metonímia e a metáfora e, conseqüentemente, entre a sinédoque.

Algumas oponências entre a metáfora e a metonímia são de caráter relevante:

a) na metáfora:

- o termo intermediário (I) é englobado;
- há a intervenção de semas denotativos (Semas nucleares) na definição dos termos;
- pode haver, no lite, a tendência a um intersecção nula.

b) na metonímia:

- o termo intermediário (I) é englobante;
- há a intervenção de semas conotativos (contíguos, pertencentes a um conjunto maior);
- pode haver a ocorrência de um conjunto englobante infinito.⁽⁵⁰⁾

Segundo o ANEXO III, que representa todas as operações possíveis com as diversas metáboles, poderíamos dizer que:

a METONÍMIA é uma metábole que, mediante uma operação substancial de supressão-adjunção completa, atua sobre o conteúdo gramatical de um termo.

Se, como foi dito, a metonímia "faz intervir semas conotativos" (i. é, pertencentes a um conjunto maior) a sua base é realmente a contigüidade, o eixo sintagmático (ou seja: o das funções), participando de uma estruturação do universo semântico onde os termos dessas séries vêm unidos por nexos de contigüidade (cf. p. 135).

Segundo Yoshihiko Ikegami (51) (Structural Semantics, Linguísticos, 1967, nº 33, pp. 49-67), que vem reforçar as opiniões dos neo-retóricos do Grupo Mi, existem duas fontes conotativas básicas:

- a) associações de stes. com outros stes. (ou com outros sdos. - pois o autor não faz distinção entre ste e sdo.);
- b) associações do referente com elementos extralinguísticos.

(Essas duas fontes se realizam através de vários processos).

Inclusive as "espécies" de metonímia discutidas pelos manuais clássicos de "causa/efeito", "efeito/causa", "contenente/conteúdo", "lugar de produção/produto", "signo/coisa significada", "autor/obra", "instrumento/Agente" (pessoa que o utiliza), "abstrato/concreto", "concreto/abstrato", "antecedente/conseqüente" ... representam a estruturação das grandes categorias conotativas de séries de termos. O receptor, ao defrontar-se com uma transgressão semântica (desvio, no sentido que lhe foi atribuído pelos pesquisadores em questão) não sinedóquica nem metafórica, recorrerá a um ou a outro desses tipos de relação. Esta suposição levanta a hipótese de que o receptor recorra, primeiramente, a procedimentos de análise para descobrir se se trata de uma sinédoque, uma metáfora ou uma antífrase para, então, depois, valer-se das séries conotativas que lhe permitirão identificar a metonímia em questão.

Essas categorias conotativas vão-se tornando, rapidamente, convenções- levando à produção de séries de metonímias mais ou menos estereotipadas- razão pela qual são abandonadas no discurso literário moderno- pois, um desvio estereotipado deixa de ser desvio. Daremos alguns exemplos de metonímias originais, retiradas do discurso publicitário, a título de ilustração:

As Lotus venceram fácil na Inglaterra. (Grande Prêmio de Fórmula 1)

Cada macaco em seu galho. (Cintos de Segurança MATAGAL)

Letra de Câmbio: o papel de COSTAS LARGAS. (52)

NACIONAL: o banco do guarda-chuva. (Banco Nacional)

Minister, para quem sabe o que quer. (Cia Souza Cruz Ind. e Com.)

A UNION CARBIDE orgulhosamente apresenta um produto que vai para o lixo. (Sacos plásticos para colocar lixo, fabricados pela UNION CARBIDE)

Fuja dos faróis que cegam. (Faróis GE)

A Volkswagen pôs a Variant na rua. (VW do Brasil)

O Ford-Maverick desafia qualquer carro para uma comparação de peito aberto. (Ford do Brasil)

f. A Alegoria.

Aqui tentaremos introduzir o conceito de "metalogismo", já que a metábole em questão situa-se nesse campo (cf. ANEXO III).

Quando dizemos "Isso não é uma pedra", o fato em questão não irá acarretar uma mudança no sentido da palavra "pedra" que, mesmo ante esse aparente paradoxo, "uma pedra" será sempre "uma pedra" (assim como "um gato é sempre um gato" ou "um cachimbo, sempre um cachimbo"). O metalogismo exige o conhecimento do referente para contradizer a descrição real que dele se poderia dar, portanto, o seu critério é a referência a um dado estralingüístico. Por outro lado, não se torna necessário que haja dois termos a comparar, duas palavras a combinar ou um espaço onde o pensamento possa retornar. Em outras palavras: não é absolutamente imprescindível que o receptor possa operar uma redução, i. é, traduzir implicitamente a expressão por outra (princípio necessário, porém, em se tratando dos metassememas). Vejamos o que nos dizem textualmente os autores do Grupo Mi:

"Os metalogismos, em particular, são procedimentos, operações, manobras que podem repetir uma operação metassemêmica e podem também, se bem que menos frequentemente, passar por metassememas. (...)

Pouco importa que um metassemema tenha às vezes o valor de um metalogismo. Pouco importa, ainda, que se possa aplicar a qualquer metassemema o procedimento metalógico. Numa expressão que chame a atenção por seu equívoco, o essencial é poder distinguir um do outro." (Retórica Geral, p. 180)

Relacionamos a seguir algumas diferenças básicas que nos permitirão dizer se estamos operando com um metalogismo ou com um metassemema:

a) o metalogismo

1. exige o conhecimento do referente (como condição necessária para se contradizer a descrição real que dele se poderia dar);
2. toma as palavras no sentido próprio, não modificando o estado da língua (que não é posto em causa);
3. só pode existir do particular;
4. não exige, como condição suficiente, que haja analogias ou com binações entre-termos- não exigindo do receptor uma operação de redução;
5. é, em princípio, circunstancial;
6. traduzido ou não, conservará sempre o seu sentido.

b) o metassemema

1. não exige, como condição necessária, o conhecimento do referente, pois refere-se ao código;
2. toma a palavra no sentido figurado, modificando a estrutura da língua que é posta em questão;
3. pode existir tanto a partir do particular quanto do universal;
4. tem como condição suficiente a infração a uma norma usual (código), exigindo necessariamente do receptor uma operação de redução;
5. é não-circunstancial;
6. não pode ser traduzido sem perda (ao menos) de certas conotações que o constituem.

Transcrevemos, a título de reforço, o QUADRO XI (Retórica Geral, p. 187) dos Critéribs diferenciadores do metasse-mema e do metalogismo:

Critério	Metassemema	Metalogismo
LINGUÍSTICO:		
1. Domínio de alteração	código	relação ao contexto e/ou ao referente.
2. Extensão	uma palavra (53)	uma ou várias...
LÓGICO:		
1. Valor	nem verdadeiro nem falso	falso
2. Quantidade	universal ou parti- cular	particular
ONTOLÓGICO:	não-circunstancial	circunstancial

(No caso da alegoria, o critério diferenciador da extensão se tor na mais evidente pois, em princípio, ela exige uma coleção de sig nos que têm como função desenvolver uma metáfora)

Se consultarmos novamente o ANEXO III (das metáboles) veremos que a alegoria (assim como a parábola e a fábula) é uma metábole que opera sobre o conteúdo lógico de uma ou várias palavras, mediante operações substanciais de supressão-adjunção completa.

Quando falamos em "supressão-adjunção total", é evidente que há (no caso da alegoria) uma "substituição total"-mas no plano semântico, pois no plano retórico restará sempre um invariante (marca), que nos permitirá identificar a metábole (54) "o barco ébrio juntou-se ao grande veleiro solitário" e entender que "Malraux aderiu à política do General De Gaulle", em vez de

ver na expressão apenas a descrição de manobras navais.

(O invariante surge logo: "ébrio", "grande", "solitário"- cujas indicações conotativas nos remetem a "um ser humano" antes que a "um navio"- ocasionando, de certa forma, um nível zero)

Quanto às metáforas "barco ébrio" e "veleiro solitário", já dissemos que a alegoria pode (e é o que frequentemente ocorre) apoiar-se em metáforas- em nível inferior- e até mesmo em sinédoques particularizantes. Aliás, é o caso de inúmeros romances que funcionam como propaganda de um certo tipo de vida (literatura engajada ou catequizante), ou a das "cautionary ballads", canções populares americanas que floresceram nos Estados Unidos na época da Independência e da Guerra da Secessão.

Mas, se a um nível inferior, a alegoria se compõe de metassememas, a um nível superior, constitui sempre um metalogismo. Podemos afirmar, por outro lado, que a alegoria se presta para disfarçar, sob uma aparência insólita (às vezes), realidades cuja expressão literal poderia constranger, ou, se formuladas literalmente, inacessíveis ao destinatário pretendido (55). Há também algumas preferências (tidas como marcas, segundo os autores) por certos domínios semânticos, como sejam: a vida pastoril, para as parábolas religiosas; os costumes dos animais, para as fábulas; e para as alegorias mais usuais, chega-se a um nível tal de codificação que poderíamos reuni-las em dicionário (56).

Poderíamos, então, estabelecer certos princípios básicos- a partir dos quais formam-se uma alegoria (uma parábola ou mesmo uma fábula):

a) tomada literalmente, fornece um sentido insuficiente, fornecendo uma primeira marca; para tal será necessário que se conheça a realidade (ou seja o contexto extralinguístico);

b) manipula certos domínios semânticos- sempre os mesmos- podendo, por isso, sofrer uma codificação: esta é a segunda marca (embora somente a primeira bastasse).

Denominando-se "transformantes" os elementos constitutivos do grau zero (regra geral, personagens, instituições abstratas...) e "transformados" esses mesmos elementos, tidos como produtos retóricos, obteremos o seguinte esquema (válido para os transformantes i) (57):

(transformante) i $\xrightarrow{\text{metassemema}}$ (transformado)

Agora, podemos facilmente comprovar que a transformação metassemêmica participa a um nível inferior, na constituição de uma alegoria e será sempre uma metáfora ou uma sinédoque particularizante:

(rei)	i	----->	(leão) metáfora.
(astucioso)	i	----->	(raposa) Sp
(oprimido, fraco)	i	----->	(cordeiro) Sp
(opressor, cruel)	i	----->	(lobo) Sp

NOTAS

(1) Dubois, Jaques e outros. Retórica Geral. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Duílio Colombini e Elenir de Barros. São Paulo. Cultrix, 1974, p. 16.

(2) in Novas Perspectivas Lingüísticas. Tradução de Gilda Maria C. de Azevedo. Petrópolis..Vozes, 1971. pp. 43-54.

(3) Jakobson, Roman. in Lingüística e Comunicação. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo. Cultrix, 1973, pp. 34-62.

(4) Jakobson, Roman. Lingüística e Comunicação.
p. 44:

"Na teoria da linguagem, desde a Idade Média, afirmou-se, repetidas vezes, que a palavra, fora do contexto, não tem significado. A validade dessa afirmação está, entretanto, limitada à afasia ou, mais exatamente, a um tipo de afasia."

(5) "Esses doentes, como dizia Pierce, não chegam a passar de um índice ou de um ícone ao símbolo verbal correspondente".

(Citado por Jakobson in Lingüística e Comunicação, p. 45)

(6) "Os componentes de qualquer mensagem estão ligados necessariamente ao código por uma relação de equivalência (interna) e ao contexto por uma relação externa de contigüidade".
(Jakobson, Novas Perspectivas Lingüísticas, p. 48)

(7) Jakobson, Roman. Lingüística e Comunicação. p. 57.

(8) Jakobson, Roman. Lingüística e Comunicação. p. 58.

(9) Jakobson, Roman. Lingüística e Comunicação.
p. 61.

(10) Citado por Le Guern, Michel. A Semântica da Metáfora e da Metonímia. Porto. Telos Editora, 1973.

(11) Ver nota nº 10.

(12) Le Guern, Michel. op. cit. p. 29.
Definição esta, como podemos comprovar, não acrescenta muito à de Aristóteles- citada à p. 14 de nossa pesquisa:
"A metáfora é uma transposição do nome de uma coisa para outra,

transposição... por via de analogia". E na p. 15:

"Como o leão e o herói são ambos corajosos, por uma transposição, Homero qualificou Aquiles de Leão."

(13) "As metonímias consistem na designação de um objeto pelo nome de outro objeto que forma com ele um todo absolutamente à parte, mas que lhe deve ou a quem deve mais ou menos, a sua existência ou a sua maneira de ser" (Fontanier, citado por Le Guern, op. cit. p. 47)

Neste caso, ressaltando-se a característica da relação referencial nos mecanismos metonímicos e sinedóquicos, aproxima-se a metonímia da sinédoque (aliás, o que já fizera Jakobson) e cria-se uma oposição binária do tipo "metonímia-sinédoque - metáfora".

(14) Por metonímia e sinédoque propriamente ditas, entende o autor, de uma forma geral, quando se verifica "um deslize referencial" para entidades extralinguísticas, independentemente das estruturas linguísticas que podem servir para exprimi-las (cf. Le Guern, A Semântica da Metáfora e da Metonímia, pp. 35 e 47).

(15) Na verdade, se observarmos atentamente, todas as categorias catalogadas que produzem metonímias (mediante a elipse da expressão da relação), veremos que não é só a última (a da letra g) que emprega o antecedente pelo conseqüente. Vejamos!!

ANTECEDENTE	CONSEQUENTE
(a) causa (pobreza)	efeito (pobres)
(b) efeito (mortes)	causa (tiros)
(c) continente (garrafa)	conteúdo (líquido)
(d) lugar... (Porto)	produto (vinho fabricado no Porto)
(e) símbolo (bandeira)	coisa (Pátria, País)
(f) abstrato (polícia)	concreto (policiais)

A nosso ver (como procuraremos mostrar na parte em que desenvolveremos o nosso conceito desses tropos), essas relações seriam muito mais simplesmente assim formuladas:

- a) "A pobreza povoou os arredores da cidade."
Com pobreza, pobres.

- b) "Disparou mil mortes."
Com mil mortes, mil tiros (pelo menos).
- c) "Bebeu uma garrafa."
Com garrafa, líquido.
Se bebeu uma garrafa, bebeu o líquido.
- d) "Consegui um "Porto" legítimo."
Com "Porto", vinho do Porto.
- e) "Nenhuma bandeira o abrigou."
Com bandeira, Pátria(país).
- f) "A polícia desbaratou os criminosos."
Com polícia, policiais.
- g) "Gostava muito de saias."
Com saias, mulheres.

Conclusão; qualquer relação que seja metonímica apresenta esse tipo de mecanismo: o emprego do ANTECEDENTE pelo CONSEQUENTE (cf. Linguística Construtural, pp. 67-69)

(16) Mas, como observa inteligentemente o autor, "isso resulta num enunciado um pouco estranho, e é claro que o locutor habitual nunca pensaria em recorrer a uma tal perífrase para glosar uma expressão que contivesse uma sinédoque." (Le Guern, A Semântica da Metáfora e da Metonímia, p. 51)

(17) O critério para o surgimento da metonímia é o emprego de um termo "antecedente" pelo teor de um termo "consequente"; por sua vez, visto a sinédoque se processar mediante um mecanismo que opera dentro de um mesmo campo semântico e ao longo do eixo sintagmático (possui essas semelhanças com a metonímia), mas na sinédoque temos o emprego de um termo "consequente" pelo teor de um termo "antecedente"; o seu mecanismo é idêntico ao da metonímia, mas opera num sentido inverso- e aqui está a diferença!

(18) Le Guern, Michel. A Semântica da Metáfora e da Metonímia. p. 76.

Eis aqui a explicação de como funciona "o mecanismo do símbolo", segundo o autor:

"A relação existente no mecanismo simbólico é uma relação de semelhança" (p.66) - o que aproxima o símbolo da metáfora. "Na verdade, não é a palavra "árvore" (o autor refere-se aqui ao exemplo "A Fé

é uma árvore enorme", de Péguy) que significa a Fé, mas a representação da árvore, quer dizer, o significado da palavra. A própria palavra é apenas a tradução na linguagem de uma relação extralinguística que poderá ser expressa numa outra língua natural sem sofrer modificação perceptível." (p. 67)

"Na expressão simbólica o significado torna-se, por sua vez, o significante de outro significado que será neste a representação ou o conceito da fé.(...) Rigorosamente não é a palavra "árvore" que é o símbolo, mas o seu significado, a representação de árvore." (p. 66)

E como diferem a metáfora e o símbolo?

"A diferença essencial entre o símbolo e a metáfora consiste na função que cada um dos dois mecanismos atribui à representação mental que corresponde ao significado habitual da palavra utilizada, e que se poderá designar comodamente pelo termo "imagem". Na construção simbólica, a percepção da imagem é necessária à apreensão da informação lógica contida na mensagem: o texto de Péguy sobre a fé é incompreensível se não se passar pela imagem da árvore. Pelo contrário, na metáfora, este intermediário não é necessário à transmissão de informação." (p. 71)

(...) "Esta oposição entre símbolo e metáfora permite compreender o que diferencia essencialmente uma semiologia e uma semântica." (p. 76)

(19) As considerações a respeito das pesquisas desse "grupo" acham-se catalogadas num volume intitulado Retórica Geral, ao qual aludiremos constantemente, apenas citando-as ora como pertencentes ao Grupo Mi, ora como Retórica Geral, cuja citação completa seria:

Dubois, Jacques e outros. Retórica Geral. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Duílio Colombini e Elenir de Barros. São Paulo, Cultrix, 1974.

(20) Vejamos, só de relance, alguns autores (dos modernos) que se preocuparam em realizar alguma pesquisa retórica:

(a) Roland Barthes. "A Retórica Antiga" in Pesquisas de Retórica, editado pela Vozes, em Língua Portuguesa, em 1975.

(b) Gérard Genette. Recensão de alguns manuais, como o de Lamy, de Du Marsais, de Crevier e de Domarion - publicadas na revista francesa "Tel Quel"; e mais os seguintes artigos (editados em português):

1. "A Retórica Restrita" in Pesquisas de Retórica. Petrópolis, Vozes, 1975.

2. Figuras. São Paulo, Perspectiva, 1972.

- (c) Tzvetan Todorov. "Les liaisons Dangereuses" in Literature et signification. Larousse, 1967.
- (d) A. Kibédi Varga. La Rhétorique et la critique estruturaliste. Het. Franse Boek, 1968.
- (e) Jean Cohen. "Teoria da Figura" in Pesquisas de Retórica. Petrópolis. Vozes, 1975.
- (f) Pierre Kuentz. "O retórico ou o distanciamento" in Pesquisas de Retórica. Petrópolis, Vozes, 1975.
- (g) I. A. Richards. The Philosophy of Rhetoric. New York. Oxford University Press, 1936.
- (h) Hedwig Konrad. Etude sur la métaphore. Paris. Vrin, 1958.
- (i) Christine Brocke-Rose. A Grammar of Metaphor. Londres. Secker and Warburg, 1958.
- (j) Michael Riffaterre. Estilística Estrutural. São Paulo. Cultrix, 1973.
- (l) Georges Friedmann. "Uma Retórica dos Símbolos" in Semiologia e Lingüística. Petrópolis. Vozes, 1971.
- (m) Jacques Durand. "Retórica e Imagem Publicitária" in Análise das Imagens. Petrópolis. Vozes, 1973.

(Esta é só uma pequena amostra do grande número de autores que se interessam pela retórica nos seus mais variados e diversos aspectos- para não citar, ainda, outros tantos, a que já nos referimos no decorrer desse trabalho)

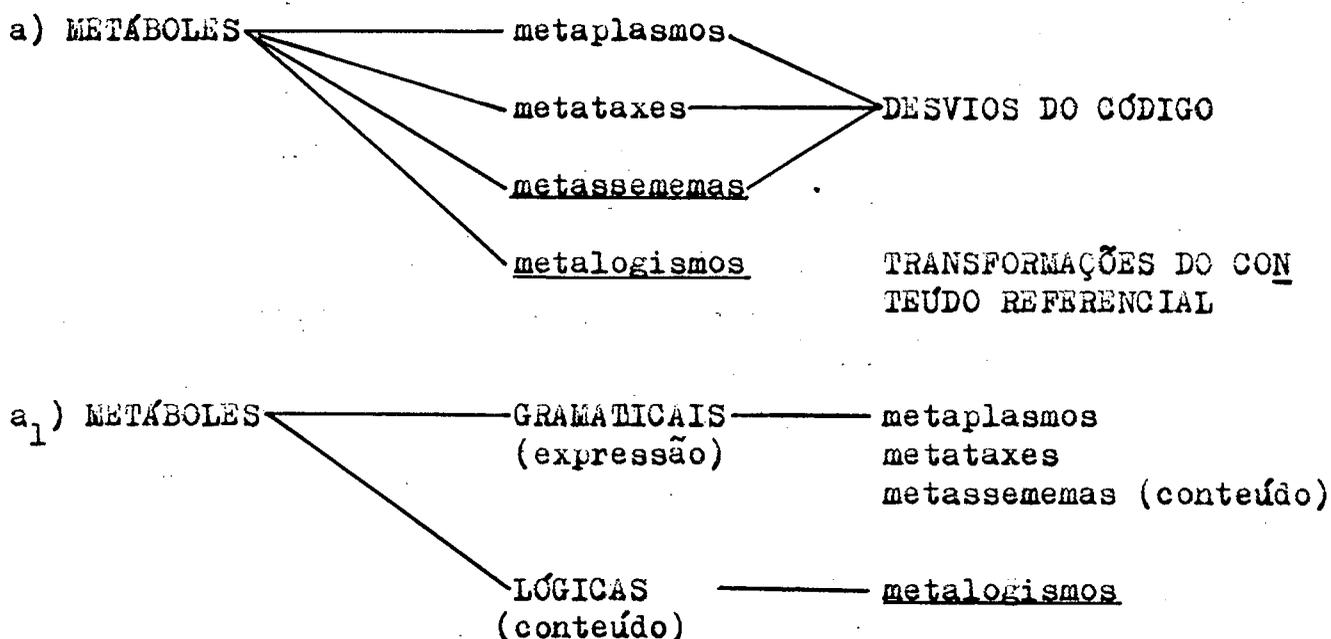
(21) "Chamaremos metábole a todo tipo de mudança de um aspecto qualquer da linguagem, de acordo, aliás, com o sentido que se encontra em Littré." (Retórica Geral, p. 39)

(22) Trata-se, portanto, de saber se o escritor se desvia daquilo que deve ser ou do estado habitual, conforme a maioria dos casos." (Robert, citado em Retórica Geral, p. 34)

(23) O conceito de "grau zero" será desenvolvido mais adiante, na parte referente aos conceitos operatórios nas pp. 53 a 58 do manual Retórica Geral.

(24) As "figuras retóricas" seriam o resultado da aplicação dessas quatro operações fundamentais (cf. Retórica Geral, p. 39).

Poderíamos simplificar assim o quadro das "figuras retóricas" que nos dizem respeito, segundo o Grupo Mi:



(Para uma melhor visualização, consultar o ANEXO III)

(25) Opinião, aliás, compartilhada por J. P. Boons, Synonymie, antonymie et facteurs stylistiques, revista Communications nº 10, 1967, pp. 167-188, e que endossamos integralmente.

Como sabemos, a linguagem possui características sob vários aspectos:

- quanto à atuação: poderá ser pressiva (impressiva ou expressiva) ou neutra: a pressividade nos convence, enquanto a neutralidade nos vence. No primeiro caso, temos duas funções da linguagem (segundo Jakobson): a emotiva e a conativa (ou injuntiva); no segundo caso, nos aparece a função referencial.
- quanto à significação, poderá ser:
 - unívoca: um ste. para um único sdo.;
 - plurívoca: um ste. abarcando o máximo de situações, portanto, com vários sdos. (Não se deve confundir plurivocidade com ambigüidade);
- quanto à percepção, poderá ser:
 - refletiva: qdo. retrata os entes de acordo com a realidade válida para a cultura (refletiva não significa científica, porém- pois cada cultura valoriza diversamente os entes);
 - mítica: qdo. reflete uma outra realidade, ul-

trapassando os limites reais estabelecidos pela própria cultura, criando (no dizer de Fidelino Figueiredo) uma "supra-realidade".

De acordo com essas características, distinguimos três classes de linguagem:

1. vital, cujas características são a pressividade, e a univocidade e a refletividade: é a linguagem do dia-a-dia, podendo variar de acordo com o meio social;
2. intelectiva, que é neutra, unívoca e refletiva: é a linguagem do discurso científico, utilizada para transmissão de conhecimentos e/ou de cultura;
3. literária, cujas características são a pressividade, a plurivocidade e a miticidade: é a linguagem própria da literatura, que se vale da função poética (segundo Jakobson)- cujo referente é a própria mensagem.

Agora, podemos estabelecer mais precisamente, o conceito de "grau zero" como sendo a mensagem que se vale de uma linguagem intelectualiva para sua veiculação, cuja característica não é apenas a univocidade, como podemos observar!

(26) Aliás, opinião compartilhada pela Linguística Construtural, constituindo um dos seus postulados (teoria, segundo Hjelmslev, Prolegômenos, pp.15-16):

"b) A comunicação se realiza à base de estímulo e reação" (Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD. 1972, II volume, p. 492)

(27) No nível do lexema (ou do morfema- segundo Pottier: Linguística Geral: Teoria e Descrição, p. 33), os possíveis semas que entrariam para constituição do semema respectivo- para mais detalhes, consultar:

- A Semântica de Pottier e Greimas. Cap. 1.1.3.
- Semântica Estrutural. Algirdas Julien Greimas. pp. 70 e ss.; pp. 93 e ss.; pp. 107 e ss.; pp. 128 e ss.
- Sobre o Sentido. A.J. Greimas. pp. 38 e 42.

(28) "Há casos em que o código é respeitado e que somente a não-isotopia assiná-la a figura. É o caso da "antaná-clase" ou da "antimetábole":

"O coração tem razões que a própria razão desconhece."

(Pascal)

Como assinalam os autores, logo adiante na p. 57" não devemos supor que a mensagem literária se defina em relação a um modelo único, considerado norma; pois, o metassemema (tropo) dá um sentido novo- acrescentando algo à mensagem- fazendo-a ser apreciada em função de algo que não é ela própria. Não-isotopia não significa, necessariamente, dupla-isotopia." A Conclusão é clara: o que caracteriza, em princípio, a função retórica, é uma "multiplicidade de planos de leitura" (plurivocidade, em outras palavras), sem que nenhuma delas possa ocupar o grau zero.

(29) Esta taxa de redundância já foi medida para diversos idiomas (cf. Retórica Geral, p. 58). No caso do Francês moderno escrito, é de 55% mais ou menos. Isto quer dizer que uma mensagem em Francês poderá sofrer uma perda de 55% de seus elementos e, mesmo assim poderá ser interpretada. Aliás, é o que tenta fazer com a língua a "literatura de vanguarda": diminuir ao máximo a "taxa de redundância" (peso morto), tornando a mensagem difícil de ser interpretada; difícil, mas não impossível!

(30) Ver Greimas, A. J. Semântica Estrutural. pp. 68-72.

Pottier, Bernard. Linguística Geral: Teoria e Descrição. pp. 73-78 e pp. 200-210. (São as regras de seleção (semântica) a que se referem os semantistas gerativo-transformacionalistas)

(31) "Os desvios diminuem sempre a previsibilidade de uma mensagem, mesmo quando parecem aumentar a redundância (...) criando sempre expectativas frustradas (exs.: epíteto, pleonismo, quiasma, etc.) Retórica Geral, p. 64.

(32) "Convencionaremos chamar retóricas as únicas operações que visam a efeitos poéticos (no sentido de Jakobson) e que se encontram principalmente na poesia, no humor, na gíria, etc." (Retórica Geral, p. 62)

Neste caso, o desvio é entendido como uma alteração "local" do grau zero, enquanto tenha alguma relevância a algum fato (ou efeito) poético, descartando-se com isto a observação de que a todo desvio percebido por um destinatário se atribui uma significação.

(33) "O que acabamos de chamar base não passa de uma forma particular de sintagma. Quanto ao invariante, é a estrutura constituída de um paradigma: aquele em que figuram ao mesmo tempo o grau zero e o grau figurado. O sintagma é atual, e o paradigma, virtual".

(34) O termo "substância" não está empregado aqui com o sentido glossemático.

(35) Das operações relacionais não trataremos mais profundamente visto não estarem intimamente relacionadas com o assunto de nossa pesquisa. Contudo, para se ter uma idéia mais abrangente sobre a sua distribuição nas operações retóricas, será esclarecedor consultar o ANEXO III, que trata das metáboles em geral (ou Figuras de Retórica). Pela mesma razão exposta, também não nos deteremos com os metaplasmos e com as metataxes - já que o futuro ou seja o fulcro das nossas considerações se encontra nos metassemas e (amiudamente) nos metalogismos.

(36) Termo designado pelo Grupo Mi para abranger em geral o que se denomina (tradicionalmente, dizem eles) de tropos; mais propriamente refere-se ao "estudo das mudanças de sentido" - problema capital, não somente da retórica mas de qualquer ciência ou filosofia da linguagem.

(37) "Justamente devido a sua distinção entre produtor e receptor, a retórica antiga confundia comutação do sentido e comutação da forma." (Retórica Geral, p. 133) Esta distinção (comutação de sentido ~ comutação de forma) é primordial na distinção entre as metáboles puras (sinonímicas) e os tropos.

(38) Cf. Retórica Geral, pp. 133-4 e Lopes, Edward. Fundamentos da Linguística Contemporânea. São Paulo. Cultrix, 1976, pp. 259-264.

(39) Por isto, num processo puramente semântico, "quando uma palavra muda de sentido, o significado primitivo tende a desaparecer em favor do significado novo (...). Para retomar o exemplo canônico, "tête" perdeu completamente seu sentido original de /pot/ "pote". Do mesmo modo, se eu utilizo, na criação lexical, uma palavra existente para designar um objeto novo que não está ainda nomeado (é a catacrese dos retóricos), como num exemplo do tipo "folha de papel", é efetivamente um raciocínio analógico, metafórico, que autoriza a extensão do sentido, mas a comparação não será mais conservada pelo papeleiro, nem pela costureira - que não se dará conta de que a cabeça de seu alfinete é semelhante a sua própria." (Retórica Geral, pp. 136-7). Cf. também a opinião de Gérard Genette sobre o caso citado da catacrese, nas pp. 82 e 83 de CONCEITUAÇÃO DE FIGURA (TROPO).

(40) Ver gráfico dos modelos citados em Retórica Geral, p. 141 - fig. 9.

(41) Esta rede de exemplos foi retirada de Retórica Geral, p. 142.

(42) Daí a denominação de "figuras semânticas" ou

metassememas.

(43) "Na realidade (...) as árvores ou pirâmides que intervêm de modo implícito na desmontagem e recomposição dos seme-
mas não coincidem forçosamente com uma desmontagem científica do universo. Uma taxinomia selvagem pode realizar o mesmo trabalho. É o que autoriza a tratar a antonomásia (consoante a tradição) co-
mo uma simples variedade de sinédoque, de modo que Cícero seja to-
mado, em relação ao conjunto dos oradores, como uma espécie em re-
lação ao gênero; embora Cícero, enquanto indivíduo, não seja espé-
cie." (Retórica Geral, p. 146) Aliás, 'é o que ocorre quando empre-
gamos mortais por homens: o termo mortais é tomado como espécie em
relação ao conjunto dos animais racionais (homens). Já o teor do
termo mortais deveria também estender-se aos outros animais- tam-
bém sujeitos à morte.

(44) Nem todos os exemplos aqui citados são real-
mente de sinédoques (pelo menos, como a entendemos): constituem a-
penas ilustrações do que se denominou pelo Grupo Mi de Sinédoques
generalizantes do tipo E (Sg) ou antonomásias. Existem outras, po-
rém, também generalizantes, do tipo II - como:

"O homem pegou um cigarro e o acendeu" (homem por
mão...)

(45) Existem, naturalmente, outras teorias sobre a
metáfora que, obviamente, não serão tomadas como relevantes para
este título- já que não estamos tratando da metáfora de uma forma
geral, mas apenas de uma concepção da metáfora, segundo o Grupo Mi,
no caso.

Poderíamos citar, a título de ilustração, contudo:

- a) Metáfora e Figura de Antônio Sérgio Mendonça. Revista Vozes.
nº 9, 1975, pp. 27-30.
A metáfora vista sob o ponto de vista lacaniano como sendo "o
resultado da centelha produzida entre dois significantes, um
dos quais substitui o outro, tomando-lhe o lugar na cadeia sig-
nificante, permanecendo presente o significante oculto pela sua
conexão (metonímica) com o resto da cadeia."
- b) Reflexões em torno da metáfora de Eliana Yunes. Revista Brasi-
leira de Linguística. vol. 5, nº 1, 1978, pp. 139-152.
Uma tentativa de aliar o mecanismo das transformações katzia-
nas com a análise estrutural (sêmica) proposta por Pottier, to-
mando como base os conceitos modernos da Filosofia da Lingua-
gem (Teoria do significado, de Austin), e aplicando-os a um
grupo de verbos de movimento.
- c) Metáforas Machadianas de Walter de Castro. Coleção Linguística
e Fisiologia. Livro Técnico S/A. Rio de Janeiro, 1978. 125 pp.
Uma resenha das diversas conceituações da metáfora em confron-

to com as outras figuras, vizinhas ou assemelhadas a ela. O autor, ao estudar nove romances, cinquenta e três contos e algumas crônicas de Machado de Assis, procura realizar um agrupamento das metáforas encontradas, sob diversos pontos de vista (destacando-se os de Tudor Vianu e de Ullmann).

- d) Metáfora e Montagem (um estudo sobre a poesia de Georg Trakl) de Modesto Carone Netto. Coleção DEBATES, nº 102. São Paulo. Perspectiva, 1974. 173 pp.

Tentativa de aproximação das várias teorias sobre a metáfora (imagem, símbolo...), esposadas pela Retórica Clássica e retomadas pelos modernos, na obra de Trakl - sem muita preocupação com os conceitos, mas procurando determinar o seu mecanismo, através de operações permitidas pelo contexto estudado. E o autor explica o que deve ser entendido com Metáfora e Montagem: "... as imagens isoladas do poema se comportam como as tomadas ou os fotogramas num filme, articulando planos e cenas, cujo significado seria aferível pela forma em que essas unidades co laboram ou colidem umas com as outras na consciência de quem lê o poema (como ocorre na mente de quem vê o filme)" (INTRODUÇÃO, p. 15).

(46) "A redução se opera caminhando sobre não importa qual árvore, ou não importa qual pirâmide, especulativa ou realista. Cada leitor pode ter sua representação pessoal: o essencial é que se estabeleça o itinerário mais curto pelo qual dois objetos possam reunir-se (...)" (Retórica Geral, p. 152)

(47) Figuras citadas e apresentadas em Retórica Geral, p. 153.

(48) Retórica Geral, p. 161

(49) Citado em Retórica Geral, p. 166.

(50) "As duas figuras assim se conjugam, sem justificação intrínseca ou extrínseca. Essa possibilidade (diríamos, esse perigo) é explorada abundantemente pela publicidade, que cria pelo SLOGAN o conjunto englobante de que tem necessidade, nu ma diligência que se avizinha da petição de princípio. Seja um cartaz representando metonimicamente o homem de ação por um possante carro esporte, com a legenda: "SPRINT, o cigarro do homem de ação." Em que teríamos uma ligação lógica (evidente) entre SPRINT --- carros veloz --- homem de ação, mas uma outra, absolutamente arbitrária, entre SPRINT --- cigarro. Longe de utilizar uma ligação existente, a fórmula publicitária cria com o conjunto das partes essa ligação." (Retórica Geral, p. 169)

(51) Há que se fazer uma ressalva, porém; nem todos os processos descritos por Ikegami são conotativos - segundo

o modelo de interpretação do Grupo Mi.

(52) Há a possibilidade também de uma metáfora (nesse exemplo e no seguinte), considerando-se a intersecção "proteção", produto de uma

(Sg + Sp) E.

(53) "A extensão do metassmemema decorre de sua definição. Substituindo um grupo de semas (semema) por outro, atuará sobre uma palavra. Quanto às figuras "in praesentia", que parecem atuar sobre várias palavras, é sempre possível reduzi-las a uma figura "in absentia"- que atuará, então, sobre uma única palavra."

(Retórica Geral, p. 186)

(54) Exemplo citado em Retórica Geral, pp. 192-3.

(55) Nesse sentido, a alegoria pode ser aproximada do eufemismo.

(56) Nota-se, por exemplo, em Publicidade a forte tendência para a criação de logotipos (ou mesmo de anúncios) com nomes de animais:

Elefante (extrato de tomate CICA)
Tigre (gasolina ESSO, automóveis, lixa, tubos de conexão)
Sabiá (emplastro)
Jacaré (artefatos de aço)
Mustang ("cavalo selvagem" - carro da FORD)
Corcel (carro da FORD)
Tatuzinho(nome de uma aguardente)
Cavalinho(aguardente)
Raposinha(aguardente)
Gato (pilhas Eveready)
Rouxinol (café e outros produtos)
Coruja (telhas ETERNIT)
Canário (cera para assoalho)

(para citar apenas alguns dos mais conhecidos)

(57) Terminologia e esquema apresentados em Retórica Geral, p. 194.

4.4. Conceito Construtural

4.4.1. Introdução.

As diversas incursões que realizamos no campo do significado devem ter demonstrado que a Semântica constitui um campo ainda incipiente e muito fragmentado no terreno da investigação: era nosso propósito poder ter enfatizado essa realidade!

Os empecilhos na construção de modelos, capazes de descrever com precisão de fórmulas matemáticas e químicas, o funcionamento do conteúdo lingüístico são muitos, visto somente o significante ser um dado concreto da linguagem, enquanto o significado se apresenta sempre como algo abstrato e cultural- enfatizando o aspecto de interdependência entre o significante e a representação cultural do universo (kosmos, o universo manifestação lingüisticamente). Nesse aspecto, o significado será realmente o resultado da associação entre um significante e uma situação cultural (cf. Semântica Construtural, p. 63) e não de uma imagem acústica (seqüência fônica, som, etc.) com a coisa real (referente), como pensavam alguns.

Os primeiros esforços na tentativa de um estudo formalizado foram encabeçados por Saussure e Hjelmslev- surgindo com eles as primeiras abordagens formalizadas do significado- com a isolação dos "semas" e propondo uma "combinatória semêmica"- pontos de partida para as manifestações semânticas posteriores.

A "palavra isolada" sofreu um estudo sistemático de Pottier (1) que estabeleceu o "semema" (conjunto de semas) como unidade mínima no plano do conteúdo, procurando demonstrar suas relações em "campos semânticos" que se organizariam como uma espécie de redes estruturais para o significado- tornando-o organizado. Uma das principais limitações da teoria de Pottier se encontra

no fato de que não falamos por palavras (tidas como signos, no modelo pottieriano) mas sim por períodos (ou seja: por textos que possuem uma mensagem).

O modelo semântico Gerativo-Transformacional, no que se refere à proposta de Katz & Fodor tem o mérito de incorporar ao estudo do significado o caráter dinâmico das realizações linguísticas, produto, em síntese, das regras de projeção que implicam uma das diversas entradas constantes no sistema para cada item lexical. Sobre as limitações do modelo Gerativo-Transformacional (versão Katz & Fodor) muito está escrito na parte sobre a Semântica Gerativo-Transformacional, mas poderíamos acentuar uma pactuação visível com o modelo sintático coercitivo de Chomsky- onde o Componente Sentático ocupa papel de destaque. Como consequência, o ponto de partida para as restrições seletivas são os sintagmas nominais (SNs) e não os sintagmas verbais (SVs) que querem-nos parecer- seriam o eixo básico das formulações linguísticas, condicionando a escolha dos demais elementos com que se relacionam (2).

Sobre os semanticistas simpatizantes com o modelo Contexto-Situacional (em nosso entender, adjetivo pleonástico este) que têm em Oswald Ducrot o seu principal representante, buscam uma base nas antigas correntes filosóficas gregas (no que se refere ao significado da palavra), respaldando-se em outros linguistas, como Sapir Boas, Whorf e principalmente em Malinowski, que consideram o significado da linguagem como uma realização "hic et nunc", produto de interpretações possíveis dos falantes de uma determinada cultura. Ducrot e seus seguidores postulam, considerada verdadeira a hipótese da interpretação ser dependente de circunstâncias múltiplas e da capacidade individual do interpretante, que a compreensão do enunciado do falante A exige uma completa identidade do falante B em relação a A. O significado seria então uma possibilidade ideal, jamais realizável!

Quanto à Semântica Construtural, leva em conta o modelo de comunicação que percorre a teoria- descrevendo o período

como percurso de uma carga que parte de um ponto A (origem) e alcança um ponto B (destino), num espaço E ou num tempo T - com a presença de um assistente (ou agente). O fato é concebido como elemento nuclear e condicionador das demais instâncias (cf. Semântica Construtural, p. 16). Temos aí, então, uma verdadeira Estrutura Profunda, como queria Lakoff- com as estruturas subjacentes abstratas e bem reduzidas. No dizer de Hjelmslev, conseguiu-se "reduzir um conjunto infinito de grandezas a um número reduzido de grandezas" (Prolegômenos, 1975, pp. 51-2).

Os conceitos das figuras de que vamos tratar a seguir, dependem (ou estão relacionados) todos eles ao tratamento da do ao trajeto semântico depreendido da cláusula (nível comum a qualquer língua), em que se realiza o diálogo, e ao do período- em que se executa a língua, também nível inevitável em qualquer uma das línguas.

4.4.2. A Alegoria.

Semanticamente, consideramos a Cláusula como um ATO-conjunto de CENAS (que são o significado dos períodos que a constituem). Por isso, uma Cláusula Complexa (que é a que possui a parte do emissor e a do receptor) é constituída de duas cenas (lexicalmente, dois períodos).

Sabemos que o falante jamais poderá agir sobre o enunciado do ouvinte (que é uma cena), mas agirá sobre o próprio ouvinte, mediante o enunciado proferido (que é também uma cena); daí a importância da cena, que se constitui numa espécie de unidade semântica- encontrando-se aí o campo de maior atividade linguística do falante.

O emissor parte sempre de uma situação para criar o seu enunciado (ou texto). Assim, poderíamos afirmar que:

Texto (ste.) / Situação

texto e situação se enquadram numa relação de dependência unilateral: o texto prevê (manifesta) a situação; ou seja: a situação condiciona o texto.

Já o receptor parte do caminho inverso: toma o texto (ou enunciado proferido pelo emissor) e chega a uma situação. Assim teremos a seguinte representação:

Situação / Texto (ste.)

em que situação e texto se encaixam numa relação de dependência unilateral também: a situação prevê (manifesta) o texto correspondente; ou seja: o texto condiciona a situação.

Por isso, cabe-nos estudar a situação para sabermos o que dizer aos nossos receptores.

A análise da situação exige-nos que identifiquemos fatos, enquadrando-os em um trajeto semântico: mediante uma carga e os limites correspondentes aos fatos desejados.

Tomemos um caso concreto ⁽³⁾. Desejo informar sobre o namoro de uma moça. Devemos ter em mente daí que, aludindo a namoro, se constitui um trajeto em que a moça e o namorado representam os limites, enquanto os episódios do namoro perfarão a carga. Vejamos este exemplo de Machado de Assis (Obras Completas, 1957, 11, 392):

"Talvez Miloca não sentisse amor verdadeiro por nenhum deles".

em que nos aparecem:

- a) os limites da situação: Miloca e namorados.
- b) uma carga : amor verdadeiro (desejo de casamento)

No trajeto linguístico, o aproveitamento das instâncias da situação ⁽⁴⁾ pode ser diversos:

"Um de seus namorados pediu Miloca ao pai."
 A (O) F C D

Neste trajeto lingüístico, Miloca é a carga; um de seus namorados é a origem- acumulada pelo ASSISTENTE; e o pai é o destino. Portanto,, os limites aqui são: o pai e um dos namorados, enquanto que Miloca é a carga que transita entre os dois limites. No trajeto situacional (visto anteriormente) os rapazes e a moça eram os limites, entre os quais transitava uma carga: o desejo de casamento.

A diversidade ou a igualdade dos trajetos depende do fato escolhido em cada caso:

- a) no primeiro caso, sentir (amor...)
- b) no segundo caso, pedir (a moça...).

Já que o fato vem sempre representado por um sintagma verbal (SV), constituirá o elemento base das formulações lingüísticas, condicionando a escolha dos outros elementos com que se relaciona.

Se nos reportarmos para as instâncias do trajeto situacional citado, com os rapazes e a moça (os limites) e namoro (carga), veremos que o trajeto lingüístico foi realizado com o elemento próprio da carga: algo pertinente a namoro- a situação nos dois trajetos foi sempre a mesma (namoro), mas as duas experiências foram diferentes.

Pensemos agora noutra situação: uma competição esportiva entre automóveis de Fórmula 1. Os limites agora serão os pontos de largada e de chegada; e a carga será constituída pelas manobras necessárias para a competição. Se compararmos as duas situações concluiremos que são semelhantes (cuidado!! semelhantes não quer dizer iguais): os limites são pontos determinados e a carga algo pertinente a... . Assim, afirmamos:

"A cada vez que a situação específica de um momento garantir o significado, é sempre possível trocar os elementos de trajetos situacionais: fala-se de um trajeto com os elementos do outro."

(Back & Mattos, Gramática Construtural da Língua Portuguesa, vol. II, p. 812)

Agora podemos falar numa superposição de trajetos, diminuindo sensivelmente a taxa de redundância semântica da língua, aviventando a mensagem porque nos ocorrem à mente os episódios de cada uma dessas situações: é um acúmulo de situações, a que denominaremos alegoria.

Vejamos esta bela alegoria de Vieira:

"A morte tem duas portas: uma de vidro, por onde se sai da vida; outra de diamante, por onde se entra à eternidade. Entre essas duas portas se acha subitamente um homem no instante da morte, sem poder tornar atrás, nem parar, nem fugir, nem dilatar, senão entrar por onde não sabe, e para sempre ..."

(Tavares, Hênio. Teoria Literária, 1969, 4ª edição, p. 386)

O trajeto situacional da nossa vida nos informa de que o homem é a carga, o nascimento é a origem e a morte é o destino; no exemplo da alegoria de Vieira, a carga é a mesma (o homem), as duas portas (o destino) e a origem é o nascimento (a vida). Temos a mesma carga, a mesma origem e um destino semelhante.

Vejamos agora um exemplo no discurso publicitário:

"UMA NOVA CONQUISTA PARA VOCE!

Ela é irresistível. E está prontinha para você levá-la ao seu escritório, ao bar ou, se preferir, para a cama.

Ela está como você gosta, com as medidas certas... mais vibrante, emocionante, para satisfazê-lo como você merece."

(Anúncio sobre a nova REVISTA PLACAR)

A instância aí conjugada é a carga (ELA - algo muito feminino e desejado); os fatos permanecem os mesmos para os dois trajetos - daí a possibilidade da alegoria.

Os exemplos citados até aqui disseram respeito à troca dos ocupantes das instâncias: um ente valia por outro, de-

vido à igualdade dos trajetos. Pode acontecer também que conserve-
mos as mesmas instâncias e mudemos os fatos: é o que acontece quan-
do transformamos um fato inanimado em fato animado; em outras pa-
lavras: atribuímos todas as características, poderes, possibilida-
des próprios de um ente animado a um ente inanimado.:

"Nas cortinas, de madrugada, a brisa pousava."
(Drummond de Andrade, Edifício do Esplendor, V)

"A vida jogada fora
voltava pelas janelas."
(Drummond de Andrade, Edifício do Esplendor, V)

"Os mortos olham e calam-se."
(Drummond de Andrade, Edifício do Esplendor, V)

"A alma cativa e obcecada
enrola-se infinitamente numa espiral de desejo
e melancolia."
(Drummond de Andrade, Boleiro de Ravel)

"O Brasil está dormindo, coitado."
(Drummond de Andrade, Hino Nacional)

Agora alguns exemplos no discurso publicitário:

"O Ford-Maverick desafia os outros carros para uma
comparação de peito aberto." (FORD do Brasil)

"A propaganda ajuda você a viver melhor." (ABAP)

"O dia e a notícia explodem corações."
(Rádio Independência- Curitiba)

"Caloidide, a bicicleta que mais entende de curvas."
(Bicicletas modeladoras de físico - CALOI)

"Great in bed. (Lençóis SCINTILLA, USA)

"Carlton: o cigarro que frequenta as melhores mesas."
(Cigarros CARLTON - Souza Cruz)

"É por isso que eu moro na areia".
(MARTINI Extra Dry)

"Talvez tenha sido o sol
polindo os aros daquela bicicleta.
Talvez tenha sido a saudade correndo para
mim com seus braços num
convite de abraço."

(Férias de Amor, ELE & ELA, Ano XI, junho de 1979)

Como vimos, na prosopopéia não deixa de haver também um acúmulo de trajetos, permitindo-nos o emprego do animado pelo inanimado, ou do inanimado pelo animado. A prosopopéia empresta um cunho mítico à linguagem- fator primordial em se tratando da literatura.

4.4.3. A Metonímia e a Sinédoque.

a) introdução.

O vocábulo como "unidade tática" (menor estrutura lexical) da língua possui um trajeto também. A sua importância semântica prende-se ao fato de ser o menor elemento que pode ocorrer como período: a esse tipo de vocábulo, denominamos palavra.

É preciso lembrar também que o vocábulo possui sempre uma função no trajeto locucional, e por meio deste, também no trajeto sentencial, o que o torna pertencente a uma destas três classes: assitente, o fato ou limite. (5)

Por outro lado, há também um trajeto cultural da palavra (forma semântica de maior vitalidade e de maiores recursos estilísticos), determinado pelo alinhamento semântico do mor

fema-elemento do vocábulo- e pelos conjuntos que podem constituir a sua configuração clausular. O trajeto cultural da palavra é independente do seu trajeto vocabular. Vejamos!!

<u>PROS</u>	<u>A</u>	D	OR		POETA
<u>C</u>	<u>F</u>	<u> </u>	<u> </u>		<u> </u>
<u> </u>	<u> </u>	<u> </u>	<u> </u>		<u> </u>
O		L			
	C		A		A

(São dois vocábulos pertencentes à mesma classe, com trajetos vocabulares diversos, como podemos comprovar, embora confirmam os seus trajetos culturais) (6)

O emprego estilístico da palavra baseia-se no semema (7) do vocábulo como um todo, desprezando possíveis ligações com as semias de seus morfemas. Para determinarmos o trajeto cultural em que a palavra se encontra, teremos de recorrer à estrutura liminar.

Sabemos que a dependência produz estrutura e a co-dependência, construtura. Uma relação de dependência entre funções gera uma estrutura lexical; uma relação de dependência entre ocupantes produz uma estrutura semântica. Assim, uma relação de codependência entre funções gera uma construtura lexical; uma relação de codependência entre ocupantes produz uma construtura semântica. Porém, as estruturas e construturas liminares se distinguem profundamente das estruturas e construturas lexicais e semânticas, pelo simples fato de que são relações determinadas pela cultura, retiradas da língua por um critério comparativo. Vejamos!!

*São liminares os conjuntos que não se manifestam. Animal e cavalo representam uma estrutura liminar; alegria e tristeza perfazem uma construtura liminar. São reais os conjuntos que se manifestam. A sílaba é um conjunto de fonemas e se manifesta: a sílaba é uma estrutura real; a sentença é um conjunto de locuções e se manifesta: a sentença é uma

Muito facilmente poderíamos concluir que se (muito)sol é a origem de (muito)calor e (muito)calor é a origem de sofrimento (seca), (muito) calor é também a origem de sofrimento (seca) e conseqüentemente de desolação (tristeza). Assim, ainda poderíamos simplificar o quadro para:

MATRIZ	DOMÍNIO
(muito) sol	(muito) calor sofrimento (seca) desolação (tristeza)

A matriz da palavra sol corresponde (aproximadamente) a:
"estrela de quinta grandeza, centro do nosso sistema planetário, que emite energia em forma de luz, produto de uma combustão interna de sua massa-provocada por um atritamento de suas partículas em constante movimento."

Contudo, poderíamos encontrar outra estrutura liminar para a palavra sol. Vejamos!!

Se há muito sol,	há muito calor.
Se há muito calor,	há prais lotadas.
Se há praias lotadas,	há descanso (lazer).
Se há lazer,	há alegria.

Simplificando:

MATRIZ	DOMÍNIO
(muito) sol	(muito) calor praias lotada lazer alegria

Na região nordestina (por exemplo) a palavra sol possui um domínio constituído por experiências diretas (empíricas) bastante de agradáveis; na região litorânea a palavra sol possui um domínio constituído por experiências essas agradáveis. Por isso, o domínio das palavras é um conjunto aberto de significados, chegando às vezes a abranger extremos (como ocorreu com a palavra sol nos dois contextos culturais apresentados). Quando um domínio se torna constante, passa a ser um mito:

- a) coletivo: como o da palavra cruz e o da palavra céu, na cultura ocidental;
- b) individual: que tende a transformar-se em coletivo ou desaparece com o seu criador; como exemplo de um mito individual, cita-se Pasárgada, cidade imaginária, "terra onde corre o leite e o mel".

Os antigos retóricos falavam de uma espécie de "metonímia mitológica" (cf. Conceituação de Figura-Tropo - pp. 94-5):

"ex quo genere haec sunt: Martem belli esse communem, Cererem pro fugibus, Liberum appellare pro vino, Neptunum pro mari." (Cícero, De Oratore, 3, 42, 167).

Se examinássemos mais detalhadamente essa denominação de "metonímia mitológica", veríamos que se enquadra perfeitamente na nossa explicação de "mito"; e, se prosseguirmos, veremos que o mito (segundo o conceituamos) é produto de uma relação metonímica em que se toma o termo da matriz pelo teor do domínio, como veremos adiante (8).

Sabemos que a linguagem, segundo a significação (cf. nota nº 25, p. 157: Conceito Moderno), pode ser unívoca ou plurívoca. A linguagem intelectual é essencialmente unívoca (além de ser refletiva e neutra); a linguagem literária é essencialmente plurívoca (além de ser pressiva e mítica); a linguagem vital

(que tende a aproximar-se da literária) poderá ser também plurívoca.

Segundo os retóricos do "Grupo Mi", corresponderia à linguagem de um texto que possuísse, além de um grau zero (univocidade), um grau manifesto— uma segunda leitura possível (plurivocidade). Tendo-se em conta que a linguagem plurívoca é também unívoca, pois possuindo um grau zero e um grau manifesto poderemos reduzi-la (mediante operações regradas) a um grau zero simplesmente, o foco do interesse está na plurivocidade (cf. do plural pode-se chegar facilmente ao singular, mas não vice-versa!

"A linguagem é plurívoca (9), quando as formas divergentes (várias matrizes semânticas com a mesma forma lexical) puderem acumular várias matrizes semânticas."

(Back & Mattos, 1972, Gramática Construtural da Língua Portuguesa, p. 829)

Se, porém, as formas divergentes (os termos) estiverem em um texto unívoco— a linguagem ainda será unívoca (pois o texto reduzirá a plurivocidade a um grau zero); para que tenhamos uma linguagem plurívoca, será preciso que as formas divergentes estejam em texto ambíguo. Exemplifiquemos!!

a) FORMAS DIVERGENTES em TEXTO UNÍVOCO:

"Não conseguiu alcançar a copa do pinheiro."

"Chegando à copa, viu que o jantar estava servido."

b) FORMAS DIVERGENTES em TEXTO AMBÍGUO:

"Torne seu EGO inesquecível."

(Anúncio publicitário de adesivos personalizados
EGO)

"O sino mais gostoso, mais bebido e mais apreciado que você pode encontrar é este:

BELL'S extra special, ..."
(Anúncio de um uísque)

"É sempre bom ter costas quentes."
(Anúncio de vigia antiembaçante da BLINDEX)

"CRISAN ANTI-CASPA traz de volta a roupa preta."
(Anúncio de xampu da VELLA-COSMÉTICOS)

Não se trata, como poderiam supor alguns, de tomarmos simplesmente formas divergentes catalogadas em dicionário e inseri-las em textos ambíguos! Trata-se de tomar formas convergentes (ou mesmo neutras) e transformá-las em divergentes, mediante a aplicação de uma estrutura liminar- constituindo-se numa diminuição da carga (peso morto) imposta ao falante, baseada na criatividade. No primeiro caso, teremos apenas uma seleção de dados (Estilística Seletiva- a dos antigos, a grosso modo), sem o acréscimo de um novo signo!

A metonímia e a sinédoque, de que vamos tratar logo a seguir (e, inclusive a metáfora), se baseiam no emprego de recursos plurívocos, comprovados por relações retiradas da própria linguagem e com a colaboração dos próprios fatos lingüísticos.

Sabemos que na sentença-oracão, por exemplo, a única função independente, que pode condicionar todas as outras, é o predicado (ocupado sempre por uma locução verbal). Por isso, podemos ter sentenças em que esteja presente somente o ocupante do predicado, sem a possibilidade de haver qualquer outro:

CHOVEU.

Base
Predicado

ANÁLISE DO PERÍODO
ANÁLISE DA SENTENÇA

NEVOU.

Base
Predicado

(Não se trata de "sujeiro facultativo", como em: (eu) "Não estudarei mais" ou em "Quando chegaste (tu)?" , em que o ocupante não aparece mas poderia ali estar!)

Se o predicado é a função condicionadora (sol, elemento principal na estrutura, independente), aparecendo um objeto sabemos que deverá haver também predicado:

Se há objeto, há predicado.

Em outras palavras:

Objeto / Predicado

(Nesta estrutura, o aparecimento do objeto determina a existência do predicado).

Agora vejamos um exemplo!!

Deu flores à professora.

Predicado Objeto Objeto

(Aparecendo "flores" = OBJETO 3 e "à professora" = OBJETO 4, duas funções objetivas diversas, deve existir também uma função prediativa correspondente: preenchida pelo ocupante "deu", no caso).

Tomemos novamente uma estrutura liminar!! (10)

Se há porta,	há casa.
Se há janela,	há casa.
Se há teto,	há casa.
Se há parede,	há casa.
Se há lar,	há casa.

Diagramando-se a estrutura, conseguimos:

MATRIZ	DOMÍNIO
Porta Janela Teto Parede Lar	CASA

ou representando-a à maneira de uma estrutura real:

CASA x porta x janela x teto x parede x lar.
 D M M M M M

Conclusão: a matriz é condicionada pelo domínio (como acontece, aliás, em qualquer relação de dependência) e o domínio é o condicionador- cujo ocupante, elemento independente, eventualmente poderia sozinho representar a estrutura:

M / D

(Lê-se: a matriz revela (prevê) o domínio; o contrário não é verdadeiro!)

Assim, entendemos que a casa pode ficar sem porta, e continuará casa; pode perder a janela, e continuará casa; pode ficar sem teto, e continuará casa; podem cair-lhe as paredes, e continuará casa; pode perder o lar, e ainda assim continuará sendo casa. (Caso contrário, não poderíamos referir-nos a uma construção como sendo uma casa, um edifício, uma igreja, etc. - a não ser depois de terminados!)

Devemos observar também que a dependência é irreversível (unilateral): não possui recíproca verdadeira. Por isso, não poderíamos afirmar:

Se há casa, há porta.

Se a recíproca não é verdadeira, conclui-se que a sua negativa deva ser verdadeira (pois equivale à falta de recíproca):

Se não há casa, não há porta.

Pela negativa da recíproca podemos mais facilmente descobrir a matriz e o domínio. Porquanto:

Se não houvesse calor, não haveria sol.
 Se não houvesse líquido, não haveria garrafa.
 Se não houvesse corpo, não haveria cabeça.
 Se não houvesse comensais, não haveria garfos.
 Se ninguém se preocupasse, ninguém perderia a cabeça.
 Se não houvesse liberdade, não haveria escolha...
 Se não houvesse lâmina, não haveria gilete.
 Se não fosse seguro, não estaria no seu galho.
 Se não houvesse carros de Fórmula 1, não haveria
LOTUS.
 Se não houvesse pessoas para sentar, não haveria
cadeiras.
 Se não houvesse reis, não haveria tronos.

Então:

Se há <u>sol</u> ,	há <u>calor</u> . (11)
Se há <u>garrafa</u> ,	há <u>líquido</u> .
Se há <u>cabeça</u> ,	há <u>corpo</u> .
Se há <u>garfos</u> ,	há <u>comensais</u> .
Se <u>perde a cabeça</u> ,	<u>preocupa-se</u> .
Se há <u>escolha</u> ,	há <u>liberdade</u> .
Se há <u>gilete</u>	há <u>lâmina</u> .
Se <u>está no seu galho</u> ,	<u>está seguro</u> .
Se há <u>LOTUS</u>	há <u>carros de Fórmula 1</u> .
Se há <u>cadeiras</u> ,	há <u>pessoas</u> (para sentar).
Se há <u>tronos</u> ,	há <u>reis</u> .
MATRIZ	DOMÍNIO

Com isto queremos mostrar que

"O raciocínio, portanto, é um dado da linguagem, nunca um dado da experiência, ainda que parta dela, sem depender dela, contudo." (Mattos, 1975, p. 198)

Agora podemos melhorar o nosso conceito de recurso plurívoco:

"Temos um recurso plurívoco sempre que empregamos o termo da matriz pelo teor do domínio, ou o termo do domínio pelo teor da matriz; noutras palavras: aparece um recurso plurívoco quando usamos a matriz em lugar do domínio, ou o contrário."

(Back & Mattos, 1972, p. 836)

De outra forma, poderíamos afirmar que:

Sempre que construímos uma estrutura liminar, e empregamos o fato anterior - causa ou condição- pelo fato posterior- efeito ou consequência- estaremos criando um recurso plurívoco; ou vice-versa.

Se empregarmos a matriz (o fato anterior) pelo domínio (o fato posterior), estaremos construindo uma promoção (pois elevamos o elemento dependente da estrutura a independente, fazendo-o sozinho representar o conjunto- o que seria uma capacidade do elemento posterior, apenas): a matriz ocupando (fazendo as vezes) do teor do domínio. Exemplos:

<u>Com pão,</u>	<u>alimento.</u>
MATRIZ	DOMÍNIO

Se quisermos dizer que alguém se preocupa muito com o alimento (domínio) e dissermos:

"Preocupa-se muito com o alimento."

não produzimos nenhum recurso plurívoco, pois queríamos falar do domínio e empregamos o próprio domínio (segundo o "Grupo Mi", teríamos apenas uma leitura possível: a do grau zero).

Também poderíamos ter dito, porém:

"Preocupa-se muito com o pão de cada dia."

e teríamos empregado um recurso plurívoco, mediante a promoção de matriz a domínio (acrescentando uma outra leitura possível- um grau manifesto, além do grau zero).

Outros exemplos:

"Só raspo a barba com gilete."

"As LOTUS venceram fácil na África do Sul".

"Abateu com cabeças do melhor gado."

"Aquele, sim, é um bom garfo!"

"Cada macaco no seu galho!!"

"Não perca a cabeça por causa da calvície."

(SHAHR- processos capilares e estética S/C Ltda.)

BINO'S MOCASSIN: para o homem que vai mais longe!"

(Sapatos - SANDALO)

"A cada dia, mais brasileiros estão sob o mesmo teto."

(Tetos esportivos- SLIDEAWAY)

"CRISAN ANTI-CASPA traz de volta a roupa preta."

(Xampu - VELLA COSMÉTICOS)

"Saméllo- para quem escolhe seu próprio caminho."

(Sapatos- SAMELLO)

"O sino mais gostoso, mais bebido e mais apreciado que você pode encontrar é este: BELL'S extra special."

(Anúncio de uísque marca BELL'S (sino, em Inglês))

Provemos que se tratam realmente de promoções:

MATRIZ	DOMÍNIO
Com gilete, Com LOTUS, Com cabeça, Com garfo, Com seu galho, Se perde a cabeça, Se vai mais longe,	lâmina. carros de Fórmula 1. corpo. comensal. segurança. preocupa-se. exige mais.

MATRIZ	DOMÍNIO
Com mesmo teto, Com roupa preta, Com escolha, Com sino (BELL),	mesma proteção. naturalidade. liberdade. uísque.

Pode acontecer também que utilizemos o domínio em lugar da matriz: conseqüentemente, uma subordinação. Comprovemos o processo por meio de uma estrutura liminar:

Se há sol, há luz.
MATRIZ DOMÍNIO

Por isso, se quero informar que o sol apareceu (raiou) e digo:

"O sol raiou."

empreguei a matriz e queria falar exatamente da matriz. Porém, se querendo falar da matriz, emprego o domínio respectivo, pratico ; uma subordinação de domínio a matriz:

" Raiou a luz."

Outros exemplos de subordinação: (12)

"O Genovês salta os mares." (Castro Alves)

"Num desses dias em que o Lorde errante
Resvalando em coxins de seda mole..." (Castro Alves)

"Os judeus ainda esperam pelo Messias."

"Todos devemos algo ao velho lingüista."

"Sócrates bebeu a morte."

"O bronze soava alto, chamando os fiéis à oração."

"Carlton: o cigarro que frequenta as melhores mesas."
(Cigarros CARLTON - Souza Cruz)

"720 RADIAL FIRESTONE:
Você nem imagina a raça deste pneu!"

(Pneus radiais- FIRESTONE)

"EMBASSY - para o homem."
(Cosméticos EMBASSY)

"Um momento inesquecível.
Depois ... Cointreau." (Licor - ANGERS)

"Tem VODKA que a gente precisa misturar.
Natasha a gente só mistura se quiser."
(Vodka - NATASHA)

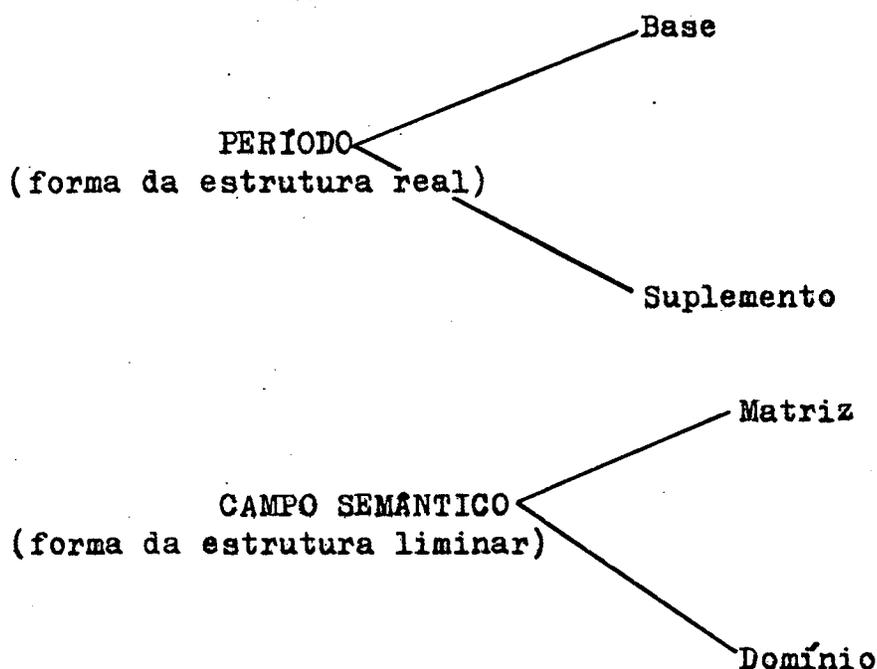
Comprovemos que se tratam de subordinações:

MATRIZ	DOMÍNIO
Com Colombo,	Genovês.
Com Byron,	Lorde errante.
Com Cristo,	Messias.
Com Saussure,	velho lingüista.
Com veneno,	morte.
Com sino,	bronze.
Com cigarros,	cigarro.
Com valentia,	raça.
Com homens,	homem.
Se é bom,	é inesquecível.
Com vodkas,	vodka.

Insistimos: a promoção ou a subordinação são determinadas pela cultura, fornecendo-nos as relações necessárias entre os dois teores. Nem sempre, porém, a redução do desvio ao grau zero é obtido de uma forma decisivamente fácil. O receptor (ou o leitor) que de-

verá interpretar a estrutura liminar, para decidir se está lidando com uma promoção ou com uma subordinação, nem sempre terá facilidade em encaixar os ois fatos (de uma forma correta) num trajeto. Sendo assim, o mais importante não é haver descoberto se houve uma promoção ou uma subordinação, mas chegar à conclusão de que se trocou algo por algo e de que, portanto, há uma mensagem dependente de uma grau manifesto (que não é o grau zero). Em caso de dúvida, deve-se criar uma situação que nos permita saber qual o elemento que prevê: este será a MATRIZ (13).

A estrutura liminar é como uma estrutura real: havendo Suplemento, haverá Base (a nível de Período, por exemplo); liminarmente falando, se houver matriz, haverá domínio (campo semântico). Portanto:



Assim, sol e calor constituem um campo semântico; sol e luz outro campo semântico, e assim todos os exemplos de que nos servimos para a promoção ou a subordinação, respectivamente.

"Quando o recurso plurívoco se encontra dentro do mesmo campo semântico, chamamos metonímia à promoção e sinédoque à subordinação." (Back & Mattos, 1972, 838) (14)

Agora, podemos precisar o nosso conceito de metonímia e de sinédoque:

- a) METONÍMIA: fenômeno da linguagem plurívoca, que ocorre quando empregamos o termo de uma matriz em lugar do teor do domínio, dentro de um mesmo campo semântico.
- b) SINEDOQUE: fenômeno da linguagem plurívoca, que ocorre quando empregamos o termo de um domínio pelo teor da matriz, dentro do mesmo campo semântico.

Assim como numa estrutura real o adjetivo prevê o substantivo, numa estrutura liminar a qualidade sempre prevê o ente. Por isso, podemos encontrar casos especiais de metonímia:

"O brasileiro também sabe distinguir o que é bom."

Além da sinédoque "o brasileiro" por "brasileiros", encontramos aqui uma metonímia em que a qualidade "bom" prevê "entes" que a possuam:

Com bom, coisas boas.
M D

Machado de Assis. (1957, 30, 112) ⁽¹⁵⁾ nos fornece um bom exemplo:

"Filho da loura e profunda Alemanha, traz em si a índole vigorosa de seu país."

Comprovemos que se tratam de duas metonímias, com as relações:

- | | |
|----------------------|-----------------------------------|
| a) <u>Com louro,</u> | <u>gente loura.</u> |
| b) Com profundo, | profundo conhecimento. |
| Com conhecimento, | homem. |
| <u>Com profundo,</u> | <u>homem de profundos conhec.</u> |

cujo grau zero seria:

"Filho da Alemanha de gente loura e de gente de profundos conheç."

A sinestesia é uma variedade de sinédoque⁽¹⁶⁾, pois se serve sempre de uma subordinação; sinteticamente, poderíamos afirmar que se trata de um acúmulo de estesias (sensações). A sinestesia acumula um conjunto de estesias, independentemente da univocidade ou da plurivocidade que possam apresentar.

"Assim, uma forma pode parecer melodiosa; um contorno, vago; uma cor, doce, quente, fria; uma voz clara, sombria, doce, áspera, quente, etc. É, enfim, a conjugação de nossas sensações, a que os simbolistas de Baudelaire (que, desse modo, elevou o recurso ao grau de doutrina estética), chamam de correspondências, cujo sentido, parece-nos, é mais amplo que o termo sinestesia. Recordemos aqui o famoso soneto de Rimbaud que explora as sinestesias acústico-ópticas sobre as vogais."

(Castro, 1978, Metáforas Machadianas, pp. 102-3)

Vejamos este exemplo de Machado de Assis (1884, Igreja do Diabo, p. 367):

"Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e desafiá-lo; levantou os olhos acesos de ódio, ásperos de vingança."

(Castro, 1978, Metáforas Machadianas, p. 103)

(Aqui invocamos simultaneamente dois sentidos: o óptico (acesos) e o táctil (ásperos)).

E este outro no discurso publicitário:

"Agora você pode ver o som Sansui."

(Aparelhos de som- SANSUI Electric Co. Ltd.)

A sinestesia é uma espécie de sinédoque. Vejamos!!

Se ouve, está perto.

Se está perto, vê.

Se pode ouvir, pode ver
 MATRIZ DOMÍNIO

Tanto é verdade, que as pessoas no seu linguajar cotidiano e mais descuidado, costumam frequentemente dizer:

"Viu o que ele disse??"

(Em que se configura a operação sinedóquica, provando que quando nos utilizamos de um período como o anterior, prevemos os elementos encaixados numa estrutura liminar do tipo descrito: portanto, sinedóquica).

O fenômeno sinestésico é facilmente explicável, se levarmos em conta que, ao apreendermos o mundo pela linguagem, restringimos demasiado o limite de percepção, descrevendo-o em parcelas- quando na realidade a percepção de um fenômeno do mundo físico é um conjunto de sensações que pertubam, sempre, mais de um desses sentidos. A sinestesia visa a suprir essa deficiência imposta pela linguagem, ressaltando os sentidos omissos, na descrição.

Encerremos com este exemplo magnífico de Vinícius de Moraes:

"E achei rude o calor dos teus gemidos."

(Back & Mattos, 1972, p. 841)

4.4.4. A Metáfora.

Quando operamos numa estrutura liminar, com uma promoção ou com uma subordinação, nos restringimos a um único campo semântico: por isso, a mudança de significado é sempre parcial. Podemos, contudo, operar com dois campos semânticos-

combinando-os e provocando uma mudança total de significado. Por isso, a razão da procura deste recurso pelo falante de gênio e o vigor que empresta ao estilo. Não foi sem razão que os antigos (Platão e Aristóteles, principalmente) reduziram as figuras quase que exclusivamente a ela, à metáfora, "a rainha das figuras" (ou no dizer dos neo-retóricos do "Grupo Mi", "a mais prestigiosa das metáboles").

O seu mecanismo explica-se pela lógica da linguagem, aplicando-se a Lei da Identidade de Leibniz:

$$\begin{aligned} A &= C \\ B &= C \quad , \text{então:} \\ B &= A \end{aligned}$$

cujo processo também se baseia na estrutura liminar:

MATRIZ	DOMÍNIO
Com costas largas,	proteção.
Com letra de câmbio,	proteção.

em que duas matrizes, completamente diversas (cada qual constituindo parte de um campo semântico), prevêm o mesmo domínio: se com costas largas, há proteção e se com letra de câmbio, há proteção, concluimos que letra de câmbio e costas largas se igualam com respeito ao ocupante do domínio. Assim, constitui-se numa metáfora o seguinte anúncio publicitário:

"Letra de Câmbio: o papel de costas largas."

Ou também:

MATRIZ	DOMÍNIO
Com caminhos,	alternativas.
Com dias,	alternativas.

em que dias e caminhos se igualam:

"Os dias são caminhos..."

(Carlos Nejar, Frequência)

OUTROS exemplos:

"O mar é um animal feliz."

(Carlos Nejar, Bem-Aventuranças)

"O real é contraponto."

(Carlos Nejar, Carlos Nejar)

"A minha vida é um vendaval que se soltou."

(José Régio, Cântico Negro)

"Olhava impassivelmente os pinheiros que iriam ser cortados, os futuros mártires."

Vejamos mais detalhadamente este exemplo!!

Com mártir, sofrimento.

Com pinheiro cortado, sofrimento

MATRIZ

DOMÍNIO

"Italian Pine. A maior invenção para o homem, depois da mulher!"

(Desodorante VAN ESS)

Canoe.

A identidade do homem."

(Dana- Cosméticos)

Com Canoe,	marca.
<u>Com identidade,</u>	<u>marca.</u>
MATRIZ	DOMÍNIO

"Amaretto dell' Orso. O licor que traz em cada gota um pouco do que você sente."

(Licor - STOCK)

"OJLOFF

um jeito livre de ser."

(Vodka OJLOFF)

"AR - 470: o estúdio de som portátil."

(Rádio-Gravador PHILIPS)

Ramon Gomez de la Serna em seu "Dicionário do Surrealismo" nos apresenta algumas definições reelaboradas de alguns termos encampados pelas "correntes de vanguarda", que mais se enquadram em operações metafóricas do que em definições propriamente ditas:

"ARTE: concha branca numa tina com água."

"BELEZA: há de ser convulsiva ou não será beleza."

"BENGALA: suporte de madeira, que deriva da filosofia cartesiana."

"EROTISMO: cerimônia faustosa num subterrâneo."

"RAZÃO: nuvem comida pela lua."

"Seio: é o peito elevado ao estado de mistério, o peito moralizado."

Se temos duas matrizes, qual o critério que nos permite a seleção de uma delas para construir o recurso plurívoco?

Em, primeiro lugar, deveremos estabelecer qual o ponto de partida (P) e o ponto de chegada (C)- as duas matrizes que participarão de um mesmo domínio (ponto de intersecção I). Depois, cumpre-nos inserir os elementos numa estrutura liminar

permitida pela cultura, evidenciada pelo domínio coletivo do campo semântico. Por exemplo, isto nos assegura a relação "Fulano de Tal é um Camões" e não a seguinte: "Camões é um Fulano de Tal", pois todos os falantes de língua portuguesa assim procederiam ao confluir esses dois campos semânticos (ou assim deveriam proceder ...).

É óbvio que se invertermos a escolha, tomando o elemento A como ponto de partida (P), criamos outra possibilidade, descambando para o campo individual ou o ocasional (não garantidos pela cultura, mas apenas criados pelo falante para servir a algum propósito efêmero). Assim, pensando-se em José Agostinho de Macedo, que muito invejou a Camões, ficavam bem, em sua boca, essas palavras:

"Camões?? Camões é um Fulano de Tal."

A metáfora serve-se, portanto de um campo semântico coletivo (garantido pela cultura) para estabelecer o critério seletivo da matriz que funcionará como ponto de chegada (C)- o termo comparante da analogia estabelecida com o ponto de partida (P)- o termo comparado.

A metáfora mítica (i. é, aquela produzida a partir de um mito, ainda que o mesmo seja sempre o produto de uma relação metonímica) é ainda mais pressiva, porque se serve de um campo semântico quase universal. Alphonsus de Guimaraens deu-nos um exemplo de mestre:

"A minh' alma é uma cruz enterrada no céu!"
(Apud Back & Mattos, 1972, p. 845)

Restam-nos ainda algumas palavras sobre a símile, que equivale a uma metáfora intelectualizada, em que não se acumulam os dois campos semânticos: cada qual subsiste separadamen-

te. Poderíamos, a essa altura, realizar uma confrontação dos conceitos que estabelecemos para a sinédoque, para a metonímia, para a metáfora e para a alegoria, com a explicação do que entendemos por símile:

- (a) Alegoria: Fenômeno da Estilística Semântica pelo qual se acumulam trajetos semânticos diversos, em razão da identidade entre eles; há uma relação de similitude, achando-se presente somente o termo comparante.
- (b) Metáfora: fenômeno da Estilística Semântica pelo qual se aproximam duas matrizes, literalmente diversas, em razão de alguma semelhança entre os teores que designam, mediante uma relação de similitude, em que se acham presentes o termo comparado e o termo comparante.
- (c) Metonímia: fenômeno da Estilística Semântica pelo qual se substitui um termo por outro, literalmente impróprio, em razão de designarem entes próximos, mediante uma relação de contigüidade; é uma troca de elementos cujos referentes possuem essência diversa (na realidade, o que se trocam são suas essências).
- (d) Sinédoque: fenômeno da Estilística Semântica pelo qual se substitui um termo por outro, em razão de um designar parte ou todo do referente do outro termo, mediante uma relação de pertinência; é uma troca de elementos cujos referentes possuem essência idêntica.
- (e) Símile: fenômeno da Estilística Semântica pelo qual se aproximam dois termos, literalmente, impróprios, em razão de alguma semelhança entre os teores

"Abrir uma caderneta de poupança é como respirar: fácil e necessário." (C.E.F.)

"An anti-perspirant as natural as you!"
(Desodorante RICHTGUARD - Gillette)

"BARON DE LANTIER: nobre como poucos."
(Vinho fabricado por MARTINI & ROSSI Ltda.)

"Fino

como poucas coisas

e elegante

como certas pessoas:

CHANCELLER 100- o fino que satisfaz."

(Cigarros CHANCELLER)

É preciso que a símile seja muito surpreendente ou necessária para produzir efeito sobre o ouvinte, caso contrário fica sendo apenas uma simples comparação, muito árida e seca! Por isso, o escritor de gênio inventivo (e mesmo o nosso povo) procuram meios de diminuir-lhe a sua frieza e neutralidade: às vezes, omitindo o domínio, às vezes repetindo-o, ou às vezes subordinando à segunda matriz (M_2) - o elemento comparante- um período interrogativo, com base na relação de sinonímia da cláusula. Exemplos:

"Novos ADIDAS...

que ninguém é de ferro!" (omissão do domínio)

(Calçados esportivos-ADIDAS)

(repetição do domínio)

"Mas se minh' alma, acaso, é menos pura

Do que era pura nos primeiros dias..."

(Assis, 1957, 18, 41- Apud Back & Mattos, 1972, p. 846)

(subordinação de um PI
à segunda matriz)

"Aquela é fina como quê."

(Assis, 1957, 15, 210- Apud Back & Mattos, 1972, p. 847)

4.4.5. Conclusão.

Quando afirmamos que acreditávamos os tropos se resumirem praticamente nos que iríamos desenvolver nessa pesquisa, acreditamos não nos termos excedido nessa afirmação, e muito menos "incorrido na trilha de muitos tratadistas que perfilham uma solução cômoda e fácil"- no dizer de Hênio Tavares.

Por outro lado, existem autores que os reduzem praticamente à METÁFORA (com várias subespécies, porém): como é o caso de Walter de Castro em sua obra Metáforas Machadianas (1978).

A nosso ver, não se trata de chegar a extremismos: de um lado, os grandes retóricos a consultar manuais empoeirados e obsoletos, buscando aumentar a catalogação dos "ornamentos" empregados, com uma "fúria classificatória" muito peculiar e voraz; de outro, estudiosos menos profundos e amantes da generalidade, tomando literalmente a expressão de que "a metáfora é a rainha das figuras, reduzem tudo a ela. Como muito bem frisam os neo-retóricos do "Grupo Mi": "não se trata de jogar fora o be bê com a água do banho", o que não deixa de ser uma alegoria muito original e altamente relevante para o caso!

Como frisamos na parte destinada à Semântica Construtural, as explicações das relações tropológicas (que preferimos denominar de lógicas, por uma razão muito mais convincente), já desenvolvidas a esta altura da pesquisa, seriam todas depreendidas do conceito de trajeto semântico, mediante relações contidas na própria linguagem e apoiando-se em raciocínio permitido pelos fatos, com base em relações liminares mais sutis. Assim, segundo a Lei da Identidade de Leibniz conseguimos explicar a metáfora, a metonímia, a sinédoque e, porque não dizer, a alegoria- que em última instância se vale de um raciocínio metafórico onde nos faltam o elemento comparado e o elemento comparativo, conseguida pela identidade de trajetos (estrutura profunda), diferindo apenas pelos ocupantes (estrutura superficial).

A prosopopéia e a símile são subprodutos das re-

lações lógicas que permitem a alegoria e a metáfora, respectivamente.

Acreditamos, finalmente, termos conseguido principalmente duas coisas:

- (a) preparado um campo enorme para futuras pesquisas e reflexões; e
- (b) sistematizado (de uma forma geral) os mecanismos gerativos dos fenômenos semânticos que se manifestam por uma linguagem plurívoca, de uma forma coerente, exaustiva e elegante: em outras palavras, científica!

E encerramos com as palavras dos criadores do Construturalismo:

"Alguma das outras correntes conseguiu fazer a descrição semântica" (e nós acrescentamos estilística também) "de uma língua, como a fizemos no segundo volume da Gramática Construtural da Língua Portuguesa??"

(Cf. Semântica Construtural, p. 59)

NOTAS

(1) Paralelamente, Greimas, tomando alguns conceitos e a terminologia pottieriana realizou um estudo semelhante, um pouco mais abrangente, porém; pois, chegou praticamente ao estabelecimento de uma teoria mais geral (Semiótica). A esse respeito, consulte-se a sua obra "Du Sens" (Sobre o Sentido).

Entre os cultores da Semântica da Palavra Isolada (ou Lógica, como a denominam alguns) poderíamos citar:

- Jost Trier - fundador da teoria dos campos semânticos (ou de palavras).
- G. Frege - que estabeleceu três aspectos na significação: (a) a referência, (b) o sentido e (c) a imagem associada- ressaltando que o sentido não é a referência.
- G. Mounin -
- G. Leech - com suas obras: "Semantics" e "Towards a Semantic Description of English" em que levou às últimas conseqüências a chamada análise componencial.

(2) Existem algumas semelhanças (e também diferenças) entre as duas linhas semânticas Gerativo-Transformacionais. Segundo entendemos, a linha da Semântica Gerativa (em oposição à da Semântica Interpretativa) merece maior destaque e um estudo mais aprofundado, já que de uma forma geral está bem próxima da noção de trajeto semântico. Quanto à versão Katz & Fodor, na linha da Semântica Interpretativista, representa um empobrecimento da teoria hjelsmleviana (no sentido literal do termo), "retornando à mais tradicional das descrições lexicográficas, a definição aristotélica (já examinada e melhor formulada por Pottier)..." Para mais pormenores a respeito, consultar a Semântica Gerativo-Transformacional, principalmente pp. 46 - 49.

(3) Exemplo citado por
Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, 2ª vol. pp. 811-2.

(4) "As instâncias do trajeto situacional serão aqueles elementos que encontraremos presentes em todos os fatos de que nos servimos para a identificação completa daquela situação." (Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, 2ª vol. p. 812).

(5) Para mais detalhes a respeito do trajeto voca- bular (semântico), consultar Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, 2ª vol. pp. 611-25)

(6) Exemplos citados em Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa, São Paulo, FTD, 1972, vol. II, p. 826.

(7) "Semema" está empregado aqui como "o correspondente ao significado do morfema, sendo condicionado apenas pela cultura, que estabelece entre os seus elementos (semias) pelo menos uma "semia" diferente, com base nos recortes da situação: o semema tem um trajeto cultural." (Mattos, Geraldo. Linguística Matemática- monografias de semiótica e linguística. São Paulo, DIFEL, Sociedade Brasileira de Professores de Linguística, 1977, p. 199)

(8) Cassirer classifica as metáforas em duas espécies:

- (a) míticas; e
- (b) linguísticas (cf. Linguagem e Mito)

Há o mito coletivo que se transforma em símbolo. O símbolo se forma no folclore e nas tradições culturais as mais variadas, de qualquer caráter.

Hênio Tavares (Teoria Literária, pp. 382-4) nos apresenta inúmeros exemplos de símbolos, partindo do pressuposto de que o símbolo provém de dois tipos de relações:

- (a) metafóricas: o cordeiro.
- (b) metonímicas: a cruz.

e mais adiante, o autor ainda inclui as "relações sinedócicas" na origem do símbolo. Utilizar-se do símbolo para construir metonímias ou metáforas é uma coisa; e dizer que o símbolo "provém de relações metonímicas, metafóricas ou sinedócicas" é bem outra!... Bem se vê que não falamos a mesma linguagem, ou melhor, este autor tentou seguir os passos dos antigos retóricos em sua fúria classificatória, e ao invés de estabelecer uma codificação sistêmica dos fatos da "langue", procedeu a uma mera "rotulação" dos fatos da "parole".

(9) Não confundir "plurívoca" com "ambígua":

Plurívoca: refere-se à possibilidade de acúmulo de matrizes semânticas, por meio de formas divergentes. Existe a possibilidade de redução a um grau zero determinado.

Ambígua: refere-se à impossibilidade de redução de uma forma a um grau zero determinado. Para a ambigüidade não existe uma redução: continuarão sempre as diversas e possíveis leituras.

Se não houvesse essas distinções, jamais poderíamos pensar em fatos estilísticos, principalmente com respeito à Semântica, onde a plurivocidade desempenha papel de destaque sem falarmos na impossibilidade de contarmos com as manifestações

da arte literária!...

(10) Exemplo retirado de Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, 2º vol. pp. 834-5.

(11) Não se trata simplesmente de relações do tipo "causa//efeito", pois, somente o encaixe dos fatos num trajeto semântico poderá esclarecer-nos se temos uma "causa" ou uma "condição"; ou se temos um "efeito" ou uma "conseqüência". Somente a experiência, nunca a linguagem, nos permitirá tais distinções: o fato é interpretado como uma ou outra coisa apenas no momento em que se articular o trajeto, mesmo porque qualquer um deles poderá constituir a carga. Vejamos!!

Caindo a casa, morreu o velho Galvão.

O

C

(causa)

Caiu a casa, morrendo o velho Galvão.

C

D

(efeito)

Vindo a chuva, a planície ficará alagada, desabrigando os moradores.

O

C

D

(condição)

(conseqüência)

A relevância aqui não está em determinarmos se se trata de "causa//efeito" ou de "condição//conseqüência", mas em precisarmos a "anterioridade" ou/e a "posterioridade" aspectiva do fato. (Como dissemos, não se trata de uma "anterioridade" ou de uma "posterioridade" temporal).

(12) Não distinguimos aqui "autonomasia" (ou sinédoque do indivíduo, como a denominam alguns) por ser proveniente de um mesmo tipo de operação: a subordinação. A nossa intenção nessa pesquisa é poder explicar os mecanismos de produção de alguns dos chamados "tropos" e não catalogar manifestações superficiais, que só fazem parte da "parole".

(13) Ver o exemplo citado por Back & Mattos. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. São Paulo, FTD, 1972, 2º vol. p. 838 com escritor e livros, cuja conclusão é a seguinte:

Com livros, escritor.

MATRIZ DOMÍNIO

(Pois, posso não ter livros e ter escritor, como o jornalista, por exemplo)

(14) Essa foi a razão mais forte de termos agrupado a metonímia e a sinédoque: por serem recursos plurívocos que operam dentro de um único campo semântico.

(15) Exemplo citado por Back e Mattos, 1972, p. 839.

(16) "... Ullmann considera as transposições de um sentido para outro um tipo muito comum de metáfora (...), fazendo crer que não entende a sinestesia como processo, ou mecanismo diferente da metáfora. (...) Muitas dessas metáforas sinestésicas (...) já fazem parte da língua comum, o que as torna contraditórias e por isso mesmo não trazem mais a força expressiva que tiveram em suas aparições iniciais; assim, cor berrante; voz fria, etc. O tipo mais frequente é o da sinestesia bissensorial (cruzamento ou mistura de duas manifestações de sentidos diferentes, como nos exemplos citados)..." (Castro, Walter de. Metáforas Machadianas. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S.A., 1978, pp. 29 e 30.

Veja-se também este exemplo de Sobejano (citado por Castro, op. cit. p. 30):

" y las azules noches pensativas."

(a) azules noches = sinestesia

(b) noches pensativas = prosopopéia.

5. Âmbito de Emprego

5.1. Introdução

O campo de emprego dos "mecanismos lógicos" (ou tropos, segundo alguns) não se restringe ao discurso literário, pois, como já demonstramos, a linguagem plurívoca não é característica exclusiva do discurso literário (ou da literatura, se quisermos). Isso nos leva à conclusão de que poderíamos encontrá-los até mesmo num discurso que se valesse de uma linguagem intelectualiva, e nem por isso haveríamos de tê-lo na conta da literatura. Com isso queremos apenas frisar que o discurso literário, por exemplo, toma emprestados esses artifícios à linguagem sem pretender monopolizá-los como exclusivamente seus, já que o próprio discurso literário representa apenas uma das possíveis manifestações lingüísticas- aliás, diga-se de passagem, a menos usual e a mais seletiva numa determinada língua. (1)

5.2. Conceito de Discurso.

Diz-nos Greimas (1973):

"O discurso é uma seqüência organizada de mensagens" (Semântica Estrutural, p. 93)

Entendido assim, o discurso serve para a manifestação do "universo latente" (entendido como "massa amorfa", "Kaos", "potencialidades da língua" em estado latente) transformando-o em "universo manifestado" (kosmos, realizações efetivas da língua), possível de ser analisado semanticamente porque sempre haverá algum elemento desse universo funcionando ora como carga, ora como limite. Parafraseando Greimas: "o discurso é uma seqüência organizada de períodos" (eventualmente, de apenas um).

O nosso ponto de partida será sempre o texto, tendo em vista os princípios determinados pela "Ciência da Comunicação". Se registrássemos o diálogo entre dois falantes nativos de determinada língua, com todos os seus pormenores, estabeleceríamos um texto, que compreenderia as atividades lingüísticas de cada um dos falantes. Assim, chegamos ao primeiro ponto:

"Discurso é a atividade lingüística de cada falante."

Cumpre-nos salientar que o discurso de um falante sempre nos servirá de prova para a compreensão de outro, poupando-nos o trabalho de comprovar a validade das conclusões a que chegamos.

Vejamos um exemplo:

O LOBO E O CORDEIRO

(Millôr Fernandes)

Estava o cordeirinho bebendo água, quando viu refletida no rio a sombra do lobo. Estremeceu, e ao mesmo tempo que ouvia a voz cavernosa:

- Vais pagar com a vida o teu miserável crime!

- Que crime? perguntou o cordeirinho tentando ganhar tempo, pois já sabia que com o lobo não adianta argumentar.

- O crime de sujar a água que eu bebo!

- Mas como posso sujar a água que bebes se sou lavado diariamente pelas máquinas automáticas da fazenda? indagou o cordeirinho.

- Por mais limpo que esteja um cordeiro, é sempre sujo para um lobo- retrucou dialeticamente o lobo.

- E vice-versa, pensou o cordeirinho; mas disse apenas:

Como posso eu sujar a água se estou abaixo da corrente?

- Pois se não foi você, foi seu pai, foi sua mãe ou qualquer outro ancestral e eu vou comê-lo de qualquer maneira, pois como rezam os livros de lobologia, eu só me alimento de carne de cordeiro- finalizou o lobo, preparando-se para devorar o cordeirinho.

- Ein moment!! Ein moment!! gritou o cordeiro, traçando lá o seu alemão kantiano. Dou-lhe toda a razão, mas faça-me uma proposta: se me deixar livre, atrairei para cá todo o rebanho!

- Chega de conversa!! disse o lobo. Vou comê-lo logo, e está acabado!!

- Espera aí!! falou firme o cordeiro. Isso não é ético!

Eu tenho, pelo menos, direito a três perguntas!

- Está bem! cedeu o lobo, irritado com a lembrança do código milenar da "jungle". Qual é o animal mais estúpido do mundo?

- O homem casado, respondeu prontamente o cordeirinho.

- Muito bem! disse o lobo, logo refreando, envergonhado, o súbito entusiasmo.

Outra: a zebra é um animal de listras pretas?? ou um animal preto de listras brancas??...

- Um animal sem cor, pintado de preto e branco para não passar por burro! respondeu o cordeirinho.

- Perfeito! disse o lobo, engolindo em seco. Agora, por último, diga uma frase de Bernard Shaw!!

- Vai haver eleições em 66, respondeu o cordeiro, mal podendo conter o riso.

- Muito bem!! Muito bem!! Você escapou! deu-se o lobo por vencido.

E já ia-se preparando para devorar o cordeirinho,

quando apareceu o caçador e o esquartejou!

Moral: quando o lobo tem fome, não deve meter-se em filosofias.

(Fábulas Fabulosas, Rio de Janeiro, Nórdica, 1974)

(*) Os falantes aqui são animais personificados (como ocorre costumeiramente nas fábulas), com exceção do narrador.

Temos, portanto, um texto - constituído de três discursos:

- (a) a cadeia fônica proferida pelo narrador;
- (b) a cadeia fônica proferida pelo cordeiro;
- (c) a cadeia fônica proferida pelo lobo.

Obtidos os dois discursos, podemos determinar os elementos que os constituem, classificando-os inicialmente em dois grandes grupos: habituais e ocasionais.

Os "habituais" são geralmente repetidos pelo falante em determinada situação. Os "ocasionais", empregados mais raramente, podem pertencer a três espécies:

(a) originais: criados pelo indivíduo (falante), como por exemplo os termos "lobologia", "jungle" (floresta em inglês) ou "escularápio" (esculápio + larápio, que se encontra em Fábulas Fabulosas, p. 91) do nosso "escritor sem estilo" (Millôr). Guimarães Rosa nos deu bons exemplos de elementos originais: "lãla", "tirotear", "jornadear", "seguimento", "estratal", "secundar", "completação", "tresfuriado", "deamar", "esclaro", "nonada", "rareza", "maximé", "bililica", "milagrementemente", "fuzuar", "buracal", "sojugada", "tinte", "desertear", "asear", "toleima", "opiniões", "prascóvio", "abusufrutos", "desmastreio", "ufanático", "lérias", "Convolados", "coltar", "irrefutar", "Truz", "apostrofar-sr", "crível", "transato", "ror", "esgas", etc.

(b) esporádicos: utilizados pelo falante em determinadas situações, mas logo depois abandonados devido à pressão do meio lingüístico- isto acontece com o falante que se desloca de seu meio e é obrigado a se integrar em outra comunidade lingüísti-

ca. Termos como "gila", "jiló", "jerimum" são esporádicos para um nordestino que vem para o sul. Pelos termos esporádicos proferidos pelo falante, determina-se a sua procedência muito facilmente. Por exemplo, um carioca utilizará o termo "lanterneiro"; alguns paraenses ou catarinenses dirão "chapeador" e em algumas regiões diferentes poderemos ouvir o termo "latoeiro".

(c) acidentais: provocados por um lapso de memória ou por um deslize lingüístico, sendo corrigidos de imediato. É o que ocorre quando alguém diz "fazi" por "fiz"; ou "Se você ver o Diretor..." por "Se você vir o Diretor...".

Retirando-se do discurso os elementos ocasionais, restam-nos os habituais que constituirão a Norma- primeira abstração do texto.

Se tomarmos agora somente os elementos habituais (a Norma) veremos que pertencem a dois tipos:

1. constantes: elementos que não podem ser alterados, eliminados ou mesmo trocados- sob pena de mudança de significado ou incompreensão;

2. variáveis: elementos que permitem alteração, troca ou até mesmo eliminação, causando no máximo certa estranheza ou comicidade.

A existência de elementos constantes provém da necessidade de articularmos a linguagem a partir de um número reduzido de elementos, caso contrário, não poderíamos aprender uma língua.

A existência de elementos variáveis (juntamente com os ocasionais) nos fornece a possibilidade do estilo, sem o que a língua seria um conjunto de elementos insólitos e altamente inexpressivos, sem qualquer marca de originalidade.

Se retirarmos da Norma os elementos variáveis, obteremos o Sistema, uma segunda abstração do texto. Aqui, nos permitimos discordar um pouco de Saussure quando afirmava que "na língua não existem senão oposições", pois segundo entendemos, o

Sistema é um conjunto de elementos constantes, que podem manter entre si tanto diferenças como semelhanças. Para um melhor entendimento do que foi exposto, transcrevemos o quadro sinóptico que se acha à p. 24 da Gramática Construtural da Língua Portuguesa (Back & Mattos, 1972)

DISCURSO	NORMA	SISTEMA
Elementos habituais: - constantes - variáveis Elementos ocasionais: - originais - esporádicos - acidentais	Elementos habituais: - constantes - variáveis	Elementos habituais - constantes
E S T I L O		L Í N G U A

A essa altura, poderíamos citar novamente Greimas (1973):

"O Discurso é uma hierarquia das unidades de comunicação que se encaixam umas nas outras."
 (Semântica Estrutural, p. 97)

Eric Buyssens (1974) em Semiologia e Comunicação Lingüística, p. 55 explica o que entende por discurso:

"As combinações pelas quais o falante utiliza o código da língua."

explicação esta que está bem próxima daquela fornecida por Greimas,

citada anteriormente. Buyssens faz questão de salientar, ainda, que o seu conceito de discurso situa-se entre o que Saussure denominou de língua e fala, já que o autor do CLG não distinguiu discurso e fala- englobando-os sob a última denominação. E diz-nos o próprio Buyssens mais adiante:

"O lingüista encontra-se sempre diante de fatos concretos; estuda-os, para neles encontrar, por abstração, o que é funcional: o discurso é a parte funcional da fala."

(Semiologia e Comunicação Lingüística, pp. 56-7)

Devemos notar, porém, que Buyssens entende o "discurso" como uma "semia auditiva", diferente de uma "semia visual": a escrita, por exemplo. Em outras palavras: o discurso para Buyssens se resume ao "diálogo entre dois falantes em determinada situação". Se o referido diálogo vier em texto escrito, sofrerá uma mudança de uma "semia direta" (discurso) para uma "semia substitutiva" (a escrita). É óbvio que a escrita, constituindo-se num código derivado, prescindirá sempre da situação- além de outros elementos que tornam a linguagem viva e real- mas isso não impede que examinemos um discurso gravado em fita magnética ou mesmo escrito, pois os elementos da situação devem vir sempre sugeridos pelo texto.

Na terminologia hjelmsleviana o termo "esquema" é o correspondente a "discurso"; o texto é um "processo" e as línguas, "sistemas" (não de signos, como pensava Saussure) (2).

5.2.1. O Discurso Literário.

Sendo o discurso "uma atividade lingüística do falante", cumprenos agora estabelecer a distinção entre os diversos tipos de atividades (ou mais especificamente, entre aqueles relevantes para a presente pesquisa).

Como ponto de partida, estabeleçamos que a caracterização do tipo de discurso será feita pela linguagem que o compõe.

Assim, um discurso será literário se for constituído de uma linguagem literária, cujas características são:

- (a) pressividade: característica que permite ao emissor exercer influência:
 - sobre o receptor (impressionando-o);
 - sobre si mesmo (expressando-se).
- (b) plurivocidade: verifica-se quando há o acúmulo de matrizes semânticas.
- (c) miticidade: criação de um outro universo, suplantando a própria realidade- provocando uma espécie de supra-realidade (uma realidade paralela à visão que temos do mundo, imposta pela cultura).

Agora, podemos afirmar que, sendo o discurso "a cadeia fônica proferida pelo falante", o discurso será literário quando o falante se servir de uma linguagem pressiva, plurívoca e mítica para se manifestar lingüisticamente. Assim, entendemos por discurso literário o conjunto de atividades lingüísticas (produções) que se servem de uma linguagem com as características acima enumeradas. Em outras palavras, esse tipo de discurso enfatiza a função poética (ou função estética; ou ainda função artística) da linguagem, definindo as relações da mensagem consigo mesma- sendo que seu objetivo vem dirigido para a própria linguagem, que é meio e fim ⁽³⁾.

Como assinalamos no capítulo referente à CONCEITUAÇÃO DE FIGURA (TROPO)- cf. p. 04, os tropos no discurso literário não são empregados com o mesmo objetivo que no discurso publicitário, por exemplo.

Dizem-nos os autores de Retórica Geral (p. 21):

"... a metáfora só é eficaz, tanto de uma parte como de outra, na medida em que diverte, na medida em que é criadora de ilusão."

Os autores ao dizerem "tanto de uma parte como de outra" referem-se à oratória e à poética, embora estejam de comum acordo com o caráter persuasivo dos tropos na oratória, encarada não como uma arma dialética mas como o próprio instrumento da poética.

Vejamos alguns exemplos de metáforas no discurso literário!!

"Como o Hermógenes?? Como vou dizer ao senhor...? Bem, em bró de fantasia: ele grosso misturado- dum cavalo e duma jibóia... ou um cachorro grande."
(Grande Sertão: Veredas, p. 159)

O narrador, após muitas reflexões sobre este homem que mandava matar (o Hermógenes) e querendo retratá-lo para o leitor (no caso de romance, para o ouvinte) procura estas analogias com o cavalo- bestialidade, rudeza- e com a jibóia- asquidão, esperteza, traição; e com o cachorro- facilidade em seguir a trilha dos inimigos, embrenhando-se pelas matas- misturando-as na metáfora acima citada.

"... e vi com alegria, um músculo não se moveu. Aca- bara de comprovar que tinha o coração duro."
(Corpo Vivo, p. 44)

Neste trecho, Adonias Filho nos informa sobre a frieza, a falta de sentimento com que Cajango assistia à morte de seus inimigos.

E aqui, para nos dar a idéia do tamanho das árvores:

"Troncos que podem rodar uma casa."
(Corpo Vivo, p. 45)

"A noite naquela banda do Camacã é de treva nas trevas."

(Corpo Vivo, p. 46)

Aqui, a idéia de escuridão da noite vem reforçada sobremaneira,

constituindo-se (quase) numa hipérbole.

"Não é homem que salta, é um orangotango que endoidece à vista do sangue".

(Corpo Vivo, p. 49)

Nesta passagem temos a descrição concisa de uma outra personagem criada por Adonias Filho, o Sangrador.

A função da hipóbole, como nos advertiu Pierre Fontanier (1968) em Les Figures de Discours ⁽⁴⁾, "que exagera a expressão, não é o de enganar, mas de conduzir à própria verdade e de fixar, mediante aquilo que diz de inacreditável, aquilo em que é preciso realmente acreditar." Vejamos alguns exemplos mais específicos:

Referindo-se ao sertão do Camacã, diznos Adonias Filho:

"Este é realmente o bucho do inferno."

(Corpo Vivo, p. 47)

Como se não bastasse o teor do termo "inferno", o autor ainda acenta mais a idéia dos perigos e armadilhas que este lugar escondia, fazendo-nos crer que o Camacã era pior que o inferno, era o seu bucho.

"A fuzilaria foi dos infernos naquele brejo podre!"

(Corpo Vivo, p. 33)

Neste exemplo, encontramos, uma símile-hiperbólica e também uma metáfora "brejo podre".

"A cara é de bugre, os olhos quase sumidos dentro das órbitas, os cabelos lisos descendo nos ombros. Seu riso é de menino mas os braços, de tão fortes, parecem mourões...

: é o selvagem que enche as conversas nas roças de

cacau.

Seu nome está em todas as bocas e todos os caminhos."
(Corpo Vivo, pp. 11-2)

Estas metáforas-hiperbólicas dão a Dico Gaspar (personagem a que se referem) um caráter heróico, como acontecia com os heróis e semideuses na epopéias antigas.

A símile, que se constitui numa metáfora explícita, é mais objetiva e clara que a metáfora. Constitui-se num recurso bastante procurado por alguns escritores, como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Adonias Filho, Ariano Suassuna, José de Alencar, Guerra Junqueiro, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós...

Alguns exemplos de símiles:

"O padrinho de Cajango, atento como cão de caça, puxa o braço..."

(Corpo Vivo, p. 10)

"Ele, João Caio, o que interrogava. Homem de tórax tão largo quanto o das bestas que montava, as mãos como cascos..."

(Corpo Vivo, p. 10)

Este exemplo nos faz pensar em um homem quase não-humano, tamanho o vigor da símile empregada, descambando nitidamente para o terreno do fantástico (mediante o cunho hiperbólico).

"O pássaro caiu, à vista de todos, como uma moeda."

(Corpo Vivo, p. 16)

O bando de jagunços, entocaiados, esperava nervosamente a chegada dos homens de Cajango, quando um deles recebeu um tiro no peito e outro um tiro na cabeça; a febre foi aumentando e os jagunços decidiram começar a fuzilaria. Assim que voltou o silêncio, veio a

resposta da mata: um tiro isolado num curió que passava voando - e então a símile surpreendente que acabamos de citar- e o aviso: "Aqui é Dico Gaspar!" somando-se ao baque do pássaro que acabava de cair, aumentando ainda mais o efeito do fato: "o pássaro que caiu como uma moeda", isto é, verticalmente; portanto, o tiro deveria tê-lo varado ao meio, matando-o instantaneamente! (ainda mais tratando-se de um pássaro do tamanho de um curió). Só o exímio atirador poderia ter feito aquilo!...

"Esses meses do ar como que estavam desencontrados."

(Grande Sertão: Veredas, p. 288)

Neste período, Guimarães Rosa reforça a idéia de estiagem no Norte, que vem acompanhada do calor e da falta de brisa.

"Ali era um lugar longe e bonito, como que me acenava."

(Grande Sertão: Veredas, p. 289)

Após sentir o mormaço do ar, a rudeza da paisagem nua o narrador vai adentrando o sertão, avistando as árvores, as grotas os ribeirão e sentindo o bafejo suave da brisa. Mas como o caminhante do deserto, sedento e cansado, aquilo mais pareciam uma miragem que a realidade.

"Assim eu figurava o Hermógenes: feito um boi que bate."

(Grande Sertão: Veredas, p. 409)

Aqui, a personagem (narrador) imagina-se abatendo um boi, o animal estrebuchante, debatendo-se em meio ao sangue e a morte... e em sua mente afigurava-se esta comparação com a morte desejada para Hermógenes.

Outros exemplos:

"Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitadas, congtrangidos- coagidas, sim."

(Primeiras Estórias, Famigerado, 27)

"Nhinhinha... suasibilíssima, inábil, como uma flor."
(Primeiras Estórias, A Menina de Lá,
p. 40)

"Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja."

(Tutaméia. Desenredo).

"Tito parecia cego de dor pois nem me atingia em cheio, nem me dominava e eu fugia dele como um peixe..."

(Drummond de Andrade, A Salvação da Alma, Contos de Aprendiz, p. 23)

"Há rubins orientais, sangrentos e doirados, Como beijos d'amor a arder, cristalizados."

(Guerra Junqueiro, A Lágrima)

"E algum tempo depois o triste cardo exangue, Reverdecendo, dava uma flor cor de sangue, Dum roxo macerado e dorido e desfeito, Com as chagas que Nosso Senhor tem no peito..."

(Guerra Junqueiro. A Lágrima)

A metonímia e a sinédoque se apresentam como condensações semânticas, no sentido de que operam com um único campo semântico, permitindo expressões mais concisas e mais concretas. Dizer como Jakobson que a preferência para certos tipos de mecanismos, no discurso literário, serve para caracterizar determinadas caracteres literários, como sejam o Romantismo, o Realismo ou o Simbolismo é muita pretensão estatística, pois teríamos de examinar toda a produção literária existente até a presente data, o que seria praticamente impossível.

Alguns exemplos de metonímias e sinédoques:

"Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira."
(Assis, 1975, Esau e Jacó, p. 10)

Com cidade, comunidade (metonímia)

"No Catete, o coupé e uma vitória, cruzaram-se e pararam a um tempo."

(Assis, 1975, Esau e Jacó, p. 24)

Com coupé, carro de dois lugares (metonímia)

Com vitória, carro de quatro lugares (metonímia)

O nome "coupé" ainda, permaneceu muito tempo depois, empregado para automóveis; o nome "vitória", de origem inglesa, proveio de um tipo de coche de quatro lugares, aberto, muito utilizado pela rainha Vitória da Inglaterra.

"César ou João Fernandes, tudo é viver, assegurar a dinastia e sair do mundo o mais tarde que puder."
(Assis, 1975, Esau e Jacó, p. 19)

Com César, vitória (metonímia)

Com João Fernandes, derrota (metonímia)

César é o conhecido imperador romano, que Machado de Assis associou-o com o teor de vitória; João Fernandes, que esteve durante certa época empenhado em lutas no Brasil contra os holandeses, dedicou-se depois ao tráfico de escravos, sendo preso, condenado à morte e executado: Machado de Assis deu-lhe o teor de derrota!

"Traduzi-as em língua falada, a fim de ser entendi do das pessoas que me lêem."
(Assis, 1975, Esau e Jacó, p. 15)

Com livro, escritor (sinédoque)

O me, neste exemplo, está no lugar do escritor- que é próprio Machado de Assis. Esta relação, caracteristicamente sinédóquica, é

reconhecidamente citada e tida como um exemplo típico de metonímia:

"o autor pela obra". Acontece que o que me revela o escritor (seja ele quem for: Camões, Machado de Assis.,.,) são as suas obras, os seus livros. Portanto, a relação só poderá ser montada assim:

<u>Com livros (obra),</u>	<u>escritor.</u>
MATRIZ	DOMÍNIO

pois, podemos ter escritores sem que haja livros (obras): pense no jornalista, por exemplo. E mais: se a relação não possui recíproca verdadeira, a negativa da recíproca deve ser verdadeira, porém, vejamos!!

<u>Sem escritores,</u>	<u>não haveria livros.</u>
DOMÍNIO	MATRIZ

E vejamos este outro exemplo:

"Relê Êsquilo, meu amigo..."
(Assis, 1975, Esau e Jacó, p. 11)

Com livros (obra), escritor (Êsquilo) = sinédoque

Por isso, se quisermos conhecer Êsquilo teremos de ler os seus livros. Existe até um dito popular que nos assegura essa relação: "Pela obra, se conhece o autor!" Podemos ainda raciocinar da seguinte forma:

(a) Com Os Lusíadas, Camões

e poderíamos supor (enganosamente):

(b) Com Camões, Os Lusíadas.

Pensamos em Camões anteriormente à produção da obra "Os Lusíadas", e a relação (b) não seria verdadeira, porque Camões poderia ter

existido sem "Os Lusíadas", mas estes não!

A metonímia é um recurso mais freqüente que a sinédoque, porque a presença do elemento dependente nos remete facilmente a uma relação em que nos aparece o elemento independente. Pela razão inversa, explica-se a menor freqüência da sinédoque: a relação é construída praticamente no vazio, tornando-se por isso mais perigosa e menos facilmente detectável.

"Os cacauzeiros ardiam, o vento levando o fogo, Tonho Cuminho andando para dizer ao sul que Cajango existia."

(Corpo Vivo, p. 38)

Se ía dizer ao sul, ía dizer para a gente do sul.
Com palavra para o sul, gente do sul. (metonímias)

"Cajango sabia, porém, que os rios não tardariam em mudar de cor."

(Corpo Vivo, p. 38)

Se há transformação para o vermelho, há mudança de cor (sinédoque)

"Com o passo firme, surdo aos ruídos da mata, o Alto talvez se recorde de quanto sangue já custou a guerra de Cajango."

(Corpo Vivo, p. 39)

Com sangue, vida (metonímia.)

"O rumor, que sepulta a voz, é do vento nas folhas."

(Corpo Vivo, p. 44)

Se sepulta, esconde (dissimula) = metonímia.

A alegoria (e principalmente a prosopopéia) criam a mítica na obra literária, situando-nos em outra dimensão, que já não é a própria dos fatos, pois o escritor joga neste caso com mais de um trajeto semântico, acumulando-os numa superposição.

A mítica (segundo Cassirer) rege-se pelo princípio da metamorfose da linguagem: "é uma espécie de vaporização da rea-

lidade" (Prof. Osvaldo Arns); é um mundo (uma realidade) que se mantém preso por uma espécie de cordão umbilical ao mundo real do qual é parte.

Vejamos esta surpreendente alegoria de Guimarães

Rosa:

"Pois os próprios antigos não sabiam que um dia virá, quando a gente pode permanecer deitado em rede ou cama, e as enxadas saindo sozinhas para capinar roças, e as foices, para colherem por si; e o carro indo por sua lei buscar a colheita, e tudo que não é homem é sua, dele obediência?"

(Grande Sertão: Veredas, p. 496)

em que o autor, magistralmente, reuniu o primitivismo, a simplicidade do sertão, jogando-os no mundo da sociedade moderna, a sociedade das evoluções industriais, criando um outro, onde se mesclam "enxadas" e "foices" com máquinas modernas e automáticas.

Aliás, o romance todo (Grande Sertão: Veredas) está fundamentado numa grande alegoria: a personagem central da obra, Rio - baldo (que é também o narrador) é formada a partir de um componente de dúplice aspecto. De um lado, está a sua vontade-cerceadora e ao mesmo tempo dinâmica- a empurrá-lo, para rumos desconhecidos e insuspeitados. Isto quer dizer que estamos em face de um homem de vontade aparentemente fraca, que se deixa tutelar por outro, que lhe impõe os desejos, pois, Riobaldo aceita o "destino"- cujos caminhos são abertos por Diadorim, o que nos propicia uma perfeita analogia com o mito clássico do "destino da alma", de Platão.

Provemos que se trata de uma superposição de trajetos!!

Platão conta-nos que o destino da alma pode ser comparado ao de uma carruagem - o que já é uma alegoria- (no romance, a carruagem está representada pelo destino de Riobaldo) puxada por dois fogosos e indóceis: um representando a vontade (no romance, a vontade de Riobaldo); outro, por uma força contrária à vontade: a concu-

piscência, segundo Platão, e Diadorim no romance - que é "Aquela força cerceadora e modificadora" que impele Riobaldo sempre para outros rumos, desconhecidos e insuspeitados. Os dois cavalos são controlados por um cocheiro: a razão, para Platão; no romance, a razão de Riobaldo é o cocheiro que guia a "carruagem-Riobaldo"! Guimarães Rosa, ao proceder assim com o seu romance Grande Sertão: Veredas, criou uma alegoria de 2º grau, ou seja, uma superposição tripla de trajetos, para conseguir a sua "Travessia"!

Vejamos mais alguns exemplos de alegorias em outros autores:

"O meu fim era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência."

(Assis, Dom Casmurro, p. 37)

"A vida é uma ópera e uma grande ópera. O tenor e o barítono lutam pelo soprano, em presença do baixo e dos comprimários, quando não são o soprano e o contralto que lutam pelo tenor, em presença do mesmo baixo e dos mesmos comprimários. Há coros numerosos, muitos bailados, e a orquestração é excelente..."

(Assis, Dom Casmurro, p. 48)

Vejamos como Machado de Assis descreveu alegoricamente a criação do mundo:

"Deus é o poeta. A música é de Satanás, jovem maestro de muito futuro, que aprendeu no conservatório do céu. Rival de Miguel, Rafael e Gabriel, não tolerava a precedência que eles tinham na distribuição dos prêmios. Pode ser também que a música em demasia doce e mística daqueles outros condiscípulos fosse aborrecível ao seu gênio essencialmente trágico. Tramou uma rebelião que foi descoberta a tempo, e ele expulso do conservatório. Tudo se teria passado sem mais nada, se Deus não ouvesse escrito um livreto de ópera, do qual abrisse mão, por entender que tal gênero de recreio era impróprio de sua eternidade.

Satanás levou o manuscrito consigo para o inferno. Com o fim de mostrar que valia mais que os outros,

- e acaso para reconciliar-se com o céu, - compôs a partitura, e logo que a acabou foi levá-la ao Padre Eterno.

- Senhor, não desaprendi as lições recebidas, disse-lhe. Aqui tendes a partitura, executai-a, emendai-a, fazei-a executar, e se a achardes digna das alturas, admiti-me com ela a vossos pés...

- Não, retorquiu o Senhor. Não quero ouvir nada.

- Mas, Senhor...

- Nada! Nada!

Satanás suplicou ainda, sem melhor fortuna, até que Deus, cansado e cheio de misericórdia, consentiu em que a ópera fosse executada, mas fora do céu. Criou um teatro especial, este planeta, e inventou uma companhia inteira, com todas as partes, primárias e comprimárias, coros e bailarinas..." .

(Assis, Dom Casmurro, 1969, p. 48-9)

"Um dia dobrou a esquina da Vida e caiu na praça da Morte, com as barbas enxovalhadas, por não haver quem lhas pintasse na Santa Casa."

(Assis, Esaú e Jacó, 1975, p. 41)

E este exemplo de Drummond de Andrade:

"Eu sou a moça-fantasma
que espera na Rua do Chumbo

o carro da madrugada."

(Drummond de Andrade, Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte)

Algumas prosopopéias:

"A noite desceu."

(Drummond de Andrade, A Noite Dissolve os Homens).

O poeta poderia ter escrito: "Tornou-se noite", o que não seria nada original e não haveria superposição de trajetos, mediante a troca dos fatos.

"A noite come o subúrbio e logo o devolve,
Ele reage, luta, se esforça..."

(Drummond de Andrade, Revelação do Subúrbio)

"E o amor não abre caminho
na noite."

(Drummond de Andrade, A Noite Dissolve os Homens)

"Os olhos, magnetizados, escutam."

(Drummond de Andrade, Bolero de Ravel)

"À noite, do morro
descem vozes que criam o terror."

(Drummond de Andrade, Morro da Babilônia)

O autor poderia ter dito: "À noite, do morro ouvem-se vozes terríveis," e teria dito o comum, sem o choque e a veracidade conseguidas com os fatos "descer" e "criar", e que nos dão a impressão de seres que se movimentam, trazendo consigo o terror.

"... quem sustenta Cajango são os seus mortos."
(Corpo Vivo, p. 11)

"Todos os meus versos disseram que homens não são
padres.

O sangue era da mesma opinião."
(Assis, Dom Casmurro, 1969, p. 96)

"O muro falou por nós."

(Assis, Dom Casmurro, p. 57)

Passemos agora a alguns exemplos de sinestésias:

"Foi dali que partiu o tiro, seco, o cabra estate-
lado no chão sem tempo para gemer."

(Corpo Vivo, p. 15)

"A memória trazia-lhe o sabor do perigo passado."
(Assis, Esaú e Jacó, 1975, p. 37)

"A sombra doce das maçãs em flor,
gosto de deitar para descansar.
É uma sombra verde, macia, vã..."

(Drummond de Andrade, Sombra das
Moças em Flor)

"... avaliar o frio, ver a cor, ver o silêncio..."
(Drummond de Andrade, Mário de An-
drade Desce aos Infernos, II)

"... negro amor de rendas brancas."
(Drummond de Andrade, O Padre, A
Moça)

Este exemplo é bem mais sugestivo do que pode parecer à primeira vista: o poeta associa a cor da vestimenta do padre (negro) ao amor que ele sentia pela moça (rendas brancas) com quem fugira. É uma magnífica alegoria, que se vale de uma sinestesia visual (cor).

Vejamos agora um outro exemplo citado por Castro (1978) em Metáforas Machadianas, p. 103, em que se conjugam este-
sias visuais, auditivas e tácteis:

"Não falava muito nem sempre; possuía a grande ar-
te de escutar os outros, espiando-os; reclinava-se
então na cadeira, desembainhava um olhar afiado e
comprido, e deixava-se estar."

(Assis, 1959, Memórias Póstumas de Brás
Cubas, I, p. 483)

É este outro, também de Machado de Assis:

"Tal foi o calor da minha palavra, que a fez sorrir."
(Apud Castro, 1978, p. 97)

Como último exemplo de sinestesia, citamos mais uma vez este genial escritor, Guimarães Rosa que em suas obras sempre procurou dar ênfase aos elementos ocasionais do discurso, sendo talvez o escritor em língua portuguesa que mais tenha contribuído com elementos originais, invenções puras, que no inglês se denominam de "nonce-words" - vocábulos inventados para determinada situação e que são utilizados apenas uma vez (na maioria dos casos). Vejamos o exemplo!!

"Aquilo bonito, quando o tição aceso estala seu fim em faíscas- e labareda dalalala."
(Grande Sertão: Veredas, p. 238)

em que nos aparece a confluência de várias estesias:

- auditiva, através do verbo estalar;

- visual, por meio do tição aceso e principalmente pelo verbo dalalala (uma "nonce-Word" legítima). Com este verbo, criado para nos apresentar a ação do fogo (labaredas), Guimarães Rosa nos consegue dar idéia mais que precisa do fato, valendo-se inclusive do aspecto gráfico da palavra, alternando as consoantes e as vogais que desta maneira nos sugerem o fogo em movimento:

d a l a l a l a

Finalizando, diremos que "um enunciado poético (considerado como tal) distingue-se de um enunciado (julgado) científico - ou mesmo publicitário- pela aderência do sentido aos signos, pela impossibilidade manifesta de traduzi-lo, de resumi-lo, de negá-lo, de dar-lhe um equivalente qualquer" (Retórica Geral, p. 28).

5.2.2. O Discurso Cotidiano (5).

Como ponto de partida, podemos estabelecer que o discurso literário é um discurso onde há a predominância da função artística (ou poética) da linguagem; no discurso cotidiano (ou familiar, segundo o inglês) a predominância se concentra na função comunicativa da linguagem, que é a própria do diálogo. No discurso literário a função comunicativa se subordina à artística. A função comunicativa em que o emissor passa ao receptor o assunto que lhe interessa, pode manifestar:

- (a) a função emotiva, modalidade de comunicação em que se destaca o emissor. A linguagem pressiva do tipo expressiva serve a esta função, prestando-se ao desabafo. O receptor e o assunto passam a figurar em segundo plano.
- (b) a função apelativa, modalidade que destaca o receptor (função conativa ou injuntiva, segundo Jakobson), pressionado pelo emissor para o exercício de alguma atividade conseguida por uma linguagem que se presta ao comando ou à persuasão (por meios dissimulados ou claros). A linguagem possui características fortemente pressivas (do tipo impressivo);
- (c) a função referencial, modalidade que destaca o assunto que queremos transmitir. A linguagem possui característica essencialmente neutra, prestando-se para a análise dos fatos, deslocando o emissor e o receptor para um segundo plano.

No discurso literário, temos uma linguagem específica que o manifesta: a linguagem literária.

No discurso cotidiano, como é fácil de entendermos, não existe uma classe específica de linguagem que o manifes-

ta. Isto se deve ao fato de a função comunicativa ser capaz de manifestar-se mediante as outras três funções citadas: a emotiva, a apelativa, ou a referencial.

Porém, das três classes possíveis de linguagem a que mais freqüentemente manifesta o discurso cotidiano é a vital, cujas características são a pressividade (que engloba as funções emotiva e apelativa), a univocidade e a refletividade. Devemos ressaltar, porém, que há uma forte tendência da linguagem vital transformar-se (ou aproximar-se) em linguagem literária, com a passagem do unívoco para o plurívoco:

- Como está o seu "Passat"?

- Está andando mais que notícia ruim!

(Diálogo de rua entre amigos)

Ou:

- Aceita uma "pinguinha"??

- Não gosto "da água que passarinho não bebe"!...

(Conversa em um bar)

Em uma roda de amigos, falava-se de um sujeito "bastante favorecido pela sorte" mas muito infeliz quando se tratava de "usar a cabeça", quando um dos componentes da roda resumiu tudo com esta metáfora:

- É um rinoceronte rico!

em que se destaca claramente o sema "burrice" (falta de inteligência) de que é possuidor o rinoceronte, que é forte e poderoso, mas com o cérebro do tamanho do de uma galinha!

Já a linguagem literária pode aproximar-se da linguagem vital, tornando-se menos plurívoca (ou quase unívoca), dentro da sua mítica peculiar indispensável: é o que acontece às vezes com a prosa. Portanto, tratando-se do discurso cotidiano, não podemos identificá-lo pelas características que constituiriam uma

classe específica de linguagem. Insistimos: a linguagem do discurso cotidiano possui função essencialmente comunicativa- isso é o que importa antes de tudo.

Aqui, mais que em qualquer outro campo da linguagem aplica-se a máxima:

"O lingüista (ou o estudioso da língua) não tem o direito de confundir o que o falante nativo de uma língua distingue claramente."

A comunicação (mesmo contrariando a opinião de alguns estudiosos) sempre foi e será a função primordial da linguagem, pois o homem só começou a dedicar-se à arte depois de haver desenvolvido um sistema de comunicação que lhe garantiu a sobrevivência frente aos percalços e à contrariedade do mundo existente. Isto, sem levarmos em conta que toda manifestação artística é, sem dúvida também uma forma de comunicação.

"A maior parte do tempo no final das contas não estamos interessados em apartar os nossos sentimentos dos nossos discursos; ao contrário, estamos sempre solícitos para os exprimir o mais plenamente que pudermos."

(Hayakawa, A Linguagem no Pensamento e na Ação, p. 95).

Isto explica porque além do caráter essencialmente informativo do discurso cotidiano, haja também paralelamente um caráter afetivo, provocado pelo emprego de certos artifícios da linguagem. Em nosso caso, só nos dizem respeito a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a alegoria- mas existem muitas outras que servem para dissimular ou enfatizar o que dizemos, mascarando a comunicação. Por isso afirmamos que

"Nunca se reconheceu devidamente que o que denominamos de gíria e discurso vulgar opera segundo os mesmos princípios da poesia. (...) e o processo

imaginativo mediante o qual são cunhadas as suas palavras e expressões, é o mesmo mediante o qual o poeta chega à poesia."

(Hayakawa, A Linguagem no Pensamento e na Ação, p. 99)

E como se não bastasse essa afirmação, lembramos a de Du Marsais, já citada na nota nº 1 deste capítulo:

"Num dia de negócio, no mercado, produzem-se mais figuras do que em vários dias de reuniões acadêmicas."

Quando dizemos que a assertiva "Estou morto de cansaço" não tem sentido se decodificada literalmente (ao pé da letra, popularmente falando) é porque pressupomos para ela (no mínimo) uma outra possível leitura, comprovando que o "grau zero" existe - a despeito do descaso de alguns. Que nem sempre é fácil determinarmos o "grau zero") em questão, separando-o do "grau manifesto", concordamos- mas isto não lhe tira o direito de existir, apenas torna claro que as nossas limitações existem (É o cientista que sempre se equivoca, não a ciência!)

Destarte, ratificando o que já dissemos algures, o discurso cotidiano não é apenas um registro de língua, mas uma modalidade de discurso como acontece como os discursos literário e científico, por exemplo. O que podemos determinar, é que o discurso cotidiano é o conjunto das atividades lingüísticas do falante atualizadas no dia-a-dia, que vão desde o mais singelo coloquial até o mais sofisticado adloquial. Resumindo, diríamos que

DISCURSO COTIDIANO é toda a produção lingüística do falante, com caráter predominantemente comunicativo e cujo objetivo principal é a sobrevivência (ou a melhoria de um certo "status").

E é justamente no registro coloquial que encontramos uma linguagem afetiva muito rica, cheia de "figuras".

Vejamos alguns exemplos do coloquial gaúcho, retirados da fita magnética "As Gauchadas do Seu Amaranto", Vol. 5:

"O Amaranto é um índio desses, mais faceiro do égua com dois potrilhos."

(Símile)

"O Amaranto era um baita galo."

(metáfora)

"... e a sua gaitinha chorava mais que viúva-de-sete-dias."

(Símile)

Sob um outro aspecto, podemos dizer que "gaita não chora", e seria então atribuir qualidades de um ente animado a um ente inanimado - constituindo-se numa prosopopéia.

"Certa feita, num fandango... e a indiada galopeando mais que porco ervado."

(Símile)

"Porco ervado" é uma expressão que serve para nos informar que o pessoal no "fandango" (baile, festa) estava muito satisfeito, e por isso, movimentavam-se animadamente como os porcos após haverem comido o capim, adquirindo forças para a marcha.

"Galopeando" é um verbo muito funcional para esse contexto: nos sugere, pelas oclusivas, as batidas das botas e o barulho dos sapatos no assoalho do salão, à maneira dos cascos do cavalo; e ainda nos informa que o ruído era prolongado, pela seqüência - "eando": vogais e consoantes nasais. (Poderia ter ocorrido a forma "galopavam", que não nos teria sugerido o último fato).

"Quando a velha estava já no último furo do rabi-cho... e já estava com um pé no estribo, rumo à estância de S. Pedro..."

(Alegoria)

"A velhinha estava com sororoca... estava que nem burro xucro na chinha."

(Símile)

O exemplo é claro de símile, embora alguns autores queiram ver em exemplos como estes, metáforas de uma forma mais explícita! Segundo entendemos, tratam-se realmente de símiles com subordinação de domínio à matriz, em que não aparece o termo "mal" (ou doente).

"Pinheiro de 80 m. de compido saía correndo assim como sombrinha."

(Prosopopéia e Símile)

Aqui, existem realmente dois mecanismos envolvidos:

- (a) a troca do fato inanimado pelo animado "saía correndo" - prosopopéia.
- (b) as duas matrizes: "pinheiro de 80 m." e "sombrinha" com o domínio explícito "sair correndo" (mover-se, ser levado) - símile.

O período acima não pareceria tão esdrúxulo (ou inacreditável) se pensarmos no sucedido: "um vento tão forte, mas tão forte que foi de trocar burichó de uma invernada pra outra" - segundo a narrativa da nossa personagem Amaranto, relatando um vendaval que se abateu sobre a fazenda do avô, "fazendinha pequena (de 150.000 alqueires), mas que tinha de tudo um pouco."

Certa feita, o Amaranto meteu-se em uma guerra (segundo ele- julgamos porém ser a Revolução em que tomaram parte os Maragatos", a de 1935) em que se achavam ele, seu pai e D. Quirino

encurralados entre umas pedras, cercados por uns cinco mil inimigos. Vejamos como Amaranto via o combate, com as suas palavras:

"... e a indiada atirava uma barbaridade... aquilo passava bala que nem enxame de abelha africana."

Em que nos aparece claramente mais uma símile, muito original e sugestiva. A comparação do número de balas que passavam com o número de abelhas de um enxame. A periculosidade das balas que passavam é sugerida pelo qualificativo dado às abelhas: "africanas" - abelhas altamente perigosas e mortais.

Sob o ponto de vista de uma lógica muito natural e muito antiga (talvez a "Ciência da Realidade"), as coisas que criam em nós as mesmas respostas são idênticas entre si (o que não invalida a "Lei da Identidade" de Leibniz, segundo a qual "dois termos iguais a um terceiro são iguais entre si", em que se baseia o raciocínio metafórico).

Se, por exemplo, nos impressiona a rapidez com que alguém se movimenta, e se anteriormente sentimos a mesma reação quando observamos (ou pelo menos nos pareceu que observamos) o movimento de um raio, a nossa primeira e irrefletida reação será naturalmente dizer

"Ele é um raio."

No que toca aos nossos sentimentos, o homem e o raio se equivalem (pelo menos a respeito do domínio "rapidez"): este é o processo básico pelo qual chegamos à metáfora. Disto conclui-se que as metáforas não são (como se as denominou durante longo tempo) apenas "ornamentos do discurso": são expressões diretas de avaliações e estão destinadas a ocorrer quando quer que tenhamos sentimentos fortes a exprimir.

São, portanto, encontradas com especial abundância em todas as modalidades de discurso, desde o falar mais primitivo até o mais so-

fisticado.

Vejamos mais alguns exemplos de metáforas:

"Aquela mulher é um bagulho."

Vejamos esta quadra de uma canção popular americana:

"You're not the sun
You're not the sky.
You're just a woman,
But a very special one!"

("Você não é o sol
Você não é o céu
Você é apenas uma mulher,
Mas uma mulher muito especial.")

Aí nos aparecem claramente duas magníficas metáforas:

You're not the sun
You're not the sky

Aquele político é uma velha raposa.

Com referência à avareza de alguém, ouve-se com frequência a expressão:

O meu tio foi um mão-de-vaca (6)

E assim, também com referência ao indivíduo pródigo, diz-se que é "um mão-aberta".

Com referência ao futebol dizemos que um exímio jogador "é um Pelé", ou no automobilismo nos referimos a um ás do volante como "um Emerson Fittipaldi".

E quando alguma coisa não presta dizemos que "é uma bomba".

Quando alguém recebe um presente, sofrendo prejuí-

zos devido a ele, dizemos que "foi um presente de grego".

Entretanto, quando dizemos que "alguém é um Pelé", equivale a não levar em conta as diferenças entre esse alguém e Pelé.

Uma reflexão ulterior, motivando um desejo de clareza, nos impele a proferir, modificando a asserção original: "Ele é como um Pelé"— e nos aparece a símile, isto é, uma determinação mais precisa da indicação das similaridades em nossos sentimentos para com determinado jogador e Pelé.

A símile é também muito freqüente no discurso cotidiano, talvez mais que a própria metáfora.

Quando queremos dizer que comemos bem e, portanto, desejamos expressar nossa satisfação por tal acontecimento, dizemos que "comemos como padres".

A símile é um tipo de mecanismo muito utilizado em certas comparações feitas com ditos populares (adágios, provérbios, pensamentos, etc.) Vejamos, então alguns exemplos:

"O vinho é como o amor:
sorvido aos goles, é lenitivo;
mas de uma só vez, mata!"

"O pobre é como arame farpado:
se não está no rolo, está esticado!"

"A linguagem sem ornamentos é como um belo corpo
vestido andrajosamente."

"A juventude é como um cavalo selvagem:
não possui rédeas nem freio."

Com relação aos nossos sentimentos, não existe distinção entre os seres animados e os inanimados. Por isso, quando exprimimos nossos sentimentos, o vento pode "beijar" as nossas faces, a Lua "abençoar" um casal de namorados, as metralhadoras podem "cuspir" fogo, os revólveres "latir", os vulcões "vomitar"

lava e as máquinas "engolir" carvão: verifica-se um acúmulo de trajetos em que mantemos as instâncias e trocamos os fatos, criando prosopopéias.

Vejamos alguns exemplos:

"O meu DODGE está comendo a gasolina!"

"comer" aqui, além do mecanismo prosopopéico (ou alegórico) envolvido, alude também a um certo exagero no consumo da gasolina: o carro não está apenas consumindo o combustível necessário, está comendo-o (o que implica um consumo exagerado!)

"O seu charuto passeava de um canto a outro da boca."

"Aquele cachorro disse que não estava com fome."

"Se você não me deixar em paz, vou fazer o meu revólver falar!"

"Dois touros conversavam no alto de uma colina; disse o mais jovem:

- Olhe lá em baixo quantas vacas!! Vamos depressa e peguemos umas dez para cada um!!
- O mais idoso, mais experiente e mais sábio, continuou a remoer a sua bocada de capim e, sem levantar a cabeça respondeu muito calmo:
- Vamos bem devagar e peguemos todas!!"

Uma piada, em que nos aparece a conversa de animais (dois touros). Ora, os animais não podem conversar (ou pelo menos, não é próprio que conversem e ajam à maneira de pessoas): trocaram-se os fatos e com isso nos apareceram inúmeras prosopopéias.

Não existem diferenças muito marcantes entre a prosopopéia e a alegoria: o mecanismo é praticamente o mesmo só que ao invés de mudarmos os fatos, mudamos as instâncias. Em ambos os casos, como já demonstramos, verifica-se um acúmulo de trajetos.

Vejamos estes dois exemplos, retirados do inglês:

"Set a beggar on a horseback and he'll drive to hell."

(literalmente: "Coloque um mendigo numa montaria e ele irá direto para o inferno.")

Em Português, temos outra alegoria, correspondente idiomáticamente à acima citada:

"Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza."

"Will you teach your grandmother to suck eggs?"

(literalmente: "Você quer ensinar sua avó a chupar ovos?") que corresponde, em nossa língua, à seguinte alegoria:

"Você quer ensinar o padre-nosso ao vigário?"

"Cada macaco no seu galho!!"

pode significar, de acordo com a situação envolvida:

- (a) Cada qual na sua especialidade;
- (b) Cada qual no seu devido lugar;
- (c) Cada qual faça o que sabe; etc.

Vejamos esta outra:

"Ele deu o passo maior do que a calça!"

para aludir a alguém que tenha ultrapassado as suas possibilidades e com isso conseguido algum prejuízo, como aconteceria ao indivíduo que "desse um passo mais longo do que lhe permitissem as calças", rasgando-as!

"Casa de ferreiro, espeto de pau!"

"Em casa de enforcado, não se fala em corda!"

"Cada qual possui a sua cruz."

são mais três exemplos que já consagraram na "boca do povo", como podemos comprovar.

Quanto à metonímia e à sinédoque, são dois mecanismos pouco utilizados no discurso cotidiano, ressaltando-se aqueles casos em que o falante já não se dá mais conta que está constituindo uma figura ao dizer, por exemplo:

"Onde você colocou a minha gilete?" (metonímia)

"Quantas cabeças há no seu rebanho?" (metonímia)

"Estou entre a cruz e a espada!" (metonímia)
(que não deixa de ser uma alegoria, em última instância).

"Ele já tomou dois cânecos!" (metonímia)

"Ele é um bom garfo!" (metonímia)

"Gosto muito de ler Machado de Assis." (sinédoque)

"A C.E.F. financiou a construção de mil novos te-
tos." (sinédoque)

"Admiro muito o verde." (sinédoque)
(para dizer que admira muito os militares)

"Ele tem muita cabeça!" (metonímia)

Como dissemos, não era nosso objetivo realizar uma pesquisa profunda e detalhada nem sobre o discurso literário, nem sobre o discurso cotidiano, mas apenas mostrar que esses mecanismos lógicos, tais como a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a alegoria ocorrem tanto em um quanto em outro, não sendo privilégio portanto, da literatura. Por outro lado, isto confirma nossa hipótese de que os citados mecanismos são potencialidades da linguagem e dela são apreendidos mediante realizações contidas na própria linguagem.

NOTAS

(1) Du Marsais já dizia no Séc. XVIII:

"Num dia de negócio no mercado, produzem-se mais figuras do que em vários dias de reuniões acadêmicas". (Citado in O Slogan, p. 78)

(2) Na Linguística Gerativo-Transformacional, empregam-se os termos "competência" e "desempenho", que correspondem, "grosso modo", à dicotomia "língua" ~ "fala". Existem ainda outras terminologias que não citaremos por razões óbvias.

(3) Com isto, descartamos a possibilidade (admitida por alguns) de a arte (e mais especificamente, a literatura) servir como instrumento para a catequização ou para a disseminação de certas ideologias políticas ou filosofias. Se assim fosse, o seu fim seria desvirtuado e passaria a constituir-se mais em um instrumento altamente persuasivo, que essencialmente estético: é o que acontece com a "literatura engajada", por exemplo.

(4) Citado por Reboul, Olivier. O Slogan. São Paulo, Cultrix, 1979.

(5) Não se deve confundir "cotidiano" com "coloquial" - que é uma modalidade de fala (registro), em oposição a "adloquial", pois, o discurso cotidiano pode manifestar-se tanto num registro quanto noutro.

(6) Os fatos nem sempre são citados na ordem temporal em que ocorreriam. Isto porque alguns lances podem ser previstos pela situação cultural. Por isso, às vezes, nos utilizamos de elementos anteriores que prevêm elementos posteriores; e às vezes nos servimos de elementos posteriores (segundo a ordem temporal normal dos fatos) que podem prever outros, anteriores: em qualquer um dos casos, estaremos produzindo um "fenômeno semântico", denominado respectivamente de "acesso" e de "retrocesso". Este fenômeno pode ocorrer com os diversos níveis, mas o campo onde ele é mais procurado é o do vocábulo (ou da palavra), por motivos óbvios! Assim, o exemplo citado "Meu tio era um mão-de-vaça" temos um "acesso semântico". O acesso e o retrocesso semântico respondem pelo aparecimento do disfemismo e do eufemismo: o primeiro contribui para um abrandamento do fato; e o segundo serve para aumentar o seu efeito na comunicação.

5.2.3. O Discurso Publicitário.

"Fazer negócios sem propaganda, é como piscar para uma garota no escuro. Você sabe o que está fazendo, mas ainda ninguém sabe!" (Agência DPZ)

O discurso publicitário é uma modalidade de discurso "sui generis", muito próxima da linguagem vital (que caracteriza em parte o discurso cotidiano), mas também com fortes tendências literárias, como sejam a plurivocidade (e, às vezes, a miticidade). O discurso publicitário rege-se antes por uma "gramática interna" (intuitiva) do que por uma "gramática externa" (elaborada, segundo as diversas correntes lingüísticas), possuindo regras e necessidades próprias, decorrentes do seu objetivo primordial: persuadir os consumidores a adquirirem determinado produto, com vistas a uma possível venda em larga escala ⁽¹⁾, valendo-se, para isto, dos princípios e técnicas defendidos pela Gestalt.

A publicidade é uma decorrência da complexidade de relações em que está mergulhado o nosso mundo atual, pois, o antigo "mascate" que percorria pessoalmente todas as localidades, oferecendo, apresentando e efetuando as vendas dos produtos existentes no mercado, tornou-se obsoleto e impossibilitado de realizar todas essas tarefas. As distâncias a serem percorridas são demasiado longas e o número de clientes é muito grande para que indivíduos, isoladamente, procedam a tais operações, outrora simples e perfeitamente possíveis. Atualmente, o dono de empresa (ou quem possua um produto ou um serviço a oferecer) raramente entra em contato direto com os seus clientes: ele serve-se da publicidade (nos meios de comunicação de massa) para atingir muitos dos seus clientes em potencial de um só vez, economizando assim tempo e gastos desnecessários. Por sua vez, surgiram as "agências-de-propaganda", que são instituições especializadas em estabelecer os contatos necessários entre os clientes (agora, os que gastam em publicidade) e os possíveis consumidores (ou compradores), dos pro-

dados ou serviços ou produtos oferecidos, tal o refinamento a que chegou essa "técnica de persuasão", que hoje denominamos de publicidade (ou propaganda, segundo alguns). O campo de ação tais "agências" estende-se desde o contato inicial com o cliente (o anunciante) até a veiculação final do anúncio e assistência permanente à campanha pretendida pelo anunciante, oferecendo-lhe constantes e precisas informações sobre a receptividade ou não por parte do público consumidor.

Sucintamente, concordamos com C.R. Haas ⁽²⁾, que define a publicidade "como uma técnica que tem por objetivo facilitar, quer a propagação de certas idéias, quer as relações de ordem econômica entre certos homens que têm uma mercadoria ou um serviço a oferecer e outros homens susceptíveis de utilizar essa mercadoria ou esse serviço. Esse objetivo pode ser mercantil ou desinteressado: daqui, uma possível classificação da publicidade em publicidade privada, coletiva, comunitária e ideológica."

Na publicidade privada (que é a que logo nos vem à mente quando falamos em publicidade) e na publicidade coletiva o objetivo será marcadamente mercantil; na publicidade comunitária, o objetivo poderá ser mercantil ou desinteressado (ideológico); e na publicidade ideológica será fortemente ideológico (desinteressado), servindo para divulgar entre o maior número possível de pessoas uma certa política, social ou religiosa. Nem sempre será fácil classificarmos os anúncios das campanhas publicitárias em apenas uma destas categorias, visto que eles podem, por vezes, revestir-se simultaneamente de várias das características peculiares de cada uma delas ⁽³⁾.

Propaganda e publicidade.

O vocábulo "propaganda" nos vem do latim de "propagare" (reproduzir por mergulhia da videira, a partir de "pan-gere": enterrar, plantar).

O vocábulo "publicidade" tem sua origem, também no

latim, no vocábulo "publicus", mais tarde registrado em francês com a forma "publicité", em 1694, pelo Dicionário da Academia Francesa.

O termo "propaganda" apareceu mencionado pela primeira vez no Dicionário da Academia Francesa em 1740, embora fosse conhecido e empregado já com conotação eclesiástica desde 1597 por uma congregação estabelecida em Roma, por Clemente VIII e organizada depois por Gregório XV, em 1622, que tinha por objetivo a propagação da fé católica no mundo.

A "publicidade", a princípio um termo de teor jurídico, vulgarizou-se no séc. XIX, adquirindo teor fortemente comercial. É o termo atual que substitui "reclamo" (já envelhecido e arcaico) nos meios profissionais.

De uma forma geral, poderíamos dizer que o teor do termo "propaganda" é mais abrangente, e por isso mesmo pode incluir o teor do termo "publicidade" (ver nota nº 4).

Os livros acadêmicos que costumam distinguir "publicidade" de "propaganda", atribuem a esta última as seguintes características:

- (a) ligação estreita com uma mítica filosófica, política, social, religiosa - raramente com uma atividade mercantil;
- (b) pressupõe um plano de ação, altamente planejado;
- (c) implica, na maioria dos casos, a utilização de meios discretos, em contraste com a publicidade, que se serve de meios mais retumbantes, utilizando aberta e indiscriminadamente todos os meios de comunicação de massa ("mass media").

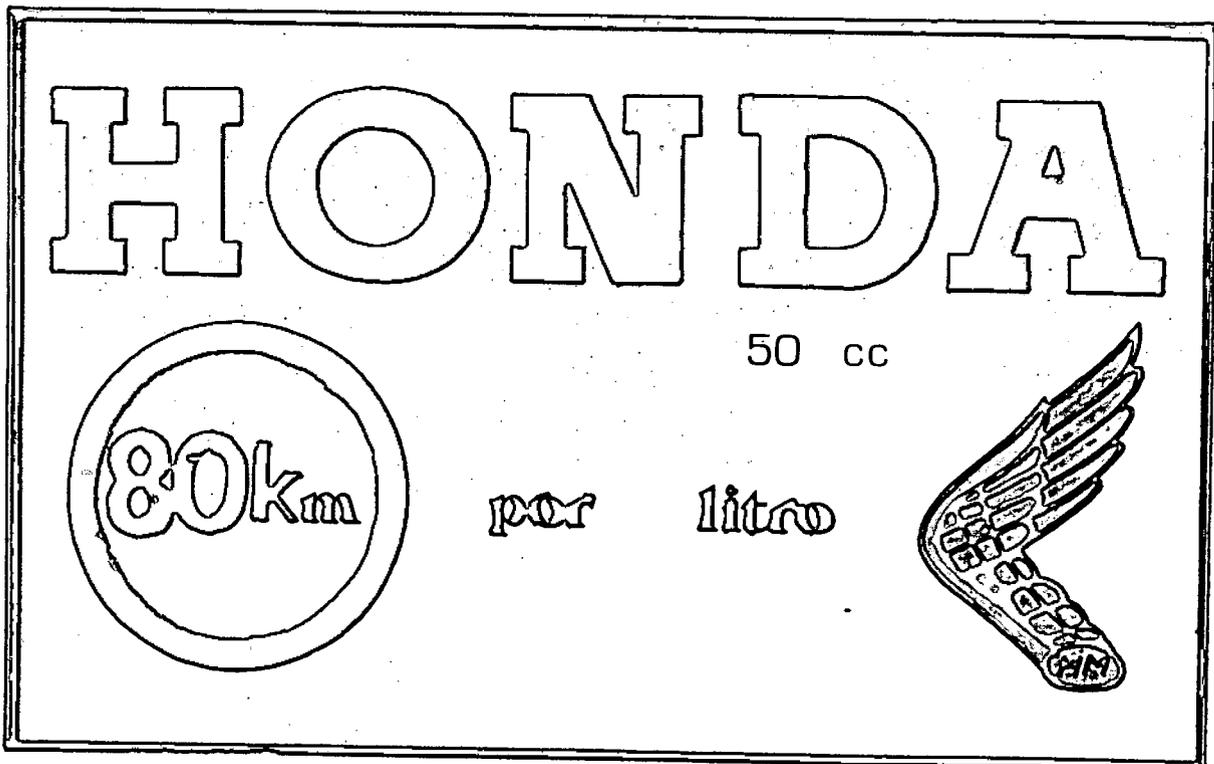
No presente trabalho, não perseguiremos uma distinção muito rigorosa entre publicidade e propaganda, já que o obje-

to de nossa pesquisa são os recursos empregados nos textos, não importando que estes se encontrem na publicidade ou na propaganda.

Os tropos como mecanismos de persuasão. (5)

Como dissemos anteriormente, existe todo um conjunto de elementos que estão envolvidos na apresentação de um cartaz (painel ou outdoor), de um anúncio de televisão ou mesmo de rádio. A título de ilustração, apresentamos estes dois, colhidos de "outdoors" existentes na "Free-way" que liga Porto Alegre ao litoral:

(i)



(ii)



O impacto e a originalidade do primeiro "outdoor" reside quase que exclusivamente na combinação de formas em que foi apresentado, pois, se se houvesse dito (ou escrito) apenas: "HONDA 50 cc: 80 km por litro", não haveria originalidade nenhuma e, por isso mesmo, deixaria de haver impacto - provocado principalmente pelo círculo com a velocidade permitida inscrita, mas que deixa de ser a velocidade e se transforma na quilometragem (permitida!). Isto nos sugere que a "Honda 50 cc" pode percorrer ainda mais que "80 km/litro", efeito gerado pelo círculo de permissão: fazer mais que 80 km com um litro de gasolina, é praticamente proibido!...

O segundo "outdoor" gera um efeito quase idêntico ao primeiro, pela apresentação do círculo de proibição de parada, chamando a atenção do viajante, que fica curioso em querer saber o porquê da proibição de estacionar; e se a proibição refere-se ao local onde foi afixada ou a um outro possível local, pois existe uma explicação ao lado. Isto nos leva, instintivamente, a ler a legenda "para insetos" - e com isto o anúncio atingiu o

seu objetivo: foi visto e lido pelos consumidores em potencial.

Ambos os "outdoors" se servem de símbolos comuns aos que transitam por uma rodovia: os sinais de trânsito. Isto torna os anúncios fáceis de ser interpretados, pois, supõe-se que todos os viajantes devam conhecer os sinais de trânsito e portanto saber interpretá-los. Por outro lado, à beira de uma rodovia, e às vezes transitando em alta velocidade, não temos tempo de observar a paisagem ou quaisquer outros detalhes existentes no percurso; mas tratando-se de sinais de trânsito, os motoristas estarão sempre atentos, já que a sua vida depende deles, na maioria dos casos. Daí, instintivamente, servirem para chamar a atenção em primeiro plano.

Como estes exemplos, existem muitos outros que se servem de recursos plurívocos de formas pictóricas, porém não constituirão interesse para esta dissertação, que trata unicamente dos recursos plurívocos da palavra (tropos).

Nos anúncios apresentados, procuramos focalizar quase que exclusivamente o título (a manchete) e a conclusão, que são geralmente apresentados em forma de "slogans" (6). Pesquisas detalhadas e exaustivas têm demonstrado que cerca de 40 a 50% dos leitores não vão além do título de um anúncio; que somente uns 30% lêem também o final (a conclusão) e que somente uns 10% (no máximo) se dão o luxo de ler o anúncio todo, principalmente se for longo e pouco sugestivo. Por isso, geralmente essas partes, o início e o final, vêm sempre destacadas do texto por alguns recursos gráficos, para facilitar a sua fixação.

Um cartaz, um "slogan" (como uma canção popular) podem ser verdadeiras obras de arte, constituindo-se em verdadeiros "achados estéticos". Não se deve confundir "popular" com "vulgar" e muito menos "achados estéticos" com "burilção exagerada" da forma- dois extremos que devem ser evitados.

No primeiro caso, diminuiríamos a originalidade e com isto perderíamos o impacto; no segundo caso, estaríamos à

mercê da não não-interpretação por parte dos consumidores, não havendo também qualquer impacto.

Agora já podemos introduzir os tropos, determinando a sua função no discurso publicitário: persuadir dissimuladamente. Basicamente, se prestam para o estabelecimento da originalidade; havendo originalidade, haverá impacto e com o impacto vem a persuasão, sempre em forma de uma "verdade figurada", por isso mesmo escapando a toda prova ou contraprova. E como geralmente aceitamos o que não podemos negar, a "verdade insinuada" acaba impondo-se (mais cedo ou mais tarde). Quando lemos ou ouvimos:

"O homem que usa EMBASSY, sabe onde as mulheres têm o nariz." (Cosméticos Embassy).

pode ser que a grande maioria dos leitores (ou ouvintes) não se dê conta de que o anúncio foi montado com uma sinédoque, do tipo

Com conhecimento das mulheres, sabe-se onde elas têm o nariz,

mas todos (indistintamente) captarão a verdade insinuada: quem conhece as mulheres (note-se: as mulheres!), usa EMBASSY porque é de EMBASSY que elas gostam,; não se discute se a afirmação é verdadeira ou falsa, já que não nos dá oportunidade para isso, pois, não podemos negar que o homem use EMBASSY ou que não saiba dos gostos das mulheres. Por outro lado, quem não usar EMBASSY, estará se identificando como um desconhecedor das mulheres, o que homem algum gostaria de admitir!

Vejamos este outro exemplo:

"Na hora de trocar os amortecedores, compre a proteção da COFAP." (Cofap S.A.)

Com bom produto, proteção. (sinédoque).

Novamente é possível que nem todos sejam capazes de encaixar estes dois fatos num trajeto, como fizemos; mas o seu poder de persuasão está justamente ligado a uma relação desse tipo, pois, o consumidor sabe que não é possível "comprar proteção", mas unicamente alguma coisa (algum produto) que seja bom e seguro, por isso lhe proporcionará proteção.

Um fato é verdadeiro ou falso na dependência de ter ocorrido ou não:

(i) - A COFAP protege??

- Sim. (verdadeiro).
- Não. (falso).

(ii) - O homem sabe onde as mulheres têm o nariz??

- Sim. (verdadeiro).
- Não. (falso).

Dois fatos serão verdadeiros ou falsos na dependência de poderem encaixar-se ou não em um trajeto:

(i) É um bom produto. É seguro (protege).

Com bom produto, proteção.

(ii) Conhece as mulheres. Sabe onde elas têm o nariz.

Se conhece as mulheres, sabe onde elas têm... .

As implicações que nos advêm estas relações, são as seguintes:

- (a) não se pode negar que o que é bom protege; nem tampouco que quem conheça as mulheres não saiba onde elas tenham o nariz (ou o que preferam), pois, o elemento A depende do elemento B;

- (b) o que se poderia questionar (e geralmente não se questiona) é que quem use EMBASSY conheça realmente o gosto das mulheres ou que a COFAP realmente venda bons produtos;
- (c) o questionamento de (b) não ocorre porque é imposto como um fato isolado, sempre supostamente verdadeiro, por isso deve ser aceito.

E, quer queiramos ou não, todos nós somos influenciados pelos mecanismos de persuasão empregados pela publicidade. Como ilustração, relembrei um caso verídico, ocorrido com uma estudante universitária, por influência de um anúncio apresentado na TV sobre o desodorante IMPULSE: ambiente altamente requintado cadeira onde estava sentada em um restaurante de alta classe e dirigi-se para a porta. Um rapaz, também do tipo HOLLYWOODIANO, a segue e, na saída, toma ligeiramente um ramalhete de flores de uma florista que estava por perto e, de repente, apresenta-o à jovem, que se volta sobressaltada, a princípio, mas depois aceita a corte do rapaz galã e desejado - é o início de um grande amor! No final, uma legenda (falada) declara categoricamente:

"IMPULSE só não protege você de um grande amor!..."

Ora, a referida universitária (estudante de um curso de Filosofia) relatou-me que estava usando IMPULSE há algum tempo já, mas que até o momento a proteção havia sido total, pois, ainda não aparecera um "grande amor" a lhe entregar flores inesperadamente, como aquele do comercial da TV!...

O fato é que não gostamos de confessar que sofremos uma forte influência da publicidade em nossa vida diária, justamente porque os apelos publicitários são dirigidos ao "super-ego", ao "ego" e até mesmo ao "id" do consumidor, atingindo-o em seus pontos vulneráveis- seja ele rico ou não; seja ele culto ou anal-

fabeto. Portanto, quando agimos como consumidores somos todos iguais, sob determinados aspectos. Como exemplo, podemos citar a decisão de compra, que sempre recairá sobre um produto para o qual já temos alguma imagem associada ou do qual já ouvimos alguma publicidade.

A publicidade chega mesmo a sobrepujar o poder aquisitivo do consumidor que, às vezes, não lhe permite adquirir tal produto, mas o poder da sugestão acaba sendo mais forte, e a necessidade supérflua passa a ter prioridade absoluta na lista de compras. Se fizermos uma pesquisa nos supermercados, constataremos que as famílias com renda em torno do salário mínimo são as que mais adquirem sabão em pó (e quase sempre da marca OMO, que é o mais caro!), quando poderiam adquirir o sabão comum, por um preço bem mais acessível e de mesmo efeito, com uma vantagem ainda de ser muito menos poluente que o sabão em pó. E se observarmos atentamente no interior de um supermercado, haveremos de constatar também que aqueles produtos que não são necessários essencialmente (os que constituem as necessidades supérfluas) se encontram sempre ao alcance da mão do consumidor: geralmente são colocados propositalmente nas prateleiras intermediárias, para que sejam apanhados sem nenhum esforço pelo consumidor ávido que vai passando com o seu carrinho abarrotado de coisas que poderiam ser disponíveis, a bem de um exame mais honesto das necessidades.

Quanto à publicidade escrita (ou falada), servindo-se de "slogans", escolhe entre os fatos que lhe são úteis, utilizando-os para esconder os outros: o que é dito disfaça o que é calado. Por isso, títulos mais curtos com "slogans" de 4 a 5 palavras (em média) são os que produzem mais efeito. Uma palavra a mais, às vezes, pode destruir todo o poder de sugestão. Se dissessemos, por exemplo:

"O cigarro mata lentamente."

poderia ocorrer que alguém retrucasse:

"Não estou com pressa!"

Um verdadeiro "slogan" diria:

"O cigarro mata!"

afirmação que não daria margens a que alguém retrucasse com uma contra-resposta.

Alguns exemplos de bons "slogans" (7):

1. I like ike. (empregado na campanha presidencial de Eisenhower)
2. Coca-Cola: isso é que é! (transferência sonora)
3. Ponha um tigre no seu carro!! (metáfora)
4. A Caixa, é a Caixa! (tautologia - sinédoque)
5. Black is beautiful. (metonímia)
6. Deus está morto. Assinado Nietzsche. (metáfora)
7. Hitler, é a guerra! (metáfora)
8. Frigidaire: a verdadeira. (metonímia)
9. A Inglaterra como Cartago será destruída! (símile)
10. Gillette: a grande apaixonada por sua pele. (metáfora - sinédoque - metonímia)
11. Os imperialistas são tigres de papel. (metáfora)
12. Sereis como deuses. (símile)
13. Fique enxuta como as estrelas de cinema: use toalhas Santista.
(símile)
14. VW - A marca que conhece o nosso chão! (sinédoque)

É evidente que nem sempre é apenas um tipo de tropo que ocorre num anúncio ou "slogan", porém sempre procuramos destacar o mais significativo. Depois, deve-se ressaltar também que a ambigüidade é um dos recursos mais freqüentes na publicida-

da, justamente porque acumula as vantagens da "inferência" (base dos tropos), emprestando ao texto um toque de humorismo- que sempre agrada, como aconteceu com o exemplo 13. .

Freqüentemente, estamos às voltas não apenas com uma necessidade, mas com necessidades diferentes e que se chocam. A publicidade procura, em última instância, nos persuadir de que pode conciliar essas necessidades opostas, todas elas pertencentes a dois eixos:

ECONOMIA	≠	LUXO
utilidade		prestígio
puritanismo		erotismo
conforto		natureza
menor esforço		tornar-se útil
segurança		aventura
proteção		agressividade
submissão		dominação
padronização		distinção

Vejamos alguns exemplos:

"Por que os bebês CADUM têm mães tão bonitas?"
(instinto maternal e feminilidade)

"Um livro para a elite - 120 mil!"
(padronização e distinção)

"Os capitalistas são tigres de papel."
(ira e temor)

"Corcel II: o conta-gotas da década 80."
(economia e luxo)

A publicidade age como uma forma de sedução, levando-nos ao encorajamento para fazermos o que sugere. Assim é que, graças aos artifícios de certos anúncios, sentimo-nos já um pouco ricos, um pouco sedutores, um pouco tigres; e a reação que e-

les provocam é "por que não"?

(8) "MINISTER: para quem sabe e quer mais!"
(sinédoque)

"HILTON, um estilo de vida."
(sinédoque)

"CARLTON, um prazer tão raro quanto ouvir uma boa música."
(símile)

"Abra um sorriso!!"
(Alegoria)

"As pessoas inteligentes estão mudando para ADVANCE. E você?"
(metonímia)

Estes "slogans" de anúncios publicitários muito conhecidos são exemplos de como a publicidade nos arrasta e nos tenta, seduzindo-nos a experimentar o produto anunciado, dando-nos a ilusão de que, ao experimentá-lo, estaremos nos tornando como personagens que são apresentadas nos anúncios: um pouco ricos, um pouco inteligentes e sentindo um pouco daqueles raros prazeres, reservados somente aos ricos e aos deuses. Portanto, a publicidade não se preocupa apenas com a venda de determinado produto; ela cria uma imagem associada, vendendo-a juntamente com ele. Se perguntarmos qual a sensação de quem fuma HILTON, ao acender um destes cigarros, no fundo, no fundo esta sensação estará sempre associada "ao estilo de vida" testemunhado no anúncio, por artistas ou pessoas de prestígio. Quem compra um PASSAT, "sabe" que não está comprando apenas um carro: "está conquistando uma posição". "Se a camisa do homem não se contenta apenas com o razoável", então é preciso comprar uma camisa RAPHY. Quem conhece as mulheres (seus gostos, seus desejos, etc.), usa EMBASSY. Quem emprega suas economias em letras de câmbio, "sabe" que está seguro, pois, "são papéis de costas largas". Quem sempre pensou em presentear a si mesmo, mas nunca teve coragem, agora já pode fazê-lo com uma OLIVETTI portátil, porque, afinal de contas,

"ninguém merece um presente, mais do que você mesmo!" E quem quiser ter a certeza de estar exalando um só perfume, já "sabe" que deverá usar EMBASSY - A linha do homem de um cheiro só".

A seguir, daremos exemplos de alguns anúncios, onde o emprego ostensivo de algum tropo ajuda a reforçar a mensagem, aviventando o assunto ou o tema. É claro, como já frisamos, que nem sempre é um único tipo de tropo que aparece no anúncio- o que procuramos destacar, porém, é o que, a nosso ver, empresta maior vigor ao texto, tornando a mensagem mais persuasiva, pois, concordamos com Reboul (1979, p. 79) quando diz que "O slogan persuade pela figura que está nele."

Assim é que "saber fazer metáforas" - como já nos advertia Aristóteles- "não é coisa que se aprende de outro." Por isso, podemos estar certos de que o "diretor de arte" ou o "redator" de uma agência de propaganda, antes de chegar à "arte final", faz o texto percorrer um complexo processo criativo, tão acurado e metucioso como o poeta que está a compor o seu soneto; ainda mais quando, às vezes, há milhões em jogo!

METÁFORAS:

"Toca-fitas estéreo AC 060 Philips, o puro sangue."
(toca-fitas Philips para carros)

"Kaiser, as meias que fazem a perna falar".
(Reboul, O slogan, 1979, p. 81)

"Caloicicle: a bicicleta que mais entende de curvas."
(bicicletas para fisioterapia)

"The pause that refreshes: Coca-Cola!"
(Reader's Digest, March 1963, p. 21)

"Kolynos: sabor de aventura!"
(pasta dental KOLYNOS)

"Nova Pasta Lever S.R., a maneira mais gostosa de dar um bom-dia à sua boca!" (metáfora sinestésica)
(Seleções, Fevereiro 1959, p. 28)

"Johnson: o carinho em talco."
(Seleções, Fevereiro 1959, p. 157)

"Use OMO - o milagre azul usado em todo o mundo pelas donas-de-casa modernas."

(Seleções, Fevereiro 1959, p. 179)

"Italian Pine. A maior invenção para o homem, depois da mulher."
(metáfora hiperbólica - VAN ESS)

"Alka-Seltzer: um brinde de saúde."

(Seleções, Fevereiro 1959, p. 181)

"Fique à vontade. Vista ALFRED, a roupa que deixa você livre para viver."

(Playboy, Novembro 1979, p. 40)

"MERCUR. Simplesmente a melhor." (bolinhas de tênis)
(hipérbole)

"Nova linha Divino Probel Confortopédico.
A última palavra em conforto, saúde e beleza." (hipérbole)
(Playboy, Novembro 1979, p. 154)

"Tudo o que é bom engorda, é pecado, ou tem algum defeito.
MOBIL SUPER é difícil de encontrar."

SINÉDOQUES:

"O brasileiro sabe tomar um bom vinho."

Com bom vinho, outro (s) vinho (s). (metonímia)

"Bom gosto tem nome." (Relógios Baume & Mercier)

Com marca, nome.

"Shelton: para quem entende." (Cia de Fumos Sta Cruz)

Se é inteligente, entende.

"Pedimos licença para dar um violento empurrão em sua indústria."

Com grande ajuda, violento empurrão.

"Venha plantar aqui a sua chaminé."

(Anúncio de uma companhia de investimentos)

Com indústrias, chaminé.

"O homem e a mulher vestem FAINER."

Com homens e mulheres, homem e mulher.

"Conquiste seu carro pelo estômago." (óleo MOBIL OIL)

Com caráter, estômago.

"O novo curativo Band-Aid abriu 140 janelinhas para o seu machucado respirar melhor."

Com novos curativos, novo curativo.

Se há comodidade, respira melhor.

"DOLZA lança a calça que faz todos os movimentos."

Com calças, calça.

Com comodidade, liberdade movimentos.

"Fitcar, a antena que livrou os europeus do buraco."

Com antenas, antena.

"Canoe: a lembrança que fica." (Cosméticos Canoe-Dana)

Com bom perfume, lembrança.

Com lembranças, lembrança.

METONÍMIAS:

"Criança também tem vez." (Massas BUITONI)

Se tem vez, tem direitos.

"OLSEN lança a nova imagem do carro brasileiro." (FORD- OLSEN)

Com nova imagem, outras imagens (imagem).

"Mola cansada não reclama. Mata."

Se não reclama, não avisa.

"A camisa do homem não se contenta apenas com o razoável."

Com material razoável, outros materiais.

"Fuja dos faróis que cegam."

Com cegueira, falta de luz.

"A Volkswagen pôs a Variant na rua."

Se pôs na rua, mostrou abertamente.

"O brasileiro sabe tomar um bom vinho." (vinho Cave D'Aubigny)

Com bom vinho, outro (s) vinho (s).

Com bom vinho, boa bebida.

"Mido, para as pessoas que dominam o tempo." (Relógios de pulso)

Se domina o tempo, é pessoa importante (poderosa)

"Springer Admiral, o condicionador de ar feito para o repouso do guerreiro."

Se é guerreiro, cansa-se (luta), por isso precisa de paz, sossego, ...

"Até que enfim uma casa de massagens com terceiras intenções."

(RELAX Center)

Com terceiras intenções, também com 2as. e las.
Com terceiras intenções, nem 2as. e nem las.

PROSOPOPEÍAS E ALEGORIAS:

"Não há passado que apague o que a verdade revela."

(filmes fotográficos FUJICOLOR)

"House of Lords. Quando chega na sua vida, é para ficar."

(Whisky HOUSE OF LORDS)

"A etiqueta que põe cada coisa em seu lugar: Mafisa."

(Malharia Mafisa- Blumenau S.A.)

"A Vodka Eristoff se uniu ao limão com uma convicção:
dar mais prazer."

(Vodka Eristoff)

As alegorias não são muito comuns na publicidade: pertencem a anúncios mais elaborados, por isso mesmo mais caros e mais dispendiosos.

Como dissemos na página 238, a maioria dos anúncios se vale da "ambigüidade", que tem as vantagens da inferência acrescentando um aspecto cômico ao texto. Vejamos apenas alguns exemplos a respeito, dos mais significativos:

"O importante é ter CHARM." (Cigarros CHARM)

CHARM $\left\{ \begin{array}{l} \text{charme, "sex-appeal" - - - - a} \\ \text{cigarro CHARM - - - - - b} \end{array} \right.$

"Uma das grandes novidades do Chevette ficou para trás."

(Anúncio sobre as modificações do Chevette 80)

"Ambassador Royal: a maneira bem diplomática de começar boas relações."

(Whisky AMBASSADOR ROYAL)

"Seiko e você. Feitos um para o outro."

(ao fundo anúncio aparece um casal se amando - e

o anúncio focaliza relógios para ambos os sexos)

"Depois do amor, tem relax."
(chinelos franciscanos - RELAX)

"Nosso macaco tá certo!"
(macacos infláveis para automóveis)

"Tudo o que é bom engorda, é pecado, ou tem algum defeito.
MOBIL SUPER é difícil de encontrar."
(óleo para carros)

"Mexa com o coração sem mexer com o bolso.
Nova YAMAHA RX 80."

"Veja as portas que você abre ao abrir uma conta no UNIBANCO."

"EMBASSY - para o homem."
(Cosméticos EMBASSY)

"O sol: nenhum outro carro de luxo oferece este opcional."
(Dodge- MAGNUM com sun-roof)

"Homem no duro!"
(Anúncio de um aparelho anátomo-fisiológico, destinado a facilitar e manter a ereção masculina...)

"Use, se for homem."
(Cosméticos MYRURGIA)

"Sândalo: para o homem que vai mais longe."
(Bino's mocassin - Sândalo)

"Jóias que escrevem."
(Canetas PARKER)

"A melhor maneira de usar Olympikus é aos pares."
(Tênis Olympikus - Azaléia)

"Pegue a direção certa para 80."
(Linha Volkswagen 80)

"A página mais fresca desta revista."
(Ar condicionado - Brastemp)

Com isto, acreditamos ter mostrado que os tropos constituem recurso muito procurado, também no discurso publicitário.

6. Conclusão Geral.

A explicitação dos tropos sob um ponto de vista semântico-estilístico obedeceu aos pré-requisitos estabelecidos no início desta pesquisa (ver p. 02), pois, o tratamento que lhes foi reservado é, por um lado, semântico e, por outro, estilístico - não deixando de enquadrar-se em uma teoria semântica geral, podendo aplicar-se, portanto, a todos os problemas de descrição semântica, constituindo um todo coerente e relacionando-se às estruturas lexico-gramaticais relevantes.

Poderíamos reunir alguns pontos a respeito da pesquisa apresentada:

(a) o signo é o resultado de um ste. que se relaciona com: um ste. que se relaciona com uma situação cultural;

(b) os signos dependem dos mesmos axiomas fundamentais da linguagem: possibilidade de um elemento revelar ou ser revelado por outro. Isto é realmente importante se atentarmos para o fato de que o mecanismo que envolve a formação dos tropos depende diretamente deste fato;

(c) a corrente que adotamos para desenvolvermos o presente trabalho foi a Construtural que, por sua vez, está baseada nos princípios defendidos anteriormente por Saussure e principalmente por Hjelmslev. Também porque não encontramos nenhuma outra corrente semântica que dispusesse de uma descrição global de uma língua (no caso, a Língua Portuguesa), ponto imprescindível para o desenvolvimento de uma pesquisa congênere. Pois, só podemos fazer um levantamento semântico de uma língua após haver sido feito um levantamento lexical dessa mesma língua; e só poderemos realizar um estudo estilístico (no caso dos tropos, por exemplo) dessa mesma língua, se anteriormente já houverem sido feitos um estudo lexical e um estudo semântico, de forma exaustiva, e coerente a respeito dessa língua!

E relembramos a citação da página 53:

"Alguma das outras correntes conseguiu fazer a descrição semântica de uma língua, como a fizemos no 2º volume da Gramática Construtural da Língua Portuguesa??"

(Back & Mattos, Revista CONSTRUTURA, ano 1, nº1, p.1)

(d) Como consequência do conceito de trajeto semântico, temos que a origem é uma condição e o destino é uma consequência: assim se explicam a metonímia e a sinédoque. A metáfora, baseada no princípio de identidade de Leibniz, é gerada na cláusula - mediante uma igualdade lingüística (ver p. 68). A alegoria é também uma decorrência do trajeto semântico, em que ocorre uma superposição de trajetos, advindo-nos daí um acúmulo de situações.

(e) Portanto, se os tropes são provindos de relações existentes na linguagem e dela retirados, mediante um raciocínio comprovado pelos fatos, são potencialidades que podem manifestar-se em qualquer tipo de discurso, como comprovamos com o capítulo 5!

NOTAS

(1) Nesse aspecto, a sua linguagem terá tendências fortemente pressivas, do tipo impressivo (ver função apelativa).

(2) Haas, C.R. A Publicidade - teoria e técnica. Pórtico. Lisboa, 2ª edição, vol. 1. p. 21.

(3) Para a presente pesquisa, esta distinção torna-se irrelevante, pois, não estamos operando com um tipo específico de publicidade (embora quase a totalidade dos anúncios citados refiram-se à "publicidade privada"), mas com os mecanismos tropológicos envolvidos nos textos dos referidos anúncios, sejam eles de que categoria forem.

(4) O Dicionário de Comunicação, Editora Codecri, Pasquim, editado em 1978, a respeito do verbete "publicidade", p. 382, nos remete para o verbete "propaganda", p. 378, e nos in forma:

"PROPAGANDA

(pp) 1. Comunicação persuasiva. Conjunto de técnicas e atividades de informação e de persuasão, destinadas a influenciar as opiniões, os sentimentos e as atitudes do público num determinado sentido. Ação planejada e racional, desenvolvida através dos veículos de comunicação, para divulgação das vantagens, das qualidades e da superioridade de um produto, de um serviço, de uma marca, de uma idéia, de uma doutrina, de uma instituição, etc. Processo de disseminar informações para fins ideológicos (políticos, filosóficos ou religiosos) ou para fins comerciais. No Brasil e em alguns outros países de língua latina, as palavras propaganda e publicidade são geralmente usadas com o mesmo sentido, e esta tendência parece ser definitiva...

2. Qualquer mensagem, texto, anúncio, cartaz, etc., com caráter publicitário."

(5) Não abordaremos aqui os outros recursos que revestem um anúncio, servindo para constituir no seu conjunto a persuasão total (mais acentuada), tais como a disposição gráfica do anúncio, as cores empregadas ou a prosódia (na gravação sonora), tendo em vista não ser este um trabalho exclusivamente publicitário. Queremos apenas mostrar que a publicidade também se serve dos recursos plurívocos da palavra (principalmente dos tropos), como arma de persuasão junto aos consumidores. Somente isto!

(6) Para um estudo mais aprofundado do assunto, consultar Reboul, Olivier. O Slogan. Cultrix. São Paulo, 1979, 165 pp.

(7) A maioria destes "slogans" foram retirados da obra O Slogan, citada na nota (6).

(8) Os anúncios sobre cigarros procuram sempre acentuar a idéia de "liberdade", mediante o emprego de certos artifícios como um "vôo com asas delta", "um jantar com uma mulher de classe num restaurante luxuoso", "um passeio com carrões de alto estilo (último tipo)", "o deslizamento sobre as águas numa prancha de surf", que é justamente o que os fumantes não possuem, pois, se tornam escravos de uma fumaça altamente prejudicial.

ANEXO I

A retórica: Cronologia

ANTES DE CRISTO

Século V
(480—460)

(427)

- Sicília: a retórica ensinada.
- Córax: primeira divisão da *oratio*.
- Górgias em Atenas: a prosa retorificada.
- Hípias de Eléia: a cultura quotidiana oposta à filosofia: origem longínqua das artes liberais da Idade Média.

Século IV
(395—375)
(329—323)

- Platão: diálogos concernentes à retórica.
- Retórica de Aristóteles.
- Zenão de Cício: o estoicismo grego e a gramática filosófica.

Século III a II

- Os alexandrinos: Quarela dos analogistas e dos anomalistas (os analogistas postulam que a gramática é regular e que tal regularidade reflete a do mundo e do espírito. Os anomalistas procuram as irregularidades, as exceções).

Século I
(116—27

- Varrão: a) mediação na quarela dos analogistas e dos anomalistas.
b) novo impulso das disciplinas liberais.
- Cícero: prática da retórica aristotélica.
- *Rhetorica ad Herennium*.
- Horácio: Ars poetica.
- Ovídio: fusão da retórica e da poesia.
- Dionísio de Halicarnasso (grego): uma estilística da frase.

(107—43)
(por volta de 85)
(65—8)

(43 antes a 16 aprox.)

APÓS J.C.

Século I
(40—118)
(45—125)
(55—126)

- Quintiliano: pedagogia da retórica aristotélica.
- Plutarco: moralização da retórica.
- Tácito: unificação de todas as artes do discurso sob o nome de *eloquentia*.
- *Peri Hypsous* — tratado do Sublime.

Século II

- Segunda sofística ou neo-retórica. O asianismo contra o aticismo.

Século III

- Porfírio: *Eisagoge* (categorias); introdução à lógica de Aristóteles.

Século IV
(310—393)

- Ausônio: transmite a neo-retórica à Idade Média.

(por volta de 350)
(354—430)

Século V

- Donato, gramático.
- Santo Agostinho: a retórica cristã.

(por volta de 420)

- Sidónio Apolinário: transmite a neo-retórica à Idade Média.

- Marciano Capella: a constituição das sete artes liberais.

- Prisciano, gramático.

(fim do século V,
início do século VI)

Século VI

- Boécio: primeira entrada de Aristóteles: lógica restrita.

(480—524)

- Cassiodoro: cristianização das artes liberais e principalmente das figuras de retórica.

(490—575)

- Isidoro de Sevilha (*Etymologiae*); confirmação do trivium.

Século VII
(570—636)

Século VIII
(673—735)

- Beda: a retórica aplicada sistematicamente à Bíblia.

Século IX

- Reforma carolíngia das escolas: Alcuino.

Século XI

- Aristóteles traduzido em árabe.
- Scot Erigena e o realismo.
- Roscelino e o nominalismo.

Século XII

- Segunda entrada de Aristóteles: *Lógica* integral.

- Luta de Chartres e de Paris, de *Rhetorica* e de *Dialectica*, das letras e da filosofia, do *Studium* e do *Sacerdotium*. Vitória de Paris e de *Dialectica*.

(1096—1141)

- Novas classificações do trivium sob o domínio da *Dialectica*: Hugo de São Vítor.

(1128—1202)

- Pedro Heilias: princípio da gramática especulativa.

(por volta de 1150)

- Fundação da Universidade de Paris.
- Os *modistae*.

Século XIII
(1200)

- *Ars obligatoria*, código da *Disputatio*.

Século XIV

ANEXO I (CONT.)

Século XV

- Artes de Segunda Retórica = artes poéticas (do ponto de vista das formas verbais, e não da composição).

Século XVI

- Entrada da *Poética* de Aristóteles na Itália: Castelvetro, Scaliger, Veda.
- *Retórica Plena*, de Fabri.
- *Dialética*, de Ramus (anti-aristotélico).
- *Retórica*, de Foelin.
- *Rhetorica*, em latim, de Núñez.
- A retórica torna-se o fundamento do ensino jesuíta.

Século XVII

(por volta de 1630)

- Entrada da *Poética* de Aristóteles na França.
- *Bernard Lamy: La Rhetorique ou l'Art de parler.*

Século XVIII

- *Dumarsais: Tratado dos Tropos.*
- *Retórica*, de Hugh Blair.

Século XIX

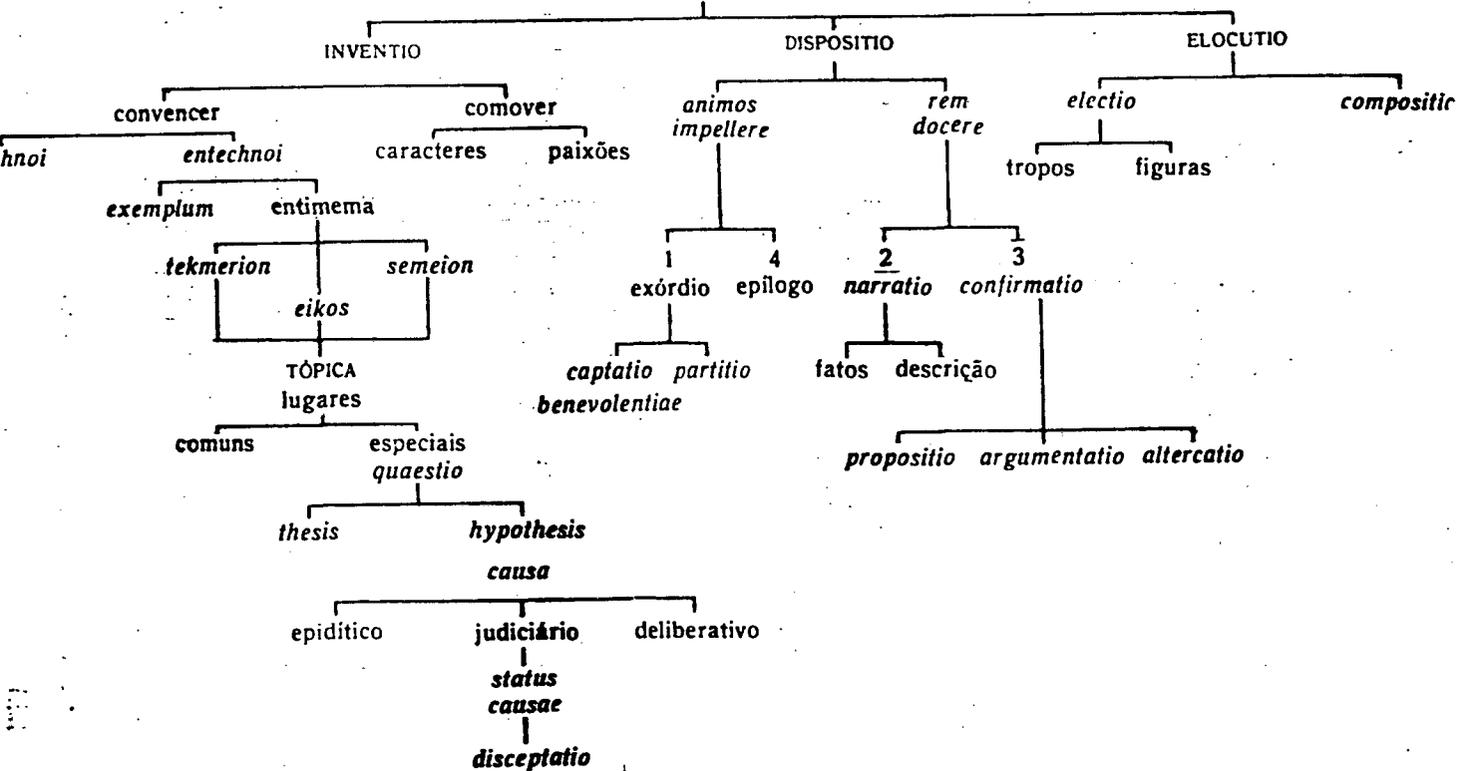
- *Gaillard: a retórica das donzelas.*
- *Fontanier: manual clássico para o estudo dos tropos.*
- Extinção progressiva dos tratados de retórica.

(fim do século XIX)

ANEXO II

A árvore retórica

TECHNE RHETORIKE



anexo III

METÁBOLES

GRAMATICAIS (Código)

LÓGICAS (Referente)

	EXPRESSÃO		CONTEÚDO	
	A. METAPLASMOS	B. METATAXES	C. METASSEMEMAS	D. METALOGISMOS
OPERAÇÕES	Sobre a morfologia	Sobre a sintaxe	Sobre a semântica	Sobre a lógica
I. SUPRESSÃO	1.1 Parcial	Crase	Sinédoque e antonomá- sia generalizantes, comparação, metá- fora <i>in praesentia</i>	Litotes 1
	1.2 Completa ...	Elipse, zeugma, assín- deto, parataxe	Assemia	Reticências, suspensão, silêncio
II. ADJUNÇÃO	2.1 Simples	Parêntese, concatena- ção, expletivação, enumeração	Sinédoque e antonomá- sia particularizantes, arquilexia ¹⁹	Hipérbole, silêncio hiperbólico
	2.2 Repetitiva ..	Repetição, polissín- deto, métrica, simetria	<i>nada</i>	Repetição, pleonismo, antítese
III. SUPRESSÃO- ADJUNÇÃO	3.1 Parcial	Silepse, anacoluto	Metáfora <i>in absentia</i>	Eufemismo
	3.2 Completa ...	Mudança de classe, quiasma	Metonímia	Alegoria, parábola, fá- bula
	3.3 Negativa ..	<i>nada</i>	Oxímoro	Ironia, paradoxo, antí- frase, litotes 2
IV. PERMUTAÇÃO	4.1 Qualquer ...	Timese, hipérbato	<i>nada</i>	Inversão lógica, inver- são cronológica
	4.2 Por inversão ..	Inversão		

QUADRO GERAL DAS METÁBOLES OU FIGURAS DE RETÓRICA

8 . BIBLIOGRAFIA

- BACK, Eurico e Mattos, Geraldo. Gramática Construtural da Língua Portuguesa. 1ª edição. 2 volumes. São Paulo, 1972.
- BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix, 1975.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo. Nacional/USP, 1976.
- BUYSENS, Eric. Semiologia e Comunicação Linguística. 2ª edição. Tradução, apresentação e notas de Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix, 1974.
- CABRAL, Plínio. Propaganda. Técnica da comunicação industrial e comercial. Atlas. São Paulo, 1977.
- CÂMARA JR , JOAQUIM MATTOSO.
- Contribuição à Estilística Portuguesa. 2ª edição ampliada. Coleção Rex. Rio. Simões, 1953.
- Dicionário de Linguística e Gramática. 7ª edição. Petrópolis. Vozes, 1977.
- CASTRO, Walter de. Metáforas Machadianas (estruturas e funções). Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1978.

- CHERRY, Colin. A Comunicação Humana. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo. Cultrix, 1974.
- CHOMSKY, Avram Noam. Diálogos (com Mitson Ronat). Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Margarida Nitrini. São Paulo. Cultrix, 1980.
- Aspectos da Teoria da Sintaxe. Tradução, notas e apêndices de José António Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra. Arménio Amado, 1975.
- COHEN, Jean. Estrutura da Linguagem Poética. Tradução de Álvaro Corencini e Anne Arnidrand. São Paulo. Cultrix, 1974.
- e outros. Pesquisas de Retórica. Novas Perspectivas em Comunicação no 10. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis. Vozes, 1975.
- DUBOIS, Jacques e outros. Retórica Geral. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Duílio Colombini e Elenir de Barros. São Paulo, Cultrix, 1974.
- DUCROT, Oswald e Todorro, Tzvetan. Dicionário das Ciências da Linguagem. Edição portuguesa orientada por Eduardo Prado Coelho. Tradução de António José Massano, José Afonso, Manuela Carrilho e Margarida Font. Lisboa. Dom Quixote, 1974.
- DUCROT, Oswald. Princípios de Linguística Semântica. Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. (dizer e não dizer). São Paulo. Cultrix, 1971.
- ECO, Umberto. A Estrutura Ausente. 2ª edição. Coleção estudos nº 6. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo. Perspectiva, 1974.

- ELIA, Sílvio. Orientações da Linguística Moderna. 2ª edição. Coleção Linguística e Fisiologia. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 1978.
- FRIEDMANN, Georges e outros. Os Mitos da Publicidade. Novas Perspectivas em Comunicação no 9. Tradução de Hilton Ferreira Japiassú. Petrópolis. Vozes, 1974.
- GENOUVRIER, Emile e Peytard, Jean. Linguística e Ensino do Português. Tradução do original francês "Linguistique et enseignement du français" por Rodolfo Ilari, com adaptação para a língua portuguesa. Almedina. Coimbra. 1973.
- GUIRAND, Pierre. A Semântica. Tradução e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. 2ª edição. São Paulo, Rio de Janeiro. Difel, 1975.
- A Semiologia. Tradução de Filipe C. M. Silva. Lisboa. Presença. 1973.
 - A Estilística. Tradução de Miguel Maillet. São Paulo. Mestre Jan, 1970.
- GREIMAS, Algirdasjulieu. Semântica Estrutural. Tradução de Haqira Asakape e Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix, 1973.
- Sobre o Sentido (ensaios semióticos) Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar e outros. Revisão técnica de Milton José Pinto. Petrópolis. Vozes, 1975.
 - Semiótica do Discurso Científico e da Modalidade (monografias de semiótica e linguística). Prefácio e tradução de Cidmar Teodoro Pais. São Paulo. Difel, SBPL, 1976.

- HAAS, C. R. A Publicidade. teoria, técnica e prática. 2 volumes. Título original francês "La Publicité". Tradução de António Ribeiro dos Santos. Pórtico. Lisboa. 2ª edição.
- HAYAKAWA, S. I. A Linguagem no Pensamento e na Ação. Tradução de Olívia Krähenbrühl. Pioneira Editora. São Paulo. 2ª edição revista, 1972.
- HJELMSLEV, Louis Trolle. Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem. Tradução do original inglês "Prolegomena to a Theory of Language". Coleção Estudos, no 43. Perspectiva. São Paulo, 1975.
- JAKOBSON, Roman. Linguística.Poética. Cinema. São Paulo. Perspectiva, 1970.
- KIENTZ, Albert. Comunicação de Massa (análise de conteúdo). Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Eldorado, 1973.
- LEECH, Geoffrey. Semantics. Middlessex, England. Pequin Books, 1974.
- LE GUERN, Michel. Semântica da Metáfora e da Metonímia. Tradução de Graciete Vilela. Porto. Telos Editora, 1973.
- LEPSCHY, Giulio C. A Linguística Estrutural. 2ª edição. São Paulo. Perspectiva, 1975.
- LEROY, Maurice. As Grandes Correntes da Linguística Moderna. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo. Cultrix, 1974.

- LYONS, John. Semântica Estrutural. Tradução de António Pescada. Portugal/Brasil. Presença/Martins Fontes.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. A Semântica na Linguística Moderna: o léxico (seleção, introdução e revisão técnica de vários autores). Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1977.
- LOPES, Edward. Fundamentos da Linguística Contemporânea. Prefácio de Eduardo Peñuela Cañizal. São Paulo. Cultrix, 1976.
- MATTOS, Geraldo. Curso de Linguística Matemática. (monografias de semiótica e linguística). São Paulo. Difel/SBPL, 1977.
- Visão Linguística do Conhecimento. São Paulo. SBPL, 1975.
- MATTOSO, Margot Levi. Rumos da Linguística. (teoria e aplicabilidade). Petrópolis. Vozes, Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1978.
- MELO, Gladstone Chaves de. Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro. Padrão, 1976.
- METZ, Christian e outros. A Análise das Imagens. Novas Perspectivas em Comunicação no 8. Tradução de Luís Costa Lima e Priscila Viauna de Siqueira. Petrópolis. Vozes, 1973.
- MYERS, James H. e Reynolds, William H. Gerência de Marketing e Comportamento do Consumidor. Tradução do original inglês "Consumer Behavior and Marketing Management"

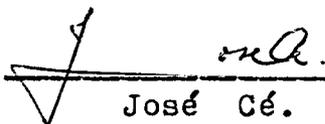
por O. Edgar Orth. Vozes. Petrópolis, 1971.

- MOLES, Abraham A. e outros. Civilização Industrial e Cultura de Massas. Novas Perspectivas em Comunicação no 5. Tradução de Maria Cecília Baeta Neves. Petrópolis, Vozes, 1973.
- NIQUE, Christian. Iniciação Metódica à Gramática Gerativa. Tradução de Edward Lopes. São Paulo. Cultrix, 1977.
- POTTIER, Bernard. Linguística Geral: teoria e descrição. Tradução e adaptação portuguesa de Walmúrio Macedo. Coleção Linguagem nº 7. Rio de Janeiro. Presença/USU, 1978.
- PAULUS, Jean. A Função Simbólica e a Linguagem. Tradução de Glória Maria Fialho Pondé. Revisão técnica de Lígia Vassallo. São Paulo. EDUSP, 1975.
- PENTEADO, J. R. Whitaker. A Técnica da Comunicação Humana. 5ª edição. São Paulo. Pioneira, 1976.
- A Propaganda Antiga. São Paulo. Pioneira, 1974.
- PEIRCE, Charles Saunders. Semiótica e Filosofia (textos escolhidos). Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo. Cultrix, 1975.
- PIGNATARI, Decio. Informação. Linguagem. Comunicação. 7ª edição. São Paulo. Perspectiva, 1975.

- PRETI, Dino. Sociolinguística - os níveis da fala. (um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira). São Paulo. Nacional, 1974.
- RABAÇA, Carlos Alberto e Barbosa, Gustavo. Dicionário de Comunicação. Com a colaboração de Muniz Sodré. Rio de Janeiro. Codecri, 1978.
- REBOUL, Olivier. O Slogan. Tradução do original belga "Le Slogan" por Ignácio Assis Silva. Cultrix. São Paulo, 1979.
- RIFFATERRE, Michael. Estilística Estrutural. Apresentação de Daniel Delas e tradução de Anne Armichand e Álvaro Lorençini. São Paulo. Cultrix, 1973.
- ROBINSON, Ian. The New Grammarians - Funeral. (a critique of Noam Chomsky's linguistics) London. Cambridge, 1975.
- ROSEMBERG, Bernard e White, David Manning (organizadores). Cultura de Massa (as Artes Populares nos Estados Unidos). Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo. Cultrix, 1973.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 6ª edição. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix, 1974.
- SIMÕES, Roberto. Iniciação Marketing. Atlas. São Paulo - Rio de Janeiro, 1970.

(*) Esta bibliografia é apenas parte das obras que foram consultadas para a realização desta pesquisa: constitui um con

junto, das mais significativas ou daquelas que não foram citadas nas notas no final dos vários capítulos.


José Cé.